

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA EICOS**

**PATRÍCIA ZULATO BARBOSA**

**Novas visões sobre maternidade e família: mulheres que optaram por não ter filhos**

**Rio de Janeiro**

**2008**

**PATRÍCIA ZULATO BARBOSA**

**Novas visões sobre maternidade e família: mulheres que optaram por não ter filhos**

Dissertação apresentada ao Programa EICOS do  
Instituto de Psicologia da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro para a obtenção do título de  
Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Rio de Janeiro

2008

B238

Barbosa, Patrícia Zulato.

Novas visões sobre maternidade e família: mulheres que optaram por não ter filhos / Patrícia Zulato Barbosa. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.  
181f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2008.

Orientador: Maria Lúcia Rocha-Coutinho.

1. Maternidade. 2. Mãe e filho. 3. Não-maternidade. 4. Identidade. I. Rocha-Coutinho, Maria Lúcia. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 155.6443

**Patrícia Zulato Barbosa**

**Novas visões sobre maternidade e família: mulheres que optaram por não ter filhos**

Dissertação submetida ao corpo docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovada por:

- Orientadora

---

Profª Drª Maria Lúcia Rocha-Coutinho  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Profª Drª Rosa Maria Ribeiro Leite Pedro  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Profª Drª Isabel Cristina Gomes  
Universidade de São Paulo

**Rio de Janeiro**  
**2008**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela luz que sempre iluminou o meu caminho;

Aos meus amados pais, Flávio e Conceição, pela total confiança, pelo incentivo em todos os momentos e pela formação que me deram sem a qual a formação acadêmica não seria possível e não teria valor;

Aos meus adorados irmãos, Júnior e Léo, pelos muitos exemplos de competência, inteligência e ternura;

Ao meu querido namorado, Gustavo, pelos sonhos que compartilhamos e que me fazem querer sempre buscar o melhor;

Aos grandes amigos de hoje e, certamente, de sempre;

Aos colegas que mais diretamente me ajudaram a encontrar as participantes da pesquisa;

À minha sempre paciente e presente orientadora, professora Maria Lúcia, pelos muitos anos de convivência que me proporcionaram um aprendizado e crescimento constantes;

À professora Simone Peres que participou do exame de qualificação, trazendo importantes contribuições para a pesquisa;

À professora Rosa Pedro que participou não só do exame de qualificação, mas também da banca de defesa, sendo, portanto, muito importante no desenvolvimento e conclusão da pesquisa;

À professora Isabel Gomes que veio especialmente da USP para a banca de defesa, mostrando-se muito disponível e atenciosa;

Aos demais professores do EICOS que participaram da minha formação;

À CAPES, pela concessão da bolsa de Mestrado e conseqüente apoio para a realização da pesquisa;

E, especialmente, às mulheres que aceitaram participar da pesquisa, falando aberta e profundamente sobre si.

## RESUMO

BARBOSA, P. Z. (2008) **Novas visões sobre maternidade e família: mulheres que optaram por não ter filhos** 181p. Dissertação (Mestrado). EICOS. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Nas últimas décadas, diversas mudanças podem ser observadas nos mais diversos campos de nossa sociedade. Dentre as mudanças significativas estão aquelas que dizem respeito à relação da mulher com a maternidade. Apesar de a maioria das mulheres acabar optando por ter filhos em algum momento de sua vida, tem havido uma tendência crescente a adiar e/ou a optar pela não maternidade. A fim de melhor entendermos essas mudanças, neste trabalho focalizamos o discurso de mulheres que escolheram não ser mães. Nele, tentamos observar a sua visão acerca do que é ser mulher e, mais especificamente, do que pensam e sentem em relação à maternidade e à família. Além disso, observamos também como essas mulheres acreditam que o discurso social vê o seu papel e a sua posição na sociedade, tendo em vista que o discurso dominante tem sido construído de forma a atrelar a feminilidade à maternidade. Para tanto, foram entrevistadas oito mulheres brasileiras de classe média, residentes na cidade do Rio de Janeiro, sendo duas delas na faixa dos 20 aos 30 anos, duas na faixa dos 30 aos 40, duas na faixa dos 40 aos 50 e duas na faixa dos 50 aos 60. Fizemos uso de entrevistas semi-dirigidas, que foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Os textos daí resultantes foram submetidos, então, a uma análise de discurso a partir das seguintes categorias: 1) Visão de família e maternidade, 2) Opção por não ter filhos e 3) O que é ser mulher. A análise apontou para o fato de que a sociedade parece estar passando por um processo de mudança, seja em relação ao que se entende por família, seja no que diz respeito ao que é ser mãe e/ou ser mulher. Contudo, a escolha pela não maternidade parece ainda envolver, para as mulheres contemporâneas, um processo bastante complexo, tendo em vista os diferentes fatores, tanto de ordem pessoal quanto social, envolvidos nessa decisão. Porém, o que parece mais interessante é que a maternidade está se tornando mais uma questão de opção do que um destino natural, isto é, cada vez mais as mulheres optam por adiar a maternidade ou mesmo por não se tornar mães, questionando os papéis antes tão bem delimitados de homens e mulheres, seja em relação às tarefas domésticas, seja em relação aos cuidados com as crianças, seja no grau de investimento no campo profissional. Foi possível perceber também que, apesar das mulheres ainda sofrerem pressão para se casar e se tornar mães, elas estão aprendendo a lidar com essa pressão e com os sentimentos daí decorrentes. Pode-se dizer, assim, que a identidade feminina, entendida por nós como uma construção social, está passando por um momento de transição, ainda que não seja possível fazer uma predição acerca de seu futuro.

Palavras-chave: identidade; discurso; maternidade; não-maternidade; família

## ABSTRACT

BARBOSA, P. Z. (2008) **New visions on motherhood and family: women who have chosen not to have children**. 181p. Master Thesis. Psychology Department, Psychosocial Studies on Community and Social Ecology Program, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil.

Several changes took place in our society during the last decades. Among the most significant ones are the changes related to feminine identity and, more specifically, to the close relationship established between femininity and motherhood. Although the majority of women continue to have children, there has been a growing tendency to postpone motherhood or even to choose not to have children. In order to better understand these changes, we focused in this thesis on the speech of women who have chosen not to have children. It is our purpose to better know what they believe it is to be a woman nowadays, what they think and how they feel about motherhood and family. Besides, we also examined how these women believe people see their role and position in society, having in mind that the dominant discourse still associates femininity to motherhood. For this purpose, we interviewed eight women: two aged 20 to 30, two aged 30 to 40, two aged 40 to 50 and two aged 50 to 60 years. They were all middle class women living in the city of Rio de Janeiro, Brazil. We made use of semi-directed interviews, which were tape-recorded and fully transcribed. The resulting texts were then submitted to a discourse analysis according to the following categories: 1) Their view of family and motherhood, 2) Their option for not having children and 3) Their conception of what to be a woman means. Our results point to the fact that society seems to be undergoing a process of change, both in relation to how women are seen nowadays, and to what is meant by family and motherhood. However, their option for not having children seems to be a very difficult decision for contemporary women, since it appears to involve really complex processes, both on the personal and on the social level. What seems more interesting, though, is that motherhood is becoming each day more a matter of choice rather than a natural fate. An increasingly number of women choose to postpone motherhood or even decide not to become mothers. They also question traditional men's and women's social roles, including those related to household duties, childcare and investment in a professional career. We could also observe that women still suffer a social pressure to get marry and to become mothers, although they are beginning to learn how to cope with this pressure and with their resulting feelings. Thus, we might say that female identity, understood as a social construction, is undergoing a period of transition, even though its future is still unpredictable.

Key-words: feminine identity; discourse; motherhood; family

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO AO ESTUDO: CONTINUIDADES E MUDANÇAS SOCIAIS E SUAS INFLUÊNCIAS SOBRE A IDENTIDADE FEMININA.....</b>	<b>7</b>
<b>JUSTIFICANDO O ESTUDO: NOVAS QUESTÕES SOBRE NOVOS DILEMAS.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: O DISCURSO SOCIAL EM QUESTÃO.....</b>	<b>15</b>
1.1. O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.....	16
1.2. A IDENTIDADE COMO PROCESSO.....	19
1.3. IDENTIDADES FEMININAS E MATERNIDADE.....	22
<b>CAPÍTULO II: MUDANÇAS NA VISÃO DE FAMÍLIA.....</b>	<b>29</b>
2.1. DA FAMÍLIA ANTIGA À FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA.....	30
<b>CAPÍTULO III: DIFERENTES OPÇÕES SE APRESENTAM: SER OU NÃO SER MÃE.....</b>	<b>38</b>
3.1. A OPÇÃO PELA MATERNIDADE.....	38
3.2. A OPÇÃO PELA NÃO-MATERNIDADE.....	43
3.3. COMO CONVIVER COM DIFERENTES POSSIBILIDADES.....	57
<b>CAPÍTULO IV: NOSSO ESTUDO.....</b>	<b>64</b>
4.1. METODOLOGIA.....	64
4.2. GRUPO ESTUDADO.....	65
4.3. ANÁLISE DOS DADOS.....	67
4.3.1. VISÃO DE FAMÍLIA E MATERNIDADE.....	67
A. Visão e Papel da Família.....	68
B. Visão da Maternidade.....	75
C. O Instinto Materno.....	80
D. Maternidade e Trabalho.....	83
E. Opção por Ser Mãe e Dona de Casa.....	88
F. Divisão das Tarefas Domésticas e Cuidado com os Filhos.....	91
4.3.2. A OPÇÃO POR NÃO TER FILHOS .....	97
A. Como se Deu a Opção.....	97
a) A questão do aborto.....	114
b) A reprodução assistida e/ou a adoção.....	116
c) Casamento e maternidade.....	119
d) Redes de amizades.....	126
B. Pontos Positivos e Negativos da Opção.....	128
C. Pressão Social Sofrida.....	137
4.3.3. O QUE É SER MULHER.....	146
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>168</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>174</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>181</b>



## **INTRODUÇÃO AO ESTUDO: CONTINUIDADES E MUDANÇAS SOCIAIS E SUAS INFLUÊNCIAS SOBRE A IDENTIDADE FEMININA**

Nas últimas décadas diversas mudanças podem ser observadas nos mais diversos campos de nossa sociedade. Dentre as mudanças mais significativas e de particular interesse para nosso estudo estão as mudanças ocorridas em relação à mulher. Apesar de a maioria das mulheres continuar a se tornar mãe em algum momento da sua vida, tem havido uma tendência crescente entre elas a optar por não ter filhos.

A fim de melhor entendermos as novas formas de se conceber a maternidade, a família e a identidade feminina, a partir da visão de mulheres que decidiram não ter filhos, objeto deste estudo, não podemos deixar de falar, ainda que de forma breve e sem o necessário aprofundamento e crítica, sobre as mudanças e continuidades pelas quais as sociedades contemporâneas – como querem alguns, ou pós-modernas, como preferem outros – vêm passando e como elas vêm afetando a relação entre a maternidade e a identidade feminina.

Pode-se apontar, como o faz Petrini (2005), que as sociedades contemporâneas caracterizam-se por grandes e aceleradas mudanças na economia, na política e na cultura, que repercutem de forma significativa na existência pessoal e social dos indivíduos. Tais mudanças atingem, de maneira particularmente importante, a vida familiar – da concepção social de feminilidade, às relações entre os sexos, à própria concepção de maternidade. Segundo o autor, no caso brasileiro, tais mudanças assumiram um ritmo mais acelerado após a Segunda Grande Guerra, constituindo um novo cenário sociocultural, especialmente nos grandes centros urbanos.

Giddens (2002) aponta para a magnitude dessas mudanças, afirmando que as instituições modernas, em sua complexidade atual, diferem de todas as formas anteriores de ordem social. Seu dinamismo, o grau em que interferem nos hábitos e costumes tradicionais e seu impacto global são algumas de suas características marcantes e diferenciadoras.

Para este autor, na contemporaneidade, a natureza da própria vida social cotidiana foi radicalmente alterada, afetando, inclusive, os aspectos mais íntimos da existência dos indivíduos. Para ele, contudo, não apenas os novos mecanismos de formação de identidades

peçoais são constituídos pelas instituições atuais, como estas, por sua vez, são também por eles afetadas e constituídas.

Biasoli-Alves (2000) aponta, no entanto, que, paralelamente a esse constante movimento de mudança, estudos recentes têm observado, também, uma série de continuidade nos valores, práticas e papéis sociais.

Sendo assim, podemos afirmar que, no cenário atual, convivem, simultaneamente, fenômenos diferenciados e, até mesmo, contraditórios. Esta convivência de posições contrastantes pode ser observada, inclusive, no interior das famílias e dos próprios indivíduos (PETRINI, 2005). Encontramo-nos em um período que, segundo Dubar (2005), a incerteza quanto ao futuro domina as tentativas de reconstrução de novos padrões sociais uma vez que os padrões de ontem já não nos convêm e os de amanhã ainda não foram estabelecidos.

Segundo Almeida (1987), uma possibilidade interessante para se verificar os efeitos desse processo acelerado de mudança por que vêm passando as sociedades seria uma análise da forma como as pessoas, em geral, e as mulheres, em particular, vêem a maternidade hoje. E, aqui, podemos acrescentar também que uma das formas especiais de se observar essas mudanças seria estar atento para as rupturas e continuidades nesta visão. A autora, ao discutir a situação da família brasileira, buscando elementos que pudessem conduzir à construção de um novo modelo de maternidade, identificou um processo de nuclearização da família em nosso país associado à ideologia individualista, bem como o desaparecimento das diferenças hierárquicas como princípio organizador das experiências sociais e familiares. Assim, nos pares homem/mulher, pai/mãe, marido/esposa, adulto/criança, esses elementos não mais têm seus papéis estabelecidos apenas com base nas diferenças de sexo, idade e posição, fatores que eram preponderantes na antiga hierarquia familiar.

O pensamento ocidental moderno caracterizava-se por essa lógica dualista que marcava a existência de pares de oposição que se complementavam – além dos acima citados podemos apontar ainda a relação entre cultura/natureza, público/privado, razão/emoção, produção/reprodução, civilizado/primitivo, mestre/escravo, entre outros. Cabia às mulheres o lado negativo do par, sendo negadas a elas todas as capacidades socialmente valorizadas que, por sua vez, estavam sempre atreladas ao chamado “mundo masculino”. Tal pensamento reforçava, portanto, formas de opressão, alienação e dominação feminina, uma vez que do

lado do dominado/mulher sempre existiria algo da ordem da “falta”, e era sobre essa falta que elas se constituíam. O que era para ser visto como diferença acabava, portanto, sendo naturalizado e internalizado como uma deficiência ou como uma “identidade negativa” (CUCHE, 1999). Assim, as mulheres ficaram por muito tempo limitadas ao espaço privado do lar e da família e tiveram sua identidade atreladas a esse domínio e às funções que ali desempenhavam, como as de dona de casa, esposa e mãe.

Sob uma perspectiva psicossocial, porém, como a estabelecida neste trabalho, e que a cada dia vem sendo mais valorizada e considerada nos trabalhos sobre a realidade atual, elementos de ordem pessoal, interpessoal e social são elementos importantes na constituição de nossa realidade. Desta forma, todo objeto de estudo deve ser pensado em sua complexidade, o que, em um momento de transição como o que vivemos hoje, significa que ele deve ser pensado em termos do que se mantém, isto é, do que reproduz o modelo vigente, bem como das mudanças surgidas, isto é, do que rompe com este modelo. Além disso, deve-se pensar também nas conseqüências dessa convivência de modelos, ou, até mesmo, na ausência de modelos, para a construção dos sujeitos e das sociedades atuais.

Sendo assim, o estudo da identidade feminina no momento atual, que envolve também a importância que a maternidade tem na vida das mulheres, deve ser entendido como um fenômeno complexo. Portanto, ele deve ser realizado levando-se em conta, inclusive, uma análise das macro e microrrelações aí envolvidas. Para Scavone (1985 em SOUZA & FERREIRA, 2005), no âmbito das macrorrelações podemos afirmar que o fato de ser mãe hoje não consiste mais, pelo menos para boa parte das mulheres, em um destino biológico, mas antes, a maternidade é resultado de uma escolha individual, ainda que esta escolha seja condicionada por mecanismos sociais, sejam eles os diversos discursos sociais, no sentido amplo, sejam eles aqueles ligados às políticas públicas de saúde e às legislações, inclusive aquelas ligadas ao direito de família. Já na esfera das microrrelações (IRELAND, 1993 em SOUZA & FERREIRA, 2005), podemos mencionar as transformações psicológicas que a opção pela maternidade vem acarretando nas mulheres atuais em relação a alguns aspectos da antiga identidade feminina, como aqueles relacionados à atividade profissional, à sexualidade, às relações afetivas e/ou familiares, entre outros.

Sob essa perspectiva, a maternidade hoje constitui *um* dos aspectos da identidade feminina, que não está vinculado necessariamente a um determinismo biológico, como se acreditava

anteriormente, mas que, ao contrário, possui um caráter social, uma vez que se constitui no interior das relações que as mulheres estabelecem consigo mesmas e com os outros (SOUZA & FERREIRA, 2005).

Contudo, como assinalam Souza e Ferreira (2005), a concepção da maternidade como inerente à natureza feminina continua presente no discurso interiorizado de grande parte das mulheres, mães e/ou não-mães, levando a maioria delas a querer, ou a achar que deve querer, ter filhos. Tal projeto, por outro lado, pode ser temporariamente adiado e/ou conviver com outros associados à realização pessoal e profissional, algo que, como se vem observando, é cada vez mais comum, pelo menos no caso das mulheres das camadas médias e altas da sociedade.

Assim, pode-se dizer que a identidade feminina, antes atrelada à maternidade e ao âmbito privado do lar e da família, vem sofrendo, nas sociedades contemporâneas, uma série de transformações, devido à coexistência de diferentes discursos, muitas vezes contraditórios e conflitantes, sobre o feminino. A fim de melhor entendermos essas mudanças, neste trabalho, focalizamos o discurso de mulheres que optaram por não ser mães acerca do que é ser mulher e, mais especificamente, o que pensam e sentem em relação à maternidade e à família. Além disso, observamos como essas mulheres acreditam que o discurso social vê o seu papel e a sua posição na sociedade, tendo em vista que o discurso dominante tem sido construído de forma a impor certas visões de mundo, no caso, a visão dominante que atrela a feminilidade à maternidade.

Esperamos, com isso, poder contribuir para uma melhor compreensão das diferentes visões que as mulheres atuais têm sobre conceitos antes tão sólidos e bem delimitados no pensamento ocidental moderno. Mais especificamente, esperamos poder entender melhor a relevância da maternidade para as mulheres atuais e para a constituição de suas identidades.

A seguir, problematizaremos e justificaremos a opção pelo tema do estudo.

## JUSTIFICANDO O ESTUDO: NOVAS QUESTÕES SOBRE NOVOS DILEMAS

No século XX assistiu-se a um movimento de constantes alterações dos valores, práticas e papéis desempenhados pelos indivíduos na sociedade, que acarretaram em transformações nas identidades pessoais e sociais, bem como nos comportamentos dos indivíduos, especialmente das mulheres, inclusive naqueles que ocorrem dentro da estrutura familiar. Tais mudanças têm sido objeto de vários estudos nas áreas humanas e sociais.

A idéia de família centrada nos filhos, na concepção do amor materno como algo instintivo e incondicional, e na visão da mulher como a principal responsável pelo lar e do pai como seu principal e, por vezes, único provedor, dominou, senão as práticas, pelo menos a concepção burguesa de família, do século XIX até as últimas décadas do século XX no Brasil.

Nesse modelo, a mãe ocupava um lugar fundamental na família e no espaço doméstico e a maternidade constituía sua principal função, definindo, em grande parte, a identidade da mulher. Os discursos vigentes na época relativos à maternidade e à família ditaram o perfil dessa mulher, mãe dedicada e principal responsável pelo espaço privado do lar e pelo bem estar de sua família.

Porém, os movimentos de emancipação feminina, iniciados nos Estados Unidos e na Europa na década de 1960, alteraram profundamente a visão da mulher de classe média e suas relações dentro e fora da família, abrindo-se, para ela, a opção de ser ou não mãe – escolha esta que foi reforçada com o surgimento da pílula anticoncepcional, que separou sexualidade de maternidade – e dando espaço para sua entrada maciça no mercado de trabalho<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Não é objetivo deste trabalho apresentar exaustivamente a história dos Movimentos Feministas, mas somente apontar a importância de tais movimentos para as mudanças acarretadas na condição social da mulher. Pode-se apontar que o denominador comum das lutas feministas foi o questionamento da divisão tradicional dos papéis sociais e a reivindicação das mulheres da condição de ser sujeito de sua própria vida e de seu corpo, buscando inclusive um espaço próprio de atuação profissional. Para maiores esclarecimentos sobre a história desses movimentos, ver Sarti (2004) e Teles (1999), entre outros. Além disso, serão tratadas de forma mais detalhada nos capítulos de revisão bibliográfica as mudanças mais marcantes na vida das mulheres, decorrentes dos questionamentos trazidos por esses movimentos.

Observa-se mais claramente, então, hoje, que o desejo de ter ou não um filho é complexo, inspira sentimentos contraditórios e é difícil precisar e isolar toda uma rede de fatores psicológicos, sociais, culturais e econômicos envolvidos nesta opção.

Assim, apesar de haver uma forte pressão no sentido das mulheres se adaptarem a uma determinada representação de maternidade, família e identidade feminina, abrem-se novas possibilidades para a construção social dessa identidade. As mulheres podem agora, segundo Biasoli-Alves (2000), ser entendidas como seres em construção, alguém em busca de seu desenvolvimento pessoal e da realização plena de suas potencialidades.

Tendo essas questões em mente, consideramos importante observar qual a visão de mulheres que optaram pela não-maternidade acerca do que é ser mulher e, mais especificamente, como vêem a maternidade e a família – conceitos que não são estáticos, mas, antes, se apresentam de maneira diferente em culturas e momentos diversos –, bem como quais são as possíveis repercussões dessas idéias, valores e sentimentos em relação à maternidade e à família na construção de suas identidades.

Assim, objetivamos, entre outras coisas, melhor entender, através de uma análise de seus discursos, quais são os investimentos sociais e psíquicos que elas vêm fazendo em sua vida familiar, pessoal e profissional, quais são as dificuldades por elas encontradas – se é que elas existem – decorrentes da opção pela não maternidade, bem como os obstáculos que elas acreditam que são enfrentados pelas mulheres, de modo geral, para manter sua decisão, e, finalmente, como as contradições presentes no discurso social acerca do papel e da posição da mulher na sociedade vão se apresentar em suas expectativas com relação à família, à casa, ao trabalho e a si mesmas.

Para tanto, foram utilizadas entrevistas semi-dirigidas, que foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Os textos daí resultantes foram submetidos, então, a uma análise de discurso (ROCHA-COUTINHO, 1998). Optou-se por fazer uso da análise de discurso porque acreditamos que ela pode ser um meio altamente eficaz de se entender a reprodução e/ou transformação da idealização da maternidade, uma vez que permite o contato com a ideologia vigente subjacente ao discurso das mulheres entrevistadas.

É importante assinalar aqui que a análise de discurso entende a fala individual como uma mescla das diferentes falas com que o indivíduo teve contato durante o curso de sua vida e, portanto, ela é múltipla, isto é, ela abarca discursos múltiplos e, por vezes, contraditórios. Podemos recorrer aqui às idéias de intertextualidade e polifonia presentes nos textos de autores como Fairclough (2001) e Pinto (1999), ao discutirem as contribuições de Bakhtin (1979) para um melhor entendimento da linguagem. Assim, não esperamos encontrar um discurso uno, coerente, mas, antes, um discurso composto de visões, valores e sentimentos, muitas vezes contraditórios, sobre o lugar ocupado pela maternidade e pela família na construção da identidade dessas mulheres atuais, como pode ser observado no capítulo dedicado à análise dos dados por nós coletados.

Por fim, cabe acrescentar que, como aponta Mansur (2003), a maioria das pesquisas investiga os aspectos psicológicos relativos à gravidez, à maternidade e à relação entre mãe e filho e aquelas que se dedicam ao estudo da não-maternidade estão basicamente relacionadas à infertilidade e utilizam enfoques clínicos, enfatizando questões relativas ao ajustamento psicológico dessas mulheres. Só mais recentemente é que surgiram novas abordagens, como a psicossocial, que procuram compreender as vivências de mulheres que optaram por não ter filhos, considerando nesta decisão a complexa interação entre os modos de subjetivação e o contexto histórico-cultural.

Passaremos, agora, à revisão da bibliografia produzida sobre o tema no que diz respeito, mais especificamente, aos trabalhos produzidos sobre identidade e identidade feminina, família e maternidade. Nossa revisão bibliográfica é apresentada em três grandes capítulos. O primeiro capítulo trata da identidade, de forma geral e, mais especificamente, da identidade feminina. Ele aborda a formação da identidade a partir de uma perspectiva que a considera não como uma entidade fixa, imutável, mas sim como uma construção discursiva, histórica e culturalmente elaborada (ver ROCHA-COUTINHO, 1994, 2004). Além disso, busca-se sempre estabelecer relações com a identidade feminina e apontar para a multiplicidade de possíveis identidades, femininas ou não, que se apresentam na contemporaneidade. No segundo capítulo, enfatiza-se a construção histórico-social do que se entende por família, apontando-se para a forte presença e legitimidade, pelo menos no nível do ideário social, da família conjugal moderna e dos papéis ali bem estabelecidos para seus membros, bem como para as mudanças e continuidades de sua estrutura e organização e do lugar ocupado pelas mulheres nessa instituição social. O terceiro capítulo tece considerações sobre as diferentes

opções que se apresentam às mulheres na contemporaneidade, mais especificamente no que diz respeito à opção ou não pela maternidade. Após a revisão bibliográfica, nosso quarto capítulo é dedicado à apresentação da metodologia usada e à análise de nossos resultados. Por fim, são apresentadas as conclusões do nosso trabalho.



## CAPÍTULO I

### A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: O DISCURSO SOCIAL EM QUESTÃO

Acreditamos que a identidade é um processo permanente de construção do sujeito que sempre se dá em relação a um outro (CIAMPA, 1984). Não existe, assim, como aponta Dubar (2005), nenhuma identidade “essencial”, mas, antes, todas as identidades são denominações relativas a uma época histórica e a um tipo de contexto social, ou, ainda, são construções sociais e de linguagem. As identidades, porém, são acompanhadas, em maior ou menor grau, de racionalizações e reinterpretações que podem levá-las a ser vistas como “essências” intemporais (DUBAR, 2005).

Segundo Rocha-Coutinho (2004), as identidades são construções discursivas em que o discurso social mais amplo dissolveria as heterogeneidades, através da organização de características fragmentadas em torno de um todo coerente e definidor de uma instância mais geral, como é o caso da feminilidade. Assim, características esperadas ou até mesmo próprias de algumas mulheres acabariam por definir a chamada “identidade feminina”, ou, ainda, por ser vistas como parte de uma “natureza feminina”, algo que vem sendo reforçado pelo discurso científico por longo tempo.

Chauí (1982 em MOURA & ARAÚJO, 2004), ao descrever o “discurso da competência”, define-o como aquele discurso instituído, cuja finalidade é dissimular, através do discurso científico – uma das marcas do desenvolvimento das sociedades modernas, uma vez que legitimou a idéia e a importância da razão e da ciência, algo que teve repercussões importantes para a nossa compreensão das sociedades atuais –, o trabalho ideológico de identificação de todos os sujeitos com uma imagem particular e universalizante.

Os discursos da competência divulgam conhecimentos, mas, ao mesmo tempo, apagam diferenças, anulam contradições e fazem desaparecer o novo. Na verdade, para o discurso competente (um discurso que é, na verdade, ideológico), o novo só interessa quando já perdeu seu poder instituinte. As novas questões trazidas à família – especialmente no que diz respeito às diversas concepções acerca da posição assumida e dos papéis desempenhados pela mulher na família, incluídas aí também as concepções que ela pode apresentar sobre a maternidade –, podem se tornar elementos instituintes, isto é, disparadores de novos processos de

subjetivação feminina. Porém, o que se percebe é que, muitas vezes, um discurso social mais amplo não permite que essas questões sejam levantadas, objetivando a manutenção da situação já instituída.

Assim, de acordo com Magnabosco (2003), deveria haver uma crítica à ideologia que se converteu nesse dispositivo discursivo e representativo, ao projetar uma uniformidade de formas. Através desse processo de uniformização, surgiram representações, especialmente aquelas que consideram as mulheres inferiores, a-críticas e não participantes do mundo público, e que, em decorrência disso, necessitavam de alguém que as representasse, ou seja, que falasse por elas. Assim, o ser mulher foi definido a partir de uma tradição centrada na palavra dominante, enunciada pelo masculino sobre o feminino.

Num raciocínio hegemônico como esse, continua Magnabosco (2003), o que seriam relações e posições enunciativas e provisórias, porque contextuais e múltiplas do feminino, passam a ser concebidas como imagens fixas.

Assim, as relações entre os seres humanos se manifestam num contexto onde são mediatizadas e até controladas pelo que se pode chamar de social, principalmente através dos sistemas simbólicos dentre os quais a linguagem é o principal exemplo. Por tudo isto, a linguagem pode ser vista como um importante meio de socialização, que reflete e reforça valores e atitudes sociais, sendo que é nesse processo socializatório que se constroem as identidades, incluídas aí as identidades femininas. A linguagem, longe de ser neutra, de ser um mero espelho da realidade, é constitutiva da própria realidade (ROCHA-COUTINHO, 1998).

### 1.1. O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A identidade é um conceito que permite pensar a articulação do psicológico e do social em um indivíduo, uma vez que é resultante das diversas interações entre o indivíduo e seu contexto relacional, ou seja, ela se constrói e reconstrói no interior de trocas sociais (CUCHE, 1999).

Biasoli-Alves (2000) reforça a idéia de que o homem, como ser social, faz parte de uma espécie cujos filhos nascem preparados para serem socializados através dos adultos, isto é, para adquirirem os padrões, valores e normas do grupo social no qual estão inseridos. Portanto, os valores significativos do mundo do adulto são assimilados pela criança, que se tornará um adulto dentro de determinada cultura.

Laurenti & Barros (2000), por sua vez, destacam que esse contexto social fornece condições para os mais variados modos e alternativas de identidade pessoal. Os acontecimentos da vida de cada pessoa, ao longo das experiências de trocas com os outros à sua volta contribuem para a formação de uma lenta imagem que ela tem de si mesma. É, portanto, na articulação entre o social e o indivíduo que é tecida sua identidade pessoal. O ser humano, inclusive, só se vê como tal se os outros assim o reconhecerem.

Bauman (2005) compartilha essa idéia, afirmando que a identidade não pode ser constituída senão a partir da referência aos vínculos que nos conectam a outras pessoas e ao pressuposto de que tais vínculos são fidedignos e estáveis com o passar do tempo. Precisamos, então, de relacionamentos; não de qualquer tipo de relacionamento, mas daqueles aos quais possamos nos referir com o intuito de nos definirmos.

Porém, em nossa época líquido-moderna, conforme a define Bauman (2005), inclusive pela fluidez desses relacionamentos, poucos – se é que alguém – são os indivíduos capazes de evitar a passagem por mais de uma “comunidade de idéias e princípios”, ou, ainda, os que conseguem passar por uma “comunidade” de cada vez, de modo que a maioria apresenta uma *inconsistência e descontinuidade* identitária com o passar do tempo e uma *incoerência* naquilo que os distingue como pessoa.

Etapas sucessivas de inculcação de idéias e valores, portanto, são incorporadas em diferentes etapas de nossa vida, constituindo aquilo que seria a nossa identidade. Almeida (1987) e Massi (1992) concordam com a idéia de descontinuidade de Nicolaci-da-Costa (1987), articulada com base no conceito de “desmapeamento” postulado por Figueira (1987). Segundo esta idéia, conjuntos de mapas distintos são internalizados em diferentes momentos de nossa vida e todos são resistentes à erradicação: aqueles que foram internalizados durante o processo de socialização primária, que se dá na infância (BERGER & LUCKMAN, 1974), quando há grande identificação com os agentes socializadores, principalmente os membros da

própria família, e os que foram incorporados mais tarde, ao longo da vida adulta, e que são mais recentes, mais próximos do cotidiano e estão presentes na sociedade em que vivemos.

Para Berger e Luckmann (1974), a socialização secundária significa a interiorização e aquisição de saberes específicos e especializados e papéis direta ou indiretamente associados à divisão do trabalho. A aquisição desses novos saberes supõe a socialização primária e cria um problema entre as interiorizações originais e as novas. Segundo os autores, pode ocorrer desde um simples prolongamento da socialização primária em uma socialização secundária a uma transformação radical da realidade subjetiva construída por ocasião da socialização primária (ou seja, uma ruptura). Porém, a socialização secundária nunca apagará totalmente a identidade “geral”, construída no fim da socialização primária. A questão dessa “segunda” socialização pode estar muito ligada às pressões exercidas sobre os indivíduos para que modifiquem suas identidades e se tornem compatíveis com as mudanças em curso. Porém, as idéias e os valores acham-se entranhados na cultura e sua assimilação é lenta, constante e profunda, e, assim, as grandes transformações levam muito tempo para se efetivarem.

Dubar (1999) complementa as idéias anteriores ao afirmar que os aparelhos de socialização não podem mais ser considerados órgãos funcionalmente integrados de uma totalidade social, uma vez que eles possuem uma autonomia crescente e contribuem para a construção de “mundos” diferenciados em torno de saberes cada vez mais fragmentados.

O que vem acontecendo, portanto, segundo Hall (2002), é que na contemporaneidade pode-se dizer que as identidades se transformaram em uma “*celebração móvel*”, ou seja, a identidade, antes vivida como unificada e estável, passa a ser percebida como formada e transformada continuamente, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam. Para o autor, somos atualmente “confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (p. 13).

Negreiros e Féres-Carneiro (2004) consideram a contribuição psicanalítica um campo fértil para a compreensão da formação e desenvolvimento da identidade, através da postulação da noção de identificação. Apesar desse trabalho não ter um viés psicanalítico, consideramos interessante trazer a contribuição dessa teoria para o entendimento de um conceito complexo que não pode ser analisado de forma simples, seja pela sua importância, seja pela

complexidade com que aparece nas sociedades contemporâneas. Assim, para as autoras, a identificação compreende o processo através do qual se assimila um aspecto, um atributo, uma característica, uma imagem ou um traço do outro e, a partir dessa referência, o indivíduo se transforma. Segundo as autoras, a identidade se produz e se refaz, ao longo da vida, através deste processo. Trata-se de um modo de constituição psicológica que se dá a partir do outro. E, tanto homens como mulheres, da infância ao envelhecimento, tomam modelos de identificação variados e têm que lidar com múltiplos papéis.

Assim, os diferentes discursos sociais que coexistem, muitas vezes de forma antagônica e contraditória, e se multiplicam nas sociedades atuais, contribuem para o surgimento de novas identidades e para a fragmentação do sujeito moderno, resultando em impasses para os membros de diferentes grupos, neles incluídas as mulheres.

## 1.2. A IDENTIDADE COMO PROCESSO

Para melhor compreender a identidade enquanto processo, cujo movimento é um de seus aspectos centrais, Laurenti e Barros (2000) recorrem às “leis” da dialética apresentadas por Gadotti (1983). De acordo com Gadotti (1983), o primeiro princípio é o da totalidade. A identidade é uma totalidade, e uma de suas características é justamente a multiplicidade. A identidade constitui-se, assim, de uma multiplicidade de papéis sociais que são impostos ao indivíduo desde o seu nascimento e são assumidos por ele, que se comporta, geralmente, de acordo com as expectativas sociais.

O segundo princípio, o do movimento, considera que tudo se transforma. O movimento é uma característica inerente à identidade, que não deve ser vista como algo pronto e acabado. A causa das transformações seria a luta interna entre os elementos contraditórios que coexistem numa totalidade estruturada.

Relacionado a isso, encontramos o terceiro princípio, o da contradição, ou seja, da unidade e luta dos contrários. Essa contradição pode surgir como resultado da incorporação de discursos contraditórios e porque o homem não ‘absorve’ passivamente o mundo social. Enquanto ser ativo, ele apropria-se da realidade social, atribuindo um sentido pessoal às significações

sociais. Estão envolvidas nesse constante processo de construção da identidade as condições objetivas, as expectativas da sociedade, bem como as expectativas internalizadas pelo próprio indivíduo.

Giddens (2002) reafirma essa idéia ao dizer que o eu não é uma entidade passiva, determinada por influências externas. No nível do eu, um componente fundamental da identidade é o da escolha, pois a modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas. Porém, ao mesmo tempo, oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas. Não há autoridade máxima a quem recorrer. Este é um dilema característico da alta modernidade.

Para Bauman (2005), no momento atual, estamos passando por um deslocamento da responsabilidade de escolha para os indivíduos, uma destruição e remoção dos marcos históricos, e uma crescente indiferença dos grandes poderes em relação à natureza das escolhas feitas pelos indivíduos, bem como uma menor visibilidade com relação a elas. A principal força por trás desse processo tem sido a acelerada “liquefação” das estruturas e instituições sociais.

Finalmente, segundo Gadotti (1983), tem-se o princípio da mudança qualitativa, que diz respeito a um acúmulo de elementos até o momento em que algo se torna distinto da forma como era percebido. A identidade é uma sucessão temporal, com mudanças muito pequenas. Nas relações de um indivíduo com os outros, “as identidades” vão sofrendo modificações e outros significados vão sendo incorporados e internalizados, ainda que as pessoas não se dêem conta disso.

Pode-se caracterizar a identidade, ainda, como diferença e igualdade ao mesmo tempo. A igualdade é expressa na história social compartilhada com a família, o grupo social a que se pertence, a localização geográfica e as condições econômicas e culturais, entre outras coisas. A diferença pode ser entendida como a constituição da singularidade do indivíduo, com a transformação da significação social em sentido pessoal.

Há casos em que a identidade singular está tão colada à identidade social que elas se confundem. Pode-se dizer que há, aí, uma reprodução da ideologia dominante. Giddens (2002), inclusive, afirma que, nas condições vigentes na alta modernidade, não só os

indivíduos seguem o que ele chama de estilos de vida, como são obrigados a isso, uma vez que não têm outra escolha senão optar por isso. Bauman (2005), por sua vez, complementa afirmando que, enquanto algumas identidades são de escolha dos próprios indivíduos, outras são lançadas pelas pessoas à sua volta.

Cuche (1999) aponta que a identidade é uma concessão ou uma negociação entre uma auto-identidade (definida por si mesmo) e uma hetero-identidade (definida pelos outros), sendo que a auto-identidade terá maior ou menor legitimidade dependendo da situação relacional ou da relação de forças entre os envolvidos.

Dubar (2005) também afirma que, apesar de cada indivíduo ser identificado por outrem, ele pode recusar essa identificação e se definir de uma outra forma. Nos dois casos, porém, a identificação utiliza categorias socialmente disponíveis, mais ou menos legítimas para o próprio indivíduo e para o grupo, que são o que o autor denomina de “atos de atribuição” e “atos de pertencimento”. Os atos de atribuição podem ser identificados com a “identidade para o outro”. Esta deve ser analisada no interior dos sistemas de ação nos quais o indivíduo está implicado e é resultante de relações de força entre todos os atores envolvidos e da legitimidade sempre contingente das categorias utilizadas. Goffman (1963 em DUBAR, 2005) refere-se a essa identidade que se espera do outro como *identidade social virtual*. Já os “atos de pertencimento”, ou a “identidade-para-si”, significa a interiorização ativa, a incorporação da identidade pelos próprios indivíduos, o que, por sua vez, só pode ser analisado no interior das trajetórias do indivíduo. A estas identidades reais dos indivíduos, Goffman (1963) denomina *identidades sociais reais*.

Ainda segundo Dubar (2005), os indivíduos utilizam duas estratégias identitárias destinadas a reduzir a distância existente entre essas duas identidades. A primeira consiste nas transações externas (ou objetivas), que acontecem entre o indivíduo e os outros significativos, visando acomodar a identidade-para-si à identidade para o outro; nela, há uma confrontação entre as ofertas e demandas de identidades possíveis e, assim, elas não são simplesmente produtos de atribuições de identidades pré-construídas. A segunda seriam as transações internas ao indivíduo (ou subjetivas) entre a necessidade de guardar uma parte de suas identificações anteriores (identidades herdadas) e o desejo de construir para si novas identidades no futuro (identidades visadas); elas visam tentar assimilar a identidade-para-o-outro à identidade-para-si.

Pode-se dizer, assim, como afirma Guiddens (2002), que a identidade é um fator poderoso de estratificação social, isto é, ela é fortemente diferenciadora dos indivíduos e grupos. Num dos pólos da hierarquia global estão as pessoas dos grupos dominantes, que constituem e desarticulam suas identidades, mais ou menos segundo suas próprias definições, isto é, estabelecendo os parâmetros que as definem. No outro extremo estão aquelas pessoas que tiveram negado seu acesso à definição de sua própria identidade e que se vêem oprimidas por identidades que lhes foram impostas. Geralmente, o resultado são identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam.

Assim, falar de uma multiplicidade de escolhas não é o mesmo que supor que todas as escolhas estão abertas a todos, ou que as pessoas tomam todas as decisões e fazem suas opções com pleno conhecimento da gama de alternativas possíveis. Isto é o que acontece, ainda hoje, com muitas mulheres, como veremos a seguir.

### 1.3. IDENTIDADES FEMININAS E MATERNIDADE

Após essas considerações gerais acerca de como estamos entendendo a identidade em nosso estudo, passamos agora a fazer um breve relato da construção social da identidade feminina no mundo ocidental, em especial com o advento da modernidade.

A partir do século XVIII e, principalmente no século XIX, a maternidade passou a ser vista como o ideal máximo a ser almejado pela mulher, como caminho para a sua plenitude e realização. De acordo com Moura & Araújo (2004), na modernidade se desenhou uma nova imagem da relação da mulher com a maternidade. A devoção, o sacrifício feminino em prol dos filhos e da família, e a presença constante e vigilante da mãe surgem no discurso social como valores essenciais e inerentes à natureza feminina. Deu-se, na época, uma ampliação das responsabilidades maternas que se fez acompanhar de uma crescente valorização da mulher-mãe, vista então como a “rainha do lar”, dotada de um poder e respeitabilidade que não ultrapassavam, contudo, o domínio doméstico.

Certas características e capacidades especificamente femininas foram demarcadas para assegurar sua permanência no espaço fechado do lar, tomando-se como base, inclusive, a



inscrição da maternidade no corpo feminino, que estabeleceria uma relação natural da mãe com a criança, como aponta Rocha-Coutinho (1994):

A relação natural com a criança, que elevou a maternidade à função primeira de toda mulher e, mais que isso, atribuiu ao sentimento materno um caráter inato e, portanto, compartilhado por todas as mulheres. É assim que características biológicas – a maternidade inscrita no corpo feminino – passam a assumir um significado social (p. 36).

A definição de características femininas, associadas a seu papel de mãe, como docilidade, abnegação, ternura, entre outras, caminhou paralelamente a uma discriminação das mulheres, pois foram negadas a elas todas aquelas capacidades socialmente valorizadas, afastando-as do meio público, do poder e dos negócios, cujos efeitos ainda podem ser sentidos no mundo atual.

Assim, segundo Moura e Araújo (2004), se, por um lado, as novas responsabilidades da mulher conferiam-lhe um novo lugar na família e também na sociedade, afastar-se delas trazia uma enorme culpa ou, até mesmo, um sentimento de anormalidade, uma vez que isto contrariava a própria natureza, sendo, desta forma, explicado como um desvio ou patologia. Daí decorre, em grande parte, o fato de que os estudos que falavam sobre mulheres que não tinham filhos sempre estiveram muito vinculados a esta visão. Na prática social, assim, devido à associação entre maternidade e natureza feminina, durante muito tempo, a mulher ficou enclausurada em seu papel de mãe. Tal fato dificultou, ou mesmo impossibilitou, a visão de outras possibilidades, tanto em relação a outras formas de exercer a maternidade, como o seu adiamento ou o compartilhamento com o companheiro das responsabilidades, tarefas e cuidados com a casa e os filhos, como também no que diz respeito à opção pela não maternidade.

A naturalização da maternidade pôde ser explicada pelo fato de termos, como aponta Badinter (1985), com excessiva frequência, uma tendência a confundir esse determinismo social com um imperativo biológico. Apesar dos comportamentos serem produções sócio-culturais – isto é, são as necessidades e os valores dominantes de uma sociedade que determinam os papéis, sejam eles o da mulher, do homem, da criança ou da família, entre outros –, em nossa sociedade, a mulher passou a ser vista por todos e, principalmente, a se ver como determinada por sua natureza biológica.

Rocha-Coutinho (1994), parafrasando a célebre frase de Simone de Beauvoir (1949), afirma que as mulheres não nascem mães e que as diferenças biológicas entre homens e mulheres só são significativas à luz de um discurso social. Apesar de a gravidez, o parto e a amamentação serem experiências determinadas pela natureza biológica, pela diferença sexual, os significados atribuídos aos papéis sociais que daí decorrem, ou seja, o seu valor simbólico, são resultado de um processo que é socialmente construído. Criou-se, então, para a mulher, uma identidade cujo eixo central é a maternidade inscrita no corpo feminino e, assim, estabeleceu-se uma identificação entre feminilidade e maternidade.

Moura e Araújo (2004) reforçam essa posição, ao apontar que, durante um longo período, a maternagem foi pensada como intrinsecamente relacionada à maternidade e, portanto, como uma função feminina, concernente à natureza da mulher. Entretanto, a função biológica da maternidade deve ser, em princípio, distinta daquilo que se convencionou denominar cuidados maternos ou maternagem.

Massi (1992) pontua que as mulheres foram, e ainda são, socializadas, primária e secundariamente, em nossa cultura, por essa ideologia patriarcal, onde o lugar do homem é o lugar do poder, do trabalho, da liberdade, da sexualidade, reservando-se para a mulher uma inevitável “segunda categoria social” (p. 156).

De acordo com Goldenberg (2001), porém, o final da década de 1960 e o início da década de 1970 constituíram marcos fundamentais nas transformações dos papéis femininos e masculinos na sociedade brasileira. Nesta época, estudos sobre a questão de gênero buscaram desmistificar a idéia de uma natureza feminina e masculina (uma vez que, quando falamos no conceito de gênero, o feminino e o masculino são pensados em constante interação) e reforçar a concepção de que as características peculiares a cada um são, na realidade, socialmente construídas, ou seja, cada cultura apropria-se de uma distinção biológica (macho/fêmea), seleciona alguns fatos naturais (como a função reprodutiva da mulher) e os exacerba, naturalizando funções que são produto de uma determinada educação e socialização.

Este caráter de naturalização de que se revestiu a condição feminina não foi e não é, assim, facilmente identificado porque é legitimado por discursos científicos e filosóficos, políticos e religiosos, que respondem a interesses histórico-sociais. Esses discursos tentam encobrir as

desigualdades entre os sexos, naturalizando-as. Porém, mudanças na organização e estrutura social fazem variar também a relação entre os sexos e os seus respectivos papéis.

Segundo Giddens (2002), o ritmo mais ou menos constante, profundo e rápido das mudanças, característico das instituições atuais, juntamente com a reflexividade da vida social moderna<sup>2</sup>, fazem com que o comportamento aceitável, apropriado e recomendado hoje possa ser considerado de maneira diferente amanhã.

Foi assim que o comportamento das mulheres em relação à maternidade e a seu espaço e posição na sociedade pôde ser modificado, ainda que não inteiramente, uma vez que, como afirma Goldenberg (2001), viveu-se, durante séculos, sob uma cultura escravagista e de silêncio feminino, tornando-se difícil modificar de forma rápida o que acabou sendo interiorizado e incorporado como norma. Assim, para esta autora, bem como para outros autores que estudam as relações sociais e a formação de identidades e subjetividades na contemporaneidade (VAITSMAN, 1994; ROCHA-COUTINHO, 1994, 2003, 2004; JABLONSKI, 1998; NEGREIROS & FÉRES-CARNEIRO, 2004), mais do que uma ruptura definitiva com o passado, estamos vivendo um processo, até bastante acelerado, de transformação dos papéis masculinos e femininos na sociedade brasileira.

Jablonski (1998) assim define papéis sexuais:

Papéis sexuais referem-se às expectativas quanto à divisão de trabalho entre os sexos e também às regras de interação sexual em um dado contexto histórico-cultural, que fazem homens e mulheres adotarem distintos padrões de atitudes e comportamentos. Em cima de diferenças biológicas, a sociedade cria expectativas e sistemas de crenças que dizem quais os comportamentos e atividades apropriados para homens e mulheres. A par das sempre existentes diferenças individuais, a sociedade consegue criar e impor tais normas à maioria de seus componentes (p. 157).

Assim, pode-se pontuar com Negreiros e Féres-Carneiro (2004) que não existe um conteúdo universal para os papéis de gênero, pois estes são construções históricas, sociais e culturais. Os papéis masculino e feminino configurariam tipificações (tipos identitários), apreendidas e

---

<sup>2</sup> Segundo Giddens (2002), a reflexividade consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e revisadas através das novas informações sobre estas próprias práticas, alterando constitutivamente seu caráter. O *projeto reflexivo do eu* consiste em manter narrativas biográficas coerentes, embora continuamente examinadas e revisadas, o que tem lugar em um contexto, como o atual, de múltiplas escolhas.

transmitidas de geração a geração ao longo da vida, do que seria pertinente ao homem e à mulher num dado contexto histórico-social.

Os grupos familiares atuais, por exemplo, convivem com uma maior flexibilidade de papéis e traduzem arranjos mais ou menos improvisados para dar conta da multiplicidade de tarefas e afetos a eles subjacentes. Por não haver um referencial de apoio ou um modelo a seguir hoje, dissolveu-se a antiga família idealizada (modelo da família nuclear burguesa), em que os papéis de pai, mãe e filho eram bem delimitados. Algumas explicações nos ajudam a compreender melhor os fatores envolvidos nessa transformação dos grupos familiares e das identidades de seus membros. Passamos, a seguir, a trazer a colaboração de alguns diferentes autores para um melhor entendimento do contexto que tornou possível estas mudanças sociais, tanto familiares quanto identitárias.

Para Castells (1999), estamos vivenciando a crise do patriarcalismo que, apesar de continuar existindo, principalmente devido ao movimento religioso fundamentalista e ao Estado – considerado o seu último refúgio –, está sendo extremamente abalado pela situação atual das sociedades. Esse momento de transformação estaria se dando agora, segundo o autor, devido à combinação de quatro elementos: a transformação da economia e do mercado de trabalho, associada à abertura de oportunidades para as mulheres, inclusive no campo da educação; as transformações tecnológicas ocorridas na biologia, farmacologia e medicina, proporcionando maior controle sobre a gravidez e a reprodução humana; o desenvolvimento do movimento feminista, consequência dos movimentos sociais da década de 1960; e a rápida difusão de idéias em uma cultura globalizada, em que os meios de comunicação tiveram alto grau de desenvolvimento, tecendo com uma velocidade espantosa uma rede de vozes femininas que se estende por quase todo o planeta. Para o autor, o fim da família patriarcal sintetizaria e unificaria essa transformação, pois, com o seu desmoronamento, haveria uma transformação das demais relações sociais. Inclusive, para ele, este é um processo irreversível. Por outro lado, ele enfatiza que admitir esse fato não significa que os problemas referentes à discriminação, opressão e ao abuso das mulheres estejam sendo eliminados, ainda que a sua intensidade tenha sido reduzida significativamente.

Também Souza e Ferreira (2005) e Tain (2005), entre outros autores, apontam a importância dos movimentos feministas para um maior questionamento da concepção naturalizada da maternidade, bem como para o surgimento de reivindicações associadas à saúde reprodutiva,

à sexualidade e a mudanças na antiga concepção de identidade feminina. As reivindicações desses movimentos forneceram as bases para o desenvolvimento de uma nova perspectiva acerca da identidade feminina que incluiria a liberdade para optar ou não pela maternidade, bem como para escolher o melhor momento para vivê-la, o que fez com que a maternidade passasse a ser concebida como uma das possíveis escolhas abertas às mulheres.

Scavone (2001), por sua vez, acredita que a abertura da possibilidade de escolha da maternidade para a mulher é um fenômeno moderno, consolidado no decorrer do século XX, com o avanço da industrialização e da urbanização, e que deve ser pensado em conexão com os processos sociais e econômicos, como a globalização, ocorridos na época e que contribuíram para acelerar a difusão de novos padrões de comportamento e de consumo. Entre estes últimos, cabe mencionar o consumo crescente das tecnologias reprodutivas que ofereceram às mulheres a possibilidade de escolher ser ou não mães. Neste contexto, a maternidade passou a ser resultado de um processo de reflexão de cada mulher, influenciado por fatores relacionados às suas condições subjetivas, econômicas e sociais, bem como às do casal.

Moura e Araújo (2004) também incluem o processo de alteração do papel materno no contexto mais amplo das mudanças socioculturais, devido às modificações sofridas no papel social da mulher e da família, principalmente nas últimas décadas do século XX. Se, nos últimos dois séculos, o papel feminino foi marcado por uma relativa estabilidade e por uma redução de sua atuação à maternidade e às funções e atribuições dela decorrentes, essa vinculação passou a mostrar-se menos estável, ainda que não tenha de todo desaparecido.

Nesta mesma direção, os principais fenômenos constitutivos dessa mudança, segundo Arán (2003), são a crise da forma burguesa de família nuclear (monogâmica e heterossexual), a entrada da mulher no mercado de trabalho, a separação entre sexualidade e reprodução e uma política de visibilidade da homossexualidade. Todos esses fenômenos, segundo a autora, provocaram uma crise nas referências simbólicas organizadoras da sociedade moderna, principalmente por terem efetuado um deslocamento das fronteiras que associavam o homem ao espaço público e a mulher ao privado, configurando novas formas de se pensar a sexualidade, em especial, e os dois sexos, de modo geral.

Massi (1992) também realça que os métodos modernos de contracepção auxiliam na desvinculação entre a função reprodutiva biológica e o desejo de ter filhos. Contudo, para ela, apenas isso não é suficiente; é preciso que a mulher esteja preparada para *desejar* outros projetos pessoais, profissionais e sociais.

Parece estar ocorrendo, assim, a transição de um modelo tradicional de maternidade – a mulher definida como mãe – para um modelo moderno de maternidade, no qual a mulher pode ser definida *também* como mãe ou, ainda, no qual a maternidade não é necessária para definir uma mulher. Ou seja, a maternidade passa a ser um projeto e não um destino, passa a ser, muitas vezes, uma questão de opção.

Passaremos agora a tratar, de forma breve, da instituição familiar, por ser esse o lugar privilegiado no qual se deu a construção da antiga identidade feminina e também por ser possível nele observar, através de sua estrutura, organização e funcionamento atuais, as grandes transformações ocorridas nessa identidade.

## CAPÍTULO II

### MUDANÇAS NA VISÃO DE FAMÍLIA

Ao traçarmos um breve percurso histórico, podemos observar que o lugar e a valorização da maternidade, bem como a forma como a família se organizou no âmbito sociocultural se modificaram e variaram ao longo das diferentes épocas e contextos, respondendo a interesses econômicos, demográficos, políticos e religiosos, entre outros. A família é, portanto, uma instituição social que se modifica de acordo com as transformações sociais mais amplas e que participa também dessas transformações.

Assim, o que hoje entendemos por família é fruto de diversos agenciamentos culturais, pessoais, sociais, profissionais e científicos, entre outros. A família hoje é vista como algo construído culturalmente, como uma instituição social e, como tal, não pode ser considerada natural (DURHAM, 1983; BRUSCHINI, 1990; DUARTE, 1995).

Para Braga e Amazonas (2005), a família é um fenômeno que tem sido compreendido a partir de vários elementos, como as conexões entre consangüinidade, descendência e afinidade (sistema de parentesco), um sistema de morada, uma corporatividade, um sistema de atitudes, entre outros. Segundo Bruschini (1990), o conceito de família se refere a um grupo social concreto e empiricamente delimitável, que remete a um modelo cultural e à sua representação. A análise da família deve ocorrer, assim, tanto no plano das construções ideológicas como no de seu papel na organização da vida social.

É bom esclarecermos aqui que não temos uma compreensão da história como seqüência linear e evolutiva e, por conseguinte, não entendemos que em cada momento haveria um único modelo de família e de exercício da maternidade. Antes, acreditamos ser fundamental que se delimite algumas características importantes de cada um desses modelos, que coexistem, apontando aqueles mais marcantes e difundidos numa determinada sociedade. Isto porque, segundo Salles (1994), modelos e estruturas familiares surgem de forma simultânea, muito embora alguns modelos possam ser, em diversos momentos, hegemônicos.

Desta forma, podemos dizer que o modelo de família nuclear tem sido privilegiado no nosso ideário. A instituição familiar tem sido vista tradicionalmente como constituída pelo casal

heterossexual unido com a intenção de procriar, tendo, inclusive, o suporte da literatura histórica, sociológica e psicológica (COLEMAN & GANONG, 2004). Contudo, um olhar mais atento para a sociedade contemporânea nos mostra que a família “tradicional” é uma forma de unidade familiar que coexiste com muitas outras formas também saudáveis, funcionais e prósperas na atualidade.

Na verdade, este nunca foi um padrão de família que se generalizou no conjunto da sociedade, mas, efetivamente, ele se difundiu como um ideal de comportamentos e papéis sexuais esperados (VAITSMAN, 1994). Passamos agora a apresentar, de forma breve, como surgiu esse modelo na sociedade ocidental, de modo geral e, mais especificamente, a forma que assumiu na sociedade brasileira.

## 2.1. DA FAMÍLIA ANTIGA À FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

Antes do século XVIII, a família tinha como função assegurar a transmissão da vida, dos bens e do nome. Por outro lado, segundo Ariès (1981), a família não tinha uma função afetiva e o sentimento entre os cônjuges e entre pais e filhos não era necessário para a existência e o equilíbrio da família; esta era “uma realidade moral e social, mais do que sentimental” (p. 231).

De acordo com Moura e Araújo (2004), o homem ocupava o lugar central na família e a condição da esposa equiparava-se à da criança, ou seja, era de submissão à sua autoridade. O casamento era realizado por contrato, segundo as necessidades econômicas e as alianças políticas das famílias, o que inibia qualquer expressão de afetividade entre os cônjuges, sendo o amor conjugal considerado desnecessário a um bom casamento. Não era reconhecido, inclusive, o sentimento da infância, sentimento este que corresponde à consciência da particularidade infantil, que distingue essencialmente a criança do adulto.

Almeida (1987) aponta que, segundo autores como Ariès (1981), Donzelot (1980), Shorter (1977) e Flandrim (1976, 1981),



quatro vetores, grosso modo, direcionam as mudanças básicas na estrutura familiar ao longo da história das sociedades ocidentais: o maior cuidado com a educação das crianças, paralelo à modificação da própria concepção de infância (Ariès); a mudança nos papéis de pai e de mãe, com o declínio do poder paterno irrestrito e a crescente importância da mulher como educadora e mãe; o amor conjugal como núcleo da família, em oposição ao casamento estritamente contratual por conveniência ou interesse; o esmaecimento de laços mais estreitos com a comunidade em torno (p. 18).

Foi somente com a ascensão da burguesia, a privatização da instituição familiar e a passagem das funções socializadoras para o âmbito restrito do lar, entre outros mecanismos, que se constituiu o espaço privado e a intimidade doméstica, originando o que entendemos hoje por família “moderna”. É possível, assim, afirmar que a família, tal como a concebemos e percebemos hoje, é um fenômeno recente na história da humanidade.

A ênfase sobre o *amor materno* deu-se devido à nova ordem econômica que se instalou com a ascensão da burguesia e que impunha a necessidade, entre outras coisas, da sobrevivência das crianças. Em defesa da criança surgiram dois discursos para modificar a atitude da mulher perante os filhos, reforçando que o “amor materno” era favorável à espécie e à sociedade: um discurso econômico que, apoiado em estudos demográficos, demonstrava a importância do numerário populacional para qualquer país e alertava para os perigos e prejuízos decorrentes de um possível declínio populacional na Europa; e um discurso filosófico novo, o liberalismo, que, aliado a esse discurso econômico, favoreceu os ideais de liberdade, igualdade e felicidade individual (BADINTER, 1985).

No que diz respeito às relações sociais, assistiu-se ao desenvolvimento da noção de vida privada, que modificou, inclusive, a relação conjugal. O antigo casamento por contrato não era mais conveniente aos novos ideais libertários e igualitários, surgindo, assim, a defesa do casamento por amor. Articulando-se aos interesses econômicos do Estado, também o discurso proferido por médicos, moralistas, administradores e chefes de polícia reforçava a necessidade de a mulher ocupar-se com os filhos.

Esta família “moderna” surgiu, deste modo, como aquela que garantiria a ordem social e possibilitaria a formação do indivíduo através das funções de afetividade e educação. A partir daí, a relação pai-mãe-filho foi alterada, passando a ser vista como o lugar originário da constituição do sujeito.

Para Bruschini (1990), essas mudanças decorreram, em grande parte, de transformações sociais ocorridas em um determinado contexto histórico em que se buscava um nível mínimo de segurança econômica e se reforçava a idéia de um Estado central capaz de controlar e disciplinar seus sujeitos, reforçando a importância da instituição escolar. Assim, pode-se dizer que este ideal familiar não é nem natural nem universal, mas, antes, é uma construção sócio-histórica.

Em relação à família brasileira, Machado (2001) assinala, a partir de uma leitura cuidadosa da literatura existente a esse respeito, que, enquanto alguns autores buscavam um padrão ou modelo familiar brasileiro, outros buscavam a diversidade de modelos de família existentes nas diferentes classes sociais e regiões do país. Estudiosos como Almeida (1987) e Da Matta (1991) destacaram, por exemplo, a importância da *família patriarcal*, como caracterizada por Freyre (1933), para a construção social de um tipo de modelo familiar brasileiro que foi marcante do período colonial até a contemporaneidade. Tal modelo, contudo, segundo os autores, se instaurou como um referencial, não impondo, necessariamente, uma única e mesma forma de família no país. Para Almeida (1987), inclusive, é esse tipo de família que depois vai se unir ao modelo de família nuclear, desenvolvido na Europa, e que será por ele reapropriado e aclimatado à mentalidade brasileira. Outros estudiosos, contudo, como Samara (2002), enfatizaram a diversidade de arranjos e modelos de família existentes no Brasil durante todo o período colonial e a época moderna, enfraquecendo a idéia da existência de um modelo típico de família brasileira.

No modelo da família patriarcal colonial, havia uma valorização do poder paterno, em que a mulher, os filhos, os demais parentes e agregados (constituindo o que chamamos de família extensa) e os escravos (o regime escravocrata dominava na época) tinham valor apenas enquanto elementos a serviço do patriarca. A casa funcionava como pequena unidade de produção, servindo à satisfação de suas próprias necessidades e favorecendo, em grande parte, até mesmo, o seu isolamento do poder estatal. Havia, inclusive, um desprestígio do sentimento de intimidade ou privacidade familiar. Foi esta família extensa que acabou por se transformar, pelo menos em tese, pautada no modelo europeu, em um pequeno núcleo, formado por pais e filhos, com o aburguesamento e o processo de modernização da sociedade brasileira, quando de sua mudança da condição de colônia para a de nação, transformando-se em nossa família conjugal moderna.

Neste modelo de família, que se difundiu como valor na sociedade brasileira na época moderna (VAITSMAN, 1994), os pais dedicam-se às crianças com um desvelo inconcebível nos tempos coloniais. Costa (1983), ao desenvolver a questão, reforça a importância do movimento higienista<sup>3</sup> desenvolvido no país no século XIX, com o apoio da corte portuguesa, na época sediada no Brasil. Segundo este autor, o amor entre pais e filhos, sonhado por esses higienistas do século XIX, acabou por concretizar-se no país. Houve, assim, um aumento do interesse social pela criança e a construção do que hoje entendemos por infância. Moura e Araújo (2004), ao citarem Costa (1983), também afirmam que os cuidados maternos passaram a ser valorizados e que esse novo olhar sobre a criança possibilitou a manifestação do amor materno, entendido a partir de então, como algo “natural”. Assim, por todo o século XIX, o modelo de família burguesa europeia foi sendo incorporado e aclimatado pela sociedade brasileira da época.

Ainda no caso brasileiro, para que se possa melhor compreender as características e os sentimentos da vida familiar e da maternidade, bem como a forma como se desenvolveu e se modificou o conceito de intimidade na família é preciso estabelecer correlações com a nossa própria estrutura colonial, caracterizada pelo patriarcalismo, pela escravidão, pelo uso corrente do ‘favor’ e do apadrinhamento, entre outras coisas, que deram um sentido distinto às relações de intimidade no país e que acabaram por se estender do domínio privado para o público, inclusive nos dias atuais. Como apontam Machado (2001) e Da Matta (1991), na sociedade brasileira, o código relacional e hierárquico de sociabilidade faz da família um valor que sempre atravessou e continua a atravessar toda a sociedade, articulando-se com o código individualista e igualitário e impondo uma variedade de formas de organização familiar no espaço público.

A família brasileira, cada vez mais, torna-se permeável ao mundo ao seu redor, sofre transformações acentuadas em sua estrutura e em seu cotidiano, ainda que, por outro lado,

---

<sup>3</sup> Chega no século XIX, ao Brasil, o que se convencionou chamar de Movimento Higienista ou Movimento Sanitarista, que tinha como preocupações a saúde e a educação da população e o ensino de novos hábitos higiênicos. Sua idéia era valorizar a população como um bem, como capital e recurso do Estado. Havia, assim, uma aliança, mesmo que não consciente, entre os higienistas e o Estado, e, ainda, com a própria família, para enfraquecer o poder do pai colonial, até então absoluto dentro da família, uma vez que sua autoridade passaria a chocar-se com aquela pretendida pelo Estado burguês nascente. Os médicos higienistas detinham grande influência sobre a família da época, permeando diferentes discursos educacionais, como o da educação física, moral, intelectual e sexual. Cada um desses discursos teve conseqüências significativas no processo de construção da família daquele século. Para uma maior discussão sobre o assunto, ver Jurandir Freire Costa (1983).

também colabore para que outras mudanças aconteçam no âmbito social (BIASOLI-ALVES, 2000). Petrini (2005) assinala que a perda de validade dos antigos valores e modelos, bem como a incerteza a respeito das novas propostas que se apresentam hoje, desafiam a família brasileira agora a conviver com a fluidez do mundo atual – a leveza, a liquidez e a fluidez são características das sociedades contemporâneas, como apontado por Bauman (2005) – e abrem um amplo leque de possibilidades de organização e instituição de valores.

O individualismo, a igualdade e a liberdade, valores típicos das sociedades modernas cada vez mais valorizados nas sociedades contemporâneas, afetaram a família brasileira, produzindo efeitos inequívocos nas suas formas de ser, nos seus princípios e nos valores conferidos a esta esfera. Para Machado (2001), inclusive, as camadas médias da sociedade brasileira, objeto de estudo deste trabalho, são as grandes depositárias dos valores individualistas.

Para tratar da questão do individualismo nas sociedades atuais, Heilborn (1995) aponta que, ao enfatizar que a cultura dos segmentos médios da sociedade gira em torno do individualismo enquanto sistema de valores, a literatura tem lançado mão da perspectiva de análise do antropólogo Louis Dumont (1970, 1979, 1985). A análise dumontiana funda-se na premissa da oposição entre dois grandes modos de agenciamento do social enquanto formas de armação ideológica da sociedade, o holismo e o individualismo. Nas palavras de Heilborn (1995),

a modalidade holista é organizada a partir de um princípio hierárquico e o tipo moderno, do princípio da igualdade. A ordenação hierárquica traduz-se pela diferenciação do valor instituinte das entidades sociais, conduzindo a uma postulação dos sujeitos como diferentes, complementares e hierarquizados; nela vigoram a precedência e a transcendência da totalidade sobre as partes. O igualitarismo, que funda a configuração individualista, cujo nome sinaliza para o enfraquecimento da noção de totalidade coincidente com a afirmação da categoria de indivíduo como valor estruturante, ao contrário, firma-se por uma lógica de indiferenciação, que aplaina as diferenças entre as entidades sociais (p. 92).

Para Petrini (2005), o valor da igualdade foi progressivamente assimilado no cotidiano brasileiro da convivência familiar, dando, por exemplo, origem a formas mais democráticas e igualitárias de partilhar tarefas e responsabilidades entre marido e mulher. Contudo, apesar de, pelo menos aparentemente “abandonados”, os modelos familiares tradicionais não deram origem à emergência de novos modelos com uma validade universalmente reconhecida e aceita.

Com os movimentos liberais e os questionamentos levantados por movimentos, como os feministas, os de homossexuais e de minorias étnicas e raciais, entre outros, que apontam para perspectivas mais igualitárias e libertárias, a família burguesa, dominante no apogeu da modernidade, começou a ser contestada e até mesmo rejeitada por alguns grupos (BRAGA & AMAZONAS, 2005).

Segundo Bruschini (1990), a realidade familiar brasileira hoje, inclusive, distancia-se bastante do modelo nuclear ou conjugal tradicional, por vezes nem mesmo chegando a realizá-lo, como é o caso dos casais que optam por não ter filhos. A autora segue afirmando que as exceções ao modelo não apenas reforçam sua elasticidade como também a riqueza da realidade empírica que o extrapola. Ela conclui apontando para o fato de que a existência de um modelo – conjunto de regras e padrões de comportamento – numa sociedade ou momento histórico determinados não significa que este não seja passível de transformações. Antes, a mutabilidade seria uma característica da instituição familiar.

A grande mudança que pode ser sentida no Brasil hoje foi a da consciência social em relação ao sentido de família e de infância, que alterou profundamente as relações entre marido e mulher (entre os sexos) e entre pais e filhos (entre as gerações) (MOURA & ARAÚJO, 2004). Essas mudanças, principalmente aquelas associadas à relação homem e mulher, serão retomadas no próximo tópico, mas, resumidamente, o que muitas vezes se vê, segundo Bruschini (1990), é que o modelo tradicional da família hierárquica brasileira, assimétrica, estaria perdendo espaço ao se multiplicar as tentativas de redistribuição dos papéis entre homens e mulheres.

As mudanças e continuidades nas relações de gênero na família podem ser resultado do fato de que, como afirma Salles (1994), a produção das novas gerações implica em processos de formação de identidade, inclusive de identidade de gênero, desenvolvidos em períodos precoces da infância e reforçados em outras etapas da vida. As relações familiares estruturadas pelo gênero funcionam também como instâncias estruturadoras e reprodutoras do gênero. Ou seja, como aponta Salles (1994), “o gênero estrutura a família e a família reproduz o gênero” (p. 164).

Ainda, para Oliveira e Marcondes (2004), a opção pela reprodução pode ter um papel importante nas questões familiares, uma vez que o nascimento dos filhos pode aparecer como

um entrave para o estabelecimento de uma relação igualitária entre homens e mulheres no espaço doméstico, ao trazer à tona o modelo de complementaridade entre pai provedor/mãe cuidadora e organizadora do espaço doméstico. Esse é mais um viés interessante para se pensar a opção pela não reprodução e que esteve bastante presente na vida das mulheres que viveram os principais anos dos movimentos feministas e que viam a maternidade como grande obstáculo à igualdade e como uma diferença irreduzível entre os sexos, uma vez que nesta condição a mulher estaria submetida a uma maior opressão por parte do homem. Escapar da maternidade também significava, para a mulher, não mais aceitá-la como um destino inevitável e sim concebê-la como uma escolha livre e autônoma, como uma opção (SZAPIRO & FÉRES-CARNEIRO, 2002).

Essa representação da maternidade como um projeto, uma escolha, contribuiu para a presença de valores individualistas no interior da família, pois passou a ser compreendida como uma decisão racionalizada e planejada segundo as circunstâncias. Para essas autoras, assim como para Duarte (1995), a maternidade continua a ser uma tarefa ou um objeto da partilha familiar que resiste à equalização ou equiparação individualizante, ou seja, há um constrangimento biológico próprio que permanece e traz um ponto de tensão para a família contemporânea – tensão entre um imaginário de relações igualitárias individualizantes e uma subjetividade hierarquizada pela impossibilidade de repartição de algumas tarefas próprias da maternidade.

Com efeito, pode-se dizer que uma variação de modelos familiares se sucedeu no Brasil e até se misturou ao longo do tempo. Atualmente, no entanto, não há mais um modelo de família que predomine e seja amplamente aceito no país, já que o processo de fragmentação pelo qual a cultura vem passando nos últimos tempos vem multiplicando cada vez mais as possibilidades e opções de organização familiar. O que podemos ver, atualmente, é um crescente número de uniões estáveis, de crianças nascidas fora do matrimônio, de famílias que optam por um pequeno número de filhos ou mesmo por não ter filhos, de uniões entre homossexuais, de famílias monoparentais (ou seja, formadas por apenas um dos pais e os filhos), de famílias reconstruídas, ou mesmo de famílias ditas tradicionais, entre tantas outras. Isto é, vemos que não existe um modelo dominante de família brasileira como durante muito tempo pareceu acontecer com a família patriarcal do período colonial e, mais tarde, com a família conjugal “moderna”.

O material produzido pela Síntese dos Indicadores Sociais de 2006 elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta para essas mudanças familiares. A alteração de maior interesse para a presente pesquisa é a que diz respeito a um aumento no número de casais sem filhos no país. O percentual de casais com filhos caiu de 63,7% em 1995 para 53,3% em 2005. Na região Sudeste, a redução foi de 56,6% para 48,5%. Segundo este Instituto, o aumento de casais sem filhos pode ser explicado pelo simples adiamento na decisão de ter filhos ou pela opção de não tê-los (SPITZ, 2006).

Podemos dizer, portanto, que a família, bem como a maternidade – tendo em vista que esta se dá, na maior parte das vezes, no âmbito familiar – no Ocidente, de modo geral, não são conceitos estáticos. Nas sociedades contemporâneas, inclusive no Brasil, modelos modernos de família e maternidade têm convivido com modelos arcaicos, um arcaico que, como apontam alguns estudiosos como Figueira (1987), não desaparece totalmente com as transformações sofridas, mas, antes, se mantém presente, ainda que freqüentemente de forma invisível. Segundo Almeida (1987), “as representações do mundo que o sujeito aparentemente abandonou no processo de mudança social, na verdade, ficam retidas como que num estado potencial, inconsciente, mas capaz de produzir efeitos” (p.17).

Também como aponta Salles (1994), há uma “coexistência de costumes sociais que se cristalizaram em códigos e instituições e de práticas e vivências emergentes que ainda não conseguem se impor” (p.162).

Assim, as mudanças atingem a realidade familiar brasileira, seja na sua estrutura, organização e/ou funcionamento, seja em termos das relações intra-familiares e das identidades pessoais de seus membros. A emergência de novos ideais que se sucedem rapidamente e a ausência de um modelo hegemônico podem desalojar os sujeitos de suas identidades mais tradicionais. Pela velocidade do processo, o que acaba por acontecer é a aquisição de novas identidades que se sobrepõem às antigas sem, contudo, alterá-las substancialmente (FIGUEIRA, 1987; NICOLACI-DA-COSTA, 1987; ROCHA-COUTINHO, 1994, 2003, 2004; NEGREIROS & FÉRES-CARNEIRO; 2004).

Assim, novas possibilidades surgiram no que diz respeito à identidade feminina e, mais especificamente, em relação à importância da maternidade em sua vida. No próximo capítulo apresentaremos duas dessas mudanças, que dizem respeito à opção atual por ter ou não filhos.

### **CAPÍTULO III**

#### **DIFERENTES OPÇÕES SE APRESENTAM: SER OU NÃO SER MÃE**

As opções abertas às mulheres continuam a se expandir, mesmo que essas novas escolhas ainda tragam para elas muitas dúvidas e conflitos. Abranches (1990) observa que a decisão de ser ou não mãe não se estabelece sem conflito e está associada tanto à disponibilidade interna para ser mãe quanto ao grau de favorecimento proporcionado pelas condições externas. Assim como a experiência da maternidade é complexa e variada, também o é a da não-maternidade. Isto é, pode-se dizer que tanto a decisão pela maternidade quanto pela não-maternidade dificilmente se reduzem a um único determinante, mas, antes, elas resultam de uma intersecção entre história, cultura, sociedade, família e personalidade da mulher.

O que se pode apontar como novo a esse respeito é que atualmente as mulheres ao menos se perguntam o que efetivamente querem e não mais cumprem sem questionar um destino que lhes era imposto pelo simples fato de serem mulheres. Antes voltadas para os desejos dos outros – um dos pilares da subjetividade feminina –, para a satisfação daqueles à sua volta, elas se voltam agora para seu crescimento e desenvolvimento pessoais, começando a produzir sua própria palavra e a consolidar progressivamente práticas sociais transformadoras, ainda que, algumas vezes, a um elevado custo, tanto social quanto subjetivo.

#### **3.1. A OPÇÃO PELA MATERNIDADE**

Como afirma Vaitsman (1994), “a experiência da maternidade é marcante na construção da identidade das mulheres e na organização de seu cotidiano. O nascimento dos filhos leva, concretamente, a uma privatização, a um investimento exclusivo no nível afetivo e privado” (p. 135). E é justamente por isso que a opção pela maternidade se torna tão complicada para as mulheres ainda hoje, especialmente quando se soma a isso o desejo de realização profissional – que, com as mudanças sociais significativas das últimas décadas, permitiram à mulher de classe média entrar na esfera pública e se aproximar do que se acreditava ser da ordem do masculino – ou de outras formas de realização pessoal.



Como decorrência de sua vinculação com a maternidade, se as mulheres almejam ser mães e profissionais e assumem os pesados encargos característicos de ambos os papéis, desejando cumpri-los da forma que imaginam adequada (isto é, cumprindo a exigência impossível da perfeição em ambas as esferas de atuação), acabam por se sentir falhando, em um campo ou no outro, e algumas preferem, então, abdicar de uma delas, a profissão ou a maternidade, para melhor se dedicarem à outra (BONINI-VIEIRA, 1997; ROCHA-COUTINHO, 2003, 2004; NEGREIROS & FÉRES-CARNEIRO; 2004).

Não se pode deixar de observar também que as mulheres parecem ser agora alvo de um novo estereótipo: só se realizam e são socialmente reconhecidas aquelas que investem em uma profissão. Bonini-Vieira (1997) aponta, porém, para o fato de que é preciso considerar que algumas mulheres possuem condições econômicas e psicológicas de se manterem como donas de casa e mães em horário integral. A autora cita Gerson (1994) que, em sua pesquisa, identificou três grupos de mulheres: aquelas que preferem manter a estrutura tradicional de família, ou seja, tomam conta dos filhos enquanto o marido trabalha, ou que possuem trabalhos em meio expediente desde que este não interfira no funcionamento doméstico – e, nesse último caso, cabe assinalar que há conflito entre as duas esferas de atuação, a pública e a privada –; aquelas que desejam ter uma carreira, e a maternidade vai sempre ficando para depois, apresentando um discurso ambíguo sobre essas duas esferas de sua vida, bem como sobre a possibilidade de conciliação de ambas; e as que escolhem não ter filhos devido aos altos custos da maternidade na efetivação de outras possibilidades de realização. Cabe acrescentar a esses três grupos citados por Gerson (1994) um quarto grupo, o de mulheres que investem, ao mesmo tempo, em uma família e em uma carreira profissional, tentando conciliar os encargos e responsabilidades de ambas as esferas (ver ROCHA-COUTINHO, 2003).

Para Vaitsman (1994), “tendo deixado de ser necessariamente mãe e dona-de-casa, a mulher pode até decidir ser apenas mãe e dona-de-casa” (p. 174). Hoje em dia, também se pode observar um movimento inverso por parte de algumas mulheres, que abandonam o investimento na vida profissional, ou que nem chegam a fazê-lo, para se dedicar exclusivamente à família e aos filhos. Goldenberg (2001) afirma que é possível detectar esse movimento de mulheres que preferem largar o trabalho e cuidar da casa e dos filhos se o marido puder sustentar a família. São as chamadas “mulherzinhas”, que não têm vergonha de abrir mão da autonomia e da realização profissional porque se sentem mais felizes dentro do

lar. Nestes casos, a autora diz poder haver até uma certa nostalgia do passado, quando os papéis destinados a homens e mulheres eram muito melhor delimitados, em casa e na rua.

Para alguns estudiosos, segundo Oliveira e Marcondes (2004), isso poderia significar que o feminismo perdeu muito de sua força e expressão, ainda que alguma atividade se mantenha. Esse movimento seria entendido, assim, como um *backlash*, ou seja, algo que se referiria a reações conservadoras, que estariam ressuscitando teses como a volta da mulher para casa, sob o pretexto de que, assim, elas poderiam criar mais adequadamente seus filhos, muitas vezes relegados ao cuidado de terceiros em decorrência da ampliação do emprego feminino.

Cabe assinalar aqui que a revista *Veja Rio* (CERQUEIRA & JANNUZZI, 2003) publicou uma reportagem de capa sobre maternidade e carreira, apresentando histórias de mulheres que optaram pela dedicação integral aos filhos e de mulheres que procuraram conciliar as duas esferas, dando ênfase a uma ou a outra, reforçando que não existe uma regra quando se trata de uma solução para tal questão.

Podemos também perceber essa dificuldade de optar por ser mãe em tempo integral ou tentar conciliar maternidade e trabalho no estudo de Grant (2001) que, em sua escuta clínica, observou que o trabalho aparece como o caminho imaginário da conquista, ou da reconquista, de um bem-estar perdido pelas mulheres que optaram por dedicar-se integralmente à maternidade. Assim, "preciso (voltar a) trabalhar" seria o denominador comum no discurso de muitas mulheres-mães.

Para esse autor, que tem uma abordagem psicanalítica, a maternidade estaria ganhando uma nova forma de ser encarada pela sociedade atual. Grant (2001) cita Miller (2001), que assinala a importância da mãe não ser "suficientemente boa", numa releitura da famosa expressão de Winnicott. A mãe só poderia ser suficientemente boa para este autor quando não o é em demasia, ou seja, se os cuidados dispensados ao filho não a desviam de ter outros desejos e aspirações na vida. Não sendo suficientemente boa, a mãe pode continuar buscando encontrar o significativo do seu desejo além do filho, que pode ser o homem para umas, o trabalho, para outras, ou ambos, dentre outras possibilidades de realização.

Pazello e Fernandes (2004) desenvolveram um estudo com o objetivo de mensurar o impacto da maternidade na vida da mulher. Para tanto, compararam o engajamento de mulheres com e

sem filhos no mercado de trabalho. Os resultados obtidos pelos autores apontaram para a existência de um impacto negativo da maternidade na participação da mulher no mercado de trabalho, mas que tende a diminuir no “longo prazo”, ou seja, à medida que os filhos crescem, a mulher tende a se voltar mais para o mercado. Em relação à jornada de trabalho, os autores observaram que as mulheres sem filhos apresentam maiores jornadas de trabalho do que as mulheres com filhos. Neste caso, no entanto, há uma variação que depende do número de filhos e que tende a ser maior no “longo prazo”. Por fim, no que diz respeito ao salário-hora recebido, no longo prazo, a taxa de salário-hora obtida pelas mulheres sem filhos pareceu não diferir daquela obtida pelas mulheres com filhos.

Azevedo e Arrais (2006) levantam a hipótese de que as pressões culturais sob as quais as mulheres exercem a maternidade, associadas ao sentimento de incapacidade em adequar-se à visão romanceada desse estado, acabam por trazer ansiedade, culpa e frustração, suscitando conflitos de identidade que predisporiam à depressão pós-parto. A mulher estaria aí expressando seu choque e desapontamento em não sentir toda a emoção e felicidade mostradas nos filmes, livros, igreja, brincadeiras de infância, propagandas e histórias de vizinhas e amigas. Isto se daria, segundo as autoras, porque as mulheres estão habituadas a uma cultura que proíbe a discussão sobre a ambivalência materna, sobre a coexistência de sentimentos ambivalentes comuns a muitas mães.

Dias e Lopes (2003), em um estudo realizado com mães de duas gerações distintas, observaram que a dedicação e o carinho pelo filho permaneceram como esquemas referenciais da maternidade em ambas as gerações, estando a maternidade apoiada na visão clássica da mãe ligada ao afeto. Por outro lado, as autoras também apontaram para a emergência de novos valores. Enquanto que as mulheres da geração mais nova percebiam suas mães como mais voltadas para os filhos, as mais jovens demonstraram preocupação em dedicar também um espaço para si próprias. Esse novo valor fez as autoras questionarem até que ponto o contexto histórico atual ainda privilegia um ideal de mãe dedicada, abnegada, preocupada e cuidadosa. As autoras concluíram que a maternidade ainda é vista como um fator fundamental e constituinte da identidade feminina. Contudo, as mulheres agora não são receptoras passivas de um modelo de maternidade já dado e no qual a maternidade estava exclusivamente relacionada ao instinto e ao sacrifício. As mães mais jovens enfatizaram a importância de sua realização nas atividades profissionais como uma parte significativa de seus projetos de vida,

o que foi, de algum modo, referendado por suas mães, que, muitas vezes, se ocupavam dos netos para auxiliar as filhas a implementar seus projetos de vida.

Podem-se observar hoje também muitos casos de adiamento da maternidade. Miettinen e Paaanen (2005) realizaram uma pesquisa com 724 jovens finlandeses sem filhos, com idades entre 28 e 34 anos, do sexo masculino e feminino, e os resultados apontaram para o fato de que a decisão sobre adiar a paternidade/maternidade está comumente relacionada ao nível educacional desses jovens. Quanto maior o seu nível educacional, maior a tendência a fazer um planejamento acerca de ter ou não filhos e de quando tê-los. A questão da segurança econômica foi importante para aqueles que queriam adiar a paternidade/maternidade, bem como para aqueles que não planejavam ter filhos ou que ainda tinham dúvidas sobre ter ou não filhos.

Parece que, mesmo com uma maior participação no mercado de trabalho e uma abertura maior para optar ou não pela maternidade, a mulher de classe média em nossa sociedade ainda necessita da maternidade para se sentir completa, já que isto dá a ela um sentimento de pertencer ao mundo feminino e leva a ocupar o lugar para ela reservado no âmbito sociocultural. Não ter filhos, seja por opção ou por algum tipo de impossibilidade, ainda implica, para grande parte das mulheres, não realizar todo o seu potencial, desviar-se da norma e instaurar uma significativa diferença. Desta forma, a maternidade, por permanecer como algo tão fundamental para a completude da mulher, faz com que a reorganização da identidade ameaçada, quando ela não pode ou não quer ter filhos, leve algum tempo para ser alcançada (MANSUR, 2003).

Várias pesquisas, inclusive, vêm apontando nessa direção. Massi (1992), por exemplo, identificou, em seu estudo, que o projeto pessoal de vida para a maioria das mulheres que dele participaram foi organizado tendo a maternidade como o elemento mais importante e estruturador de suas vidas. Além disso, as participantes referiram-se ainda à estruturação da família e da casa como algo buscado por elas.

Em seu trabalho, Paterna, Yago e Martínez (2004) também puderam perceber que a maternidade é para as mulheres uma importante experiência, que lhes permite estabelecer vínculos com outras mulheres e se perceber como um grupo homogêneo a partir de tal vivência, diferenciando-se de outros grupos de mulheres que não são mães, ou que vêm o

papel maternal como secundário. Mesmo as mulheres que não tinham vivido ainda a experiência da maternidade mantinham essa representação social idealizada de seu significado, isto é, apresentavam expectativas do que supunham ser a maternidade com base nos estereótipos construídos a esse respeito. É o que se poderia denominar de aprendizagem de um papel antes de se chegar a desempenhá-lo. Apesar disso, essas mulheres consideravam tanto a maternidade quanto a não-maternidade uma opção das mulheres e um direito pessoal de cada uma delas e, ao mesmo tempo, percebiam a condição de não mães como uma situação favorável, a despeito dela supor certa renúncia e ser vista mais como uma etapa de vida do que propriamente como um projeto de vida alternativo.

Souza e Ferreira (2005), em seu estudo, também concluíram que as concepções e representações tradicionais acerca da maternidade ainda desempenham um importante papel na configuração da identidade feminina. As autoras observaram em seu estudo que as mulheres pertencentes ao grupo de mães apresentavam, em média, uma auto-estima pessoal e coletiva significativamente maior do que a daquelas pertencentes ao grupo de não-mães, o que corrobora a idéia da importância da maternidade na vida das mulheres.

Em síntese, esses resultados nos levam a pensar que os estereótipos tradicionais, que atrelavam a maternidade à condição feminina, parecem ainda hoje exercer forte influência na construção da identidade feminina.

### 3.2. A OPÇÃO PELA NÃO-MATERNIDADE

A opção pela não-maternidade provoca o rompimento do modelo feminino tradicional, constituindo um fenômeno complexo e multidimensional. Sua compreensão requer a revisão das expectativas em relação aos papéis tradicionais, desfazendo, inclusive, o mito do instinto materno e aceitando que a vida das mulheres pode ter dimensões variadas, se a sociedade assim lhes apresentar e permitir e, principalmente, se a mulher assim o desejar. A mulher sem filhos ainda representa *a outra* (LEATHERBY, 2002) em nossa sociedade, já que o discurso social continua a valorizar a maternidade e a criança, mesmo que essa valorização não tenha sequer um suporte “científico”, como se acreditava antes.

Cabe fazer aqui uma reflexão sobre a terminologia utilizada na abordagem do tema da opção por não ter filhos. Em língua inglesa, os termos tradicionalmente utilizados eram “childlessness” e “childless” e, mais recentemente, também “childfree”. Segundo Gillespie (2003), a linguagem utilizada para definir o estado de não dar à luz a crianças existiu, portanto, durante muito tempo, apenas com o sentido de uma deficiência ou ausência, como nos casos da “infertilidade” ou da expressão “sem filhos”. Só mais recentemente é que o termo “childfree” (“livre de filhos”, em tradução literal) foi criado e tem sido usado preferencialmente por todos aqueles que enfatizam que não ter filhos pode ser uma escolha ativa e completa, não induzindo a uma noção de falta, perda ou deficiência (DEOLLOS, KAPINUS, 2002; PARK, 2005). Park (2005) complementa afirmando que alguns pesquisadores, ativistas e indivíduos envolvidos com a temática não gostam do termo “childfree”, vendo-o como artificial ou como reforçando estereótipos sobre o não gostar de crianças. Ela, inclusive, em seus estudos, fez uso de todas essas denominações, a fim de refletir essas diferentes perspectivas e respeitar a diversidade da preferência dos próprios participantes. Em nosso trabalho, seguiremos o mesmo caminho desta autora.

Os motivos para se escolher ou não a maternidade podem estar ligados a inúmeras causas que, segundo Mansur (2003), seriam decorrentes do fato desta opção se encontrar no ponto de interseção do biológico, com o subjetivo e o social. Em sua pesquisa, cada uma das mulheres que dela participou chegou à opção de não ter filhos por caminhos distintos, como excluir essa possibilidade de imediato, manejar a questão, ou, ainda, adiar essa decisão indefinidamente até a maternidade se tornar impossível. DeOllos e Kapinus (2002) salientam esse último caminho, isto é, o de que, muitas vezes, adia-se tanto a maternidade que quando a mulher se dá conta não há mais tempo, ou a rotina sem filhos se torna tão confortável que as mulheres não querem mais tê-los, ou, ainda, a mulher, ou o casal, ganha um maior entendimento dos desafios de se criar uma criança ao ver os amigos que têm filhos, por exemplo, e, durante esse adiamento, decide não tê-los.

Numa direção semelhante, existem, segundo Ireland (1993 em BONINI-VIEIRA, 1997; WAGER, 2000), mulheres que pertencem à categoria das chamadas “transformadoras”, formada por uma minoria de mulheres que, sem esforço e incertezas, rejeitam precocemente o papel materno, já que em sua opção de vida não há lugar para filhos. Em um espaço intermediário se situam as chamadas mulheres “transicionais” ou “adiadoras”, que, por uma série de razões, não fizeram uma opção definitiva, não afirmaram categoricamente que jamais

se tornariam mães, mas que foram adiando a maternidade até que se tornou muito tarde para ter filhos. Finalmente, há as mulheres “tradicionais”, isto é, aquelas que não tiveram filhos devido à infertilidade.

É importante reconhecer, segundo Letherby (2002), que não ter filhos de forma voluntária ou involuntária nem sempre constituem estados distintos. Para a autora existe um continuum de escolha parental e, enquanto alguns indivíduos podem se situar claramente em um ou outro lado do continuum, outros indivíduos se situam mais ao meio, ou então a sua visão a esse respeito vai mudando ao longo do tempo. Sendo assim, para alguns, não ter, voluntária ou involuntariamente, um filho é uma parte chave da identidade, enquanto que, para outros, o status e a experiência desse aspecto de suas vidas é mais fluido e variável e está relacionado a outras experiências e status.

Para finalizar essa questão sobre as diferentes possibilidades de se nomear as mulheres que optam por não ter filhos, Bartlett (1994 em LETHERBY, 2002) faz uma afirmação que nos parece bastante pertinente, a de que é mais fácil dizer que a mulher nunca se decidiu por ter um filho do que dizer que ela decidiu não ter um filho.

Apesar de tratarem mais especificamente da questão da infertilidade, Trindade e Enumo (2002) trazem contribuições interessantes para o nosso estudo. As autoras, ao apresentar as justificativas dadas pelas participantes de sua pesquisa para o fato de considerarem não poder ter filho *um problema para a mulher*, evidenciaram o seguinte: em primeiro lugar, em 52,1% das respostas, aparece a categoria *Naturalização*, na qual estavam incluídas as falas que indicavam tanto a ótica do natural/biológico, como as que se referiam à naturalização do valor social da maternidade. Além dessas, apareceram, entre outras respostas, aquelas que foram incluídas na categoria *Estigma*, e que faziam referência a sentimentos ou à percepção de inferiorização e/ou que continham adjetivações pejorativas, e as falas que se referiam a um sentimento de tristeza, frustração e solidão, ou que indicavam a necessidade de um filho para a mulher não ficar sozinha, e que foram incluídas na categoria *Sentimentos*.

*Para o homem*, por outro lado, os problemas acarretados pelo fato de não ter filhos, citados pelas participantes do estudo, foram agrupados por Trindade e Enumo (2002) nas seguintes categorias: *Ciclo Natural*, que incluía respostas que indicavam a paternidade como uma etapa do processo de desenvolvimento masculino (diferente da maternidade, que era vista como

algo presente desde a mais tenra idade e não como algo a ser desenvolvido); *Ameaça à Virilidade*, isto é, falas que se referiam à paternidade como uma demonstração de potência sexual ou à incapacidade de ter filhos como um acontecimento que põe em dúvida a sua virilidade; e *Sentimentos*, que se referiam a falas sobre sentimentos de tristeza, frustração e revolta. Apesar de alguns sentimentos apontados pelas participantes serem os mesmos para homens e mulheres, chama a atenção o fato de que o medo da solidão e a presença dos filhos como garantia contra isto não estava presente na visão delas acerca dos homens que não puderam ter filhos.

A afirmação de que a infertilidade não é problema para a mulher ocorreu com baixa frequência. As justificativas dadas para isso, ao mesmo tempo que mostram resistência aos modelos tradicionais, quando se reportam ao fato de que isso dá à mulher maior liberdade e abre para ela a possibilidade de se dedicar a outros interesses, reforçam também uma adesão a estes mesmos modelos, quando situam a solução para o problema na busca de técnicas de reprodução assistida, o que, de certa forma, é contraditório. Para as autoras, concretiza-se, assim, a função opressora dessas técnicas, que podem não estar libertando a mulher de um destino, mas, ao contrário, aprisionando-a cada vez mais ao "destino natural" da maternidade, principalmente quando se verifica que estes recursos só são apontados quando está em pauta a infertilidade feminina.

Em relação às técnicas de reprodução assistida, diferentes trabalhos apontam para o paradoxo que a introdução e ampliação do uso dessas técnicas trazem para as mulheres em relação à opção pela concretização ou não da maternidade. Além de Trindade e Enumo (2002), outros autores, como Arán (2003), Tain (2005), Braga e Amazonas (2005), trazem contribuições importantes para a discussão sobre o tema.

Arán (2003) pontua que a medicalização e a legitimação dessas práticas permitiram às mulheres programar suas vidas, exercer sua vida profissional e também a própria maternidade de forma mais satisfatória. Porém, a autora chama a atenção para o fato de que aquilo que poderia constituir um uso positivo da medicina na escolha reprodutiva da mulher pode se transformar em uma certa submissão do seu desejo à intervenção médica. Nessa mesma direção, Tain (2005) questiona, em seu texto, se as tecnologias reprodutivas ajudam as mulheres a se libertar de certos limites cronológicos ou, ao contrário, contribuem para confiná-las ao destino maternal.



Braga e Amazonas (2005) complementam a discussão assinalando que as mulheres com dificuldade para engravidar e que são confrontadas com o desejo de ter um filho acabam tendo que parar para pensar nesse desejo, tendo em vista que, muitas vezes, a necessidade de uma criança provém da pressão social e não de um desejo da própria mulher.

O desejo de ter uma criança se sustenta no pressuposto de que isto é algo natural e próprio da mulher, o que legitima socialmente esta demanda, tornando-a incontestável e fazendo-se de tudo para atendê-la. Assim, também a produção independente parece significar uma tentativa de construir um novo lugar para a mulher, só que este novo lugar, em processo de construção, erigiu uma contradição, já que alcançou o seu intento através do traço identificatório mais tradicional do feminino na cultura, que é a maternidade (SZAPIRO & FÉRES-CARNEIRO, 2002; BRAGA & AMAZONAS, 2005).

Ainda a esse respeito, Almeida (1987) aponta para o fato de que o uso da tecnologia, dirigida a aspectos tão permeados de significação como a produção e a manutenção da vida, pode assumir um caráter não tão moderno, mas, antes, reforçar o antigo papel da Medicina, como exercida na época das práticas higienistas do século XIX, de construção de significados em torno da maternidade. A autora afirma que, mais uma vez, é o discurso do especialista (médicos, psicólogos, entre outros) que auxilia a família, em especial, as mulheres, diante das novas alternativas de relacionamentos e de constituição subjetiva que surgem.

Para Almeida (1987), a atitude dos especialistas conteria, assim, na verdade, um padrão disciplinador sutil. A ideologia alternativa se confunde com a crença na aquisição de modalidades de liberação frente aos antigos valores e condutas, apesar de permanecer em um campo rigorosamente disciplinar. O que lhe confere esse “ar de novidade” é que suas estratégias de controle e convencimento são percebidas como concernentes *ao desejo do próprio sujeito*, favorecendo grandemente a adesão a essas normativas.

De acordo com Giddens (2002), a intromissão dos sistemas abstratos, especialmente desses sistemas especializados, nos aspectos da vida cotidiana solapa as formas anteriores de controle local, desqualificando a vida social, acabando por tornar-se um fenômeno alienante e fragmentador do eu.

Voltando ao tema da opção pela não-maternidade, cabe mencionar que diferentes trabalhos internacionais trazem contribuições significativas a esse respeito para nosso estudo, mostrando que esta é uma questão presente mesmo nos países mais desenvolvidos, onde o número de filhos por casais é menor e o número de casais sem filhos é maior do que nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

Ireland (1993 em SOUZA & FERREIRA, 2005) chama a atenção para a existência de mitos comuns relacionados às mulheres que não têm filhos e que precisam ser derrubados através de uma nova concepção de maternidade que inclua a abertura de outras escolhas para as mulheres, capazes de lhes proporcionar diferentes formas de crescimento pessoal e permitir a construção de uma identidade própria. A identidade feminina, para a autora, deve ser vista como um construto complexo que envolve muitos outros fatores além da maternidade.

Morrisette e Spain (1991) criticam a literatura em psicologia e sociologia relativa a casais e mulheres que optaram por não ter filhos, apontando para a presença nessas investigações de um viés de avaliação e julgamento calcado na idéia de normalidade e sugerem, em contrapartida, abordagens mais descritivas e compreensivas do tema. As autoras concluem que, muitas vezes, foram feitas generalizações indevidas que não correspondem à realidade das mulheres sem filhos, uma vez que essa problemática escapa, inclusive, a uma concepção linear, de causa e efeito. Não houve, assim, segundo elas, muitas vezes, na literatura, uma preocupação em contemplar os componentes socioculturais aí envolvidos, priorizando-se as características intrapsíquicas das mulheres, que estariam, nesses estudos, muito associadas a um estado de imaturidade ou até de patologia.

Para Morell (2000), as experiências de mulheres heterossexuais intencionalmente sem filhos são comumente entendidas e nomeadas de maneira errônea. Mulheres que não tiveram filhos são “medidas” segundo o modelo idealizado de maternidade e, assim, são vistas como deficientes. Isso cria uma grande confusão para as mulheres e reduz suas opções reprodutivas, pois uma vida sem filhos não é conceituada como uma opção viável ou atraente. Há uma falta de interesse sobre as experiências subjetivas dessas mulheres, que poderiam validar a não reprodução como um objetivo ou um estado igualmente válido e viável.

A autora apresenta duas experiências (*the wavering no* e *the saving no*) que são comuns a mulheres que não tiveram filhos. A primeira está relacionada a momentos de questionamento

da direção tomada. A ambivalência apresentada por essas mulheres é comumente mal entendida e mal nomeada como *arrependimento*, mas, segundo a autora, é comum que as mulheres tenham esses momentos de hesitação, mesmo aquelas mulheres mais decididas. Esses momentos podem acontecer a qualquer tempo, em qualquer idade e sem alarme. Mas alguns padrões podem ser discernidos, como, por exemplo, durante momentos de transição, em que a vida se torna chata, estagnada e a mulher se sente sozinha. É fácil entender porque isso acontece, já que nos encontramos em uma cultura em que a criança é apresentada como garantia de alegria e satisfação e onde outras opções e identidades positivas para as mulheres são escassas. Existem, ainda, os momentos de transição por perda, pois uma criança pode representar, especialmente para as mulheres, uma esperança de segurança permanente, uma relação que a protege do isolamento e da solidão. Em sua pesquisa, as entrevistadas reconheceram que uma criança é fonte de prazeres únicos, assim como fonte de grandes responsabilidades e trabalho. O sentimento que descreveram, portanto, não é de arrependimento, mas, antes, do reconhecimento de que perdas serão sentidas se permanecerem sem filhos.

A outra experiência (*the saving no*) diz respeito à experiência subjetiva de abertura e liberdade possível em uma vida sem filhos. A maioria das mulheres sem filhos aponta a liberdade como a principal razão de sua recusa à reprodução. Elas se sentem liberadas das preocupações e responsabilidades que a maternidade envolve e, assim, prontas para usar sua energia emocional e tempo perseguindo o que é importante para elas, seja o trabalho profissional, sejam esforços criativos, compromissos civis ou atividades de lazer.

A autora mostra que uma onda pró-natalista apareceu há duas décadas (mais ou menos nos anos de 1980) e que esta cultura trouxe um paradoxo fundamental, o de que poderosas crenças sobre o lugar apropriado para as mulheres coexistem com crenças politicamente poderosas e institucionalizadas sobre quem deveria se tornar mãe e sob que circunstâncias. Para a mulher branca, heterossexual, saudável e de classe média, uma constante expansão de tecnologias reprodutivas e caminhos legais de parentalidade criam opções e oportunidades. Para as mulheres sem tais privilégios, nem o consenso popular nem as políticas sociais dão suporte a seus sonhos de se tornarem mães e tampouco a seu trabalho atual como mães.

Daniluk (1999), por sua vez, aponta para o aspecto problemático de a sexualidade e as escolhas reprodutivas das mulheres serem controladas e sofrerem constrangimentos pela

continuada perpetuação do mito cultural de que todas as mulheres “deveriam querer” se tornar mães, e de que a maternidade representa a satisfação pessoal e sexual última das mulheres.

O foco de seu trabalho foi explorar as implicações desse imperativo biológico, social e simbólico para as mulheres que não se tornam mães. A autora começa com uma discussão sobre os contextos religioso, social e político nos quais as mulheres devem negociar seus desejos e escolhas reprodutivas e segue discutindo como a forte ligação entre sexualidade, maternidade e feminilidade na nossa cultura pode ser problemática para essas mulheres, apesar de as conseqüências de não ter filhos poderem ser ainda mais extremas para mulheres de culturas fortemente tradicionais, cujas opções de papéis são muito limitadas e cujo valor e mérito são julgados primordialmente com base em suas habilidades reprodutivas.

Porém, num mundo não tradicional e no qual a maioria dos adultos tem filhos, mulheres que não são mães experimentam uma sensação de marginalização, de ser o “outro”, o “diferente”. Assim, mulheres e homens acabam por, necessariamente, se voltar para os discursos correntes dominantes para entender o que é esperado deles, o que é normal, e para dar sentido a seus sentimentos e comportamentos.

De acordo com Giddens (2002), o mundo das “aparências normais” é composto pelas rotinas que os indivíduos seguem, constituindo sua vida dentro do que é considerado “normal” e “previsível”. A normalidade é manejada na atividade social.

Segundo a revista *The futurist* (2002), até mesmo grupos de suporte para solteiros ou casais sem filhos apareceram nos EUA. Alguns deles surgiram em resposta à barreira pró-natalista que os sem filhos enfrentam. Um desses grupos se chama “Sem filhos por opção” e fornece leitura de materiais, aconselhamento profissional, informações sobre direitos legais e mesmo sugestões de filmes e programas de televisão que refletem o ponto de vista dos “livres de filhos”. O grupo “Zero Population Growth”, apesar de não ser um grupo de suporte, encoraja ativamente as pessoas a não terem filhos, devido a uma preocupação com o meio ambiente.

Mantovani (2007) aponta o livro *No Kid: Quarante Raisons de Ne Pas Avoir d'Enfant*, da psicanalista suíça Corinne Maier, de 44 anos, no qual a autora reuniu 40 motivos para convencer alguém a não ter filhos. Segundo Mantovani (2007), quase todas as mães conhecem meia dúzia dessas razões, mas raramente as dizem em voz alta. Entre as razões que

aparecem no livro está o fato dos filhos significarem um gasto muito grande de dinheiro, acabarem com o desejo entre o casal e afastarem os pais dos amigos, além de mencionar o desapontamento que as crianças causam aos pais. As razões passam ainda por questões físicas, como o parto, que é visto como uma tortura, e o fato da mãe tornar-se uma mamadeira ambulante. Além disso, o livro aponta também questões ecológicas, uma vez que a população do planeta está cada vez maior.

Alguns desses estudos buscam observar o bem-estar psicossocial de indivíduos ou casais com ou sem filhos. Contudo, cabe aqui chamar a atenção para o fato de que os estudos assinalam que uma série de variáveis pode influenciar seus resultados, uma vez que não há uma simples relação causal entre ter ou não filhos e o bem-estar psicossocial das pessoas. Entre essas variáveis cabe aqui apontar para o caráter voluntário ou não da não-maternidade/paternidade, o gênero, o status marital, o nível sócio-econômico e educacional, entre outros. Vamos, agora, apresentar alguns exemplos desses estudos.

No estudo realizado por Jeffries e Konnert (2002), as autoras estabeleceram comparações dos arrependimentos e do bem-estar psicológico de 72 mulheres de meia idade e de mulheres mais velhas, que voluntariamente optaram por não ter filhos, que involuntariamente não tiveram filhos ou que são mães. As comparações entre os grupos indicaram que, quando comparadas com as mulheres que involuntariamente não tiveram filhos, as mulheres que voluntariamente não tiveram filhos apresentam níveis mais elevados de bem-estar geral, mostram-se mais autônomas e com maior domínio ambiental e têm menos probabilidades de se arrepender por não terem tido um filho. Não houve diferença significativa entre o grupo de mães e o de mulheres que optaram por não ter filhos no que diz respeito ao bem-estar geral.

Para Koropecj-Cox (2002), os benefícios para o bem-estar psicossocial estão muito mais condicionados a uma boa qualidade do relacionamento estabelecido entre pais e filhos do que ligados ao fato de se ter ou não filhos. Assim, a solidão e a depressão são encontradas também entre os pais/mães quando há falta de um bom relacionamento com o(s) filho(s). Em relação às mulheres da pesquisa, objeto de maior interesse para o nosso trabalho, aquelas que pareceram mais deprimidas e solitárias foram as mulheres que não tiveram filhos involuntariamente e as que tinham uma relação ruim com seus filhos. Já as que apresentaram as melhores condições psicossociais foram aquelas que tinham um bom relacionamento com os filhos e aquelas que optaram por não ser mães.

Houseknecht (1979) analisou quatro fatores para avaliar o ajustamento/satisfação no casamento de mulheres que voluntariamente não tiveram filhos e mulheres mães: consenso, coesão, satisfação e expressão afetiva. A autora considerou ainda três elementos que serviram de base para a comparação feita: condições de educação, emprego e religião. Os resultados da pesquisa revelaram que a mulher que optou por não ter filhos teve escores mais altos no ajustamento geral, mas que essa diferença não era uniforme para os quatro fatores analisados. O que obteve escores mais elevados foi a *coesão*, ou seja, essas mulheres se engajam mais em outros interesses junto com seus maridos, há uma troca mais freqüente de idéias estimulantes entre o casal, o casal discute mais calmamente qualquer questão e também trabalha junto em um projeto comum. Estes aspectos da coesão entre os membros do casal sem filhos vão ao encontro dos resultados obtidos por Callan (2005), assim como os resultados que dizem respeito a um maior *consenso* entre os membros do casal. O fato das mulheres que não tiveram filhos por opção terem apresentado maior ajustamento conjugal, pode, segundo a autora, não ser devido ao fato de ter ou não ter filhos simplesmente, mas sim aos outros elementos considerados, como religião, educação e investimento na carreira.

Twenge, Campbell e Foster (2003) afirmaram, em estudo por eles realizado, que os indivíduos que eram pais reportaram uma satisfação conjugal menor do que os que não eram pais, o que pode ser explicado como resultante dos conflitos de papéis e da restrição da liberdade ocorrida com o nascimento dos filhos.

Nomaguchi e Milkie (2003), em seu estudo, enfatizaram que os efeitos decorrentes do fato de se tornarem pais/mães variavam de acordo com o sexo e o status conjugal das pessoas. Apenas a integração social apareceu como sendo maior nos casais com filhos, independentemente do seu sexo ou status conjugal. Não houve diferenças em relação à auto-estima. Pais e mães não casados relataram menor auto-eficácia e maior depressão do que os que não tinham filhos, sendo que a depressão foi maior entre os homens. A vida das mulheres casadas foi marcada por mais trabalho de casa e mais conflitos conjugais, mas menos depressão do que a das mulheres casadas sem filhos. O status parental teve pequena influência na vida dos homens casados, que reportaram apenas ter um maior contato com parentes, amigos e vizinhos. As mulheres casadas e com filhos são as que desfrutam de maior integração social.

De acordo com DeOllos e Kapinus (2002), as pessoas estão vivendo cada vez mais e querem manter uma vida independente pelo maior tempo possível. Isso levanta algumas questões sobre a presença ou não dos filhos, muitas vezes vistos como um suporte e uma segurança contra os problemas enfrentados na velhice. Segundo Koropecj-Cox (2002), por exemplo, as pesquisas sociais continuam a afirmar o valor da parentalidade como um importante investimento social e uma fonte potencial de apoio instrumental e emocional na velhice.

Alguns estudos, como os de DeOllos e Kapinus (2002), Jeffries e Konnert (2002), Glaser et al. (2006) e Wu e Hart (2002), enfatizam que uma das grandes preocupações apresentadas por indivíduos e casais sem filhos diz respeito ao futuro e ao suporte dado pelos filhos na velhice.

DeOllos e Kapinus (2002) afirmam que as pessoas sem filhos tendem a ter um nível educacional mais elevado, a viver na área urbana e a se dizer menos afiliadas a alguma religião. A maioria dessas mulheres tem um emprego e um maior envolvimento com a carreira, bem como uma rede social menos ampla. Apesar de ter um maior isolamento social, os indivíduos sem filhos tendem a fazer menos uso de instituições, como asilos, na velhice, contando com a assistência do marido/esposa.

Os resultados de Parr (2005) e Park (2005) também apontam para o fato de que mulheres com maior nível de escolaridade são mais propensas a não optar por ter filhos. Park (2005) complementa afirmando que a maioria das mulheres que optaram por não ter filhos está empregada em atividades profissionais e de gestão. Nos casais que optaram por não ter filhos, há também uma maior probabilidade de ambos os cônjuges estarem ganhando relativamente bem. Esses casais são mais propensos a viver em zonas urbanas, são menos religiosos, menos tradicionais nas orientações de papéis de gênero e menos convencionais.

O tema da opção pela não-maternidade e dos indivíduos e casais sem filhos não é tão estudado no Brasil como em países estrangeiros. Porém, existem algumas pesquisas muito interessantes e também um crescente interesse da mídia pelo tema, que começa a aparecer em reportagens de diferentes revistas e jornais. Passaremos agora a apresentar algumas delas.

Em relação a estudos e dados sobre a população brasileira, podemos citar Goldenberg (2003), que realizou uma pesquisa – na qual aplicou dois questionários a 1279 indivíduos, homens e mulheres, na faixa de 20 a 50 anos, moradores da cidade do Rio de

Janeiro, de classe média, estudantes universitários ou com o terceiro grau completo –, em que focalizou, entre outras questões, as representações sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, os modelos ideais de casamento e as diferentes experiências de relacionamento afetivo-sexuais. Um resultado que chamou nossa atenção foi o fato de o papel dos filhos no modelo ideal de casamento ter tido pouco destaque nas respostas desses entrevistados. Poucos homens e mulheres responderam que um modelo ideal de casal deveria incluir filhos e alguns, inclusive, destacaram que o modelo ideal deveria ser sem filhos.

Bonini-Vieira (1997), por sua vez, realizou uma pesquisa com dez mulheres de classe média da cidade do Rio Janeiro que optaram por não ter filhos. A autora apontou para o fato dessas mulheres tentarem justificar a escolha feita, o que normalmente não acontece com as mulheres que optam por ser mães, inclusive porque ninguém pergunta às mulheres por que quiseram ser mães. Outro dado interessante presente na fala das mulheres por ela entrevistadas está ligado à prática do aborto, interrompendo as gestações não desejadas e apontando para a negação da maternidade em ato. A autora conclui afirmando que, em suas falas, as mulheres entrevistadas desconstruíram uma série de estereótipos sobre as mulheres que optam por não ser mães. Entre eles, pode-se mencionar o que diz respeito ao fato de que as mulheres que não têm filhos são egoístas, não gostam de criança, são consideradas e/ou se consideram mulheres inferiores ou menos mulheres, e o de que, no futuro, elas acabarão por se arrepender da opção feita. Cabe ressaltar, ainda, que as entrevistadas questionaram a existência de um instinto materno.

Em estudo anteriormente por nós desenvolvido (BARBOSA & ROCHA-COUTINHO, 2007), algumas conclusões semelhantes foram encontradas. Segundo nossas entrevistadas, a feminilidade pode ou não incluir a maternidade, ou seja, realizar-se como mulher não passa obrigatoriamente por ser mãe. Nossas entrevistadas que optaram por não ter filhos afirmaram estar plenamente felizes e satisfeitas com a decisão tomada, não se sentindo incompletas nem inferiores por isso. Assim, podemos dizer que algumas mulheres atualmente começam a desconstruir antigos determinismos sociais, conseguindo impor suas opções pessoais sobre essas exigências ainda tão fortemente presentes no discurso social.

Também em uma reportagem de 2005, a revista *Época* (LIMA, 2005) publicou um retrato do brasileiro dos centros urbanos do país, reunindo levantamentos realizados nos três anos anteriores por diversos institutos em grandes centros urbanos, entre os quais o Rio de Janeiro,



e recorrendo a estudos comparativos com outros países. A reportagem chamou a atenção para o fato de que o número de casais que não se importam em ter filhos, a partir desses dados, já supera o dos que só consideram completa uma família com crianças. Na faixa dos casais com até sessenta anos, apenas 46% acham que um casal precisa gerar descendentes. A reportagem assinalou, inclusive, que a média atual no Brasil é de dois filhos por casal, semelhante ao que acontece nas famílias americanas, apontando para o fato de estar acontecendo uma diminuição do número de filhos por casal, e, em consequência, para a diminuição da família brasileira.

A revista *Veja*, em reportagem que tinha como título “Felizes e sem herdeiros” (BLANC, ALVARENGA & MARTINS, 2005), apresentou os dilemas de vários casais (cada vez em maior número) quando se trata da opção por ter filhos. A reportagem é composta de histórias diferentes, que envolvem casais que optaram por não ter filhos, casais que adiaram a decisão por anos até optarem pela paternidade/maternidade, casais que, de tanto planejar, acabaram não tendo filhos, mulheres solteiras que optaram por não ter filhos e casais que, após ter o primeiro filho, pensam na opção de ter ou não um segundo. A reportagem apontou para o fato de que o universo cultural brasileiro não é mais o mesmo dos tempos em que quem não tinha descendentes chegava até a ser discriminado na sociedade, aproximando-se agora do padrão europeu, em que ter filhos deixou de ser inevitável, o que não significa, no entanto, que tenha desaparecido a pressão, principalmente por parte dos familiares, para que o casal tenha filhos.

O caderno *Jornal da Família*, de *O Globo*, do dia 29 de Setembro de 2002 (CEZIMBRA & ZARONI, 2002), apresentou uma reportagem intitulada “Contagem Regressiva: ter filhos é um dilema emocional para mulheres de trinta”, cujo título já aponta para o fato de que a decisão de ter ou não filhos, atualmente, envolve um questionamento, algo que antes era inconcebível. A reportagem apresenta o investimento na carreira, uma vida com maior liberdade, a busca de um parceiro, e a segurança emocional como fatores que pesam na hora da mulher tomar a decisão de ter ou não um filho.

Também na Internet é possível encontrar material sobre o tema da opção pela não-maternidade, como pode ser visto no artigo que chama atenção pelo seu título “Adoro ser titia!”. O texto aponta para o aumento do número de mulheres que fazem a opção por não se tornarem mães e questiona, inclusive, a mulher “parideira”, ou seja, aquela que tem filho, mas que nunca está presente na criação e educação deste (FERRARO, 2005).

Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), inclusive, em seu artigo, apontaram para o fato de que muitos desses fatores, como o trabalho, a estabilidade financeira e o encontro de um parceiro, apareceram como essenciais para que as mulheres entrevistadas em seu estudo adiassem a maternidade ou optassem por não ter filhos. Esses resultados e reportagens podem ser um indicativo da complexidade com que o fenômeno da maternidade se apresenta na atualidade. Antes vista como uma consequência inevitável do casamento, parece que hoje ela é encarada mais como uma opção, que envolve diferentes fatores.

A pressão social e o preconceito sofridos pelos que fazem a opção por não ter filhos foram estudados por Rios e Gomes (2007). Segundo os resultados das autoras, todos os casais estudados relataram que sofrem ou já sofreram pressão social ou que já se sentiram estigmatizados em razão da escolha feita. Entretanto, se esta escolha envolvia pouco conflito e uma adequada vinculação entre o casal, a pressão não foi sentida como um peso. Por outro lado, se a escolha se mostrou mais conflituosa, a pressão social foi sentida de maneira mais persecutória.

Apresentamos aqui algumas reportagens – apenas algumas, de uma série que pode ser encontrada em jornais e revistas como mencionamos anteriormente –, pois acreditamos ser interessante enfatizar que esse assunto é constantemente apresentado e discutido na mídia, que é mais acessível à população em geral, fato que nos leva a acreditar na atualidade do tema. Cabe, aqui, assinalar também que muito ainda necessita ser estudado acerca desse tema, cotidianamente enfrentado por milhares de mulheres brasileiras, para que melhor possamos entender não apenas a opção de muitas mulheres pela não-maternidade como também a influência e a importância dessa opção para a construção da identidade feminina na contemporaneidade.

Podemos dizer que, apesar de importantes transformações terem ocorrido no papel e na posição da mulher, é preciso não superestimar a profundidade dessas mudanças, como aponta Rocha-Coutinho (1994, 2004). Segundo a autora, na prática, o que se observa é que o discurso social, apesar de ter incorporado novos papéis à identidade feminina e de ter, até certo ponto, questionado a doutrina da maternidade como essência, mudou muito pouco a sua definição de mulher. A antiga identidade feminina apenas se ampliou para incorporar os novos papéis femininos. Como também aponta Biasoli-Alves (2000), as práticas e atitudes apenas parecem assumir hoje uma outra roupagem. Uma análise mais aprofundada da questão nos mostra,

segundo a autora, que a maneira de pensar certas questões ainda se encontra muito presa aos antigos padrões de feminilidade.

### 3.3. COMO CONVIVER COM DIFERENTES POSSIBILIDADES

Negreiros e Féres-Carneiro (2004) assinalam que um considerável número de estudos psicossociais realizados com segmentos médios urbanos atesta a convivência, no interior dos sujeitos, de representações tradicionais e modernas, a despeito da aparente substituição de modelos antigos por novos, sejam esses modelos relativos à maternidade, à família, aos papéis sexuais, ou às identidades femininas e masculinas.

No modelo antigo, os dois sexos são concebidos como diferentes do ponto de vista biológico, psíquico e social. As identidades masculinas e femininas são demarcadas com precisão, isto é, o que cabe a um exclui o outro, quer em termos de comportamentos, de atitudes ou de sentimentos. O modelo novo é marcado pelo individualismo e as fronteiras entre as identidades dos dois sexos são fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação (NEGREIROS & FÉRES-CARNEIRO, 2004).

É interessante observar que essas mesmas autoras verificaram que os ideais e as expectativas igualitárias veiculados pelos novos modelos de casamento e família parecem ter sido mais absorvidos pelas mulheres do que pelos homens. Porém, a mulher parece viver o paradoxo de uma terceira opção de modelo, idealizada e inacessível, já que os dois modelos anteriores – a fixidez e a fluidez das identidades femininas e masculinas – não foram totalmente aprovados, ainda que, nem o primeiro tenha sido vivido em seu formato original – devido às transformações ocorridas –, nem o segundo tenha conseguido se instalar efetivamente – os novos papéis da mulher como geradora de renda não foram, por exemplo, acompanhados por novas atribuições domésticas por parte dos homens, no cotidiano.

Como exemplo, podemos citar os dados da Fundação Carlos Chagas (2002), que mostram que as mulheres seguem sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e pelo cuidado com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas. Segundo esses dados, os homens gastam nessas

atividades, em média, 10,6 horas por semana enquanto que as mulheres dedicam a elas 27,2 horas.

Também segundo pesquisa do IBGE, publicada no jornal *Folha de São Paulo* (2006), a desigualdade entre homens e mulheres no exercício das tarefas domésticas é flagrante. Em 2005, 51,6% dos homens que trabalhavam também relatavam fazer tarefas domésticas. Entre as mulheres, esse percentual era de 92%.

Podemos encontrar, ainda, essa realidade desigual no estudo de Oliveira e Marcondes (2004), que apontou para o fato de que a emancipação feminina tem sido muitas vezes entendida como o acréscimo da condição de provedora ao papel tradicional de cuidadora. Ao mesmo tempo, os homens estariam se eximindo cada vez mais das responsabilidades tidas como masculinas, retraindo-se ou acomodando-se frente ao preenchimento desse espaço pela mulher. Suas entrevistadas reconheceram que, na verdade, as mulheres têm acumulado muito mais as responsabilidades do que dividido com o parceiro.

De acordo com os resultados obtidos por Kemkes-Grottenthaler (2003), em sua pesquisa com mulheres que trabalhavam em uma universidade na Alemanha, ao serem perguntadas se achavam que era mais fácil para um homem do que para uma mulher equilibrar sucesso na carreira e vida familiar, 61% das mulheres entrevistadas concordaram que sim. Houve, ainda, uma diferença marcante entre as falas das entrevistadas que estavam adiando a maternidade e as daquelas que rejeitaram a maternidade – 70% das primeiras e apenas 53,3% das segundas estavam de acordo com essa tentativa de conciliação, ou seja, as mulheres do primeiro grupo pareciam inclinadas a dar uma maior ênfase ao problema de equilibrar carreira e família.

Rocha-Coutinho (2004) apontou, em pesquisa realizada com estudantes universitárias, que uma das formas encontradas por suas entrevistadas para conciliar o antigo discurso sobre o feminino com o discurso mais moderno foi situar as questões em termos de “escolhas pessoais”. Isto é, de acordo com essas universitárias, as pessoas não mais precisam se submeter a papéis pré-estabelecidos, mas, antes, têm liberdade para escolher. Este ponto aparece, inclusive, na decisão de ter ou não filhos, uma vez que outras opções e necessidades estariam abertas atualmente para a mulher. Mas a opção das entrevistadas foi, geralmente, pelo meio termo, numa tentativa de conciliação entre os dois modelos, um mais tradicional,

que identificava feminilidade e maternidade, e outro mais modernizante, que abria o leque de escolhas possíveis para as mulheres.

Porém, como assinala a autora, esse discurso da “escolha” parece situar a mulher diante de impasses que não são por ela percebidos como tal, levando-a a buscar, de forma individual, e não através de soluções sociais, uma vivência “harmoniosa” de todas essas suas múltiplas atribuições, o lar, a família, o trabalho e a carreira profissional, entre outras.

É possível, portanto, pelo menos no plano do discurso – pois, como já exposto, estas mudanças parecem ainda se situar muito mais no plano do discurso e de atitudes desejadas do que no das atitudes efetivadas –, que a mulher opte por não ter filhos, ou mais, que acredite que este é um direito seu, até porque a maternidade, nessa visão idealizada que ainda sobrevive, implica numa disponibilidade muito grande por parte da mulher. É interessante observar, no entanto, que a maioria das entrevistadas do estudo de Rocha-Coutinho (2004) afirmou ser a maternidade sua escolha pessoal, mencionando, inclusive, a impossibilidade de sua realização sem filhos.

As razões pelas quais as mulheres permanecem sem filhos envolvem a complexa questão da escolha – mais ou menos consciente, deliberada e aceita – e da construção de sentidos e atribuição de significações pessoais para essa escolha, para os fatos relacionados a ela, e, inclusive, para as aparentes incoerências desses fatos (MANSUR, 2003). Esta concepção sobre a escolha aproxima-se da de Bonini-Vieira (1996). A autora aponta que este termo deve ser entendido como uma prática que foi sendo reafirmada ao longo da vida diante de eventos circunstanciais, ou seja, como um conjunto de escolhas que conduziram a uma direção.

Como aponta Rocha-Coutinho (2004), parece fazer parte do imaginário moderno a não definição de um padrão. As escolhas aparecem como se fossem pessoais e desvinculadas do contexto social. Assim, antigos padrões são escolhidos com a ressalva de que esta é uma opção pessoal e de que cada um deve escolher aquilo que melhor lhe convém.

Giddens (2002), inclusive, pontua que momentos decisivos, como os momentos de escolha, são fases em que as pessoas podem recorrer a autoridades mais tradicionais e procurar refúgio em crenças preestabelecidas e em modelos familiares de atividade. Por outro lado, muitas

vezes, também marcam períodos em que o indivíduo deve parar para perceber as novas demandas, bem como as novas possibilidades que surgem.

O autor aponta, ainda, que a vida atual está cada vez mais livre das externalidades associadas aos laços preestabelecidos com indivíduos e grupos. Os laços de parentesco foram as principais ancoragens externas da experiência do indivíduo na maioria dos contextos pré-modernos, ajudando a determinar e definir completamente as decisões que afetavam o curso dos acontecimentos durante toda a vida do indivíduo. Sem as referências externas fornecidas pelos outros, a vida surge como uma trajetória relacionada acima de tudo aos projetos e planos individuais.

Podemos pensar que o discurso da liberdade de escolha individual e a conseqüente falta de referências externas estão associados às novas mentalidades, já presentes na modernidade e que são exacerbadas na contemporaneidade, com o aumento do liberalismo e do individualismo. Como assinala Machado (2001), é o “código individualista” que, em grande parte, contribui para a responsabilização e autonomização dos indivíduos, bem como para sua dessensibilização em relação ao seu semelhante e ao seu pertencimento social.

Nas sociedades atuais, além do individualismo, a idéia de progresso e desenvolvimento apresenta o indivíduo como um projeto aberto a infinitas possibilidades nas quais o homem acredita poder se construir por si mesmo, para além dos constrangimentos sociais, e onde a crença na liberdade de escolha como valor, como formadora da idéia de indivíduo é o indicador de verdade do imaginário moderno. Qualquer constrangimento ou restrição ao exercício desta liberdade colocada pelo outro social é geralmente vivido com sofrimento e repudiado em nome da liberdade de escolha (SZAPIRO & FÉRES-CARNEIRO, 2002).

Segundo Petrini (2005), a liberdade, entendida como autonomia do sujeito, foi o ideal que mais intensamente influenciou a sociedade a partir da modernidade. O objetivo nesse tipo de sociedade é que cada um possa realizar as dimensões de sua personalidade e expressar sua subjetividade, abandonando as restrições impostas e as constrições das autoridades externas. Poderíamos nos questionar, aqui, como é possível que, em uma cultura individualista e de ausência de referências externas, como esta que há tempos vimos construindo e reforçando, ainda se apresente de forma forte essa pressão pela realização de ideais culturais como é o

caso, por exemplo, do exercício da maternidade e, mais do que isso, de uma maternidade que hoje se acredita socialmente construída?

Negreiros e Féres-Carneiro (2004) sinalizam que, na sociedade atual, fomenta-se a idéia de um sujeito auto-absorvido, competitivo, que acaba por adotar uma forma hedonista e materialista, procurando sensações prazerosas e imediatas. Será que aqui é possível estabelecer uma relação com a opção pela não maternidade? Isto porque a maternidade sempre esteve associada à idéia de sacrifício, abnegação, completo zelo e dedicação ao outro, algo que as mulheres não querem mais que faça parte de suas características e vidas. Cabe acrescentar a isso, como elemento facilitador dessa opção, a idéia de liberdade que a vida sem filhos traz para as mulheres, e que, como mencionado anteriormente, constitui uma das principais justificativas para a opção da mulher por não se tornar mãe.

Cabe, ainda, perguntar aqui: Será que o indivíduo, ao se considerar independente e autônomo com relação às injunções sociais, desenraíza-se das referências de filiação, e, assim, pode optar mais facilmente por não ter filhos? Não creio que possamos dizer que estamos livres de pressões sociais e nem que isso seja positivo na construção do que entendemos por sujeito, uma vez que a acepção primeira desta palavra é “submetido”, mas submetido a que ou a quem, nessa sociedade que se quer totalmente livre?

Não podemos negar, por exemplo, que, como assinala Arán (2003), está-se formando uma nova cartografia da relação entre os sexos. Porém, a questão da diferença entre os sexos é um tema que continua bastante complexo. Segundo a autora, duas teses se destacam no debate sobre ele:

A primeira, mais no campo da antropologia, considera que, embora as sociedades ocidentais contemporâneas tenham sofrido uma mudança considerável no que se refere à relação entre os sexos, o sistema sócio-simbólico, fundante da modernidade, não teria sido abalado por essas alterações. Para esses autores, a relação de hierarquia entre os gêneros permanece como estruturante das relações sociais atuais, sendo a dominação masculina uma premissa inabalável que continua sustentando e governando a ordem social. A segunda tese, mais no campo da história, ou mesmo da filosofia contemporânea, enfatiza a desconstrução da referência do sistema de oposições organizadoras do pensamento metafísico, e como consequência propõe a desconstrução da binaridade sexual. Assim, para esses autores, a condição pós-moderna se caracterizaria pelo apagamento das fronteiras identificatórias, o que permitiria uma circulação de desejos e

posições sociais em que não haveria mais diferença entre os sexos (p. 407-408).

De tudo isso, a questão que fica para Arán (2003) é se o deslocamento do feminino não seria necessário justamente para redefinir a relação entre os sexos. Sob seu ponto de vista, apesar de as antigas representações do feminino e do masculino ainda se materializarem nas formas das subjetividades atuais, o deslocamento provocado pelo feminino possibilitou uma abertura para a emancipação das mulheres do destino da “natureza”, do privado e da maternidade. Hoje o que se observa nas relações amorosas e no cotidiano é uma tentativa de se produzir novos arranjos de sociabilidade. Porém, essa tentativa não deve ser transformada em uma nova formatação.

Segundo Vaitsman (1994),

Também é um fato que a ruptura dessa dicotomia não anulou as diferenças entre a experiência e a vivência do cotidiano de homens e mulheres, enquanto um sexo – enquanto seres biologicamente diferenciados – e enquanto um gênero – enquanto seres social e culturalmente construídos a partir desta diferença sexual. As diferenças de gênero foram re-significadas e não eliminadas (p. 172).

Ao restabelecer as diferenças entre homens e mulheres, o discurso agora não as toma, enquanto parte do argumento, como base para a legitimação de hierarquias. Essa posição é fortalecida por Lipovetsky (1997), que, ao trazer o conceito de “terceira mulher”, apresenta uma mulher que quer ser diferente do homem, num contraponto a tempos remotos, quando a posição da mulher era prioritariamente depreciada – “primeira mulher” –, e ao ser o protótipo da mulher enaltecida – “segunda mulher”. Apesar do processo de igualdade democrática entre homens e mulheres, a mulher quer conciliar a autonomia conquistada – através da possibilidade de controle da contracepção e do reconhecimento de seu direito ao trabalho – com a feminilidade.

É possível considerar, então, que ainda estamos vivenciando uma transição entre dois momentos. Um, em que predominava uma visão de mundo marcada por dicotomias e certezas, e outro, em que a pluralidade, a heterogeneidade e a afirmação da individualidade seriam cada vez mais aceitas (VAITSMAN, 1994). Acreditamos que os comportamentos e o



discurso, ao incorporarem a coexistência de valores, sentimentos e idéias característicos destes dois momentos, vão refletir e se refletir na construção das novas identidades femininas.

A transformação da idéia de uma identidade feminina depende de uma reorganização da sociedade e também de uma reorganização interna das imagens de homem e mulher, sem a qual não é possível operar em nível social, havendo, assim, uma revisão das expectativas da sociedade. A transformação cabe também à própria mulher, pois é ela que, na transmissão cotidiana da ideologia e da sexualidade, em parte, também acaba perpetuando sua própria opressão e desvalorização, uma vez que é ela quem dirige, estrutura, organiza e até manipula o cotidiano no âmbito familiar e quem se encarrega de que as capacidades, condutas e hábitos sejam reforçados, executados e hierarquizados. Ao exercer uma ação socializadora, a família atua também como agência de transmissão e de reprodução ideológica (MASSI, 1992; BRUSCHINNI, 1990).

Rupturas, pequenas e lentas modificações, e continuidades são elementos presentes nas nossas sociedades e, portanto, são constituintes de nossos sujeitos, que se tornam “objetos” complexos, no que diz respeito a suas identidades e subjetividades, e devem ser compreendidos, enquanto tal, na multiplicidade de seus valores, comportamentos, sentimentos e discursos, inclusive em relação ao exercício da maternidade.

## **CAPÍTULO IV**

### **NOSSO ESTUDO**

#### **4.1. METODOLOGIA**

Com essas questões em mente, realizamos um estudo qualitativo, com um enfoque psicossocial, das dimensões atribuídas, por mulheres que optaram por não ter filhos, à maternidade e à não-maternidade. Para a obtenção dos dados, fizemos uso de entrevistas semi-estruturadas, que seguiram um roteiro previamente elaborado (em anexo). Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento das entrevistadas e posteriormente transcritas na íntegra. Para proceder à análise e interpretação dos dados, submetemos os textos resultantes da transcrição das entrevistas a uma análise de discurso, segundo categorias por nós estabelecidas a partir, em grande parte, da fala das próprias entrevistadas (ROCHA-COUTINHO, 1998). Foram as seguintes as categorias de análise por nós estabelecidas: Visão de Família e Maternidade, A Opção por Não Ter Filhos e O Que é Ser Mulher.

Optamos por usar a análise de discurso, pois acreditamos que, a partir do discurso das entrevistadas, é possível ter acesso a sentimentos, inferir ações e expectativas de comportamento e captar sistemas ideológicos subjacentes a ele, problematizando aquilo que parece natural e familiar. Como aponta Fairclough (2001), o discurso é o lugar privilegiado de manifestação da ideologia de uma sociedade na subjetividade de seus membros.

Assim, para a análise de discurso, linguagem e sociedade se constituem e se alteram mutuamente. Acreditamos, portanto, que o discurso das mulheres entrevistadas irá tanto refletir um discurso social mais amplo como constituir, reforçar ou modificar os modos de organizar e interpretar a realidade e as identidades que são aí constituídas (ROCHA-COUTINHO, 1998).

Para Mansur (2003), podemos atingir a experiência vivida pelo outro considerando-a em sua diferença e diversidade, respeitando a pluralidade de sentidos da narrativa. Magnabosco (2003) explicita que os testemunhos tornam possível uma diferenciação, uma individuação

alcançada pelas mulheres, o que derruba a idéia totalizante da existência da mulher (homogeneidade) e revela a existência de mulheres (heterogeneidade e pluralidades de enunciações). Não é possível imaginar um universal feminino, mas, antes, o feminino é cultural e plural. Seja através de narrativas, testemunhos, enunciações, o diferencial alcançado ao se trabalhar com a fala é que, através dela, temos acesso a uma multiplicidade de elementos constituintes das subjetividades e identidades das mulheres.

Acreditamos, com nosso estudo, estar colaborando para a discussão das manifestações do feminino na sociedade atual, de uma maneira mais ampla, e da visão acerca do papel e da importância da maternidade na vida das mulheres, em particular.

#### 4.2. GRUPO ESTUDADO

Foram entrevistadas oito mulheres brasileiras de classe média, residentes na cidade do Rio de Janeiro, com idades entre 20 e 60 anos, que optaram por não ter filhos, sendo que duas entrevistadas se situam dentro de cada faixa etária.

Jeffries & Konnert (2002) observaram que cerca de um terço das mulheres categorizadas pelos pesquisadores como *involuntariamente não mães* se auto-intitulam *não mães por opção*. As autoras propõem, então, a utilização da categorização a seguir. As mulheres devem ser consideradas voluntariamente sem filhos se derem uma destas razões: ela e o parceiro nunca terem desejado filhos; em um momento desejaram, mas mudaram de idéia; nunca era a hora certa ou a decisão foi adiada até que fosse tarde demais. As mulheres devem ser consideradas involuntariamente sem filhos se uma das seguintes razões for apresentada: impossibilidade física dela ou do parceiro; ela apresentou dificuldades de concepção ou de levar uma gravidez a termo; ela não usou contraceptivos e não engravidou; tentou, ou quis, adotar uma criança, mas não pôde fazê-lo; ou, finalmente, ela afirma que as circunstâncias fizeram com que fosse impossível ter filhos.

Neste trabalho fizemos uso da forma como a própria mulher se situa para incluí-la na categoria das mulheres sem filhos por opção, apesar de, posteriormente, ser possível perceber

em seu discurso algumas características que, segundo as autoras acima, não permitiriam essa inclusão.

Inicialmente, a proposta de trabalho era entrevistar mulheres casadas, para com isso obter um maior controle sobre a não presença de um parceiro como maior obstáculo à realização da maternidade. Porém, devido à dificuldade de encontrar mulheres que pudessem constituir as participantes da pesquisa, quer pelo fato de nenhuma das mulheres ter indicado outras que se encaixassem no perfil – algo que inicialmente pensávamos que fosse acontecer –, o estado civil das participantes não foi considerado em nossa escolha, o que acabou permitindo, inclusive, maiores possibilidades de análise das questões envolvidas na opção de não ter filhos. Também o fato de termos modificado a faixa etária inicial, incluindo mulheres na faixa dos 20 anos, talvez tenha contribuído para dificultar o acesso a mulheres com relacionamentos estáveis, uma vez que está acontecendo um adiamento da idade de casamentos ou uniões. Consideramos, assim, que a presença de um parceiro que seja visto pelas mulheres como um possível bom pai poderia ser um fator importante na escolha de se tornar ou não mãe.

O contato com as participantes se deu a partir da rede social da própria pesquisadora, isto é, através de amigos, colegas de profissão, entre outros, que conheciam mulheres que não queriam ter filhos.

A escolha por entrevistar mulheres de diferentes faixas etárias partiu da idéia de que a opção por ser ou não mãe está presente em diferentes momentos da vida da mulher, mesmo que trazendo questões diferenciadas dependendo do momento. Além disso, isto possibilita que se observe também se o fato das mulheres terem sido criadas em momentos históricos distintos as levaria a apresentar concepções diferenciadas acerca dessa opção.

Optamos por entrevistar mulheres dos setores médios, pois são elas que possuem mais condições de ir contra os ideais instituídos, já que têm maior acesso à informação, e também porque acreditamos que são elas que estão enfrentando as maiores dúvidas e conflitos em relação aos seus papéis na sociedade, uma vez que sua entrada no espaço público, além de ter sido fruto de uma escolha, foi mais recente. Acresce-se a isto o fato de que, de acordo com Massi (1992), nesses setores, o projeto social é muito depositado nos filhos.

Segue-se uma breve caracterização das entrevistadas:

- 1) Geísa<sup>4</sup>: 58 anos, casada<sup>5</sup> há 18 anos, aposentada, possui formação inicial em administração de empresas e comércio exterior e recentemente cursou fisioterapia;
- 2) Lúcia: 52 anos, divorciada, mora sozinha, assistente social, funcionária pública e professora. No momento está fazendo doutorado;
- 3) Denise: 46 anos, solteira, mora com a sobrinha, atua há três anos como psicóloga, mas durante muitos anos trabalhou em um banco. Seu investimento na carreira que escolheu é recente, portanto;
- 4) Adriana: 44 anos, solteira, é formada em desenho industrial e atua como designer de jóias em uma grande empresa do ramo;
- 5) Sandra: 39 anos, solteira, mora com a mãe e o padrasto e é psicóloga clínica. No momento está fazendo mestrado;
- 6) Cíntia: 36 anos, casada<sup>6</sup>, bióloga. No momento está fazendo doutorado;
- 7) Tatiana: 28 anos, solteira, divide apartamento com amigos e é médica. No momento está terminando a residência em psiquiatria;
- 8) Gabriela: 26 anos, solteira, mora com a tia e é psicóloga. No momento trabalha na área de recursos humanos e faz dois cursos de pós-graduação, um na área de gestão e outro na área clínica.

### 4.3. ANÁLISE DOS DADOS

#### 4.3.1. VISÃO DE FAMÍLIA E MATERNIDADE

Nesta categoria analisamos questões referentes a quem as participantes consideram como membros de sua família, que lugar a família ocupa em suas vidas e qual o papel da instituição familiar na sociedade atual. Além dessas questões, procuramos entender o lugar que a mulher ocupa no espaço doméstico, a visão das participantes sobre o que é ser mãe, qual o seu papel dentro da família, se há uma valorização desse papel pelas entrevistadas, em particular, e pela

---

<sup>4</sup> Os nomes das participantes foram alterados para se preservar a identidade das participantes, assim como outros dados que pudessem facilitar sua identificação.

<sup>5</sup> Apesar de não ter formalizado o casamento da maneira tradicional, ela se considera casada e mora com o companheiro há 18 anos.

<sup>6</sup> Apesar de não ter formalizado o casamento da maneira tradicional, ela e o marido assinaram um termo de união estável.

sociedade, de forma geral, se a mulher deve ou não investir em seu engajamento no mercado de trabalho juntamente com o investimento na maternidade, o que as entrevistadas entendem por instinto materno e como vêm a divisão de tarefas e cuidados com a casa e os filhos entre homens e mulheres. Assim, esta categoria foi dividida nas seguintes subcategorias: Visão e Papel da Família; Visão da Maternidade; O Instinto Materno; Maternidade e Trabalho; Opção por ser Mãe e Dona-de-Casa; Divisão das Tarefas Domésticas e Cuidados com os Filhos.

#### A. Visão e Papel da Família

Quando perguntadas sobre o que entendem por família, quatro entrevistadas consideraram como membros de sua família, além daquelas pessoas do núcleo familiar – ou seja, pais e irmãos –, membros da família extensa – como primos, tios e sobrinhos – e até mesmo pessoas de fora dessa família de origem, como é o caso de amigos, enfatizando, assim, a importância dos vínculos afetivos em sua visão de família:

Pra mim, não, pra mim família são aqueles que tão próximos de mim, aqueles que a gente desenvolve uma relação diferente, né, então, por exemplo, eu adoro minha irmã, mas conviver com meu cunhado é muito difícil, então, eu, eu, meus primos, eu sinto eles muito mais próximos de mim, eu sinto eles como minha família, pra mim eles são minha família, é diferente, entendeu, tem uma relação, então pra mim a família é a relação, podem ser até amigos, eu tinha uma amiga que pra mim era minha família, eu tinha uma relação muito mais íntima até do que com minha irmã às vezes (DENISE, 46 anos, solteira).

Mas no meu caso a minha rede de amigos que eu construí ao longo da minha vida é até mais importante do que a minha família de origem, porque eu não tenho mais pais ee, sou separada, não tenho filhos, meus irmãos cada um tem sua vida, então a minha família são os meus amigos (LÚCIA, 52 anos, divorciada).

Tanto que tem alguns amigos antigos meus, né, amigos, amigos mesmo, são os que eu fiz na época dos 14, entre os 14 e os 18 anos, esses eu guardo até hoje, em S. a gente sempre se vê, e eles foram incorporados à família, tanto que engraçado hoje mesmo eu liguei pra minha mãe e ela perguntou - e A? -, que é uma grande amiga minha – e a A. já teve filho? Quando ela vem aqui? -, ir almoçar lá na casa dela, porque são amigos antigos que foram meio que incorporados, então, amigo, família pra mim hoje acho que é um pouco isso, fora aquele porto seguro, continua sendo, e as pessoas que conhecem a minha história, né, eles me conhecem, como é que foi, né, os caminhos que eu segui, então isso é importante (...) Eu acho que quando eu penso o círculo de pessoas que eu gosto eu incluo essa minha família, né, de **sangue** como as pessoas falam, né, sangue, e as pessoas de convivência, tem pessoas de 20 anos de

convivência, né, que a gente conviveu na época de adolescência, que ia estudar na minha casa, dormir na minha casa e eu nas delas, que passou por aquelas coisas de adolescência junto, com a família, que a mãe só deixava sair se fosse comigo, ir pra algum lugar, ou a minha mãe só deixava se fosse com ela, e aí casaram, tiveram filho, e sempre, né, nessa relação com a minha família e com essas pessoas, então, acho que o círculo termina aumentando, né, é aquela velha história dos filhos dos seus amigos te chamarem de tia, né, é a tia C., né, então termina sendo (CÍNTIA, 36 anos, casada).

Porque, pra mim assim alguns amigos podem ser muito mais importantes do que pessoas da família minha família na verdade sempre foi meus pais e minha irmã, de vez em quando ia na casa de um tio, uma coisa, mas nunca teve muito (TATIANA, 28 anos, solteira).

A fala de Tatiana (28 anos, solteira) aponta para o fato de que ela foi criada voltada para o seu núcleo familiar, mas que desconstruiu isso, incluindo agora amigos em seu círculo familiar afetivo principal.

As entrevistadas que mostraram uma visão mais ampla acerca de família acreditam que essa visão pode sofrer influência do fato delas serem solteiras, como é o caso de Denise (46 anos, solteira), ou também de não terem filhos, como é o caso de Geísa (58 anos, casada):

Então pra mim a família, tudo bem que tem o fator de eu ser solteira, né, eu acho que isso pode interferir, acho que quando você casa você acaba ficando naquele mundinho de você, o marido e os filhos, no máximo a mãe, a sogra, como eu sou solteira, então a minha relação de família é mais ampla, não só minha mãe, minha irmã, meus sobrinhos, mas também primos que são próximos de mim, que a gente tem uma relação boa (DENISE).

Por eu não ter tido filho e acho que ser uma tia um pouco diferente, todo mundo fala assim que tia que nem eu não existe, que eu sou bem difer, sou diferente até porque fiquei muito tempo sozinha (GEÍSA).

É interessante observar que Geísa (58 anos, casada) exclui o marido daquilo que considera como família, apesar de enfatizar o carinho e o cuidado que tem com ele, algo que associa ao fato de não terem tido filhos e à importância dos laços de sangue para o que considera ser uma família:

No sentido de família marido não conta (risos), não mas eu brinco e é mesmo, não, é engraçado, porque às vezes eu fico assim não é nada meu, não é meu sangue (risos), eu acho que se a gente tivesse filho juntos talvez fosse, mas isso não é por mal, não, é brincadeira, mas é verdade, família é meu pessoal. isso no sentido quando eu falo de família, quanto ao no sentido de cuidado e preocupação, nossa ele vem, claro que ele em primeiro lugar, agora que eu não tenho meu irmão, porque quando eu tinha o meu

irmão era assim às vezes eu chegava em casa com uma camisa, ele falava ah, G., é bonita, gostei, eu falava mas não é pra você, é pro N., mas Deus me livre, nossa, eu fico alucinada, não eu peço, eu rezo a Deus todos os dias que eu vá antes, que não me leve mais ninguém, e muito menos, né, eu tenho ele muito em conta, só que família, não é ele (risos).

Denise (46 anos, solteira), uma das entrevistadas que possui uma visão mais ampla de família, entende que sua visão é diferente daquela recorrente na sociedade, na qual o conceito de família ainda está muito associado à idéia de família nuclear:

Olha **pra** mim, tá, uma vez eu até tava questionando isso com a, porque a minha tia ficou doente, minha tia é solteira e aí eu tive que ficar lá no hospital e uma manicure que trabalhava perto de mim falou assim – nossa mas ela não tem família? eu disse - como assim ela não tem família, **tem**, eu minha imã, minha mãe – não, - quer dizer as pessoas ainda têm essa definição de família: pai, mãe e filhos.

Na fala de Gabriela (26 anos, solteira), apesar da valorização de certos papéis familiares, também podemos observar outras formações familiares atuais que não mais se restringem à família nuclear, que ela denomina “*família margarina*” em alusão a certas propagandas que valorizavam a família composta por pai, mãe e filhos:

Família, acho que há muito tempo a família é valorizada, é, alguns papéis são mais valorizados socialmente, mas dentro da família a gente vê outras estruturas, né, vê muito, eu acho que hoje tá mais aberto, a gente vê por aí muitas famílias, éé, pais e mães cada um na sua casa, os filhos ficam uma semana com o pai, outra semana com a mãe e tudo assim, tudo bem tranquilo, a gente vê isso muito hoje, é, artistas que sempre são modelos, principalmente pra adolescentes, que tão sempre aí na mídia, a gente vê, cada um tem sua casa, cada um tem, tem filhos em comum, mas já tão com filhos com outras pessoas também e conseguem conviver muito bem com isso, conseguem ta integrando todo mundo, então assim, família margarina já agora não é tão, tão prioridade assim atualmente, a gente consegue ver que tem *essa*, pai de um lado, mãe de outro, amigos, tios, tias, primos avós.

Cíntia (36 anos, casada), assim como Gabriela (26 anos, solteira), aponta para as mudanças pelas quais a família vem passando e como isso se impõe à sociedade:

É eu acho que tá mudando, assim, agora mudando, materialmente falando, não é uma mudança que, como é que eu digo, eu acho que a família de pessoas que não querem ter filhos, por exemplo, a família que se reconstitui, né, por exemplo, a mulher que separa e aí casa de novo e traz os filhos do primeiro casamento, eu não acho que é uma coisa que a sociedade ta mudando e essa família vai se constituindo, eu acho que esse outro tipo de família e aí principalmente a dos homossexuais, elas estão se impondo à sociedade, né, acho que vem acontecendo muito mais, porque realmente eu acho que



hoje é muito mais comum encontrar pessoas que não querem ter filhos, por exemplo, encontrar famílias pequenas em relação a grandes famílias, né, o número de filhos pelo menos as pessoas que eu convivo o máximo chega a três, mas o normal é um ou dois, né, então pessoas que separam e casam de novo e trazem os filhos e forma, né, uma outra família digamos assim, de homossexuais, eu tenho vários amigos, né, principalmente homossexuais masculinos, femininos não, mas homossexuais masculinos que moram juntos e tão pensando em adotar filho e tal, mas sempre nesse sentido de se impor, sabe, de colocar o respeito primeiro na sociedade, mas eu acho aquela coisa de tanto, de tanto ter, né, acaba que vai construindo seu próprio espaço na sociedade sendo mais aceito mesmo, né, eu acho, assim, se você pensar num intervalo de, de, de dez anos pra cá, eu acho que, aí voltando, eu sei que a gente sempre olha de quem tá perto da gente, eu acho que tá mudando, nesse sentido (CINTIA).

Adriana (44 anos, solteira) também se refere às mudanças na família, apesar de considerá-las como algo não muito positivo. Afirma, também, que organizações familiares diferenciadas sempre existiram, mas que eram algo mais escondido do que é hoje em dia:

É eu acho que é uma colcha de retalho hoje, né, eu acho que você vê assim várias famílias ainda bem estruturadas e outras que são, você fica olhando assim certos pai e mãe que às vezes você vê andando, aí você vê uma criança, éé, super maltratada (...) e hoje existem pessoas novas que têm atitude de pais antigos, de velhos assim, daquela família clássica, eu acho que hoje em dia é uma colcha de retalho, acho que depende de cada, cada união, de cada um, né, mas assim hoje em dia se aceita **mais**, né, famílias mais bizarras ou menos bizarras, ou mais clássicas ou menos clássicas, hoje se aceita mais, então isso é mais evidente, né, antigamente isso era mais escondido, mas eu acho que sempre houve famílias também esquisitas, né, acho que é do ser humano, é, onde tem ser humano sempre tem uma diversidade de atitudes, né, eu acho que só o que é **mais** escondido e o que é menos escondido, né, como hoje todo mundo se tatua, antigamente só os marinheiros se tatuavam, né, mas podiam existir mulheres que se tatuavam ficava escondido por baixo de sete anáguas, não sei, muito mal comparando, né, mas as coisas sempre existiram, só que hoje são menos veladas e antigamente eram mais escondidas.

Por fim, ela afirma que estas mudanças, inclusive, afetaram a posição das mulheres solteiras e sem filhos, como é o caso dela:

Sim, também, pela própria vida, né, hoje é tudo muito mais aberto e tudo, antigamente uma mulher na minha idade acho que já tava até meio que morrendo, já, né, nem vivia muito, você, Napoleão morreu com quantos anos? Trinta e poucos anos, uma coisa assim absurda gente, e mulheres assim, eu seria uma tiazona, né, que ficaria fazendo crochê e viveria de favor na casa de alguém, né, nossa, ia ser um destino cruel, Deus me livre (riso), complicado isso.

Para a maioria das entrevistadas, a relação familiar é vista como importante em suas vidas, às vezes tão importante que traz sentimentos ambíguos, pelo fato de estarem envolvidas,

financeira ou emocionalmente, com muitas pessoas e, inclusive, com muitos de seus inúmeros problemas:

É muito engraçado, porque às vezes, quando me magoam, né, falam - ah, mas -, gente, pra mim não, é, porque é como se fosse um irmão, entendeu, então incomoda sim, não é uma pessoa que vem e vai na sua vida, parente né, não é parente, é família, pra mim eles são minha família, então eu sinto falta quando eles não ligam, quando esquecem alguma coisa, entendeu, acontece alguma coisa não lembra de mim, isso me incomoda, porque pra mim é minha família (DENISE, 46 anos, solteira).

Na verdade é tudo, é tudo, é tudo, é tudo, é tudo **mesmo**, aliás queria que não fosse tanto pra mim, juro pra você, eu seria muito mais tranqüila, mas, eu teria que nascer de novo (...) família pra mim é um peso **bem** grande, bem grande, porque se alguém tem algum problema ele é meu mais do que, como se fosse, minha irmã diz assim olha se você tivesse um filho não aconteceria isso, mesmo que, né, agora então eu tenho onze, em todos os sentidos, se um deles está mal, se um deles tá com problema, se um deles, e eles me paparicam bastante, cada vez a relação fica mais ligada, então por um lado é maravilhoso, eu sou muito, muito, muito, muito, muito, família, nossa, é a base de tudo, tenho o maior, tenho o maior cuidado com todos eles, muito, muito, muito (GEÍSA, 58 anos, casada).

A importância deles? Nossa, toda a educação, por tudo, eu acho que, o que eu sou hoje é graças a ela, por eu tá aqui no Rio ainda, tentando batalhar por meus estudos (GABRIELA, 26 anos, solteira).

Eu acho que família éé, é até, é como árvore, né, você olha uma árvore, né, você olha pra ela, ela tá toda por fora, mas a família são suas raízes, né, é o que te sustenta, por *mais* densa que tenha sido a sua relação, sabe, por mais coisas, eu acho que tudo que você teve é porque você tinha que ter, é pra você aprender, são seus pais, são, você tá ali, não tem erro, acho que não tem erro, você tinha que aprender algo ali ou ensinar alguma coisa também, né, porque acho que não é só um caminho são, né, acho que tem muito filho que ensina muito pai e muita mãe, né, é, sobre várias coisas, eu acho que meus pais cresceram também um pouquinho comigo como eu cresci com eles, né, minha irmã também, então, eu acho que isso, a família é a raiz, o que sustenta você como árvore, como estrutura, não tem, gente, eu fico vendo órfão, deve ser muito complicado você não ter (ADRIANA, 44 anos, solteira).

Para Cíntia (36 anos, casada), a relação com a família foi mudando de acordo com as diferentes épocas de sua vida, sendo difícil para ela responder a pergunta feita “o que é família para você?”. Entretanto, a idéia de que a família é seu “porto seguro” permaneceu inalterada, apontando para a importância que ela confere a esse aspecto de sua vida, mesmo que ela não seja prioridade, como o são, por exemplo, o investimento na carreira e na formação de sua nova família com seu marido:

Cara, ..., família, ..., acho que família, difícil isso (riso), juro que é difícil. É difícil até porque assim, se eu penso, eu não sei se existe um, uma coisa sabe que eu posso dizer que é família, porque até na minha vida vem mudando isso, porque, por exemplo, na época que eu morava com meus pais, até meus 24 anos, era muito atrito, né, porque tinha maneiras de pensar diferentes, né, principalmente a família mais nuclear mesmo, né, porque assim a família de minha mãe e meu pai era grande, mas a gente sempre viveu mais sozinhos, né, depois de uma época, de uns vinte anos pra cá, até passamos a conviver mais com a família de minha mãe porque passou a morar perto, mas o comum era ficar mais os três, eu, minha mãe, meu pai, e depois meu irmão, quando ele nasceu, e aí foi toda a época da adolescência, que eu tinha a cabeça diferente da minha mãe (...), então era coisa de atrito, mas que ao mesmo tempo, quando a coisa pesava, né, eu lembro que as situações difíceis que eu passei, por exemplo, de trabalho, quando eu comecei a trabalhar aos 18 anos e tal, era sempre, a minha casa era o porto seguro, então isso eu acho que não mudou assim ela é ainda o porto seguro, mas o que mudou é que hoje eu já **busco** a família, então antes, até quando eu saí, eu queria sair de casa, eu queria sair de casa pra construir a minha vida, porque ali era um momento de atrito, e hoje não, hoje é um momento de felicidade, é um momento em que eu brinco, né, que já tá com outra relação, já sou adulta também e já sou vista como adulta, então a família é um espaço de pessoas que me conhecem, né, então é diferente, até porque como eu vivo mudando, quer dizer, eu morei, em dez anos, eu já morei em quatro lugares diferentes, então as pessoas que convivem comigo hoje no Rio por exemplo elas não me conhecem em termos de passado, né, aqueles que gostam ou não gostam de mim é por um pequeno espaço de tempo, a minha família não, a minha família sabe da minha história então quando eu vou pra casa assim (..) é aquela coisa da história, é quem carrega minha história, né (...) na minha vida eles sempre, eles é sempre ocuparam um espaço assim não é marginal, não, mas, eu acho que hoje eu posso dizer que não era prioridade, sabe, tanto que eu me afastei cedo, eu sempre fui em busca dos meus sonhos, das minhas coisas, independente de deixar minha mãe pra trás, meu pai pra trás, né, minha família pra trás, *então*, eu acho que eles tão sempre naquele lugar onde eu poso ir, né, ou quando eles precisam de mim ou quando eu preciso, falando, né, dessa família de pai, mãe, tal e a família que eu fui construindo, né, eu e meu marido só é aquela coisa da segurança mesmo e da confiança, aí essa já, né, a gente, todas as minhas mudanças ele acompanhou, então assim a gente começou a namorar a gente tava em S., fui pra E. ele foi, fui pro A., ele foi, aqui no Rio quem escolheu fazer o doutorado aqui foi ele aí e eu fiz de tudo pra poder vir junto, é diferente.

Apesar de terem falado sobre a importância da família em suas vidas, a única que mencionou a família ao falar sobre o que é importante na vida de uma mulher, antes mesmo de ser perguntada sobre o que pensa da família, foi Lúcia (52 anos, divorciada):

Eu acho importante a vida afetiva, o trabalho, ee, as amizades, éé, e se você tem uma família de origem ou constituiu uma família, a família, e eu acho que o trabalho é muito importante e tudo na mesma medida, ta.

Lúcia (52 anos, divorciada) mostrou que não há uma visão idealizada de família, principalmente quando se compara o que ocorre com as famílias de sua cidade de origem no

estado de Minas Gerais, onde ainda se pode observar um tipo de família mais tradicional, com as grandes cidades, como o Rio, onde mora atualmente:

Eu trabalho na vara de família, então eu vejo famílias, assim, em decomposição, né, então, eu não tenho uma, assim, uma noção idealizada de família, né, eu acho que família é algo que você constrói, que família também é, se é o lugar da proteção é também o lugar do dissenso, né, mas às vezes eu vejo também experiências *muito* bem sucedidas de família, ah, eu devo dizer que essas experiências muito bem sucedidas de família eu vejo elas mais, éé, em Minas, onde, minha, meu estado de origem, famílias todas intactas, aparentemente felizes e tal, eu acho que na cidade grande, pelo menos aqui no Rio, as pessoas tem uma, um projeto mais individual, não é nenhum escândalo se separar, não é nenhum fracasso, não ter filho, enfim, tanto é que as pessoas que me perguntam mais isso, ah, por que você não adota (riso) são mais minha família de lá, né.

Tatiana (28 anos, solteira), por sua vez, acredita haver uma supervalorização da família pela sociedade e assinala que alguns amigos podem ser mais importantes do que membros da família extensa:

Essa questão de família é muito complicada pra mim e eu acho que se valoriza demais, entendeu, então pra mim, assim, não é nem uma questão, assim, o que que é, o que deixa de ser, entendeu, porque enfim, não importa muito, porque, pra mim assim alguns amigos podem ser muito mais importantes do que pessoas da família, enfim, né, e pela, pela minha própria historia mesmo de nunca ter tido esse contato talvez, né, porque eu não sei como teria sido se fosse sempre aquela coisa de, de reunir a família no Natal, nunca teve, minha família na verdade sempre foi meus pais e minha irmã, de vez em quando ia na casa de um tio, uma coisa, mas nunca teve muito maior, e aí não sei se por conta disso ou por conta das várias coisas que eu penso, eu não valorizo família, entendeu, isso é uma coisa que choca, né (riso), família, né, a palavra família tem esse peso. Às vezes quando eu encontro alguém que é muito ferrenho pro outro lado, causa certo problema, porque a pessoa fala do outro lado como se fosse tão óbvio tudo isso, entendeu, e tipo pra mim não é nada óbvio, né, tipo, nada natural, nada, né, que aí isso causa certo embate, às vezes.

Sandra (39 anos, solteira) e Gabriela (26 anos, solteira) tiveram um modelo de família que não consideram muito positivo. No caso de Sandra, seus pais brigavam muito, chegando até a se separar por duas vezes e, no caso de Gabriela, seu pai foi uma figura muito ausente em sua vida:

Assim meus pais se separaram por duas vezes e eu sempre tive uma péssima relação com meu pai, depois, agora depois de velha que eu consegui reconstruir essa relação, mas, assim, com meus 27 anos eu entrei na minha primeira terapia, justamente pra rever a minha relação familiar, ..., porque até então eu tinha uma péssima relação com a

minha mãe, uma péssima relação com meu pai, eu falei não a problemática sou eu, deixa eu ajeitar minha cabeça, e foi *muito* rico, eu fiquei 3 anos em terapia, e eu vi tudo isso, eu vi o que, que era problema do meu pai, o que era meu, o que era problema da minha mãe, o que era meu, que família foi essa que eu fui criada, né, e que questões são essas a respeito de casamento e de maternidade (SANDRA).

Na minha *família*, a pessoa assim que tinha maior destaque, maior função ali realmente era minha mãe, meu pai ele tava sempre viajando, sempre, sempre com algum trabalho fora, e daí ficávamos então, eu, minha mãe e minhas duas irmãs, mas ele nunca teve assim **muito** presente na, na minha vida, assim, na formação, na minha formação, de eu me tornar hoje quem eu sou (GABRIELA).

Geisa (58 anos, casada) e Adriana (44 anos, solteira) também tiveram um modelo masculino complicado, em que, no caso da primeira, o pai tinha depressão e, no caso da segunda, ele era alcoólico:

Meu pai era depressivo total, ficava dentro do quarto a vida inteira (...) o fato do meu pai ser doente tinha aquela coisa, a gente viveu com o que era dele mas a vida inteira ele dizia que a gente ia morrer de fome porque ele não trabalhava, ele simplesmente ficava dentro de um quarto fechado, e depressão na época não havia tratamento, não tinha jeito, era tipo choque elétrico, então você não tinha estrutura (GEÍSA).

Eu sempre tive muito isso, eu tive um pai que foi complicada a minha infância com ele e tudo, meu pai bebia, era alcoólatra, mas ele era uma pessoa que me *amava* profundamente e ele era uma pessoa muito densa, muito problemática, mas eu tive o meu pai e ele me amava, então tive uma referência masculina por mais torta que tenha sido, entendeu? (ADRIANA).

A partir das falas de nossas entrevistadas foi possível perceber que elas têm ciência das mudanças pelas quais as famílias vêm passando, o que vai ao encontro do que é apontado pela literatura sobre o tema.

## B. Visão da Maternidade

Os discursos apresentados por algumas entrevistadas, já desde o início, não demonstraram uma grande valorização da maternidade, mas, ao contrário, algumas apontaram para a existência de uma supervalorização, idealização e até naturalização por parte da sociedade em relação a esse papel:

Às vezes eu fico preocupada com essa supervalorização só porque é mãe, então parece que assim ah, só porque é mãe, quem é mãe ou os outros passam como se, uma supervalorização, **mesmo**, no sentido como se só entendesse porque é mãe, só pelo fato de ser mãe já te dignifica, te leva aos valores máximos, mas eu acho assim que se o amor de mãe fosse tão forte, tão único e tão perfeito só por ser mãe, que mulheres colocassem filho no mundo assim a revelia, sem condições de, de uma vida melhor, agora, e por outro lado, assim, eu acho que se você é uma boa pessoa você não precisa ser mãe pra, pra cuidar, pra se preocupar e se você não é uma boa pessoa não é o fato de ser mãe que vai te transformar (GEÍSA, 58 anos, casada).

Eu acho que tem esse ideário anos 70, sabe, que é da psicologização mesmo das relações sociais, que eu acho que é aí que entra a questão da maternidade como um imperativo, eu não caí nessa esparrela, mas a maioria das mulheres caíram nessa esparrela, não tô dizendo que ser mãe não seja legal, mas não sei até onde se pode, éé, não há distinção entre a pressão social e o desejo genuíno, tá? (LÚCIA, 52 anos, divorciada).

Eu acho que a maioria ainda acha que é o mais natural, não sei, né, é como se não fosse natural não ter filho, eu acho ainda, apesar de tudo, né, mesmo com essas executivas, mas eu não, eu não, não vejo essa naturalidade toda entendeu, da coisa, entendeu (TATIANA, 28 anos, solteira).

Apesar disso, Geísa (58 anos, casada), assim como as demais, afirma que a mãe tem um papel ainda hoje importante na família:

O que eu quero dizer assim que com toda certeza as mães são peça fundamental, agora também não dá, também não são só elas e não são todas elas, mas eu acho assim pelo que eu vejo das pessoas do meu convívio, continua sendo, né, a, a maior, a maior presença dentro de um lar, não tem dúvida que pai nenhum, quer dizer pai nenhum não, algumas exceções, mas não sei, não sei exatamente qual seria a resposta, mas mais ou menos por aí, eu acho que são muito importante, são tudo isso e mais um pouco, mas não são perfeitas.

Gabriela (26 anos, solteira), Cíntia (36 anos, casada) e Adriana (44 anos, solteira) associaram a maternidade com as funções que a mulher exerce ao ser mãe, sendo que Gabriela, logo a seguir, mistura os papéis de mãe e pai, ao contrário de Cíntia e Adriana, que delimitam esses dois papéis:

É alguém que educa, é alguém que vai dar carinho, dar atenção, alguém que **vai** sofrer também junto com a criança, a gente, quando a gente pensa em mãe, a gente pensa mais em sentimentos (...) acho que é isso, éé, eu acho mãe, pai uma mistura de, éé, obrigações, de carinho, de tá educando, de ta participando, *de*, de tá presente mesmo, de alguma forma, sabe, é de tá sempre instigando a tá procurando coisas melhores pro próprio filho: - vai, vai que eu vou tá lá te acompanhando (GABRIELA).

Acho que ser mãe, ..., é cuidar, eu acho, quando eu penso, né, nas mães que eu vejo, quando eu penso, quando eu digo que eu não quero ter filhos, uma coisa que vem muito é isso, é o cuidar, é o, relacionamento se acaba, né, você vê, eu posso dizer, chegar pro, se a pessoa com quem eu tô me relacionando disser – não, quero muito – e eu não quiser, posso dizer – não, então vamos acabar – com filho você não tem isso, filho é pra vida toda, né, e acho que é muito essa questão mesmo do cuidado, o amar tá implícito, né, é o cuidar, cuidar prá toda a vida, filho criado, trabalho dobrado, né, aquele velho ditado que todo mundo diz, né, acho que é isso, ser mãe é muito cuidar (...) Quando eu falo cuidar é em todos os sentidos, né, é o cuidar só assim de dar banho, dar comida, não, é o cuidar do olhar como um todo, na questão da formação mesmo, pensar naquele outro ser humano na vida como um todo, como que aquela pessoa vai se inserir, né, na vida, como é que se insere na própria família, eu acho, se tem papel determinado, né, papel de pai, papel de mãe, nãñã, eu acho que o da mãe ainda é muito isso, aquela pessoa que vai dizer o que a gente vai fazer com o dinheiro que entra em casa, o dinheiro entra em casa pelo pai e aí com isso que entra e as pessoas que tão ali como é que a gente vai administrar essa família, né, acho que isso ainda é devotado muito pra mãe assim, e acho que eu ainda vejo muito, até na minha casa mesmo, se a gente for pensar uma coisa mais global eu conto pra minha mãe, é com ela que eu me apego assim, eu acho (CÍNTIA).

Eu acho que é atitude, acho que ser mãe é isso, entendeu, é essa atitude de, que mãe eu acho que é uma coisa assim, éé, é calor, é, é, é amor, é dureza também, é ensinar também, né, é dar bronca, é todo aquele conjunto, mas é que edifica, eu acho que mãe edifica, assim como pai também, mas da forma dele, que é uma coisa diferente, mas eu acho que mãe é, eu acho que é uma coisa fabulosa, acho muito lindo (...) mas eu acho que a mãe é uma responsabilidade muito grande, né, no que você **faz** e o que você constrói na cabeça daquela criança, né, como você, aquela pessoa, se bem que eu vejo muitas mães legais que pensam assim e o filho não dá a menor bola – ah, minha mãe é maluca -, e a mãe é maravilhosa, né, é tudo tão, olha ser humano, gente, só vocês mesmos pra estudar o ser humano (riso), é muito louco (riso) (ADRIANA).

Cíntia (36 anos, solteira), ao reforçar o cuidado como aquilo que definiria o que é ser mãe, afirma que isto é mais importante do que a questão biológica, algo que foi reafirmado também por Adriana (44 anos, solteira). Assim, para ambas, a mãe é aquela que cuida e não necessariamente aquela que pariu a criança:

Tanto que, é muito, quando ta em discussão, essa questão da mãe biológica ou mãe adotiva, e tal, eu sempre acho que mãe, né, assim, fora a questão biologicamente falando, né, mas se eu fosse o caso de ter, éé, de ter uma mãe biológica e outra tivesse cuidado de mim, acho que aquela que eu ia considerar como mãe, de devotar toda, seria aquela que cuidou assim, eu sempre acho que a mãe é a que cria, não é a que tem, a mãe social digamos assim, eu acho que é bem isso, é cuidar (CÍNTIA).

Eu acho que ser mãe é atitude, não é nem gerar, é por isso que eu te digo assim eu adotaria (ADRIANA).

Denise (46 anos, solteira) e Sandra (39 anos, solteira), por sua vez, apesar de reconhecerem um lado positivo na maternidade, associaram-na, principalmente, a uma grande responsabilidade e ao sofrimento e abnegação daí decorrentes:

Eu acho que ser mãe é uma responsabilidade **enorme, enorme**, porque você tem uma vida na sua mão, pra mim ser mãe é viver pro filho, não viver assim de se anular, mas sem dúvida alguma você tem que tá lá pro filho no momento que ele precisa, entendeu, quando é pequeno muito mais, né, quando adulto muito menos, né, a maioria você vê que é assim, elas vivem pro filho, em todos os sentidos, dão um nó pra poder atender quando o filho precisa de alguma coisa mesmo depois de casados, lógico brigando pra ter seu espaço eu acho que por isso tem muitos conflito, né, a mãe que sai de casa e larga o filho, é assim bem complicado, mas eu vejo que é assim não tem jeito por mais que você vá buscar seu trabalho, seu espaço, mas você ainda assim, aquele cordão umbilical acho que não arrebenta, não, não é cortado mesmo (DENISE).

Ser mãe? .. Olha, eu vou falar uma coisa *pesada*, mas ser mãe pra mim é tanto sofrimento, eu acho que tem umas coisas boas, mas o peso maior que sempre me vem a idéia é de sofrimento, ou por você abrir mão de coisas suas, porque você tem o outro pra pensar, ou sobre a sobrecarga totalmente injusta e desumana que eu vejo as mães carregando, seja as de ontem ou as de hoje, então ser mãe pra mim, eu vejo sempre como uma coisa muito pesada, é **claro** com seus momentos bons (SANDRA).

Lúcia (52 anos, divorciada) parece caracterizar aquilo a que Denise (46 anos, solteira) se refere como um “viver para o filho” de um sentimento de posse que a mulher/mãe tem em relação ao filho, apontando, inclusive, para a relação, muitas vezes, ambivalente e não harmoniosa ou perfeita entre mães e filhos:

Olha, eu acho que as mulheres são muito imbuídas do sentimento de posse em relação ao filho, sabe, assim, o **meu** filho, o filho é um fardo, a criança é um fardo, só que é muito duro pra mulher, né, porque é muito ambivalente esse sentimento de posse e o fardo que representa pra mulher uma criança, né, isso é tudo muito mesclado, o amor, né, agora as mulheres são muito imbuídas do sentimento de posse, eu acho que dá uma idéia, sabe, assim uma noção de poder, né, de controle sobre o filho.

Geisa (58 anos, casada) e Denise (46 anos, solteira) fizeram uma distinção entre o que ocorre com mulheres de diferentes classes sociais no que diz respeito à maternidade, atribuindo, em grande parte, às mulheres das classes mais baixas maior facilidade de ter um filho sem o necessário comprometimento com a sua criação e com os cuidados demandados por uma criança:

Eu falo assim tem muito bicho que é muito mais gente do que, eu sei, eu reconheço, não tem alimentação, não isso, não aquilo, não aquilo, mas eu fico alucinada com a



facilidade com que as ditas santas mães põem as crianças no mundo, ahn, e claro isso faz parte de toda uma sociedade que ninguém fala, ninguém diz, a igreja primeiro e até mesmo na televisão quando vai ser entrevistado fala assim oh, tem 15 filhos que não tem o que comer, coitada, e ninguém chama a atenção, ninguém, pelo simples fato de ser mãe não dignifica (...) Agora reconheço assim que a média dentro de um, vamos dizer assim, dentro de pessoas com certo nível, com certa estrutura, assim dentro das pessoas que tiveram né essa estrutura familiar, econômica, desde cedo, eu acredito sim que com toda a certeza a gente vê que, que a mãe é a peça maior, e que tá sempre mais atenta, eu acho que é o que segura (GEISA).

Parideiras, entendeu, eu vejo que tem realmente, porque acho que se ela tivesse um instinto ela estaria lutando por aquela cria e no entanto não, tem filho com uma facilidade e vai largando aí no mundo e isso a gente fala é mais na classe baixa, né, mas acontece também na classe, funciona diferente, só que alguém acaba assumindo, ou é a avó, entendeu, funciona diferente, lá na classe baixa não, normalmente tá solto, né, o vizinho olha, aquilo é uma coisa de louco, a família tá muito, as famílias na classe baixa é um outro conceito de família, então, a gente vê isso, na classe mais alta alguém assume aquilo e fica até um pouco mais tranqüilo, algum lugar ele vai buscar a mãe (DENISE).

As diferenças de classe foram mencionadas também por Sandra (39 anos, solteira), porém mais no sentido do dinheiro permitir certas condições facilitadoras para o exercício da maternidade:

Ser mãe é assim que eu vejo, acho que tem coisas boas? Tem sim, mas eu vejo muito mais como uma sobrecarga, uma coisa pesada, eu não consigo ver como uma coisa leve, a não ser que seria ser mãe pra uma mãe, assim, que tenha dinheiro, entendeu, assim, prá ter babá, prá ter empregada doméstica, prá não ter que se preocupar com o futuro, com a educação, eu não conheço essa realidade, então eu não tenho esse modelo de mãe, eu não sei se ela tem outras pressões, outros tipos de pressões, mas as mães que eu conheço são aquelas mães que trabalham muito, tão sempre preocupadas com o dinheiro da creche no final do mês, ou então o dinheiro do colégio, tão sempre assim preocupadas, então, (ser mãe pra mim é uma eterna preocupação). Já as da classe média pra baixo, quer dizer com exceção da classe muito baixa que não tem perspectiva nenhuma, então não tem preocupação nenhuma, né, se comer hoje já tá feliz da vida e lambe os beiços, classe assim,..., subumana, então não tem esse tipo de preocupação porque não há qualquer perspectiva de mobilidade social, mas pra nossa classe que tem uma perspectiva de mobilidade social a pressão é *muito* grande, tem muita preocupação.

Algumas comparações entre o que é ser mãe e o que é ser pai apareceram nas falas das entrevistadas exaltando, algumas vezes, não apenas a maior importância da mãe em relação ao filho como também algumas características femininas que associariam mais a mulher a esse papel do que o homem:

Quando a gente pensa em mãe, a gente pensa mais em sentimentos, quando a gente pensa em pai a gente pensa logo assim, não vai fazer isso, a gente pensa em *obrigações*, não faz isso, não faz aquilo, não faz aquilo outro, a gente sempre pensa em alguém muito bravo, ee, é até engraçado, eu, às vezes, quando eu vou falar né, ah, a mãe isso, daí depois eu falo puxa mas na minha família não foi assim, foi justamente ao contrário era meu pai que era todo brincalhão, todo relax, minha que mãe era não, não faz isso, não faz aquilo, tem que fazer assim que não sei que, é engraçado (GABRIELA, 26 anos, solteira).

Eu acho assim pelo que eu vejo das pessoas do meu convívio, continua sendo, né, a, a maior, a maior presença dentro de um lar, não tem dúvida que pai nenhum, quer dizer pai nenhum não, algumas exceções (GEÍSA, 58 anos, casada).

Não é o que o homem sente como pai ou exerce, acho que tem, que acho que até é muito complicado por isso, porque não é a mesma coisa, não é dizer - quero um filho -, pra você é uma coisa, pra mulher ter o filho é outra coisa, né, não é querer dizer que o papel do homem é secundário ou menor, é **outro** papel, assim, né, é outro (TATIANA, 28 anos, solteira).

Mas é que edifica, eu acho que mãe edifica, assim como pai também, mas da forma dele, que é uma coisa diferente (ADRIANA, 44 anos, solteira).

### C. O Instinto Materno

De forma geral, as entrevistadas apontaram para o fato de que o chamado “instinto materno” não existe, sendo algo construído. Assim, o vínculo entre mãe e filho é visto por elas como fruto de um constante aprendizado e investimento:

Não, primeiro porque eu não experimentei isso, né, esse instinto materno, e eu acho que esse instinto materno é uma coisa construída socialmente, é claro que eu também sou uma pessoa que tem uma instrução toda voltada pra isso, né, bastante esclarecimento, eu acho que essa história de instinto materno é bem, bem antiga, sabe, bem, de uma época onde se acreditava que a mãe era a pessoa dotada prá criar os filhos e tal, e também o meu pai ajudou muito na minha criação, acho que, não acho que seja instinto, não, muito pouco, sabe, acho que o vínculo ele se cria mesmo com o fato de, sabe, o amor é construído, né, não acho (LÚCIA, 52 anos, divorciada).

Acredito que não, acredito a gente é educada prá isso, né, eu gosto de criança, me dou bem, mas não é um instinto materno, é esse negócio da gente querer **cuidar** e querer cuidar bem,... mas é engraçado, muitas vezes você olha por aí, tem pessoas assim que eu olhava nossa, sabe, quando crescer não vai ser mãe, mas de jeito maneira nenhuma, se tiver filho, nossa tadinhas dessas crianças, que não sei que, e quando você vê tá lá, tá batalhando, tá indo a vários grupos de, de mães, tá vendo qual a melhor forma de educar, participa no colégio, vai em todas as reuniões e tem pessoas que você olha

assim nossa vai ser uma mãe **maravilhosa**, vai ser paciente com o filho, não sei quê, quando tem filho, credo em cruz, *tadinha* da criança. É uma questão de educação, de tá buscando mesmo, de tá indo atrás, de tá batalhando (GABRIELA, 26 anos, solteira).

Olha, eu acho que existe eu não diria um instinto, não seria um instinto, porque se fosse um instinto não existiriam as parideiras, então eu não acredito mais nesse instinto não, talvez mais no desejo, quando ela deseja ser mãe, ela desenvolve esse instinto de cuidar, de criar, de, entendeu, mas instinto não acredito mais não, porque eu vejo realmente mães que não são mães, às vezes até criam, até tão ali, no papel de mãe e filho, dentro de uma família nuclear, mas eu não vejo como papel de mãe, não tem esse instinto, cuidador, entendeu, o instinto seria o que? Cuidar da cria, proteger sua cria e não vejo, então não acredito mais nisso não, acho que existe alguma mudança aí, não sei, não sei se a cultura favoreceu isso, mas não, não acho que seja a cultura não, porque eu acho que a gente ainda cobra da mãe o papel de mãe, aquele amor de mãe, entendeu, eu acho que não existe não, existe desejo, e aí o desejo faz com que você seja cuidadora, preservar, né, eu acho que é isso (DENISE, 46 anos, solteira).

Não, não acredito nisso, prá mim isso é pura construção, não acredito nisso e acho que a clínica, mais do que nunca, tá aí provando que não existe, o que existe são mulheres que conseguem construir uma relação de afeto com suas crianças, mas instinto materno, de *maneira* alguma, não acredito mesmo (SANDRA, 39 anos, solteira).

Sandra (39 anos, solteira), apesar de não acreditar em um instinto materno, fala sobre a existência de um relógio biológico:

Tem um relógio biológico em termos de ovulação, né, em termos de, assim, óvulos saudáveis, por isso que eu falo de relógio biológico, é assim, a faixa etária, né, dos seus 25 até seus 35 anos você tem muita chance de ter um bebê saudável, apesar de ter umas exceções, mas como toda exceção existe pra comprovar a regra, você tem óvulos muito saudáveis, acho que, tem umas pesquisas que falam, né, que a idade, éé, ideal em termos orgânicos, né, em termos de óvulos, pra mulher é dos 25 aos 35, só sei assim, que o relógio biológico eu acho que tem um tic-tac aí, que é interessante a mulher ficar atenta pela condição de ter um filho saudável. Mas isso também pode ser atravessado pela cultura, por exemplo - ah tô chegando perto dos 35, já tô passando da hora de ser mãe -, aí, já é cultural, eu acho que biologicamente sim, você tem aquela fase que seus óvulos estão no momento ótimo, mas, éé, depois disso você corre maior risco de você ter um filho com alguma questão neurológica, uma síndrome qualquer, ou não, mas existe maior possibilidade, mas essa questão do tic-tac aí pra ser mãe, isso é atravessado pela cultura, com certeza.

Cíntia (36 anos, casada) relatou não ter uma opinião formada sobre isso, afirmando, contudo, que as pessoas, em geral, acreditam na existência desse instinto:

As pessoas que dizem (riso), as pessoas dizem, olha é o que eu mais ouço Patrícia, o que eu mais ouço é isso – ah, mas um dia você vai ter vontade – e aí às vezes, um dia

eu até brinquei assim – gente, mas eu vou antecipar isso, e se a vontade não aparecer eu já tiver com o filho lá na mão, o que que eu vou fazer (riso) – né, então as pessoas dizem isso, né, é tem amigas mesmo que, tem umas amigas minhas que tiveram filhos pela questão da, do natural, né, casou, então tem filhos, mas que tem outras que disseram que sentiram, que começaram a sentir **vontade** de ter filhos, aí eu não sei se é uma coisa que realmente existe enquanto instinto, né, de cuidar, de fêmea, não sei se é isso, ou se é uma coisa mesmo que vai se criando na cabeça da gente, né de dizer da mulher do cuidar e aí a gente materializa isso numa criança, eu realmente não sei dizer, não tenho uma opinião formada sobre isso, sabe, mas isso é o que eu mais ouço – um dia, um dia você vai ter vontade, um dia você vai ter vontade, e aí? – eu digo - aí eu espero a vontade chegar e eu vejo o que eu faço, se chegar né.

Adriana (44 anos, solteira) foi quem mais claramente afirmou acreditar na existência de um instinto materno, apesar de dizer que esse instinto pode se manifestar de diferentes formas, e não necessariamente apenas no exercício da maternidade:

Existe, eu acho que toda mulher tem isso, por mais que até não pareça ter, né, porque às vezes você vê tem mulheres que são até, gente uma mulher que larga um filho no rio, que nem aquela mulher, né, na beira, aquilo eu acho um horror aquilo, né, eu não sei, é, se ela tem instinto maternal, aí eu não quero nem analisar, nem tenho como analisar aquilo, mas assim eu acho que a maioria das mulheres tem um instinto maternal, que como eu mesmo não tendo filho, é, vamos dizer assim, é, **jorra** pra outro lado, seja nas suas relações pessoais, nas suas relações familiares, nas suas relações com a vida, né, com tudo, com a natureza, com a espiritualidade, até no trabalho mesmo eu acho que você exerce muito essa maternidade (...) acho que assim escorre prá outros lados, eu pelo menos eu sou assim, então, eu acho que de certa forma esse lado mãe meu vai prá minha gata também, tenho uma gata persa, que é muito fofa, mimada, estragadíssima (riso), mas ela é linda, uma persinha, aí tenho uma filha peluda.

As entrevistadas, inclusive, afirmaram ter uma boa relação com os sobrinhos, com crianças, de modo geral, e com pessoas mais jovens, apontando que, muitas vezes, isso pode ser uma compensação pelo fato de não terem filhos.

Tatiana (28 anos, solteira) foi quem mais teve dificuldades para expressar o que entende por instinto materno, mas, em sua fala, deixa transparecer certa crença na sua existência, ainda que afirme, ao final da fala, que é comum o homem desejar mais ter um filho do que a mulher:

Eu não sei, acho que quando nasce a criança, ou antes mesmo, assim, alguma coisa surge ali de muito específico, né, que eu acho que não é o que o homem sente como pai ou exerce, acho que tem, que acho que até é muito complicado por isso, porque não é a mesma coisa, não é dizer - quero um filho -, prá você é uma coisa, prá mulher

ter o filho é outra coisa, né, não é querer dizer que o papel do homem é secundário ou menor, é **outro** papel, assim, né, é outro, não tem como dizer que não é, acho que a coisa ali da mãe com o filho é muito mais, ou difícil, né, de acordo, ou ótimo, mas é outra coisa, por uma questão afetiva que **passa** pelo biológico também, né, saiu de você e tudo, e toda a relação durante a gravidez, né, enfim, acho que psicológica mesmo, né, também, é a mãe que amamenta, enfim, .., a mãe que sabe, né, a mãe entra numa coisa, num estado, de meio que, aquela coisa da identificação com o bebê, de saber o que o bebê tá sentindo, de perceber muito melhor do que o pai, assim, é uma responsabilidade muito maior, eu acho, né, eu acho que é muito mais fácil, embora assim, seja, eu acho que raro a mulher não querer ter filho, eu acho que é muito mais fácil o homem querer ter filho do que a mulher, prá mim.

#### D. Maternidade e Trabalho

Sobre a possibilidade de conciliar maternidade e trabalho as entrevistadas disseram que essa conciliação é possível, sendo, inclusive, o que a maioria das mulheres vêm fazendo, ou, pelo menos, tentando fazer, atualmente. Entretanto, questionam o peso dessa tentativa de conciliação na vida da mulher:

É possível, vejo, tanto que a minha irmã consegue, eu não sei **como** ela consegue, mas ela consegue, eu não conseguiria me ver nessa situação, como eu te falei, eu cheguei aqui, eu tô tão cansada, mais tão cansada, que eu só quero chegar em casa, tomar um banho, deitar, só amanhã, e com filho é difícil, prá mim é difícil pensar nisso, eu não sei como que essas mães conseguem atualmente, não sei como elas conseguem, eu penso que se fosse comigo, sabe aquele filme “eu, eu mesma e minhas cópias”, precisava de umas três prá eu conseguir dar conta de tudo isso, é *muita* coisa (GABRIELA, 26 anos, solteira).

Eu acho que sim, eu acho que sim, eu acho que um dos conflitos maiores é esse, a mulher tá tendo que trabalhar e largando o filho em casa, largando o filho com febre na mão de, né, é uma situação complicada, mas, éé, é difícil, é doloroso, porque eu vejo muito sofrimento de mãe, pai, às vezes, tá trabalhando, mas não tá com a cabeça ali, tá preocupado, tem que ir porque tem que trabalhar, né, mas tá preocupado com o filho em casa, então é complicado, e é complicadíssimo em todos os sentidos (DENISE, 46 anos, solteira).

Todo mundo faz isso, né, todo mundo faz isso, se fosse uma profissão assim que ao mesmo tempo, como a gente sabe pessoas com grandes profissões que envolvesse viagens e tudo mais e que coincidissem com a época, né, porque também tem isso se coincidiu com a época que você estava casada e queria ter e nisso você tem uma profissão que te faça viajar muito ou coisas assim, aí pode ser que você opte pela profissão e perca, mas nem sempre acontece na mesma época e também tem, a maioria

das profissões que você pode encaixar, né, porque também ninguém quer mais quer mais que um ou dois filhos (GEÍSA, 58 anos, casada).

Eu acho que é possível, só que eu acho que é tanto sacrifício, sabe, acho que é tão pesado prá mulher, eu **ainda** reparo isso, que é mais pesado prá mulher do que prá homem, porque dentre os homens que eu conheço, eu ainda acho um peso muito grande prá mulher, **eu** escolhi não ter que pagar esse preço, e não me arrependo, não me arrependo, não (SANDRA, 39 anos, solteira).

Se o desejo caminhar junto pode até valer a pena conciliar, mas esse desejo não existe ainda, não existe mesmo, não é uma coisa assim eu queria, mas eu quero um monte de coisa, e acho que não vai dar, o desejo em si não existe, pelo menos conscientemente (riso), sei lá né (TATIANA, 28 anos, solteira).

Cíntia (36 anos, casada) apontou que, para conciliar trabalho e filhos, a mulher necessita fazer uma série de ajustamentos para tornar isso possível, o que ela, muitas vezes, não consegue. Cíntia assinala, ainda, que a mulher nem deve querer dar conta disso sozinha, uma vez que uma série de fatores, que não dependem só dela, podem impedir ou dificultar essa conciliação:

Eu acho que dá, agora não acho que é só o desejo da mulher não, acho que aí não é uma coisa só dela querer, às vezes ela quer conciliar, mas tem impedimentos materiais mesmo, é o homem que não aceita isso, que não vai querer, para ela conciliar tem várias outras coisas que precisa, assim, até a situação financeira é essencial, você vê prá ela sair de casa pra trabalhar tendo um filho ou ela tem que pagar alguém prá ficar ou vai ter que deixar com família, e pra deixar com a família, a família tem que querer e tem que poder, porque também pode ser uma família que ninguém possa, o marido também tem que, né, aceitar essa situação, ele tem que, tem que ser de comum acordo nesse sentido, então assim, eu acho que é pra além do querer apenas, mas eu acho que dá, eu acho que dá porque eu vejo isso, né, eu vejo amigas minhas que têm a carreira profissional e têm a maternidade, eu não vou dizer que elas conseguiram fazer 100% do que elas desejaram nem como mães e nem como, né, como profissionais, mas elas não são pessoas infelizes que acharam que não se realizaram de um lado ou de outro, não, lidam bem com isso, né, então assim, você tem que abrir mão, não dá pra fazer como eu por exemplo que de uma hora pra outra digo não vou pro A. e vou em um mês, a coisa é mais demorada, porque aí você tem que ver se tem escola pro filho lá, né, se o filho vai se adaptar, tem várias outras coisas, mas eu acho que dá.

Adriana (44 anos, solteira) afirmou ser possível a conciliação trabalho-filho(s), principalmente quando as mulheres não entram na “paranóia” de querer ser a mulher-maravilha. Ela mencionou até um seriado de televisão que trata dessa temática com humor e humanidade:

Sim, acho que dá, acho que dá, acho que dá, tem mulher que fica na paranóia, mas acho que dá, tem até aquele seriado *Mothern*, que eu **amo** de paixão, eu não sou mãe, mas eu vejo, eu não perco um episódio, que eu acho **muito** legal aquela, aquela temática delas, que elas são muito engraçadas, né, e elas analisam assim tão, com tanta simplicidade, né, sem ser aquela *mãe* edificada, quase como uma, uma educação cristã, né, que é a Nossa Senhora, a mãe virginal, a mãe perfeita, que eu tive esse ideal lá em casa, que a minha mãe era perfeita, então você tenta ser perfeita tal como ela, mas você vê que, aí depois você vê que ela não é nada perfeita, seu mundo cai, você cai junto, né, seu pilar mãe cai, você cai junto, porque você construiu alguma coisa muito forte ali, então eu acho legal do seriado *Mothern* por causa disso, que elas são *muito* gente, muito humanas, eu acho que a gente tem que buscar isso, né, uma humanidade, não tem essa coisa de ser a mãe lá em cima, meu pai lá em cima, acho que tem que ser gente, gente que tem gente, que educa gente, que convive com gente.

Apesar de Geísa (58 anos, casada) achar que é possível conciliar maternidade e trabalho, ela afirmou que isso depende das exigências impostas pelo tipo de trabalho exercido, bem como do momento de vida da mulher. Além disso, para ela, algumas vezes, a mulher acaba precisando optar ou pelo trabalho ou pela maternidade:

Tem grandes profissões que envolvesse viagens e tudo mais e que coincidissem com a época, né, porque também tem isso se coincidiu com a época que você estava casada e queria ter e nisso você tem uma profissão que te faça viajar muito ou coisas assim, aí pode ser que você opte pela profissão e perca (...) já no caso das minhas sobrinhas foi o contrário, foram os filhos que, entre uma coisa e outra, elas optaram pelos filhos e não pela profissão.

Denise (46 anos, solteira) fez uma comparação interessante entre a mulher solteira sem filho(s) e aquela que é mãe, apontando as dificuldades daquelas que têm filho e estão no mercado de trabalho, como se pode ver na seguinte fala:

Quando, por exemplo, quando você que é solteira tá no mercado, né, cheia de coisa, e a mãe, a gente entende, lógico, é muito claro isso, mas fica assim - ai meu Deus como é difícil, né, a gente tem que trabalhar e a fulana preocupada com o filho - e também profissionalmente, quando oferecem uma vaga não sei aonde, meu Deus, será que, pesa, vai pensar no filho, se aquilo vai ser viável ou não, porque tem o filho que requer uma atenção, que requer prioridades, é bem complicado.

Denise afirmou também que, devido à sua visão de maternidade, para ela essa conciliação provavelmente não seria possível:

Cara, eu vejo as mães que tão hoje trabalhando, porque eu falo assim como eu vejo esse compromisso da mãe com o filho também, eu não me vejo trabalhando com filho doente em casa, eu não conseguiria, eu acho que eu não conseguiria, acho que isso é

uma loucura, o filho precisa da mãe, (entendeu, por que tá aqui, vai pra casa, cara), não dá, não dá, porque isso interfere no próprio trabalho, você vê, isso é horrível.

Para Cíntia (36 anos, casada), houve várias mudanças no âmbito profissional, no que diz respeito à valorização do trabalho feminino, apesar dessas mudanças ainda não serem aceitas completamente pela sociedade, de modo geral:

Eu acho que hoje, eu acho que o trabalho sim, até porque o trabalho é ligado a várias outras coisas, é colocar no trabalho a questão de você, da minha independência, né, então eu acho que tanto o homem quanto a mulher tem isso, valoriza isso, a independência, né, você não tá dependendo do outro, não tá dependendo de pai, essas coisas todas, então acho que é uma coisa central, sim, em termos de preocupação (...) Pensando do lado da sociedade eu acho que cobra mais ao homem, ainda, eu acho que sim, porque da mulher é meio aquela coisa assim, se a mulher ela é casada, né, se ela é mãe, né, tem a família, então ela já não é **tão** cobrada, aí em relação à sociedade em relação a ela, já não é tão cobrada em relação a trabalho, né, digamos assim ter um trabalho é algo a mais que vai fazer com que as pessoas, né, olhem com mais respeito – pô, mas você ainda assim, mas além de tudo isso ainda trabalha – né, mas não é aquela cobrança principal, o homem não, o homem já é, porque é aquela coisa do provedor, né, de ainda achar que o homem que vai levar pra casa o dinheiro, então acho que a sociedade ainda vê isso muito bem definidinho assim, acho que não mudou, não, pode ter mudado na cabeça da gente, assim, de algumas pessoas, mas da sociedade em geral eu acho que não.

Assim, segundo Cíntia, a sociedade, no caso da mulher, ainda enfatiza a importância da maternidade, mesmo valorizando aquela que trabalha fora de casa:

Eu acho que ela é mais mulher, assim, ela é mais sentida como mulher sabe. É como se fossem duas coisas diferentes, é, aquela mulher que trabalha ela é valorizada, mas assim, apesar de ser mulher, né, apesar de ser mulher a pessoa trabalha, isso e aquilo, então é como ser humano, né, uma pessoa, isso, é uma pessoa que cresceu, uma pessoa que isso, uma pessoa que aquilo, mas quando você pega pro lado da maternidade, aí é quando valoriza mais a mulher enquanto mulher, é como se a maternidade diferenciasse ela daquela esfera de dizer que é uma pessoa que venceu, não é uma mulher que deu certo, né, porque ela deu certo como mulher, porque se casou, porque teve filho, porque foi boa mãe, lógico, se ela se dedica aos filhos, né, porque também se é aquela que não se dedicou aos filhos ou deixou os filhos pra se dedicar a sua carreira aí também ela já não é tão mulher, né, eu acho que ainda faz essa diferença na sociedade, eu vejo.

Também para Adriana (44 anos, solteira), a maternidade continua a se sobrepor ao trabalho na concepção atual da sociedade sobre a mulher:



É o que se espera, né, a sociedade sempre espera isso, éé, eu vejo assim, por exemplo, de novo no meu exemplo, todo mundo diz assim - pôxa A., você é uma pessoa que é, é bem sucedida profissionalmente, você é bonita – né, tá certo eu não sou nem um, assim nenhuma beldade nem uma feiúra completa, assim, mas assim as pessoas – como você não casou, **como** você não sei o quê? – gente tem coisas que acontecem, outras não, entendeu, independente da sua vontade, né, não existem regras, né, tá certo que às vezes você **opta**, né, pra mim sempre foi muito mais fácil optar pelo trabalho, porque é uma coisa que me dá **muito** prazer, é mais fácil pra mim, talvez me relacionar afetivamente talvez não tenha sido fácil a minha vida inteira, né, fiz até terapia por causa disso, eu tenho um histórico familiar, mas eu não vou jogar a culpa só nos meus pais, entendeu, eu tenho também um escoramento dentro de mim que sempre foi um pouquinho mais difícil, então como todo ser humano é meio preguiçoso (a gente corre pro lado que tem as facilidades), né, e pra mim a facilidade sempre foi trabalhar, né, sempre foi meu ouro de mina, né, e aí foram 44 anos e hoje eu fico assim gente, eu tinha que ter olhado (um pouquinho para isso), o que que eu faço agora, não sei, eu tô sendo eu, eu tô procurando ser eu o máximo possível, né, eu acho que uma hora vai acontecer, acho que na hora que **eu** tiver com um receptor melhor mesmo, né, que eu acho que a gente busca, a gente se abre pras coisas ou não se abre, né, e eu assumo a minha parcela de fugitiva, né, em certas ocasiões.

Ainda de acordo com ela, o maior investimento do homem continua a ser no seu trabalho. Contudo, diferentemente da mulher, ele também investe em uma relação afetiva, por “não conseguir ficar sozinho”:

Eu acho que o homem investe sim, né, na carreira, continua sempre aquela coisa de investir na profissão, né, aquela coisa e tal, mas, éé, ele, ele na realidade o homem não agüenta ficar sozinho como a mulher agüenta, entendeu, porque a mulher muitas vezes ela, a sociedade às vezes é muito cruel com a mulher, né, o homem sempre tem uma saída, sempre tem, né, às vezes eu vejo assim casais que a gente vê que aquela mulher não ama aquele homem, entendeu, mas é pra ela não ficar sozinha e ser mais aceita, até me atrasei um pouquinho ali pra te encontrar, porque a minha coordenadora justamente tava dizendo, que ela é casada, bem casada e tudo, num grupo lá e tal aí falando sobre uma pessoa que, éé, que tavam cogitando assim ah, se ela se separasse, a outra não ia, a gente não vai mais ver tanto ela, aí ela tava dizendo justamente isso - mas só porque ela tá separada ela não pode se relacionar com gente casada -, e isso é uma coisa que existe, eu já senti isso muito na minha vida, quando eu estava morando com alguém ou namorando alguém, você sempre tem um círculo de amizade, quando termina, é impressionante, vários amigos teus, vários casais não te chamam mais pra sair, outros não, outros permanecem até hoje, mas assim uma grande massa éé, engraçado assim, solteiros às vezes não conseguem se interagir também com casais assim, há um afastamento, aí voltando a sua pergunta do homem, eu acho que o homem ele tem essa coisa de ter a mulher, o casamento como quase uma obrigação assim de, de, da profissão, de se apresentar e tudo, e a mulher pode ser sozinha, até isso na realidade é melhor pra ela, né, éé, o homem geralmente já tem aquela coisa do veado, né, ah, não sei quem é veado, não casou até agora é veado, é meio estranho, eu vejo dessa forma, né, e o homem não consegue **também** ficar solteiro, ficar sozinho, ele precisa da mulher, acho que até tem a ver com essa história da cabala que eu te falei, de alguma forma subliminar ou não, né, mas é uma coisa que eu acredito.

### E. Opção por Ser Mãe e Dona-de-Casa

Gabriela (26 anos, solteira) fez quase que uma distinção entre o que os outros pensam e o que ela pensa sobre as mulheres que optaram por tomar conta da casa e dos filhos. Na fala abaixo podemos observar como ela acredita que as pessoas, de modo geral, vêem essas mulheres, isto é, como “dondocas”, ainda que muitas mulheres desejem fazer essa opção:

Atualmente, nesse mundo globalizado, você tem que saber de tudo, você tem que tá trabalhando, você não pode ficar em casa pra simplesmente varrer casa, essas coisas, o que eu vejo por aí, são vistas assim como dondocas, alguém que realmente tem alguém que tem condições financeiras pra manter em casa, não são assim tão bem vistas, mas assim eu vejo algumas pessoas falando sobre elas até com uma certa inveja, pôxa era eu que devia tá ali, era eu que, eu queria arrumar alguém assim que me colocasse em casa pra eu tá acompanhando o crescimento dos meus filhos, pra eu tá cuidando da casa, pra eu não precisar tá acordando cinco horas da manhã.

Na fala a seguir, ela se refere à forma como ela vê essa opção:

Eu vejo assim como, **tranquilo**, mas se tá buscando assim coisas por ela, se aquilo faz bem pra ela, se é o que ela quer, fazer o que, não é muito meu estilo, não, como dizem por aí, não é o meu número, é alguma coisa muito mais, ficaria mais apertado em mim, ficar em casa o dia todo, cuidando de filhos, cuidando de marido, não é muito, eu, prá eu ficar em casa, eu teria que ter no mínimo uns três, quatro cursos, eu viveria assim, se é pra ficar em casa sem trabalhar, então, faria algum curso, faria alguma coisa. Eu não vou discriminar porque eu conheço essas pessoas, são pessoas próximas, não, pôxa, fazer o que, é o que eu gosto de fazer, é uma opção como qualquer outra, a minha opção prá elas talvez seja eu que seja a louca, eu que seja totalmente a extraterrestre ali, do mesmo jeito que eu quero que me respeitem, pelas minhas escolhas, pelas minhas opções, o que realmente o que eu quero e desejo, eu respeito também, tranquilamente.

Sandra (39 anos, solteira), assim como Gabriela (26 anos, solteira), disse aceitar esse tipo de opção pela dedicação integral à casa e à família, mas, em sua fala, pode-se perceber que esta aceitação é parcial, já que ela questiona essa opção de sua prima, afirmando ter dúvidas sobre até que ponto esta é realmente uma opção dela ou a repetição de um modelo aprendido:

Eu acho que é uma possibilidade. Eu acho que isso tem que tá claro. Eu acho que também tem essa escolha. Eu tenho uma prima que ela tá com seus 26 anos, ela terminou o segundo grau pra poder casar, porque o pai dela virou e falou – você só vai casar se terminar o segundo grau, ela só terminou o segundo grau prá casar, ela nunca trabalhou na vida, ela não tem a menor *vontade*, outro dia tava falando com ela, eu

falei você não tem vontade de estudar, fazer pelo menos um curso profissionalizante, não falo fazer mestrado, vai fazer um curso profissionalizante, sei lá, trabalhar fora, fica o dia todo dentro de casa, ela – ah, não, ah, não, não gosto desse negócio, dessa vida que tu leva, não, eu gosto tanto de ficar na minha casa, eu cuido aqui dos meus filhos, minha casa tá sempre, e realmente a casa dela tá sempre um brinco, tá tudo sempre no lugar, tá tudo sempre limpo, ela cuida muito bem da casa dela e você percebe que ela tem prazer em falar isso, não tem nenhum problema, assim com relação a isso (...) Mas eu não sei até que ponto tem aquela, éé, aquela internalização da cultura, é o modelo da mãe dela, a mãe dela também é assim, sempre trabalhou só dentro de casa, ela costurava prá fora prá ajudar a renda familiar, mas dentro de casa, nunca trabalhou fora, então não sei se é essa repetição, eu não sei até que ponto, eu acho assim que, eu a percebo satisfeita com a escolha dela, então eu acho que assim mulheres que fizeram essa escolha, até que ponto é uma questão de pura pressão cultural ou não eu não saberia dizer, mas eu conheço sim mulheres que estão satisfeitas com essa escolha, ..., assim como conheço muitas que não estão, muitas que não estão, *mas* foi essa música que tocaram, foi essa trança que trançaram.

Lúcia (52 anos, divorciada) também relatou conhecer mulheres que são felizes com essa opção e mulheres que não são, incluindo neste último grupo, principalmente, as mulheres que abandonaram uma carreira:

Há cobrança em relação a essas mulheres também, há cobrança de todos os lados, há muitas exigências, a gente vive numa sociedade muito exigente, né, acho que há cobrança sim, eu mesma acho estranho (riso), embora veja que tem muitas que são felizes, essa minha amiga que eu tava me referindo que tem três filhas, ela é dona de casa e muito feliz, mas algumas eu acho que, éé, principalmente aquelas que **largaram** carreira, essas às vezes eu percebo assim um certo ressentimento, nessa minha amiga que nunca trabalhou, que sempre foi dona de casa e tal, não, mas algumas que largaram o trabalho, eu vejo que houve um retrocesso, ou porque casaram com um homem que tinha uma situação financeira muito boa e achava que não precisava trabalhar e tal eu vejo um retrocesso e vejo um certo, também, assim - ah, por que você não se aposenta, o que adianta estudar tanto?

Já Tatiana (28 anos, solteira) não tem uma visão tão aberta, ainda que pareça ter consciência disso, em relação às pessoas que se mostram muito diferentes dela nas idéias sobre família, casamento e filhos, ao contrário de Gabriela (26 anos, solteira), que estabeleceu uma distinção entre a visão da sociedade, de modo geral, e a sua própria visão sobre essas coisas, apontando, inclusive, para o fato de que sua opção por não ter filhos também pode causar estranhamento em algumas pessoas. O fragmento abaixo é de uma fala de Tatiana:

Assim, é engraçado essa coisa, porque assim, eu gostaria de achar isso, que eu tenho idéias mais abertas, mas na verdade é porque acaba, em alguns momentos, eu sendo muito intolerante a quem não, a quem é de outra forma, eu acho que isso acontece

também, né, então acaba sendo meio que o contrário, né, e é tão ruim quanto, às vezes, né, mas aí, enfim eu tenho que pensar nisso. Até uma cobrança de que as pessoas têm que ser abertas, têm que ser, entendeu, né, eu acho que eu tenho que aceitar que as pessoas podem não ser abertas, entendeu, podem ser assim, e, enfim, são assim não posso querer abrir a cabeça da outra pessoa, porque eu quero, porque acho melhor, pra ela pode não ser, mas às vezes é difícil isso, né.

De acordo com Geísa (58 anos, casada), as pessoas olham de forma diferente para essas mulheres que optaram por se dedicar integralmente à casa e aos filhos, existindo, mesmo que não abertamente, um certo preconceito em relação a elas:

Eu acho que assim no geral pode ter até um certo preconceito, acho que no geral até pode ser, eu até falo pelas minha sobrinhas, eu tenho de uma irmã quatro sobrinhas e todas elas estudaram, todas fizeram faculdade e tal, e das duas que não trabalham as próprias irmãs que trabalham ficam - como pode ficar só em casa -, acontece que assim teve um filho atrás do outro, ee, talvez porque não precise, mas mesmo em não precisando tem essa exclamação um pouquinho tem.

Já para Denise (46 anos, solteira) e Adriana (44 anos, solteira) chega a ser estranho esse tipo de comportamento para a sociedade atual:

Eu vejo assim, quando a gente, principalmente entre amigos, né – gente, fulana casou, ela não quis fazer nada, ta lá cuidando de filho -, a fala é essa mesma, é aquela ovelha negra, porque hoje ela é ovelha negra, a mulher que opta por ta em casa cuidando de filho, hoje a mulher ta tanto no mercado, tão envolvida que se você não ta no mercado é a coisa mais estranha, tanto que, por exemplo, uma prima, outro dia ela tava me falando que vai fazer faculdade, porque ela casou nova e foi ser mãe, e eu achava aquilo a coisa mais absurda, todo mundo, né, ela terminou o segundo grau, pronto, acabou, é isso, né, porque a gente, ainda mais na nossa classe, né, numa classe média, a gente hoje em dia todo mundo faz faculdade, mesmo que a gente sabe que é difícil, a gente ta estudando, ta tentando alguma coisa e ela não, ela parou e foi ser mãe, a vida dela, a gente achava aquilo a coisa mais estranha, é muito engraçado, porque a coisa mais estranha você deixar de, viver pelo filho, pros filhos e pra família. Eu acho até que isso é uma busca por conta desse movimento da sociedade também, entendeu, eu acho que não cabe mais a ela ser só mãe, e ela é nova, hoje em dia é nova, então, eu percebi isso, até ela, não cabe mais, ela já ta buscando, entendeu, acho que isso ta bem claro na sociedade, uma cobrança de você ta atuando, de você fazendo alguma coisa que você goste, e mesmo que você não esteja atuando, não tenha, mas que você faça alguma coisa que seja você e não o marido, entendeu, você ter um momento seu, diferente, eu vejo isso bem claro (DENISE).

Eu acho assim, eu tenho uma visão de gente de cidade grande, né, você que vive numa cidade menor, né, tem sempre, vamos dizer assim, Rio de Janeiro capital tem menos, isso acontece menos, acho que isso é uma coisa até meio regional, apesar de que acontece (...) então eu acho assim gente pô também você passar a sua existência toda sem se formar, sem fazer nada, também pelo amor de Deus, você vira uma samambaia,

né, vamo, tem que fazer alguma coisa, né, nem que seja, sei lá, um trabalho social, um trabalho artístico, faz alguma coisa, produz alguma coisa, acho que o ser humano tem que fazer alguma coisa, né, ficar dentro de casa, fazendo o que, né, vendo Ana Maria Braga, não dá pra mim não, tem que, pelo amor de Deus, né, até as freiras elas optaram por uma coisa, elas optaram pra rezar pela humanidade, aquilo é uma opção, entendeu, tudo bem, vamos dizer assim ah ela optou por ficar em casa e não fazer nada, é uma opção, mas eu acho a pior de todas, não produz, pelo menos a freirinha ta lá rezando (ta mandando energia boa pra alguém, né), entendeu (ADRIANA).

#### F. Divisão das Tarefas Domésticas e Cuidados com os Filhos

Gabriela (26 anos, solteira) havia falado primeiramente que os homens não ajudam nas tarefas de casa e no cuidado com os filhos, mas, em um outro momento da entrevista, é menos rígida com os homens, atribuindo certa responsabilidade às próprias mulheres, que não conseguem pedir ajuda aos homens e nem mesmo a outras pessoas:

A gente tem a tendência de colocar assim ah, pôxa, esses homens não ajudam, pôxa, éé, só querem chegar em casa, sentar, botar o pezinho prá cima e não fazer nada, muito da educação realmente deles, desde pequenos voltada prá isso, tanto que os pais falam pô, meu filho não vai lavar louça, meu filho não vai varrer uma casa (...) Mas a gente também assim vê muito das mulheres que tem essa cobrança, elas se cobram muito que elas têm que ser maravilhosamente perfeitas, elas têm que dar conta do trabalho, elas têm que dar conta de casa, elas têm que dar conta de tudo, muitas coisas realmente as mulheres poderiam *tá*, tá pedindo ajuda pros maridos, eles realmente, eles não se importariam, mas elas têm uma dificuldade muito grande também de tá pedindo, pôxa é minha função, éé, eu não tô desempenhando então meu papel **tão** bem assim, realmente ficam pôxa será que eu sou realmente uma boa mãe, será que eu sou uma boa esposa, será que eu uma boa amiga, será que eu sou isso realmente, porque pôxa eu não tô conseguindo nem dar conta direito disso, **como** isso, a gente tem aquela idéia de que homem realmente não vai ajudar em nada, mas a gente também tem uma dificuldade muito grande de tá pedindo ajuda prá essa pessoa que tá do lado, ou o marido ou quem sabe até uma tia, ou uma mãe, ou um primo, ou um parente, ou qualquer pessoa.

Adriana (44 anos, solteira) responsabilizou as mães pela criação que dão aos homens e que os leva a não participar e não se envolver, desde cedo, com a vida doméstica:

Não, acho que isso aí tinha que morrer e nascer de novo umas dez vezes até, até melhorar (riso), o homem ainda é terrível, ainda é terrível, mas a culpa é da própria mulher, né, a gente sabe disso, a gente sabe disso, até hoje mesmo a minha coordenadora tava falando com o filho dela que tem acho que 8 anos, éé, ele tinha, ela

tinha até pedido desculpas porque ela tinha tido uma reação muito forte com ele, né, mas aí ela tava dizendo assim – filho, bota prá fora, chora, eu sei que o seu peitinho tá apertado por causa disso, pode chorar filho, é bom, não guarda não a emoção, não sei quê -, aí depois eu virei prá ela e falei assim - pô bacana isso, né, você mostrar pro seu filho que o homem tem que chorar mesmo, né, acho que mulher tem que fazer isso, gente, tem que botar o filho prá lavar prato também, prá levantar a tampa da privada, gente, porque a culpa é nossa mesmo, a gente cria esses monstros, esses homens aí, chatos, depois a gente mesmo que tem que aturar, entendeu, ah, vai lavar tua cueca, criatura, que é isso, entendeu, vai dobrar (riso) a tua cama, vai ajudar, que é isso, só porque é homem, mulher endeusa homem também, tem que botar eles prá (mexer).

Gabriela (26 anos, solteira) e Lúcia (52 anos, divorciada) comentaram que as mulheres deveriam parar de reclamar dos homens e aprender a exigir deles a divisão de tarefas e responsabilidades e também ensiná-los a fazer essas tarefas:

A gente também tem dificuldade, por isso que tem tanta mãe, tanta mulher é tão estressada que fica reclamando pros quatro ventos que tem que dá conta de um monte de coisa, que não sei o que, e que chega e fala ah, mas eu já falei com ele que ele não pode fazer assim, que não sei que, mas prá consertar, ela vai falar não faz assim, mas não pede ajuda prá tá arrumando aquilo, só fala não faz isso, aí é muito fácil, né, não, não coloca o pezinho na mesa de centro, mas faz, é hábito, desde pequeno, coloca o pé em cima da mesa, mas chegar prá falar tira o seu pé de cima da mesa, mas pôxa vem me ajudar a arrumar aqui, vem me ajudar a lavar uma louça, a gente também vê muita dificuldade dessas mulheres (GABRIELA).

Mas eu acho que isso aí a mulher tem que ensinar o homem a cuidar dela também, em vez de ficar só no lugar de cuidar, ela tem que, já que ele pede, em vez de brigar porque ele pede, ela passar a pedir também, né (LÚCIA).

Cíntia (36 anos, casada) mencionou, a esse respeito, a diferença de criação recebida por ela – que sempre ajudou a mãe – e pelo irmão – que não fazia nada –, no que diz respeito à realização das tarefas domésticas:

É engraçado, porque eu vejo assim lá em casa, meu irmão, meu irmão é nove anos mais novo do que eu, então deu prá acompanhar **bem**, o tempo que eu tava em casa, a diferença da criação que minha mãe deu pra mim e a criação que deu prá ele, né, ele só foi pegar numa vassoura pra varrer uma casa, tal, a pedido, ah, muito tempo, e sabe porque ele foi fazer isso, porque **eu** pedi, não foi minha mãe que pediu, e depois quando eu vou na casa dos meus pais e que ele tá lá, diz – ah meu Deus já vai começar -, porque aí sabe, até porque minha mãe também eu vejo que já tá mudando mais, acho que pela convivência comigo, com, né, meu marido, que a gente convive muito, ela também já tá mudando, água mole em pedra dura, se não furar (riso), aí, mas até determinada época eu via isso muito claramente – não, homem na cozinha só atrapalha –, essas frases típicas que a gente ouve, e eu não, digo – não, homem tem que ajudar,

vem prá cá -, ela pedia uma vez, aí não dava certo, ela pegava prá fazer, se fosse eu, na minha época, eu ia fazer de novo, então, tem diferença mesmo, infelizmente

Sandra (39 anos, solteira), Lúcia (52 anos, divorciada), Adriana (44 anos, solteira) e Cíntia (36 anos, casada) também assinalaram que os homens ainda não dividem de forma igualitária as tarefas do mundo doméstico:

Tanto pessoalmente, quanto superficialmente em contato social, como clinicamente são raros os homens que partilham mesmo com as mulheres as tarefas e os cuidados com as crianças, sabe aquele tipo assim, ah, não, não, olha só hoje pode deixar que eu lavo o banheiro, ou então não, não hoje pode deixar que eu pego fulano no colégio, não eu vou dar banho nas crianças você faz, **raros**, são raros, na minha realidade profissional, social e pessoal, são raros, a maioria até ajuda pagando uma faxineira quinzenalmente, acha que faz muito, ou então, de repente, brincando enquanto a mulher cuida da comida, da janta, enfim, é raro (SANDRA).

Não, de jeito nenhum, o homem, quer dizer, continua pedindo à mulher prá fazer um sanduíche ou um café, trazer um café prá ele, por mais que ela seja estudada, culta, continua, mas, também, já dividem bastante tarefas, e eu acho que no Brasil, como a gente é uma sociedade escravagista, que ainda tem esse hábito de ter empregada doméstica dentro de casa e tal, acho que fica, sei lá, se não tem empregada a mulher vira empregada em muitos casos (LÚCIA).

Não, acho que isso aí tinha que morrer e nascer de novo umas dez vezes até, até melhorar (riso), o homem ainda é terrível, ainda é terrível, mas a culpa é da própria mulher (ADRIANA).

É, agora assim, eu sempre, toda vez que eu tô te respondendo eu tô assim o que que eu acho e o que eu acho que é, sabe, porque o que eu acho que é mesmo não era pra ser assim, era pros dois ter uma coisa mais equilibrada, né, que as diferenças que cada um vai ter, mais equilibrado, mas não é isso que eu vejo, não é isso que acontece, né, apesar de tá mudando, assim, sempre me remetendo pros meus amigos que são pessoas que estão mais próximas, mas eu vejo muitos dos meus amigos com esses papéis, papéis, né, jááá, equilibrados não, mas um pouco queee, como que eu digo, mais misturado, é uma coisa que eu não via nos meus tios, né, por exemplo, no meu pai, nessa geração, de pegar a criança prá dar banho, de sair prá passear prá mãe estudar, sabe, isso eu vejo nos meus amigos tranquilamente, tranquilamente, isso eu não via, então eu acho que tá mudando, se for analisar o que eu tenho de amostra (riso), isso tá mudando, mas de uma forma geral assim, acho que ainda é essa questão, né, a mulher é a que cuida, a que diz, a questão da formação, da educação, né, e o pai fica com outro papel, mais assim, mais de, não é de lado não, é outro papel, é aquela pessoa que vai chamar a atenção na hora que a mãe já esgotou tudo - vou falar pro seu pai, viu -, né, é a frase típica (riso), assim, agora realmente eu acho que tá mudando, ainda bem (CÍNTIA).

Para Cíntia (36 anos, casada), está havendo uma mudança positiva em relação à divisão de tarefas e responsabilidades em casa apesar dela ainda não ser a ideal. Ela e o marido,

inclusive, conseguem dividir bem as tarefas entre eles, o que, segundo ela, foi uma situação construída por eles mesmos, uma vez que a educação do marido sempre foi tradicional, ou seja, do tipo em que o homem não participava das tarefas dentro de casa:

Eu acho, e acho ótimo, porque acho que pesa menos, né, pesa menos, assim, porque aí quando eu falar, né, se eu for uma mãe, por exemplo, quando eu falar de algo que o pai faz, eu sei o que é porque eu também faço, e ele da mesma forma, então eu acho que isso facilita, e facilita prá própria criação também, eu acho que até prá criança, sabe, ela já ser criada vendo esses papéis, né, na sociedade não ser limitado isso é de homem, isso é coisa de mulher, acho que faz com que a sociedade no futuro quem sabe, né, possa ser diferente, que eu acho isso muito ruim, essa questão de papel do homem, papel da mulher delimitado dessa forma, acho que essa é uma separação que não precisa ter, essa mudança é super positiva, agora tem, assim, as pessoas que assumem essa mudança e fazem, tanto acham que elas têm o lado bom, como também elas são cobradas por não assumir aquele papel característico, assim, né, do próprio pai, do homem que vai dividir trabalho doméstico e tudo mais, eu acho que algumas pessoas com quem se relaciona ainda cobra isso – cara, você não vai fazer isso, isso é coisa de mulher -, né, agora, na medida que recebe atenção positiva, né - que bom, que bom que você ajuda, que bom que você faz -, eu acho que ainda se sobrepõe (...) (Riso) A gente divide. Assim, eu não tenho empregada, por exemplo, eu não tenho ninguém que faz nada em casa, tanto eu quanto ele, hoje, nós dois estamos estudando, a gente tá no Rio só por conta do doutorado, só por conta do doutorado, então a gente tem tempo, a gente tá só estudando, a gente tá licenciado do trabalho, então a gente divide tudo, divide assim quando dá um varre a casa, o outro varre, passa pano, lava banheiro, então a gente divide, agora tem, assim tem tarefas que são mais minhas e mais dele, mas não isso é coisa de homem ou coisa de mulher, mas sim por um saber mais ou gostar mais e o outro saber menos ou gostar menos, não vou dizer que é sempre, né, um mar de rosa (riso), acontecem problemas, mas é o mínimo, também quando um sente, um se encosta mais, aí o outro vai e reclama, gera aquele atrito, mas depois a gente volta nos eixos, tanto de um lado quanto do outro, então dá pra organizar legal (...) Agora essa questão mesmo assim de dividir tarefa doméstica, essas coisas, com o meu marido foi uma coisa que começou comigo também, assim, na casa dele também não fazia nada, eu digo prá ele - você veio prá mim sem saber nada (riso) -, mas aí como nunca admiti de eu fazer sozinha e ele também não, né, não tinha resistência, também achava que era assim, então ia, mas assim, de comida ele acha que eu tenho que aprender pra ensinar pra ele, minha mãe mesmo, minha mãe gosta muito de cozinhar, ela gosta, e tem um pão caseiro que ele adora, e eu não sei fazer nada disso, falei – minha mãe ensina o R a fazer - e aí ele aprendeu com ela, e ele faz e eu não sei fazer, mas foi uma coisa que foi construída também, ele não veio pronto não, porque na casa dele, ele não fazia absolutamente nada, e até hoje, que são cinco mulheres em casa, aí quando ele chega em casa – não, mãe, pode deixar que eu lavo –, - não, tem um monte de mulher aí, vai lavar -, mas aí quando volta entra nos eixos.

Tatiana (28 anos, solteira), apesar de não mostrar muita segurança em sua resposta, diz achar que está havendo uma maior divisão de tarefas entre homens e mulheres e acredita que essa



divisão deve ser ainda mais completa no caso do casal não ter filhos, já que, em sua opinião, a relação da mãe com o bebê é diferente daquela estabelecida entre o pai e a criança:

Eu acho que tá acontecendo, né, embora assim, fica até difícil com essa questão da licença paternidade e tudo, mas acho que enfim, mas acho que de repente o tempo que o pai tá em casa acho que deve tá havendo essa preocupação de não deixar tudo com a mãe, e sem filho então aí que tem menos (justificativa ainda prá não dividir, né), acho legal dividir, acho que **tem** que dividir, né, não tem porque não, os dois trabalham, tem que dividir.

Geísa (58 anos, casada) tem uma visão tradicional sobre a divisão de tarefas entre homens e mulheres, apesar de achar que essa divisão parece ser um pouco diferente para os casais mais jovens, especialmente quando ambos trabalham fora e têm filho. A sua fala lembra um pouco a de Gabriela (26 anos, solteira) – ainda que ambas tenham posições muito distintas sobre isso – no que diz respeito ao fato de acreditarem que a mulher acha que o homem não vai saber fazer as tarefas direito e, assim, acaba sendo levada a dar conta de tudo, ou quase tudo, sozinha:

Eu não consigo ver com bons olhos homem nas tarefas domésticas, até porque não vai saber fazer direito, não vai saber fazer direito, e eu acho que não *precisa*, não precisa, agora se for um casal novo, talvez, que não tenha empregada, o casal é novo, os dois trabalhem fora e também têm filho, acho que de repente dividir não é errado, na minha situação que eu vejo agora, eu acho inadmissível (riso) (GEÍSA).

Essa visão tradicional de Geísa acerca da diferença de papéis e atribuições de homens e mulheres no espaço doméstico parece se contrapor à idéia que apresenta em relação à mulher que trabalha fora de casa. No campo profissional ela acredita que há e que deve haver certa igualdade entre homens e mulheres:

Ah, eu acho que hoje em dia sim, eu acredito na igualdade, homem e mulher, nesse ponto, isso é, tanto pra um quanto pra outro eu acho que é fundamental, não faz diferença, o grau de satisfação é o mesmo, não tem mais essa da mulher se satisfazer em ser dona de casa ou coisa assim, ta em pé de igualdade.

Para Denise (46 anos, solteira), a divisão entre homens e mulheres que têm filhos na esfera doméstica não é possível, uma vez que o lugar da mulher na criação dos filhos é insubstituível, apesar de afirmar que esse papel não precisa ser, e muitas vezes não é, necessariamente desempenhado pela mãe biológica:

O filho precisa da mãe, isso é muito claro prá mim, tanto que a mãe quando abandona, ele vai arrumar outra mãe, ele precisa de uma mãe, é a mãe que vai fazer com que essa criança sobreviva, esse negócio de menino da selva isso é errado, não existe, ele precisa da mãe, se não é a mãe a mãe, ele precisa de alguém nesse papel, a não ser essas mães que só pariram, mas não são mãe, passam isso prá outra pessoa, se não é a mãe que gerou vai ser uma mãe, então eu acho que quando você quer um filho, você quer ser mãe, ele vai precisar de você, não tem como mudar isso, eu acho que por mais que a gente, éé, por mais que você tenha empregada, cara, a não ser que você pariu vai lá a empregada cuida e você fica lá buscando sua vida, mas você é a mãe, né, tanto que às vezes surgem muitos conflitos, né, por conta disso, que a mãe é a empregada no final, né, que também não é a mãe, então acaba não tendo a autoridade de mãe, porque a mãe é a outra, isso dá um bafafá de casos, assim, complicados, então não tem jeito, mãe é mãe, e alguém assume esse papel de mãe, é a empregada, porque a criança precisa de uma mãe, não tem jeito, não tem jeito.

Gabriela (26 anos, solteira) foi enfática ao afirmar que deseja encontrar alguém que divida as tarefas de casa com ela de forma igualitária:

No mínimo. Acho divisão, assim, uma palavra maravilhosa, tem que dividir mesmo, e 50%, 50%, tanto eu tenho que lavar louça, eu tenho que lavar o banheiro, como a outra pessoa também, lavar louça e limpar banheiro, não pode ficar uma coisa só.

De todas as mulheres entrevistadas, apenas Geísa (58 anos, casada) afirmou gostar de realizar as tarefas domésticas. No geral, contudo, podemos afirmar que o discurso das entrevistadas vai ao encontro das pesquisas feitas sobre o tema, que apontam para o fato de que os encargos com a casa e os filhos permanecem maiores para as mulheres.

Apesar da pouca participação dos homens nos afazeres domésticos, parece haver uma maior participação deles nos cuidados com os filhos, algo que foi mencionado, inclusive, em suas experiências de vida na casa dos pais. Adriana (44 anos, solteira) e Lúcia (52 anos, divorciada), por exemplo, afirmaram que seus pais sempre foram muito participativos nos cuidados com os filhos. Já Sandra (39 anos, solteira) diz que seu pai, hoje em dia, por morar sozinho, é quem cozinha e cuida da casa.

#### 4.3.2. A OPÇÃO POR NÃO TER FILHOS

Esta categoria foi dividida em três subcategorias: Como se deu a opção; Pontos positivos e negativos da opção; Pressão social. Com ela pretendemos abarcar os fatores que tiveram influência na opção dessas mulheres por não ter filhos, como elas percebem as consequências dessa opção, inclusive se são sentidas como positivas ou negativas, se sofreram, ou sofrem, pressão por parte de familiares, amigos e da sociedade, de maneira geral, e como reagem frente a essa pressão. Além disso, são apresentadas aqui algumas questões sobre aborto, adoção e reprodução assistida, que não faziam parte do nosso roteiro original, mas que, ou surgiram de forma espontânea no discurso das entrevistadas, ou foram levantadas na fala de algumas delas. Assim, achamos válido dedicar um espaço à sua análise nessa categoria, por tratarem de assuntos correlatos. Abordaremos aqui, ainda, a relação que as mulheres entrevistadas estabeleceram entre casamento e maternidade na hora de fazer a opção por ter ou não filhos, e, por fim, sobre a possível influência da rede de amizades na opção feita.

##### A. Como se Deu a Opção

O momento em que optaram por não ter filhos variou muito entre as entrevistadas. As mais jovens desde cedo decidiram que não queriam ter um filho. Sandra (39 anos, solteira) questionou sua decisão durante boa parte da vida, mais devido às pressões sociais que sofreu do que em razão de uma dúvida real. Denise (46 anos, solteira) e Adriana (44 anos, solteira) balançaram quando encontraram uma pessoa com quem desejariam ter um filho, mas, como não foram correspondidas, e esse desejo para elas só poderia se realizar com a pessoa certa, optaram por não ser mães. Talvez isso aponte para o fato de que essa opção não depende exclusivamente de um desejo da mulher. Lúcia (52 anos, divorciada) e Cíntia (36 anos, casada) nunca quiseram mesmo ter filhos. Geísa (58 anos, casada) não sabe explicar direito, mas diz que nunca quis ter filhos e as coisas foram acontecendo, de modo que ela foi deixando o tempo passar.

As falas de Denise (46 anos, solteira) e Adriana (44 anos, solteira), abaixo, exemplificam sua posição:

Porque na verdade ele também, ele não tava querendo, ele tava num outro momento e aí eu fiquei com medo mesmo, com ele eu desejei ter um filho, como ele tava na dúvida eu preferi não arriscar porque eu também não queria ter um filho sozinha, podia até não casar, porque isso não tava formatado pra mim que eu iria morar com ele, mas eu queria ter um filho e queria com ele, primeiro que essa não é uma decisão só minha, porque também eu não queria engravidar assim, ah, eu queria que ele também desejasse, eu queria que meu filho tivesse pai e mãe, foi a única vez que eu me lembro assim de ter desejado ter um filho, entendeu, agora em outros momentos não, todos às vezes eu pensei assim não cabe (DENISE).

Eu já tive uma relação que eu gostaria de ter filho com, com ele, mas assim ele também queria ter filho, mas engraçado eu acho que eu não era o tipo de mãe que ele queria dar para o filho dele, entendeu, eu não sei, aí é a parte dele, eu já pensei sim, mas não aconteceu, eu não posso responder pelo lado dele, mas eu pensei, mas não deu, eu acho que na minha vida inteira, até hoje, né, hoje assim eu tô há um ano e meio sem me relacionar propositalmente, porque eu, eu, eu acordei pro fato muito forte de que eu sempre escolhi pessoas que é têm um perfil que eu sempre pudesse me sabotar, entendeu, eu sempre escolhi homens que fatalmente eu sabia que é, é não iria dar certo, e quando eu realizei isso foi um choque pra mim, né, ee tô há um ano e meio me reciclando pra que justamente eu possa olhar agora uma pessoa, porque eu tava até me lembrando assim alguns relacionamentos quando eu via que eles queriam muito eu me afastava, porque eu sabia que ali ia dar certo, entendeu, então, ainda é difícil pra mim, se uma pessoa chegar com muita sede ao pote em mim, me assusta, entendeu, então tem que ser assim uma coisa (riso) é complicado, né (...) O fato de eu não ter tido não foi uma opção por não gostar de criança, foi uma opção por achar que a criança merece ter um pai também, eu acho que eu tive uma atitude responsável, eu não acho legal uma mulher simplesmente chegar assim eu quero ter filho, eu vou ter filho, eu não acho isso legal, ela tá pensando nela, mas a criança merece ter um pai também, entendeu, às vezes até por pior que seja, mas é uma referência masculina, não um avô, sei lá, um amigo gay, um veado, um avô, sei lá, qualquer coisa assim, eu sempre tive muito isso, eu tive um pai que foi complicada a minha infância com ele e tudo, meu pai bebia, era alcoólatra, mas ele era uma pessoa que me *amava* profundamente e ele era uma pessoa muito densa, muito problemática, mas eu tive o meu pai e ele me amava, então tive uma referência masculina por mais torta que tenha sido, entendeu, do que você não ter nada, eu acho que você ter nada, eu não gostaria de dar isso ao meu filho, um nada, só uma uma relação, acho que é muito egocêntrico você só ter a mãe, e ser mãe e pai, eu não sou mãe e pai, eu seria mãe, e uma supermãe aliás eu acho que eu seria (porque você vê eu tenho filhas adotivas, pra você ver) (ADRIANA).

No caso de Adriana (44 anos, solteira), fica claro, no decorrer da entrevista, que uma série de fatores estão envolvidos em sua decisão pela não maternidade e que independem de sua vontade de ser ou não mãe. Entre estes fatores, podemos mencionar: aspectos emocionais dela; sua herança familiar, em que as mulheres têm problemas de saúde importantes; os companheiros que encontrou e que foram por ela considerados inadequados ou não queriam

ter filhos; o fato de não ter casado; seus projetos pessoais, mais voltados para a realização profissional; as alterações corporais decorrentes da idade.

No caso de Denise (46 anos, solteira), contudo, em outros relacionamentos ela não levou a idéia da maternidade para a frente, mesmo sendo vontade do seu companheiro e passou por uma situação em que até pensou em abortar:

Mas eu não desejava ter filho, então isso, aí eu ficava assim cara isso é muito sério, como eu posso me relacionar com um homem que deseja ter filho e eu não, e eu lembro que eu ainda falei assim, ele era médico - eu não posso mais ter filho -, e ele - como não? Por que não? Como você não pode ter filho? Mas aí isso diluiu (riso), a gente não falou mais sobre isso, e a relação realmente acabou não dando certo por várias questões, mas isso pesa, prá você ver como meu desejo de não ter filho ainda é forte, ainda tá definido.

Sandra (39 anos, solteira) também relatou que já terminou com um parceiro porque ele queria muito ter um filho e se acontecesse isso de novo, em um próximo relacionamento, ela “sairia fora” novamente:

Eu saía fora, eu saía fora, porque eu já saí. Há três anos atrás eu comecei a namorar um rapaz, com seis meses, é eu não entendo isso, eu tenho amigas que fazem de tudo prá (arrumar casamento, fazem de tudo prá arrumar casamento), eu com seis meses, oito meses, o infeliz já começa - o que você acha de de repente a gente começar a ficar sério mesmo? - Aí eu já começo a olhar assim, aí eu fico - puxa, vamo, só tamo seis, oito meses juntos, vamos devagar -, aí fica aquilo - mas você não tem vontade de ter um filho? - sabe assim, e eu tenho amigas, amigas mesmo, que cara, são problemáticas porque não conseguiram casar e eu tenho um imã pra atrair isso que é uma tristeza, sabe, então, assim, eu percebi que ele queria muito, ele tava até disposto de repente, aa não casar, mas ele queria muito ter um filho, eu virei prá ele e falei - olha eu gosto de você? Gosto, mas a gente tem objetivos totalmente diferentes, eu vou tá te atrapalhando, porque eu não terei filhos -, isso há três anos atrás prá mim já tava definido, prá mim tava muito claro que realmente era uma coisa minha, que eu não quero, aí eu virei pra ele e falei - então eu acho que você deve investir numa relação com uma pessoa, tá aberto a encontrar uma pessoa que queira - e eu terminei com ele por conta disso e eu gostava dele, não era assim aquela apaixonada, mas eu gostava dele, a gente podia ter continuado junto, ter um relacionamento legal, mas só que ele, eu percebia que ele queria muito ter um filho, sabe, então prá que que eu vou ficar ali empacando a vida dele, ele na expectativa deu mudar de idéia, eu sabendo que não iria mudar de idéia, cada vez isso ficando mais claro para mim.

Sandra complementou sua fala afirmando que o homem ideal para ela deveria ter certas características que excluiriam a possibilidade de querer ter filhos, como podemos ver na seguinte fala:

Eu até brinco, eu falo, meu homem ideal seria um homem, assim, dos 40, 45 anos, é vasectomizado ou então estéril, com isso muito bem resolvido também, já com umas duas, três terapias (feitas), muito bem resolvido, ou então divorciado com filhos de vinte e poucos anos, já bem adulto, sem a menor perspectiva, sem criança, envolvendo criança, prá não ter nenhuma expectativa em cima de mim a esse respeito, eu costumo brincar com isso.

Denise (46 anos, solteira), Adriana (44 anos, solteira) e Lúcia (52 anos, divorciada) também mencionaram a possibilidade de encontrar alguém já com filhos, como se pode observar nas seguintes falas de Denise e Adriana:

Eu falo assim, às vezes conheço alguém e fulano tem filho, eu ai que bom, é, porque homem quer filho e ele pode ter filho eternamente, (eternamente é ótimo), né, mas um homem tem filho até muito mais tarde do que a mulher, entendeu, então, isso eu sempre tive medo disso, nos relacionamentos, penso assim ai meu Deus e se o cara quiser um filho, porque eu não quero, entendeu, porque realmente eu não quero, é isso que eu tô falando, a não ser que seja uma relação que me mude, mas eu não quero ter filho - ah perfeito já tem filho -, não vai ter essa cobrança dentro de mim de ter um filho, que eu não quero, eu quero se eu quiser, se eu quiser, se eu mudar de idéia, mas eu não quero nesse momento eu não quero filho e não quero cobrança, entendeu, então sempre foi uma preocupação quando eu tinha uma relação, por exemplo, eu conheci um cara e eu gostava muito dele e ele não tinha filho e um dia ele falou assim pra mim, éé - vamos ter um filho? Eu, ahn! Como assim?! (riso) Aquilo me assustou muito, porque eu pensei assim cara esse cara quer um filho e no momento eu não quero filho e eu não sei se eu vou desejar uma hora ter um filho, então, nas relações isso pesa (DENISE).

Até um dia desses eu falei se fosse alguém que já tivesse filho seria ótimo, não precisaria nem gestar, já herdo logo as crianças, eu não tenho problema com o filho dos outros, com criança, eu tenho, eu tenho essa coisa assim, e eu acho que é legal que as pessoas assim, as crianças sentem que eu não, eu trato normal assim e elas acabam se aproximando de mim, não tem essa coisa assim, eu acho que seria natural, entendeu, eu já tive relações que, até na minha idade assim, até a partir dos 30 você já vê vários homens já separaram, sempre tem um filho ou outro, então você sempre, né, oportunidade que você tem de ter esse tipo de relação, e eu sempre venho me dando bem com as crianças, ou com os adolescentes e tal, não tenho problema nenhum quanto a isso (ADRIANA).

A fala de Adriana, acima, vai ao encontro de outros trechos de sua entrevista, como apresentado por nós antes, em que outros fatores, que não o fato de não gostar de crianças, parecem estar implicados em sua decisão de não ter tido filhos até agora.

Lúcia (52 anos, divorciada) já namorou um homem com filhos e disse que era bom por ele não querer um quarto filho. Contudo, em relação a seus namorados quererem ter filhos, esse fato ainda não aconteceu com ela, apesar de ter encontrado homens que queriam se casar:

Depois que eu me formei, comecei a trabalhar e me tornei independente, autônoma, éé, eu tinha namorados e tal, e tinha namorados mais velhos, tive um namoro bem firme logo depois que eu me formei com um homem mais velho, não muito, mas mais velho, que já tinha três filhos, um de cada casamento, então isso nem passava pela cabeça ter um quarto filho, éé, é isso, teve isso, quer dizer, mas também mesmo assim se eu tivesse muito desejo eu poderia ficar - ah quero ter um filho, também quero ter o direito -, sabe, então, mas isso nunca interferiu também, eu gostava da relação, ah que bom tem três filho (riso), não vai querer, né (...) E, ahn, também nunca tive, não teve nenhum namorado que dissesse ah eu quero ter um filho, falavam que queriam casar.

Diferente de Sandra (39 anos, solteira), no entanto, Lúcia gostaria de namorar um cara com filhos pequenos ou netos:

Mas eu gostaria, por exemplo, de ter um namorado que tivesse um filho pequenininho pra eu brincar (risos), ou um neto, não tem nenhum problema, eu gosto muito de criança, não me incomoda em nada, me relaciono bem com criança, acho muito bonitinho, mas na casa dos outros, na minha casa, é tudo muito, né, é uma casa de adultos, mas eu, sabe, minhas amigas que têm filhos, éé, eu sempre sou atenciosa, presenteio, eu tenho uma sobrinha neta de sete anos, que eu também sempre presenteio, dia das crianças e tal (LÚCIA).

Para Cíntia (36 anos, casada) foi mais fácil, pois ela encontrou desde cedo um parceiro que também não queria ter filhos.

Denise (46 anos, solteira) mencionou, como outros fatores que contribuíram para sua decisão de não ter filhos, o fato de estar ainda hoje fazendo um investimento na carreira escolhida. Um filho, segundo ela, poderia significar muitas despesas e muitas preocupações, além do fato dela gostar e precisar ter sua liberdade:

Pode ser que em algum momento eu pensasse ah, se eu tivesse tido, mas não tem espaço, por causa das coisas, eu tô muito envolvida com a profissão, não estou numa situação estável, aí você pode perguntar assim se você tivesse numa situação estável, será que você teria um filho, .. não sei, não sei mesmo, eu às vezes eu penso assim, cara, eu sou tão egoísta quando você pensa assim, eu fico gente um filho é muita despesa, é muita despesa, aí eu fico assim, eu gosto de viajar, eu gosto de tá livre, entendeu, eu me sinto livre, e eu acho que um filho tira essa liberdade, então, às vezes eu acho que eu sou muito egoísta quando eu penso isso, porque eu tô pensando em mim, mas não tem, não tem espaço, não tem, não dá prá levar, levar esse monte de coisa que eu acho que eu conquistei, que eu tô conquistando, entendeu?, é muito difícil, você é tão egoísta que coisa horrível, mas não dá, não dá, porque também eu acho que não é justo eu ter um filho pensando nas viagens que eu deixei de fazer por causa do filho, não, então, essa é uma decisão eu vejo que cada vez mais realmente não tem espaço, e às vezes também passa se tivesse encontrado um homem riquíssimo, né, que bancasse, você teria um filho, não sei ainda, às vezes, aí talvez tivesse né, não

teria problema de dinheiro e tal, mas aí tem outras questões, né, é preocupação, é é, são outras questões que eu não quero prá mim.

É interessante notar que Denise usou o termo egoísta para se definir, concepção muito pautada na idéia da maternidade como “o ideal maior da mulher, único caminho para alcançar a plenitude, a cabal realização da feminilidade, em sincronia com a necessidade da anulação pessoal, da abnegação e do sacrifício prazeroso”, como afirmam Trindade e Enumo (2002, p. 152). Esta idéia parece ter ficado clara em outros trechos da sua entrevista, nas quais ela afirma a importância da mãe na família, os cuidados e a dedicação dela às crianças e a conseqüente dificuldade para dividir seu espaço dentro de casa com os homens e com o trabalho. Sendo assim, as mulheres que não querem filhos seriam egoístas, pois não saberiam fazer concessões em nome de um filho.

Cíntia (36 anos, casada) apontou algumas questões próximas àquelas assinaladas por Denise, que, segundo ela, influenciaram sua opção por não ter filhos, como o investimento na carreira, a valorização da liberdade e certas características pessoais:

É por muita coisa, talvez eu também nunca tenha querido até pelo lado profissional, porque eu sempre quis muito viajar, quis muito ser desapegada, sabe, nunca me imaginei cuidando de ninguém, então é uma série de coisas assim, mas eu não sei dizer quando eu decidi não ter, eu só sei dizer que eu nunca quis ter, eu nunca tinha pensado em ter, então é meio por aí, meio de mim mesma, assim, eu acho que outras opções, sabe, de, de achar que não ia dar conta de duas coisas, e aí como uma coisa pesa muito na vida, a outra deixei, nunca pensei, não sei dizer assim um fator preponderante.

Apesar de não querer preocupações e não ter tido filhos, entre outras coisas, para evitar essas preocupações típicas das mães com os filhos – sejam eles bebês ou já adultos e casados –, Denise (46 anos, solteira) agora tem enfrentado situações semelhantes, pois sua sobrinha está morando com ela para fazer faculdade:

Por exemplo, a minha sobrinha éé, ela tem 19 anos, ela agora tá morando comigo, eu me preocupo com ela né, com quem você vem com quem você volta, eu me preocupo, e é um papel de mãe, então quando eu fico preocupada porque ela me apronta às vezes eu fico gente eu não quero isso prá mim, eu não quero, eu não quis, uma das coisas que eu sabia que eu não queria filho, era essa preocupação, não queria ter essa preocupação, quero liberdade, entendeu, aí eu fico cara eu não quero, eu não quero, escolhi prá mim não ter filho, porque eu não quero isso prá mim, aí eu fico brigando comigo mesmo quando eu tô preocupada com ela e brigo com ela – eu não quero me preocupar com você (risos), eu fico numa situação, numa sinuca, mas eu realmente



não quero, não, não quero, não quero, eu preciso de, é liberdade, é engraçado, né, e agora falando fica mais claro, é a liberdade, e filho acho que não, vai te tirar todas as liberdades, muda muito, mesmo depois de casado; outro dia não sei quem falou, ah, uma amiga falou – ah, minha mãe se preocupa muito comigo -, não tem jeito, ela é mãe, você vai casar, ter seus filhos, ela vai continuar preocupada, mudam as preocupações, ela hoje tá preocupada porque você chega tarde em casa, amanhã ela vai tá com outras preocupações, porque aí você tá, tá, passando mal, é assim, é mãe, não tem jeito.

A história de Geísa (58 anos, casada) é muito singular. Desde criança ela não queria ter nascido e não achava justo colocar uma pessoa no mundo para sofrer, mencionando seu imenso amor pelas pessoas como algo que a impede de colocar alguém no mundo:

Olha só, eu ainda não sei, eu ainda não sei, eu não sei explicar direito, só posso dizer uma coisa assim, apesar de ter passado por várias situações e considerando hoje, caraca, eu acho que até eu posso dizer que eu até seria privilegiada em relação a muitas pessoas que eu conheço, até em razão da onde eu saí, do que foi minha vida, sempre bastante batalhada, mas, enfim, ..., eu posso dizer que, com toda certeza e se você me perguntasse se eu escolheria ter nascido, eu sempre vou te responder que não e não vou dizer que não seja por amor à vida, eu acho que é por um excesso de amor à vida e às pessoas, porque se você nasce e tem que morrer, porque nascer, também não queria viver eternamente, sei lá, isso não dá prá pensar, mas de qualquer maneira, ahn, eu pensava que não era justo, se eu não queria ter nascido não era justo que eu tivesse filho. Não é por medo do trabalho que a criança me daria, não é isso, é pelo que a pessoa tem que enfrentar na vida, tem que batalhar, é tudo muito complicado daí você vai, vai, vai, vai, vai, vai e você morre e não é só que você morre, você perde as pessoas e eu perdi meu irmão, muito novo, ee, ele era, é, minha paixão maior, e nesse dia eu pensei assim se algum dia eu tiver alguma dúvida se eu queria ou não ter filho, se eu me arrependi ou não por não ter tido filhos, eu vou lembrar da dor que eu tô sentindo e vou saber que filho meu nenhum vai passar por isso, mas foi uma opção minha (...) Então assim, não é por mim, é pelo filho e não acho que seja por falta de amor, eu acho que é por excesso, porque eu gosto muito, muito, muito e me derramo por todas as crianças, e não tenho a menor preocupação em sofrer, em incomodar, só que eu não queria que ele tivesse no mundo, e todos adoram estar, né, só que na minha cabeça era assim, então foi por isso, aí, o tempo passou mesmo, então eu posso dizer assim que eu nunca quis.

Ela mencionou também o fato de que achava que o filho tinha que ter uma herança genética perfeita, o que não seria possível no caso dela e do marido, que têm problemas, segundo ela. Além disso, afirmou que, como é muito preocupada, acha que “seria uma mãe neurótica” e que talvez nem ela nem o atual marido possam ter filhos, uma vez que ambos não tiveram filhos no primeiro casamento e, durante o período em que se “descuidou” e não tomou a pílula, não engravidou:

Por dois ou três meses talvez na minha vida, algum tempo, eu não, poucos meses mesmo, eu não tomei comprimido, mas aí também eu tinha aquele pânico que se fosse tinha que ser assim perfeito, e eu tenho problema de, como se diz no interior, problema de dente, eu falava meu Deus, mas eu tenho que ter bastante cálcio, então tinha que ser perfeito, hoje, o E. ele é diabético controlado, mas eu já digo assim quem é diabético não pode ter filho, eu acho assim que filho tinha que ser uma herança perfeita, se alguém na família tiver uma doença, assim com a menor chance que seja, que seja genética, não deve ter filho, não pode por alguém no mundo com uma herança dessa, então nesses poucos meses que eu descuidei, que eu não tomei a pílula, eu um dia, peguei uma gripe, fiquei quase alucinada, então eu acho que eu já seria uma mãe neurótica e também o que as pessoas dizem nem E. do primeiro casamento teve, nem eu do meu primeiro, eles também costumam dizer que de repente é um casal não é uma pessoa, eu não sei se eu posso, se eu podia ou não podia, não sei se E. podia ou não podia, porque a gente não teve.

O seu primeiro casamento durou nove meses e, desde o início, ela viu que não poderia ter um filho com aquele homem. No segundo, como ambos já estavam há um tempo sozinhos, quiseram primeiro ver se a relação iria dar certo e *se curtir* e curtir a vida um pouco:

No primeiro casamento, era aquela história, você tem 16 anos, você se enamora de alguém, ele tem todos os defeitos do mundo, inclusive na época já ter sido preso, já ter tido mulheres da vida, aquela coisa toda, a família ótima, mas ele a ovelha negra, né, mas eu mudo ele, ele não gosta de trabalhar, ele não trabalha, ele só tem dinheiro pro jogo, não, mas eu mudo ele e eu casei, e realmente nove meses depois do casamento ele simplesmente foi embora com a secretária de uma firma falida que ele tinha, ahn, mas desde o começo eu vi que todos tinham razão, minha mãe e todos que me avisavam, então, eu realmente não quis, por todos os motivos eu não deixei de tomar comprimido, bom, aí eu fiquei dez anos sozinha, não queria nenhuma outra união de jeito nenhum, mas acabou que conheci o E. aquela coisa, e num primeiro momento também aquela coisa muito tempo sozinha, vamos ver se dá, e também vamos curtir a vida, e fui deixando e não querendo também

Em relação ao papel que seu marido teve na sua opção por não ter filhos, Geísa (58 anos, casada) relatou que este nunca foi um assunto muito conversado pelo casal e que as coisas foram simplesmente acontecendo e isso sempre foi algo que ficou mais implícito. Cíntia (36 anos, casada) diz ter ocorrido o mesmo com ela, isto é, a opção por não ter filhos não foi algo decidido explicitamente pelo casal, mas, antes, isto foi “simplesmente acontecendo”, como se pode observar nas falas abaixo:

As coisas vão acontecendo, eu, eu, o tempo foi passando e eu não parei muito prá analisar nem prá pensar e hoje em dia se você me diz, eu não me vejo como tendo, eu não vejo como, poderia ter um filho de 30 anos, mas eu não imagino, não (...) Então filho foi uma coisa que a gente nunca quase que conversou em ter ou não ter, a gente foi deixando o tempo passar, mas eu acho que era quase que uma coisa assim meio

implícita que não se teria, mas não teve pressão nem pra uma coisa nem pra outra (GEÍSA).

Eu acho que a gente deu sorte (riso), porque assim nem eu sabia nem ele sabia que a gente não queria antes de começar a namorar e nem a gente nunca parou assim prá dizer olha vamos conversar sobre filhos, né - você quer, você não quer - não, mas à medida que as pessoas começaram e a gente foi externando até separadamente, assim, sem combinar nada a nossa opinião, a gente viu que a gente combinava, ainda bem, né, a gente combina nisso, mas não foi nada que a gente parou prá, prá conversar sobre, eu acho que não precisou por isso, porque quando a gente começou a dar opinião, né, a gente viu que os dois não queriam, então não foi nada que a gente precisou negociar, nada disso, ainda bem, porque eu acho que, se um quer e o outro não quer, aí um tem que ceder, ou ceder ou terminar o relacionamento, né, e aí sabe Deus quem é que ia ceder, se era eu (riso), né, digamos se eu que não quisesse ter e ele quisesse, eu não sei se ia ser eu, se ia ser ele, não sei, mas facilitou bastante a minha vida e o relacionamento também, porque foi menos um ponto de conflito, né, prá gente ter que negociar, de ter que, e entrar nessa – mas eu quero ter -, - mas eu não quero -, isso pesa (CÍNTIA).

Geísa (58 anos, casada), afirma, contudo, que não aconselha ninguém a não ter filhos, a não ser que seja pelos mesmos motivos dela, apesar de, no final de sua fala, mencionar que, por vezes, aparece uma certa dúvida sobre se não teria sido bom ter tido filho, embora essa dúvida logo passe:

Não aconselho ninguém a não ter, a não ser, e até tem essa minha amiga que tem 37 anos e casou com um moço de 60, ela não quer, mas ela não pensa como eu em relação à vida, ao ter nascido, isso tudo, aí tem que tomar cuidado, porque eu acho que pode quando não tiver mais tempo ficar frustrada, porque daria, eu acho que se eu não tivesse esse pensamento, se só tivesse optado de não ter por não ter, não fosse baseado exatamente no que eu acho ser melhor pro filho, eu acho que eu ficaria frustrada. Eu digo assim, dificilmente eu vou, uma vez ou outra claro eu não digo que você não tenha vontade de ter tido ou na época de ter ou agora imaginar como seria, mas como eu falei se desde criança eu não quis ter nascido é alguma coisa mais forte dentro de mim, agora se a pessoa não pensa que nem eu no sentido de não por gente no mundo, não por filho no mundo pra ele não vir a sofrer, eu acho que ela deve ficar, eu penso que eu seria frustrada, eu me desculpo, e me apoio, e me, e reitero sempre a minha certeza de não querer ter tido baseada nisso que eu acho que a vida não é fácil e se eu fosse escolher eu não queria ter nascido, apesar de não ter uma vida ruim, mas só porque a gente perde as pessoas, a gente sofre quando a gente perde, depois é a gente que vai e os outros que sofrem porque a gente vai, ee, sempre disse isso se todo mundo pensasse que nem eu o mundo acabava, graças a Deus que não pensam, então eu acho isso que não aconselho ninguém a não ter, ainda forço bem prá dizer que sou temperatura pra dizer que mesmo assim de vez em quando vem aquele pensamento - e se eu tivesse tido -, mas passa.

Adriana (44 anos, solteira) também relatou que dá força para as mulheres se casarem e terem filhos se o parceiro for alguém que considerem como um possível pai para seus filhos, pois, segundo ela, o tempo passa muito rápido e hoje, apesar de já estar velha para ter filhos, afirma que, se fosse mais nova, poderia até cogitar sobre isso:

Então minha irmã tem 46 e tem uma filha de 27, né, já poderia ser até avó agora, já tô falando com a C., C. vai logo, me dá logo um sobrinho-neto aí que eu quero logo escoar meu carinho, quando você sair, você deixa o bebê comigo, casa logo, não enrola muito não, casa logo, que já tá na idade, tá bom, depois o tempo passa rápido, eu fiquei, eu tive essa conversa com ela, eu disse assim você fica assim sem se preocupar, porque ela – ah, mas eu nem penso nisso -, C., passa rápido, sabia, passa muito rápido - ah, quero dar prioridade ao meu trabalho -, eu disse - olha, você já tá dando, você já tá trabalhando, você já se formou, você já tá trabalhando, não fica muito com essa história não, porque daqui a pouco vai que depois não dá certo, aí daqui a pouco você vai ficando mais velha, você vai se relacionando já com um homem já cheio de filho, cheio de problema, não, pega logo o seu (riso), já tá aí, não fica com essa história de muito mulher, é por isso que eu digo que eu não sou feminista nesse sentido assim de independência, não - você gosta dele? Gosto - você escolheria ele pra ser o pai do seu filho? Sim - então não enrola, pensa bem, não vem com essas modernidades muito não porque também é muito legal você ter sua casa, e ela - é mesmo – (riso) então, acho que por isso que elas gostam de mim, eu vou e falo, eu faço um contraponto, né, porque eu vejo um outro lado também, então não enrola muito não, que o tempo passa, passa rápido, gente, eu tive 27, eu tive 18, e passa muito rápido, muito rápido, e você sente aquilo, é a mesma coisa você com 27 você não se lembra você com 18, e você sabe que você guarda isso, a mesma coisa eu te digo com 44, entendeu, eu hoje eu não teria filho, porque meu corpo não permite mais, mas se permitisse poderia até cogitar, mas fisicamente, é ruim você se sentir assim, você se sente menos mulher, então quando ainda pode, pensa bem.

Geísa (58 anos, casada), Denise (46 anos, solteira), Adriana (44 anos, solteira) e Sandra (39 anos, solteira) disseram que houve momentos em que pensaram em ter filhos e ainda hoje se perguntam como seria se tivessem tido um filho, balançando, por vezes, diante da opção feita:

Não vou te dizer que, é claro eu acho que como toda mulher, você de repente, você pensa assim como seria, como seria se tivesse um filho, seria branco, preto, loiro, moreno, assim, assado (...) É claro, você fica pensando às vezes te passa pela cabeça como seria, como não seria, o que estaria fazendo, mas eu acho que como eu adotei os meus sobrinhos eu tenho todas as expectativas e as frustrações em cima deles, é como se tivesse, agora eu noto, claro, que é diferente, claro que eu vejo que a relação das meninas com a mãe, é diferente, mas às vezes é diferente até no negativo, sabe, porque às vezes minha irmã fala assim - G. fala você, que você elas escutam, você não é mãe, se eu falar elas já ficam ... (GEÍSA).

Mesmo que eu balance algumas vezes, tá bem definido que eu não quero ter filho, mas o tempo todo, né, a gente tá pensando ah, se eu tivesse, por exemplo, se eu tivesse

investido na psicologia, ah, o tempo todo a gente se questiona se fez a decisão certa, né, talvez se não houvesse nenhuma pressão, a coisa fosse mais bem definida, né, optei por ser psicóloga, pronto, né, mas como sempre existe a história de você ser mãe, e eu me lembro de ter lido sobre Simone de Beauvoir e ela tomou a decisão de não ter filho, né, e ela falava que têm pessoas que não nascem, ela falava eu não nasci prá ser mãe, cara isso é muito, é muito segura de si, porque realmente por mais que eu diga que eu não quero filhos, quando as pessoas começam, a gente balança, pelo menos o que eu li eu lembro que ela tinha uma posição muito firme, assim, não eu não nasci prá ser mãe, não é nem que ela não queria, ela não nasceu prá ser mãe, e eu achava isso muito interessante e você realmente começa a ver como tem pessoas que não nasceram prá ser mãe. É uma posição muito firme, porque prá você falar isso, você tem que tá certa disso, cara, toda hora você tá sendo questionada, e ela foi condenada muitas vezes por falar isso, ainda mais na época dela, né, como uma mulher não nasceu prá ser mãe?, a mulher nasceu prá ser mãe, a mulher é a mãe, né, é onde a criança vai ser gerada, sem mulher não se faz, outro dia, (tava falando com um amigo, pior que é, né, sem mulher não se faz filho), porque o homem, cara, ele pode deixar o esperma dele ali e pronto, agora a mulher precisa, ainda não fizeram nenhum útero que possa gerar filhos, não é só o óvulo, ela é o lugar da geração, então é uma cobrança muito grande, então, mas eu acho que já mudou muito (DENISE).

Eu tive relação que eu gostaria de ter filho com, com ele, mas assim ele também queria ter filho, mas engraçado eu acho que eu não era o tipo de mãe que ele queria dar para o filho dele, entendeu, eu não sei, aí é a parte dele, eu já pensei sim, mas não aconteceu, eu não posso responder pelo lado dele, mas eu pensei, mas não deu (...) Eu até tenho uma foto, é tão engraçado, há anos eu vi numa revista, um anúncio de uma revista que tinha uma menininha, eram várias crianças e eu achei, né, a cara da menina a cara de uma filha que seria minha, parece muito comigo quando era pequena, e eu recortei, até hoje eu tenho a foto dessa menina, né, que é engraçado eu não tô, não sei se eu joguei fora, deve tá guardado em algum canto, que seria a cara de uma menina, porque eu sempre achei que se eu tivesse uma filha seria uma menina, né (ADRIANA).

Então eu sempre tive medo, isso, de ter um filho naquela época, meus 26, foi por volta disso, eu pensei, até pensei em ter um filho sozinha, mas eu fiquei com medo, por questão financeira mesmo, porque eu trabalhava muito e ganhava pouco, também eu queria muito voltar a estudar, eu queria muito conseguir algo melhor pra mim, se eu tivesse filho naquela época, eu pensei, pô, se eu tiver um filho agora, um filho dá uma despesa monstro, .., eu vou ter licença maternidade, eu cansei de ver isso, saía, quando voltava, terminava tudo, ganhava um pé na bunda, se eu ficar desempregada? Como é que será, a minha mãe trabalha, na época ainda não tava aposentada, e também eu nunca concordei com isso, eu sempre pensei assim, aí eu volto ao velho ditado, quem teve Mateus que o embale, eu nunca achei justo, assim como eu nunca achei justo, apesar de visto isso em toda minha família, de botar os filhos mais velhos prá cuidar dos irmãos mais novos, eu não acho justo você ter filho garantindo que seu pai e sua mãe vão criar ou vão tomar conta, mesmo que você que pague a despesa, eles é que vão cuidar, eu sempre fui contra isso, aí eu ficava, pô se eu for demitida?, então a questão financeira de um certo modo me freou na época, e foi bom porque eu consegui aos poucos ir percebendo outras coisas em mim (SANDRA).

Sandra (39 anos, solteira) afirmou que a questão financeira pesou muito em um dado momento de sua vida, em sua opção de não ter filhos, e que isso foi importante porque depois ela começou a questionar se essa era realmente uma vontade sua ou se estava apenas seguindo o que é esperado pela sociedade:

Eu acho que isso freou e ainda bem que freou, a questão financeira, o medo de de repente, não conseguir dar conta, éé, de concluir alguns planos, como estudar, melhorar de vida, porque hoje em dia eu tenho uma vida infinitamente melhor do que eu tinha aos 26 anos, eu acho que foi bom, eu, a questão financeira ter me barrado de ter filho, que talvez, por uma questão cultural de uma expectativa, que até então eu ainda tava meio confusa, tanto que eu só fui entrar na minha primeira terapia com 27 anos, então, assim, eu teria tido, de repente, um filho e depois ter me arrependido, então foi bom eu ter freado isso, que eu tive tempo de fazer uma terapia, me conhecer melhor, de ver que não é nada, não é nada errado eu não querer ter filhos, foi muito bom, porque provavelmente hoje eu estaria arrependida, ..., hoje eu estaria arrependida, coisa que eu não consigo não sentir, por não ter tido um filho.

Já Lúcia (52 anos, divorciada) e Cíntia (36 anos, casada) relataram nunca ter pensado em ter um filho:

Eu nasci numa família nuclear, ahn, pai provedor, mãe trabalhando, mas, enfim, até que as tarefas de cuidar eram bem divididas, éé, mas uma família intacta, ou seja, não havia possibilidade de ruptura, mas eu não fui educada para um casamento e a maternidade, eu não tinha, eu nunca ouvi como às vezes eu vejo algumas amigas falar – ah, quando você casar ou quando você tiver filho, seu filho vai ser assim – eu não ouvia isso, entendeu, eu, é, como filha mais nova de cinco irmãos eu tive que lutar muito prá conseguir um espaço dentro dessa família e eu acho que eu consegui esse espaço muito me destacando nos estudos, e isso me fez sempre ter pensado desde pequena em ter uma carreira, e também em casar e tudo, mas eu nunca desejei ter filhos assim de uma forma, pode ter passado uma fantasia na minha cabeça, mas eu nunca planejei isso, eu nem me lembro muito de brincar de boneca, eu brincava de casinha (LÚCIA).

Olha, eu acho, eu falei que nessa época dos vinte e poucos anos porque eu acho que é quando eu tive que assumir isso porque é quando as pessoas começam a cobrar porque na época dos 18, 19 muito pelo contrário, né, neguinho quer que você não tenha mesmo, né (riso), a família ?, mas assim eu nunca me ima, nun, eu não lembro de mim imaginando com filhos, eu nunca lembro, assim, não é uma coisa que eu senti vontade e depois a vontade passou, ou senti vontade e vi que as pessoas, éé, assim que as pessoas tinham muito trabalho e não quis, não é isso, eu nunca tive, mas aí a partir dos vinte e poucos anos eu tive de como é que eu digo, verbalizar, tive de colocar isso como uma posição, tive que porque as pessoas começaram a perguntar (CÍNTIA).

Como se pode ver na fala de Lúcia, acima, ela diz sempre ter se voltado para os estudos. Também Gabriela (26 anos, solteira) afirmou que não foi criada para se casar e ter filhos, mas sim para os estudos e a carreira:

Sempre ouvia eles falando que, principalmente meu pai - tá vendo, casamento é isso, éé, com marido e mulher você casa e descasa, mas profissão, não, profissão é pro resto da sua vida, então ao invés de casar, ao invés de ter filho, investe na profissão, investe em cursos, investe em coisas, então desde muito nova eu sempre me voltei mais pra isso mesmo.

Lúcia (52 anos, divorciada) e Adriana (44 anos, solteira) afirmam que, apesar de não terem tido filhos, acreditam que, se os tivessem tido, teriam sido boas mães:

Acho que não aconteceu mesmo, não tinha o projeto e não aconteceu, porque eu conheço pessoas que não tinham o projeto e aconteceu e foi muito bom, eu acho que se tivesse acontecido eu teria sido uma ótima mãe, não teria rejeitado a idéia, mas eu acho que eu canalizei também as minhas energias prá outras coisas e não abri muito espaço (LÚCIA).

Eu seria mãe, e uma supermãe aliás eu acho que eu seria (porque você vê eu tenho filhas adotivas, prá você ver), a V. tem 19 anos, não é brincadeira não, ela tem conversas comigo que ela não tem com a mãe, entendeu, ee, eu tenho **várias** amigas é muito engraçado, novas, que eu sei que elas me olham mesmo como uma irmã mais velha, uma mãe, uma coisa assim, sabe, é muito engraçado e é prazeroso passar isso prá elas e tal, acho que de certa forma eu compensei, né, e elas também, né, talvez quisessem ter essa coisa, uma mãe que não fosse uma mãe, fosse uma mãe amiga assim, que falasse umas besteirinhas de vez em quando, né (riso) (ADRIANA).

Para as duas entrevistadas mais jovens, de 26 e 28 anos, a maternidade é algo muito distante, mas elas não excluem totalmente a possibilidade de um dia virem a se tornar mães, ainda que afirmem ter outras prioridades na vida:

Olha, prá mim isso tá muito, tá muito escondido, prá mim é uma coisa assim que, sinceramente eu nunca pensei em ter filhos, quando eu era pequenininha, que eu brincava com as minhas irmãs ou com as minhas primas, a gente brincava de filhinho, de boneca e coisa e tal, eu não conseguia desde a minha adolescência, eu não conseguia imaginar minha vida futura nem casada durante muito tempo e muito menos com filhos, não é, não é uma coisa que eu consigo ver prá mim, o que eu sempre valorizei desde a adolescência, até porque eu via muito os meus pais brigando, sempre ouvia eles falando que, principalmente meu pai - tá vendo, casamento é isso, éé, com marido e mulher você casa e descasa, mas profissão, não, profissão é pro resto da sua vida, então ao invés de casar, ao invés de ter filho, investe na profissão, investe em cursos, investe em coisas, então desde muito nova eu sempre me voltei mais prá isso

mesmo, prá tá estudando, nunca parei prá, assim, nunca parei, não, lá no futuro com um monte de filho ou então com um filho só, família, viagem, todo mundo, eu não consigo visualizar isso, é bem difícil mesmo (...) O que eu tô priorizando agora é terminar a especialização, quem sabe no próximo ano quando acabar tudo, assim, começar, quem sabe começar a me dedicar ao mestrado, alguma coisa, eu quero primeiro me destacar profissionalmente, filhos, marido, eu coloco como segundo plano (GABRIELA, 26 anos, solteira).

Não sei, assim, acho que,..., acho que dúvida eu sempre tive, né, mas, também não ficava pensando sobre isso, né, não há muito tempo, porque na adolescência você também não quer saber muito né, e enfim, eu acho que até comecei a pensar mais sobre isso especificamente no último namoro que eu tive que não terminou totalmente assim, a gente não deixou de se ver, mas não é mais namoro, assim, eu não considero, e eu acho que eu quero terminar, mas começou a rolar essa coisa da gente já tá muito tempo junto, quatro anos, ee, e de ser essa coisa e aí, né, prá onde isso vai e tudo, e eu não sabia prá onde eu queria ir, eu acho que eu não queria ir prum casamento, entendeu, acho não, não queria, ee, e começou essa questão de filho, também, também que eu sempre deixei em dúvida isso, nunca disse que não quero ter com certeza, mas é uma possibilidade eu não querer ter, né, não posso garantir que eu vou querer ter, e isso é uma coisa difícil assim quando a pessoa tem certeza que quer ter, né, fica sem garantia, né, e aí vou ficar mais tempo, né, e aí pode não rolar, então começou a ter essa questão, que aí depois acabou sendo um *start* prá outros questionamentos que acabou que, enfim, houve um afastamento dele a princípio, ee, depois eu que quis me afastar por outros motivos, né, assim acabou sendo um motivo prá se pensar a respeito da relação que acabou indo prá outro caminho, não por isso, né, assim, pelo menos não da minha parte. A gente falou sobre isso, mas isso acabou meio que saindo de cena um pouco, e eu comecei a pensar em outras coisas, assim, comecei a pensar no que eu sentia mesmo por ele, enfim, se valia a pena continuar, e ele também, a gente conversou sobre isso, e meio que deu uma esvaziada e acabou passando prá uma outra coisa, entendeu, aí, enfim, foram outras questões mesmo de, que depois de um tempo você pensa, em um relacionamento mais intensa (TATIANA, 28 anos, solteira).

Na fala de Tatiana, acima, podemos perceber, mais uma vez, que a questão de não querer se casar e ter filhos tem influência sobre os relacionamentos afetivos, como ocorre com algumas entrevistadas no sentido inverso. Para ela, a única possibilidade de ter um filho é encontrar um homem que faça com que o desejo de ser mãe aflore:

Mas aí eu acho que é mais improvável ainda desse desejo surgir sem ter essa pessoa, eu acho, que é justamente a possibilidade que eu aventei de ter a vontade seria de estar com uma pessoa que eu gostasse tanto, né, a ponto de, e quisesse ter, e eu quisesse ter um filho desse cara, agora sem ter nem isso, eu acho muito difícil.

Gabriela (26 anos, solteira), por sua vez, relatou que é sempre muito sincera com os namorados sobre seus objetivos, sobre a forma como encara um casamento e sobre o fato de não priorizar a maternidade:



Desde adolescente assim, desde meus primeiros namorados eu acho que eu nunca cheguei aa, a mentir sobre isso - ah, tá, vamos tentar, vamos tentar, no futuro, mas não agora -, não eu sempre falei - não, eu não sei, casamento prá mim não é casamento em igreja, casamento prá mim é a gente tá sob o mesmo teto dividindo conta, isso prá mim eu conto como casamento, éé, filhos não significa que todo mundo vai ser feliz, vai ficar todo mundo sorrindo, que não é bem assim, aí mesmo é que a responsabilidade começa -, então, eu acho que para todos eles assim eu fui sempre clara, todos terminaram (riso), mas não por isso, mas assim, em todos os relacionamentos eu sempre fui muito clara nesses pontos, que primeiro eu tinha, tenho objetivos e metas a alcançar prá depois tá pensando em casamento, essa coisa toda, filhos que prá mim é um assunto que realmente não me chama muito a atenção, olha, não é bem por aí, primeiro tem outras coisas, tenho a pós, tem isso, tem aquilo, tenho outras coisas que eu gostaria de tá fazendo, tá viajando o mundo, eu quero conhecer um monte de cultura, eu quero conhecer um monte de países, primeiro quero, prá depois ta, quem sabe, pensando na possibilidade de ter um filho.

Ela afirmou, inclusive, que sente receio de engravidar e, por isso, procura se proteger com diferentes métodos contraceptivos dentre os que atualmente estão disponíveis para homens e mulheres:

Tenho receio em engravidar e por isso tomo pílula e quando tenho relações sexuais, apesar de usar pílula, peço ao meu namorado para utilizar camisinha.

Gabriela (26 anos, solteira) mencionou, ainda, os aspectos físicos envolvidos numa gestação como algo com que ela não se sente tão confortável. Já Adriana (44 anos, solteira) se referiu ao medo que sempre sentiu em relação ao parto:

Mas eu não consigo nem me imaginar grávida, com um barrigão, com um monte de estria, eu, se eu já tô cansada agora imagina trabalhando e com aquele barrigão, gente do céu, sem ter posição prá dormir, virando prum lado e pro outro, começo a lembrar das reclamações da minha irmã, tive várias amigas, assim, foi uma atrás da outra grávida e elas falando de, que tavam rindo e daqui a pouquinho quando viam tavam fazendo xixi na calça tinham que sair correndo pra banheiro, e que dava fome algumas horas ou então que dava enjôo, tinha que sair correndo pro banheiro pra vomitar, isso é difícil pra mim, esse, toda essa parte da gestação, depois de tá com o filho ali, isso é uma coisa assim que nunca me caiu assim tão bem (GABRIELA).

De positivo, éé, eu acho que até não ter tido trabalho de parto, porque eu acho, eu sempre tive um medo de morrer em trabalho de parto, sempre eu tive essa, essa coisa na minha cabeça, né, idéia de morte, é, éé, muita, éé, isso seria uma coisa negativa, a primeira que vem pela, pela cabeça assim, sem, sem trava, te falando assim abertamente (ADRIANA).

Adriana (44 anos, solteira) e Geísa (58 anos, casada) contaram que têm dúvidas sobre sua fertilidade, uma vez que já se descuidaram no uso de métodos contraceptivos e, mesmo assim, não engravidaram:

Eu já achei que, eu já marquei várias bobagens assim de relação, eu não tomava pílula, não me defendia e nunca fiquei, eu sempre achei que eu tinha um quê de, de infertilidade e eu acho que se comprovou durante a minha vida, frente a todo o meu físico, meu organismo, não sei se eu botei isso na minha cabeça também, entendeu, (aí já tem que ir pro divã prá analisar isso também, né) (...) Tentando, tentando, não, mas eu nunca me preocupei muito não e nunca deu certo, entendeu, então eu acho que eu não, fisicamente não, não sei também se eu bloqueei, se a gente tem esse potencial de bloquear alguma coisa, mas, usei pílula e tudo, mas dei muita bobada (ADRIANA).

Que alguns meses na vida, alguns meses no segundo casamento, eu deixei rolar um pouco solto, não aconteceu nada, eu fui até, a gente até foi ao médico, mas eu nunca voltei nem prá pegar os resultados, eu fui por pressão da minha comadre, eu acho que aquela época que ela engravidou, porque eu tenho, a minha comadre tem a mesma idade que eu, um ano a menos, e a minha afilhadinha, ela tem, 22 anos, então acho que nessa época que ela engravidou teve uma pressãozinha (GEÍSA).

Adriana (44 anos, solteira), Cíntia (36 anos, casada) e Sandra (39 anos, solteira), de alguma forma, afirmaram que a opção pela não-maternidade, uma escolha delas, bem como a idéia da super-mulher, que vigora na sociedade atual, não são causas defendidas por elas:

A liberdade, independência adoro, adoro, é muito bom, muito bom, mas eu acho que também é, é você se fechar nisso é ruim, né, éé, eu hoje em dia eu tenho aprendido também a receber, eu comecei a trabalhar com 19 anos, meu pai disse que se eu trabalhasse eu não ia ganhar mais mesada, que ele era super machão, desde os 19 anos eu me sustento, entre aspas, eu morava com eles, mas pagava tudo, tanto a minha faculdade eu paguei, meu carro, tudo, tudo que eu fiz, aí depois que eles morreram, eu hoje sou totalmente, assim, adoraria alguém que me ajudasse, não tem essa história de querer ficar sendo a mulher-maravilha, que não tem essa história, não, ia adorar alguém que divida as contas comigo, porque gente dá uma pena você ficar pagando tanto IPVA, IPTU sozinha (riso), não dá não, dá não, é bom dividir, divide as coisas boas e as ruins também, né (...) Eu sempre tive muita estabilidade, então sempre foi uma âncora muito grande, né, esse meu trabalho, e meus pais morreram cedo também, então eu sempre, éé, eu tenho que ter raiz por algum lado, né, então o meu trabalho sempre foi muito a minha raiz, né, e eu tenho uma boa relação com os donos da empresa e tudo, então é uma coisa que ali eu espelho a minha casa, ali, né, o próprio dono é uma pessoa que eu considero um amigo e tudo, então ali eu me sinto meio protegidinha, sabe, tem uma hora que você tem que ter um teto, né, não dá prá ser tão desbravadora assim, né, botar aquele cinto de mulher-maravilha, não é meu, meu, eu não almejo isso, entendeu, eu acho que tem muita mulher que confunde isso, né, ah, eu posso tudo, eu sou tudo, sou solteira saio por aí, **não**, eu não sou assim, não vou dizer assim que eu sou uma santa, não sou, nunca fui (riso), éé, não vem ao mérito isso, mas

assim, eu, eu procuro, sei lá, ser um ser humano melhor, acho que isso é uma tônica na minha vida, né, e acho que quando você tenta ser melhor com você não é só isolado prá você porque o bem não vem só prá você, acho que tudo é um conjunto, né, isso eu venho aprendendo, é individualidade sem individualismo (ADRIANA).

Não, nunca, nunca foi isso, a única coisa que eu sempre digo é que às vezes as pessoas falam assim - ah, *mas* você pode sentir vontade, um dia você vai ter vontade -, né, as pessoas dizem - um dia você vai ter vontade – eu digo ah bom, gente não é uma coisa que, não é algo ideológico, né, de dizer que não, que mulher não pode, não deve ter filho, não é isso, prá mim eu não quero, prá outras que querem eu acho lindo, maravilhoso (...) Eu agora, eu tenho uma coisa, eu não, não sou do tipo que acha que ter filho é ruim, eu vejo coisas boas, eu vejo as pessoas curtindo seus filhos, vejo também sofrendo com eles, né, então pode ser uma coisa boa e pode ser uma coisa ruim, né, vai muito acho do preparo que você tem prá ter filho, de ser realmente uma opção, né, o que eu acho muito ruim é isso, é você ter para ter (CÍNTIA).

Eu encontro sim, mulheres casadas, com filhos que, assim, me apóiam mesmo, que viram e falam, como se isso fosse uma, e pior que isso não é nem uma bandeira, mas às vezes eu sinto como se isso fosse uma bandeira, sabe, eu fico até meio assim, (meio bolada), mas eu penso assim, tem uma certa mudança sutil, mas acho que como todo processo cultural é bem lento, né, bem lento (SANDRA).

Denise (46 anos, solteira) sente, em alguns casos, uma certa inveja, por parte de outras mulheres, de sua condição atual, e Sandra (39 anos, solteira) acha que soa mais como uma praga, quando as pessoas dizem que ela ainda tem tempo, que vai mudar de idéia e ter um filho:

Algumas pessoas falam assim até com inveja, eu sinto isso, falam assim pôxa a D. tem uma vida boa, ainda mais agora tá lá no Rio, sozinha, sendo que, o conceito que eles têm de mim, outro dia tava no meu primo, pô tá na gandaia, gente eu não saio à noite há não sei quanto tempo, tô trabalhando prá caramba, (só penso em dormir, só penso em dormir), mas a concepção deles é que eu tô aqui no Rio só me acabando, **solteira, sem filho**, entendeu, e isso desperta uma inveja deles, entendeu, então eu percebo muito claro nos meus primos isso, toda vez que eles falam isso, eu sinto exatamente isso, cara como eles acham que eu tô na gandaia, eu ralo prá caramba, trabalho o dia inteiro, às vezes chego em casa dez horas da noite porque eu trabalhei o dia inteiro, cansada, tenho dormido cada vez menos, porque acordo cedo, e neguinho acha que eu tô na gandaia (riso), então, éé, então eles acham isso, entendeu, eles acham que eu tô no, no paraíso – a D. que tá certa, solteira, não tem filho, tá lá aproveitando a vida –, entendeu, então, isso é muito engraçado, muito engraçado, porque tem todos os compromissos de ser casado, de ter filho, né, de não ter essa mobilidade, então eles acham que eu tô no bem bom (DENISE).

Tem gente que vira e fala – mas ainda dá tempo, ah, não você até seus 45 anos você vai mudar de idéia – apesar de que, quando eu escuto isso algo me soa mais como uma praga (risos), não tem jeito, não sei por que, sabe, e isso não é impressão só minha não, porque outro dia eu tava com minha mãe, e uns familiares que a gente não via há

um tempão, né, éé, encontramos no meio da rua – ah você já casou e teve filho? ô maldita pergunta (risos) é sempre a mesma pergunta, cara, aí eu, *não*, eu até me divirto, sabe, **hoje**, eu até me divirto, mas uns anos atrás eu ficava – pô, mas não tem outra coisa pra perguntar, tipo assim, você tá com saúde? cê tá feliz?, não, você casou e teve filhos? Aí, eu virei e falei não, não quero, não, não, não, escolhi outra coisa pra mim, ih, oh, oh, não quero rugas, não, aí eu levo na sacanagem, né, ..., aí vira e fala – ah, não, mas você ainda dá tempo, você ainda vai mudar de idéia –, aí minha mãe virou e falou – pô (parecia que te rogou uma praga) – então a impressão não foi só minha, não, mas assim, até hoje eu encontro pessoas que viram e falam – ah, não, você ainda vai mudar de idéia (SANDRA).

Como foi possível observar pela análise dessa subcategoria, a opção das mulheres aqui entrevistadas parece ter sofrido influência de vários fatores. Entre eles, podemos citar a questão financeira, o investimento nos estudos e na carreira, não ter encontrado o parceiro ideal, a valorização da liberdade e da independência, bem como características próprias da personalidade dessas mulheres e de suas histórias de vida.

#### a) A questão do aborto

A questão do aborto apareceu inicialmente em duas entrevistas. Na entrevista de Denise (46 anos, solteira), a questão surgiu quando esta se refere ao fato disto ter passado por sua cabeça quando pensou ter engravidado de um homem que, segundo ela, não poderia ser o pai de um filho seu, bem como por acreditar que não tinha condições financeiras e emocionais de ter um filho na época:

Ah, isso foi um conflito muito grande pra mim, por duas questões, por exemplo, desse homem que eu achei que eu tivesse grávida eu tinha pensado em abortar, não cabia, mas ao mesmo tempo tem, cara como assim, tirar um filho, que em um momento eu desejei, não esse, não nessa condição, então, e eu sou espírita então pra mim é uma condenação, então, eu fiquei com medo de tá grávida desse cara, eu, foi muito difícil, muito difícil, eu pensei assim, não, eu vou tirar, não cabe, não tem, não tem condição financeira, e se fosse uma pessoa que eu soubesse que ia ser pai, não, isso não vai dar certo, foi um acidente, entendeu, foi puro sexo, entendeu, então não cabia um filho nessa relação, então pra mim com todo sofrimento, eu tava decidia que eu tiraria se eu tivesse grávida, porque não cabia, não tem condições financeiras, não tem condições emocionais, não tem condições de ter um filho agora.

Já Sandra (39 anos, solteira) relatou que faria um aborto se ficasse grávida:

Hoje, se eu me visse grávida eu faria um aborto, até mesmo porque eu sou a favor do aborto por uma questão de saúde pública, e eu sou a favor do aborto, sempre fui a favor do aborto, é impressionante isso, né, mas desde adolescente eu sempre escutei falar muito mal do aborto, mas aquilo sempre me incomodou por algum motivo, à medida que eu fui crescendo eu fui percebendo porque, mas eu já tive duas suspeitas de gravidez e eu teria abortado, uma com 19 anos e outra com,.. com 27, com o W., eu achei que eu tava grávida dele e eu teria abortado, eu não teria segurado, hoje com certeza eu faria, mas assim, o primeiro na verdade nem o médico soube se eu tive um aborto espontâneo ou não, eu não precisei fazer nem curetagem, mas eu tive uma hemorragia ee, e ele ficou um pouco na dúvida (...) assim, independente prá mim se eu tive ou não tive não faz a menor diferença.

Contudo, como se pode perceber em suas falas, elas parecem ter visões distintas acerca do aborto, em grande parte devido a questões de ordem religiosa.

Em duas outras entrevistas perguntei diretamente o que as entrevistadas pensavam sobre o assunto. Para Cíntia (36 anos, casada) e Adriana (44 anos, solteira), a opção ou não pelo aborto é muito particular, mas ambas se declararam a favor do aborto, seja em casos de violência, como para Adriana, seja a partir de uma posição favorável à descriminalização do aborto para pôr termo a uma gravidez indesejada, segundo Cíntia. Assim, como se pode notar nas falas a seguir, enquanto Cíntia afirma que faria um aborto, dependendo da época e das condições em que a gravidez ocorresse, Adriana é categórica ao dizer que não tiraria o filho se ficasse grávida, a não ser que tivesse sido violentada:

Nunca aconteceu comigo, **graças** a Deus, porque eu, eu não tiraria, não tiraria, até, eu tenho até um, um, éé, .., uma vez assim uma amiga minha ficou, ficou grávida, uma amiga não, foi uma conhecida primeiro e dentro de um grupo de amigas elas ficaram assim dando força, que ela não podia ter o filho, não sei quê, e eu dei força também, mas depois eu dei graças a Deus que ela não tirou, porque ficou na consciência, porque gente como pode dar opinião sobre isso prá pessoa, acho que tem que ser uma opinião própria, né, e amigo às vezes é meio inseqüente, né, e eu, eu não sei, eu não abortaria não, agora vou te dizer assim, .., se eu tivesse sido violentada, tiraria, entendeu, aí eu tiraria, mas da, causado pela minha própria atitude, nos meus relacionamentos, gente, se eu fiz sem me defender, sem me proteger, ah, aí também é palhaçada, mas se fosse de uma violência, tiraria com certeza, aí não tem espiritualidade que me convença, também tem isso, (eu sou assim), sou espiritualista, espiritualista, mas tem uma hora que gente, isso aqui é fruto de uma violência, eu vou olhar essa criança com um ódio, não sei, não, tiraria, perdão meu Deus, perdão, mas eu tiraria, não levaria isso (ADRIANA).

Eu nunca fiz, **mas** eu acho que eu faria, assim, depende muito da época que acontecesse, porque, por exemplo, hoje, né, acho que, porque é aquela coisa se você tem dinheiro, né, se você pode pagar prá fazer em um lugar, já que é um crime, hoje em dia legalmente falando, se você tem grana você consegue ir prá uma clínica, pagar

e faz, se você não tem, então você vai se submeter a situações de muito risco, então se tivesse acontecido numa época, assim eu tenho vida sexual ativa desde os 17 anos e eu sou independente financeiramente digamos assim a partir dos 19 mais ou menos, então se nesse período em que eu não tinha grana, né, tivesse acontecido eu não sei se eu teria feito por uma questão de limite financeiro, eu acho que eu não arriscaria minha vida não, mas se acontecesse depois e eu tendo, eu acho que eu faria Patrícia, eu acho, assim, eu acho que é o tipo de coisa que a gente só sabe na hora, né, mas eu não sou contra, vale dizer isso, eu não sou contra, eu acho que o aborto não pode ser utilizado como um contraceptivo, né, aquela coisa da pessoa ser irresponsável e tal, mas eu acho que se acontece uma gravidez indesejada, né, ee a mulher, principalmente ela, né, mas de preferência se existir um casal, porque às vezes acontece e nem existe o casal, né, eu acho que se eles vêm que não é a hora, tal, realmente não dá, eu acho melhor do que ter um filho sem ter condições, eu adoraria que o aborto fosse descriminalizado, né, eu sou a favor disso, eu acho que ia ajudar muito, ia acabar cara, sabe, tem gente, muita gente que ganha dinheiro com isso, muita gente que **morre** por causa disso, então não é um crime que faz com que as pessoas façam menos, mas faz com que as pessoas se arrisquem mais, e aí a questão social entra bem, né, é um crime, tá, mas só tem que se submeter a determinadas condições quem não tem grana, quem tem consegue muito bem fazer e com o mínimo de risco, então não sou contra o aborto não (CÍNTIA).

#### b) A reprodução assistida e/ou a adoção

A maioria das entrevistadas fez comentários sobre a adoção, excetuando-se Tatiana (28 anos, solteira). Geísa (58 anos, casada) afirmou já ter pensado em adotar, porém, como não recebeu apoio de ninguém da família, inclusive do marido, começou a achar que seria mais difícil do que ela pensava e acabou por desistir:

Eu adoro criança, adoro demais, aí cheguei a pensar que o legal seria eu pegar, aí aquela história a criança não podia me culpar, não sou eu a culpada não fui eu que te pus no mundo, mas aí eu vi que pegar prá criar também não era tão fácil, tinha que deixar na minha porta, e ninguém deixou (...) Quando eu pensei em pegar prá criar, foi a minha sogra que deu uma meia trava, falou – cuidado, veja bem, não sei que lá –, e hoje eu digo assim claro que se eu quisesse mesmo eu teria pego, porque até meio que aconteceu, mas era lá do sul, ee, sei lá, ligaram prá saber se eu queria, mas aí logo em seguida lá acho que pegaram, e aí digo assim ninguém, ninguém me deu força prá pegar, também ninguém me disse prá não, mas também me deixaram sozinha.

Gabriela (26 anos, solteira), Denise (46 anos, solteira), Adriana (44 anos, solteira) e Cíntia (36 anos, casada) disseram que, se um dia mudassem de idéia e resolvessem ter um filho, isto poderia se dar através da adoção, caso não conseguissem engravidar:

Assim, eu já conversei até com a minha irmã, quando a gente era pequena de adotar, também não teria problema, com 40, 50, se eu não conseguisse engravidar (GABRIELA).

Olha só, não posso falar dessa água nunca beberei, de repente eu encontro um homem, desejo, quero ter um filho e aí? Pode acontecer, não é a minha meta, não é meu pensamento agora, mas pode acontecer, éé, e se de repente você não puder engravidar? Adoto, isso pra mim, eu não faria tratamento não, eu adotaria. Se eu quero ter um filho e - ah, você não tem mais condições -, eu adotaria tranqüilamente, prá mim isso não impede não (DENISE).

Por mim, eu repensaria, nem repensaria assim, se a pessoa quisesse, porque, por exemplo, eu com 44, eu tenho até, 44 acho que não dá mais, tem um risco muito grande, vai ser uma maternidade, né, éé, tem até um termo aí que é horroroso, primípara idosa, tem mesmo (riso), sua velha por que você tá tendo, mas engraçado a gente não se sente, na realidade por dentro a gente se sente a mesma coisa, né, mas assim eu sei que organicamente é, é perigoso você pode gerar um filho, né, defeituoso e tudo, então, a intenção eu acho que não é essa, é interagir com seu filho, né, mas se a pessoa que eu viesse a me unir hoje tivesse essa vontade eu jogaria assim fortemente um tema de adoção, entendeu, aí eu acho que seria muito legal, eu adotaria tranqüilamente se a pessoa quisesse, nunca sozinha (ADRIANA).

Não é algo ideológico, né, de dizer que não, que mulher não pode, não deve ter filho, não é isso, pra mim eu não quero, prá outras que querem eu acho lindo, maravilhoso, então se um dia eu vier a querer, não tem problema nenhum, né, se a pessoa que eu tiver também quiser, se eu não puder mais biologicamente falando, eu posso adotar, não é uma decisão assim **fechada**, mas não é programada, então não quero, (realmente não acho que eu vou querer), mas se um *dia* esse tal instinto materno bater, aí eu vejo o que que eu faço, então só isso, mas nunca foi um adiamento, não, sempre foi uma decisão mesmo de não querer (CÍNTIA).

Lúcia (52 anos, divorciada), apesar de ter tocado no assunto, disse que nunca pensou em adotar:

Também, jamais pensei em adotar, por exemplo, até porque isso não é um fosso na minha vida, né, não acho que a maternidade é uma coisa natural, biológica, que completa a mulher, o ciclo vital, eu não tenho essa, essa, eu não comungo dessa idéia, eu fui filha e sei o que que é isso, eu sei o quanto os filhos também tiranizam as mães e os pais (riso), então acho que não teve muito espaço.

Geísa (58 anos, casada), apesar de ter pensado em adotar uma criança, afirmou que não faria nenhum tipo de tratamento, caso fosse necessário, para ter um filho, por questões, ao que parece, de ordem mais religiosa:

Daí alguém começou assim vai no médico prá ver, como eu sempre disse, né, nesse um mês, dois meses ou três que eu fiquei assim de ter, se eu tivesse que tomar um

melhoral, um melhoral prá ficar grávida, eu não ia tomar, porque se Deus, se fosse certo, se era pra ser legal prá criança eu ficaria, senão não forçaria

É possível perceber na fala de Geísa, em diferentes momentos da entrevista a presença de Deus e de preceitos religiosos influenciando sua visão de mundo e, em consequência, as opções que fez na vida. Isso vai de encontro à própria religião, que é contra o uso de métodos contraceptivos, bem como a estudos que afirmam que um fator importante ao se avaliar a opção pela reprodução ou não seria a religião, isto é, que mostram que mulheres que optam por não ter filhos tendem a ser menos religiosas.

Ainda sobre reprodução assistida, Denise (46 anos, solteira) e Adriana (44 anos, solteira) afirmaram que não fariam tratamento, mas adotariam, como pudemos observar em suas falas anteriores sobre a adoção, o que, pelo menos até o momento, também seria a opção de Cíntia (36 anos, casada). Já para Gabriela (26 anos, solteira), a reprodução assistida é considerada uma opção viável, caso ela um dia venha a desejar ter um filho. Seguem os trechos de fala de Cíntia e Gabriela em que se referem à questão:

Hoje não, assim se eu quisesse ter filho e não pudesse eu partiria pra adoção, agora esse é um assunto que eu nunca discuti, né, muito com meu marido, por exemplo, até porque, como já falei assim a gente não tem e tal, então, mas ele nunca, eu sou quem mais falo isso quando alguém pergunta, né, – ah, e se você quiser? -, eu digo – ah, qualquer coisa se eu quiser e não puder eu adoto -, ele nunca disse não, também quando às vezes que esse assunto de adoção já rolou, né, ele sempre foi favorável com outras pessoas e tal, mas eu não sei se **caso** isso viesse a acontecer e ele quisesse, né, ter um filho biológico como é que eu ia reagir, mas hoje eu não sou muito favorável a isso não, sabe, eu acho, aquela coisa de manipulação demais, eu fico um pouco preocupada com isso, eu acho que eu ia partir pra adoção, tanta criança, eu acho que sim (CÍNTIA).

Assim, as mulheres tão cada vez mais éé atrasando éé casamento, atrasando filhos práa, pela parte profissional, já passou algumas vezes pela minha cabeça – pôxa, depois como que eu vou ter filho, será que eu vou conseguir ter realmente filho se algum dia eu quiser ter? –, mas eu deixo isso prá, prá depois ee, eu acho assim que se um dia eu quiser realmente ter filhos eu acho que eu bancaria um tratamento sim, se eu não conseguisse, talvez, mas eu não consigo nem me imaginar grávida (GABRIELA).

Para Sandra (39 anos, solteira) e Adriana (44 anos, solteira), adiar a maternidade e ter filhos em idade mais avançada constitui um risco muito grande. Para Sandra existe também a questão da dificuldade de uma mãe acompanhar e educar uma criança quando ela já alcançou uma certa idade:



Eu particularmente nesse aspecto eu acho uma loucura, não só pelo risco de você ter filhos com, apesar de que eu conheço mulheres com vinte e poucos anos que tiveram filhos com Síndrome de Down, mas não só pelos riscos neurológicos, mas, eu acho isso muito complicado, porque a cabeça muda, por mais, por exemplo, se você ver a S., ela parece uma espoleta, ela tem 42 anos, mas a mulher é totalmente irrequieta, sabe, assim, você vê, você olha prá ela e já imagina brincando de bola com as outras crianças, ela é uma espoleta, mas por mais que a gente tente, a cabeça muda, eu fico pensando ter um filho aos 45 anos, tem gente que vira e fala – mas ainda dá tempo, ah, não você até seus 45 anos você vai mudar de idéia (...) só que eu acho muito complicado porque, por exemplo, eu, eu que ainda sou muito moleca, eu acho que eu ainda sou muito adolescente, aos 39 anos, mas tem muita coisa na minha cabeça que eu já não tenho mais o olhar de adolescente, impossível, então eu fico imaginando aos 39, quando eu tiver 49 ter uma criança de 10 anos, ..., por mais moderninha entre aspas que eu seja, eu, eu já vou estar em outro momento da minha vida, ..., e aí eu, tudo bem, com, tudo bem, com 49, com 59, já vai tá com 20, já vai tá quase adulto, porque pela, adolescência até seus 22, 23 anos, dependendo da, dependendo da organização que você usa, né, a OMS vai até os 24 anos a adolescência, mas assim, já vai tá mais encaminhado, como diria o pessoal, mais encaminhado, eu acho engraçada essa frase, mas, ..., sabe, ..., eu não consigo ter vontade, Patrícia, eu não consigo ter vontade, então eu olho essas mulheres de hoje ter filhos, se é uma coisa que elas querem muito, tudo bem, eu acho que é válido, mas, sinceridade, eu acho complicado você ter uma criança de 10 anos, com 60 anos você é mãe de uma criança de 10 anos, aos 60 anos, você é mãe ou avó?.. Eu acho isso complicado, eu acho que a criança aprende a lidar com isso, mas eu acho complicado, até mesmo pela questão cultural que nós estamos vivendo, pela questão da falta de limite, as crianças hoje em dia não são, é pela questão cultural, né, não é a mesma cultura de quando eu era pequena, você vê hoje em dia as crianças totalmente diferentes, criança hoje em dia já nasce procurando o mouse, a internet, é, aí você tem uma mãe de 60 anos com 10 anos, com 60 anos e o que eu penso em tá fazendo com 60 anos? Com 60 anos eu penso em tá participando dessas excursões (risos) e não tá me preocupando que eu tenho, éé, ajudar meu filho a fazer dever de casa, ..., sei lá, prá mim isso é muito doido (SANDRA).

Eu com 44, eu tenho até, 44 acho que não dá mais, tem um risco muito grande, vai ser uma maternidade, né, éé, tem até um termo aí que é horróroso, primípara idosa, tem mesmo (riso), sua velha por que você tá tendo, mas engraçado a gente não se sente, na realidade por dentro a gente se sente a mesma coisa, né, mas assim eu sei que organicamente é, é perigoso você pode gerar um filho, né, defeituoso e tudo, então, a intenção eu acho que não é essa, é interagir com seu filho, né, mas se a pessoa que eu viesse a me unir hoje tivesse essa vontade eu jogaria assim fortemente um tema de adoção (ADRIANA).

### C) Casamento e maternidade

As entrevistadas entendem o casamento como algo que não necessariamente precisa ser realizado na igreja ou ter a assinatura de um papel. Além disso, afirmaram que uma mulher

não precisa ser casada para ter um filho. Seguem as falas de algumas entrevistadas acerca do casamento:

A gente tá junto, não tem papel nada assinado, então prá mim casamento pode valer por isso mesmo (GEÍSA, 58 anos, casada).

Casamento prá mim não é casamento em igreja, casamento prá mim é a gente tá sob o mesmo teto dividindo conta, isso prá mim eu conto como casamento (GABRIELA, 26 anos, solteira).

Casamento agora não é importante você ir prá igreja, casamento é você tá repartindo, sabe, tá dividindo sua vida com alguém, éé, contas, suas alegrias, éé, suas tristezas (GABRIELA, 26 anos, solteira).

Quando eu falo de casamento é uma vida em comum (LÚCIA, 52 anos, divorciada).

Ela (a mãe) optou em se casar pela segunda vez, quer dizer morar junto, né, mas enfim, pelos anos que os dois tão junto, 20 anos, namorando, os cinco últimos anos que moraram juntos, passaram a morar juntos, então é prá lá de casamento, né (SANDRA, 39 anos, solteira).

A gente brinca com essa questão da nomenclatura, né, não por achar que por não tá de papel passado não é marido, não é por isso, mas é por achar que é eternamente namorado (CÍNTIA, 36 anos, casada).

Cíntia (36 anos, casada) relatou que não sofreu pressões por parte da família nem de amigos por ter ido *morar junto* com o companheiro, mas, ao contrário, foi ela que sentiu medo da reação da família:

Por isso não, por isso não. Assim na família, acho que eu, talvez mais de mim, acho que eu demorei mais de abrir isso, né, pros meus pais, ah tô morando com, eu acho que talvez por isso também que a gente não sabe precisar uma data que a gente começou a morar, que eu fui morar sozinha, aí como eu sempre brinco, o R. começou a acampar lá em casa, o acampamento foi ficando mais freqüente, quando a gente viu a gente tava morando junto, mas acho que eu tive mais medo, né, dessa aceitação da família, de dizer aí meu Deus, se chegar aqui, ele tiver e tal, do que realmente foi, foi muito natural, né, até porque eles gostavam muito e tal, e aí, iam lá em casa, começou aquela coisa, a minha mãe ah, trouxe dois travesseiros, quando comecei a ganhar presente duplo, oh, então tá admitido (riso), a gente nunca parou prá dizer agora vamos morar junto, estamos morando junto, e dos amigos também isso aí nunca teve, isso aí, a cobrança que, porque aqui eu tô falando muito natural com você de marido até prá facilitar, mas a gente sempre se trata como namorado, né, a gente sempre se trata dessa forma, você é meu namorado, minha namorada, até porque a gente acha que vai ser namorado prá sempre, aí os amigos brincam muito, que namorado, menina, ? a gente brinca com essa questão da nomenclatura, né, não por achar que por não tá de papel passado não é marido, não é por isso, mas é por achar que é eternamente namorado.

Para ela há, inclusive, um maior número de casais fazendo a opção por não se casar formalmente, ainda que muitas instituições continuem a cobrar algum tipo de formalização da união em certas situações, algo que aconteceu com ela, com relação ao plano de saúde, e com amigos dela, que não puderam batizar uma criança porque não eram casados na igreja, como podemos ver na fala a seguir:

Eu acho que sim, eu acho que sim, e mais até do que as outras situações, né, porque realmente tá muito comum, agora o que que acontece, eu acho que ainda emperra com questões legais, existem instituições formalizadas, por exemplo, me chamou muito a atenção mesmo, quando eu ainda morava em E., dois colegas de trabalho que eram casados iam batizar a filha numa igreja lá, na igreja católica mesmo e tal, e não aceitou, o padre não aceitou naquela igreja batizar o filho deles, a filha, porque eles não eram casados de papel passado, não eram casados na igreja, então, eu lembro que na época eu tomei um choque, falei mas como, né, isso existe ainda, eu não sabia, e assim hoje por exemplo, o que que nós tivemos que fazer, eu e M., tivemos que fazer aquela certidão de união estável por que? Prá poder ele ser aceito como meu dependente no plano de saúde, então nosso limite assim de não ter realmente nenhum papel esbarrou nessa legalidade, quando a gente precisou, né, das instituições formalizadas, né, quando eu precisei colocá-lo como meu dependente no plano de saúde aí eu precisava de algum papel que dissesse que realmente a gente mora junto, que isso e aquilo, e aí eu tive que fazer essa certidão de união estável, então assim eu acho que nessas instituições legais você ainda encontra essas coisas, acho que ainda tem que se impor mais nesse sentido, né, é uma conquista, um processo de conquista, agora em termos de sociedade mesmo acho que não, não vejo essa cobrança não, nem a mim, nem assim vendo nos outros.

Denise (46 anos, solteira) afirmou que teria um filho independente de estar casada, mas não independente do pai assumir a criança, pois teve uma experiência na família que a fez pensar dessa forma:

Independente no sentido de não ter um pai, não, prá mim acho importante ter o pai, o papel do pai prá criança, mas independente de um casamento, prá mim, eu não precisava tá junto com o pai, mas o pai precisava tá presente, precisava reconhecer o filho, entendeu, na verdade a minha sobrinha não é filha desse pai, a minha irmã engravidou e a minha sobrinha nasceu e quatro anos depois foi que ela conheceu esse meu cunhado e casou, e aí ele assumiu minha sobrinha, quando minha irmã conheceu esse cara, o pai sumiu, ele se afastou, entendeu, e no final meu cunhado quis adotar ela mesmo, aí eles fizeram o processo todo e foi na justiça, chamaram o pai prá ele passar a guarda, nossa, eu achei aquilo a coisa mais absurda do mundo, eu fiquei tão revoltada com o pai, porque eu acho que ele era o pai, entendeu, ele não precisava casar, tava mais do que claro que ele não ia, aliás eu fui uma das pessoas, que você sabe como é mãe, né, mãe quer casar a filha grávida, né, e eu falava mãe não adianta, você já pensou que inferno vai ser, eu acho que é melhor, se ele tiver presente como pai na vida da menina acho que já é importante, agora um casamento numa situação que a gente sabe que não vai dar certo, mas prá mim ele tinha que ser pai, ele já era

pai, então eu achava isso um absurdo, acho que é por isso também que eu tenho um receio em ter filhos, cara ser pai, ser mãe, fez filho, é importante prá esse filho, não consigo aceitar um pai que não aceite um filho, que não tem uma atenção com esse filho, acho que por isso eu queria realmente que o pai tivesse, pode não ser marido, mas vai ter que ser pai, só assim, a minha concepção de ter um filho tinha que ser nessa condição.

Sandra (39 anos, solteira) também acredita que não é necessário estar casada para ter um filho, mas, ao contrário de Denise, afirma que teria um filho até sozinha, caso sua vontade de ter um filho falasse mais alto:

Tanto que assim, é, teve uma fase, eu acho que eu tava com meus 26 anos, 25 por aí, que eu já tava pensando em não me casar e ter um filho sozinha. Se eu tivesse tido realmente vontade de ter um filho eu teria, eu não tive na época porque, por questões financeiras.

Para Tatiana (28 anos, solteira), o fato de ter um filho depende do tipo de relação entre o homem e a mulher e não do fato de ela ser estável ou não:

Depende do relacionamento, não tem problema se é estável ou não, o não estável também tem seu lugar (...) tipo assim tem relacionamentos supercurtos que são superintensos e importantes.

Também para Gabriela (26 anos, solteira) a mulher conseguiria criar um filho independente de ter um marido, apesar de achar que a sociedade ainda se manifesta contrária a esse fato:

Não acho importante você tá casada prá você ter um filho, vejo muitas mães aí, tão bem, trabalhando, conseguem reduzir a carga horária de trabalho prá poder, que já têm alguma estabilidade financeira conseguem dispor de seu tempo pro filho, outras, (pigarro) como a minha irmã engravidou da primeira vez por, por besteira, ela era nova, ela tinha 21, chorou a beça, essa era uma que pensei que nunca fosse ter filho, nunca na minha vida, e foi, teve e tá aí, ta super bem, minha afilhada ama ela de paixão e a G. mudou muito quando teve a minha afilhada, éé, teve a participação do namorado dela, mas quem banca mesmo a M. L. desde que nasceu, tudo sempre foi a minha irmã, ou seja, a participação dele era esporádica, tanto financeiramente quanto afetivamente, ee, eu vejo ainda muito hoje, ouço muito de muitas pessoas – nossa um filho fora do casamento, que horror, como você vai dar conta disso sozinha, que não sei que, ah tadinha, né, agora ela vai sofrer tanto, ter que levantar de madrugada, tomar conta daquela criança, sozinha, ela não tem nem um pai, nem um marido, não tem um irmão, não tem nem um homem ali presente –, ainda ouço muito isso, mas olha eu não concordo com isso não, eu acho isso bobeira, muito bobeira mesmo, vejo aí as mulheres conseguindo dar conta e dar conta muito bem, sozinhas, sem ter esse pai do lado.

Ainda de acordo com Gabriela, encontrar o parceiro ideal não significa necessariamente optar por ter filhos, apontando inclusive para as novas formas de família que se pode encontrar na sociedade atual:

– Essas idéias é porque ainda não conheceu o homem da sua vida –, é engraçado ouvir isso, porque muitos relacionam namoro, casamento, envolvimento afetivo a constituir família, que segundo a maioria das pessoas que eu conheço resulta em pai, mãe, filhos e não é bem assim, essa associação que fazem, né, entre marido mais esposa igual a filho não é verdadeira, tanto que as famílias atualmente optam por tardar os filhos e diminuíram a quantidade de filhos; atualmente os integrantes das famílias são em média três, né, pai, mãe e filho, ou simplesmente optam por não ter filhos. Então, essa associação que fazem entre marido mais mulher é igual a filho, eu, eu considero irreal, pois posso encontrar a pessoa maravilhosa, como o futuro genro da minha mãe, e não penso em filhos, penso em sair prá curtir, viajar, estudar, balada, show, barzinho, trabalhar, crescer profissionalmente e pessoalmente.

Para Cíntia (36 anos, casada), há um estranhamento maior hoje em dia em relação às mulheres que são “mães solteiras” do que em relação a casais que optam por não ter filhos:

Se a gente comparar duas situações, entre ser mãe solteira ou casar e não ter filho, eu acho que hoje assim é mais aceito casar e não ter filho do que ser mãe solteira, eu acho, mas é uma coisa bem assim que eu tô pensando (agora, né).

Segundo Lúcia (52 anos, divorciada) e Denise (44 anos, solteira), muitas vezes, existe uma pressão maior pelo casamento do que por ter filhos:

Eu sofri mais cobrança por ter casado mais tarde, né, porque eu me casei mesmo com 40 anos, casei oficialmente e tal, e eu já tinha vivido com namorado, já tinha tido, já tive muitos namorados e tal, mas, éé, eu fui casar oficialmente com 40 anos e me separei aos 50, então, (...) também havia cobrança assim da minha família, né, meu pai achava, éé, que, e algumas pessoas da família, que eu sou de uma família mineira, tradicional e tal, cobravam porque eu não tinha casado, tanto é que eu só fui viver uma vida conjugal sem ser casada depois que meu pai morreu, porque eu também eu não moraria com um rapaz com meu pai vivo, acho que isso ia deixar ele muito abalado, isso aconteceu quando eu tinha 37 anos meu pai tinha acabado de falecer, éé, também nunca tinha chegado às vias de éé, de viver com um homem, tinha tido namoros assim muito sérios assim, mas que terminaram antes, todos falaram em casamento, todos, em algum momento se falou em casamento mas nunca éé decolou (...) Eu acho que pesa muito, assim, a mulher profissional e a mulher que tem marido, tá, isso pesa, a sociedade ainda vê com outros olhos, os convites prá certos lugares, aqui no Rio menos, em São Paulo isso muito – cadê seu marido? – perguntam literalmente, e eu acho que a mulher casada ela tem um status de mulher casada, e mãe, como eu te disse, eu não sinto essa cobrança, eu sinto mais a cobrança de ter um homem, um marido, (...) embora não seja explícita, mas eu percebo ela de forma subliminar, né, quando você é casada, você tem um, um status de mulher casada, isso eu percebi, até

porque eu casei mais tarde e tal, éé, e já atenta prá essas coisas, né, e a mulher separada, ela, uma mulher sozinha ela é, ela é vista, eu acho que quando é mais nova pior ainda, é uma ameaça a tomar o marido dos outros, né, das outras, né (riso) (...) Até no mundo do trabalho eu acho que há essa cobrança, a pessoa vê com mais respeito a mulher casada, não é bem respeito, deferência – ah, aquela ali não tem, não tem marido, não consegue nem arranjar um marido –, sabe, ainda tem isso, eu já vi também, assim, uns comentários – ah, a mulher que não tem filho – isso aí eu acho que é de gente muito tacanha, mesmo, sabe (LÚCIA).

É, na verdade assim eles cobravam mais assim, todo mundo quer ver todo mundo casado, né, então, havia uma cobrança dessa - e aí D.? -, ainda mais quando arrumava namorado, aí Nossa Senhora, aquele tinha que ser o eleito, né, era muito complicado isso, tanto que eu tinha a maior resistência de levar meus namorados prá apresentar prá família por conta disso, o cara mal chegava, cara, já tão querendo casar você, então, havia sim, mas talvez por eu estar me preservando cada vez mais, como eu tô aqui, então as minhas relações acontecem, se desfazem, ninguém nem fica sabendo, entendeu, então, só vai saber a hora que tiver alguma coisa concreta, então isso diminui (DENISE).

Para Adriana (44 anos, solteira), apesar de ficar meio confuso em sua fala, é mais fácil, mesmo não sendo ainda completamente aceito pela sociedade, para a mulher ficar sozinha do que o homem, por várias razões:

Às vezes eu vejo assim casais que a gente vê que aquela mulher não ama aquele homem, entendeu, mas é pra ela não ficar sozinha e ser mais aceita, até me atrasei um pouquinho ali pra te encontrar, porque a minha coordenadora justamente tava dizendo, que ela é casada, bem casada e tudo, num grupo lá e tal aí falando sobre uma pessoa que, éé, que tavam cogitando assim ah, se ela se separasse, a outra não ia, a gente não vai mais ver tanto ela, aí ela tava dizendo justamente isso – mas só porque ela tá separada ela não pode se relacionar com gente casada –, e isso é uma coisa que existe, eu já senti isso muito na minha vida, quando eu estava morando com alguém ou namorando alguém, você sempre tem um círculo de amizade, quando termina, é impressionante, vários amigos teus, vários casais não te chamam mais pra sair, outros não, outros permanecem até hoje, mas assim uma grande massa éé, engraçado assim, solteiros às vezes não conseguem se interagir também com casais assim, há um afastamento, aí voltando à sua pergunta do homem, eu acho que o homem ele tem essa coisa de ter a mulher, o casamento como quase uma obrigação assim de, de, da profissão, de se apresentar e tudo, e a mulher pode ser sozinha, até isso na realidade é melhor prá ela, né, éé, o homem geralmente já tem aquela coisa do veado, né, ah, não sei quem é veado, não casou até agora é veado, é meio estranho, eu vejo dessa forma, né, e o homem não consegue **também** ficar solteiro, ficar sozinho, ele precisa da mulher, acho que até tem a ver com essa história da cabala que eu te falei, de alguma forma subliminar ou não, né, mas é uma coisa que eu acredito.

Já a visão de Sandra (39 anos, solteira) é diferente. Para ela, a mulher que opta por não ter filhos sofre maior pressão do que as que têm um filho fora do casamento ou do que aquelas que não se casam:

Eu acho que essa questão da mulher ter um útero, eu acho que ela é assim acultural, ela atravessa tudo, é gênero mesmo, há uma expectativa da mulher, do papel da mulher ser mãe, de querer construir uma família, talvez até hoje, talvez hoje, 2007, até um pouco mais do que ser casada, que, por exemplo, você vê uma mulher, uma mãe solteira, que ainda hoje se usa essa expressão, né, é uma expressão até correta, porque tá solteira mesmo, mas, até hoje você ainda escuta isso, mas eu acho que, éé, a mulher optar em não se casar ainda causa certo incômodo, volto a falar, para as mulheres, muito mais nas mulheres, mas eu me sinto muito mais vítima de preconceito pelo fato de não querer ser mãe do que não querer me casar, se eu tivesse um filho ou se eu fosse estéril, quisesse ter um filho, não poderia, e fosse então vista como vítima, éé, eu teria, éé, eu seria, eu seria tratada com muito mais benevolência do que pelo fato de eu não querer ser mãe, ..., porque eu acho que existe outro modo de ser feliz, que não seja sendo mãe.

Para Lúcia (52 anos, divorciada), muitas vezes, a vontade de ter um filho, ou mesmo uma gravidez, pode acelerar um casamento:

Talvez até tivesse acelerado, entendeu, como eu não tinha o projeto de ser mãe, também não me preocupava muito em arranjar um marido reprodutor (risos), o que eu acho que precipita muito, né, eu vejo isso, né, muitas vezes a gravidez precipita o casamento, né, ou a vida em comum, quando eu falo de casamento é uma vida em comum, né, um dos motivos que eu acho que pode ter acontecido é isso, eu não ter casado, não ter engravidado e isso não precipitou um casamento.

Denise (46 anos, solteira) questionou, ainda, se o fato de a mulher ser solteira ou casada tem ou não influência na forma como a mulher busca se realizar profissionalmente:

Às vezes eu fico assim se eu fosse casada, tivesse um homem assim que bancasse a família, eu pudesse buscar isso, talvez eu tivesse, eu poderia buscar isso com mais tranquilidade, né, então essa é minha concepção por conta das minhas dificuldades, mas não sei, porque nem todo homem também aceita depois de um certo tempo você sair em busca de um mercado de trabalho, né, é ameaçador, a gente sabe disso, homem não gosta muito de, ainda mais se você já ficou um tempo, quer dizer não sei se seria fácil não, dependeria muito da cabeça do homem, entendeu, então talvez sim tenha sido mais fácil eu tá aqui metendo a cara, me arriscando porque eu não tenho ninguém prá me impedir, ninguém prá questionar, ninguém prá me cobrar outras presenças, né, marido cobra essa presença ali, então como eu não tenho eu vou, trabalho, faço curso o dia inteiro, chego em casa 10 horas da noite, não tem ninguém prá cobrar, não tem ninguém prá dizer assim – como você tá chegando a essa hora da noite? – Então acho

que possibilita sim eu me jogar de cabeça nessa minha meta que é me realizar, tá trabalhando na área.

Sandra (39 anos, solteira) afirmou que o que não falta hoje é mulher querendo se casar, devido às expectativas que a sociedade tem com relação ao papel feminino:

O que não falta é mulher querendo casar e ter filhos, não sei se é pelo motivo certo ou pelo motivo errado, aí eu tô falando da questão cultural, né, expectativa que tem em cima do papel da mulher, o gênero, né, de querer casar e ter filho.

#### d) Redes de amizades

A rede de amizades das entrevistadas, inclusive os familiares, é composta por mulheres e homens em diferentes situações de vida: casados com filhos, casados sem filhos, solteiros com filhos e solteiros sem filhos. Porém, a maioria seguiu, pretende, ou pretendia seguir o caminho mais esperado pela sociedade, ou seja, casar e ter filhos. Esse foi um fator que chamou nossa atenção, pois, a princípio, queríamos observar se essas mulheres conviviam com outras mulheres que tinham feito a mesma opção que a sua e se isso tinha, de alguma forma, influenciado sua escolha. Seguem alguns trechos de fala das entrevistadas a esse respeito:

Eu tenho algumas amigas que têm a mesma situação que eu, são solteiras, não têm filhos, mas eu não sei dizer se houve uma opção de, de não ter filhos, porque, por exemplo, uma delas pelo menos eu sei que só teria um filho se tivesse casada, não casou ela não tem filho, então, eu sei que ela tinha um desejo de ter filho, mas só nessa situação, só nessas condições, e ela não casou, até agora não casou, hoje é uma coisa que a gente não conversa, porque na verdade também eu não tenho tido muito contato com ela assim todo dia, a gente não tem ficado dia a dia, que é no dia a dia que a gente conversa essas coisas, né, então não sei se ela decidiu não ter mesmo o filho, né, porque o tempo foi passando, e vai pesando. Acho que é empatado, assim, eu tenho amigas solteiras, amigas casadas, amigas com filhos, amigas sem filhos (DENISE, 46 anos, solteira).

A maioria aqui no Rio ainda pensa assim em casar, algumas meninas com quem eu saía bastante, principalmente no verão, agora em janeiro, fevereiro, até o carnaval, elas falavam – ah não, depois do carnaval eu vou arrumar um namorado, quem sabe, que não sei que, prá depois casar –, tavam sempre falando muito isso, agora, lá em F., ..., as minhas amigas da faculdade mesmo, assim, com quem eu andava mais que eram duas pessoas, a gente pensa assim namoro é legal? É. Ficar com alguém é legal, conhecer, mas o importante mesmo é eu tá preocupada com a minha carreira profissional, é eu



investir numa pós, é investir num mestrado, é investir, ah, tô ralando, tô trabalhando aqui, vou arrumar outro emprego pra ganhar experiência, a gente sempre se voltou mais pra isso, a gente sempre tá pensando é a gente, claro que a gente nesse meio tempo a gente teve namorados, tivemos ficantes, terminamos, começamos e assim vai, mas a prioridade nossa era sempre voltada mais pra isso (...) e os amigos ali perto de casa, o local onde eu morava, tão mais mesmo pra casar, essa sempre foi, minhas vizinhas mesmo (GABRIELA, 26 anos, solteira).

Assim eu tenho, assim que eu considero meus melhores amigos, são dois homens e duas mulheres, né, é, dessas duas mulheres uma, ela até fala – ai, nossa, a gente é tão diferente, não sei quê, porque ela quer casar agora, isso se tornou até um problema que tava no mestrado, aí, mas aí, queria fazer doutorado, mas tem que voltar pra casar, aquela coisa, né, e a outra, a A., não, acho que ela não tem isso muito claro também, né, não sei se como eu, talvez eu tenha mais claro prum outro lado, né, mas acho que com ela fica a coisa um pouco menos distante, talvez, né, por ela ter uma dúvida simplesmente, se questionar a respeito disso, mas fica uma coisa mais próxima, não tão distante do que eu penso (TATIANA, 28 anos, solteira).

É, a maioria seguiu o caminho normal, normal no sentido de aceitável, né, comum, deixa eu trocar, comum, comum, é, mas a maioria seguiu esse caminho mesmo, só um que eu lembre agora, né, do círculo mais próximos, só um. E olha que eu pensei que era diferente, que ia ser diferente, engraçado isso, né, na adolescência assim fica parecendo que tudo, eu pensei que a maioria não ia, e a maioria seguiu um caminho muito comum mesmo, casou na igreja, né, casaram mesmo, assim igreja, eu fui a única, né, dos que, das que casaram eu fui a única que tô junta, mas nunca casei de papel passado e nem na igreja, nada disso (CÍNTIA, 36 anos, casada).

Não, eu acho que eu sou uma das únicas, todas ou, se casaram, já casaram duas vezes, tão separadas, ou tiveram filhos sozinhas, as minhas relações principais são assim, ee, acho que eu fui a única, é, nas minhas relações tem mãe solteira, tem casada duas vezes já com filho, tem a separada com filho também, tem todas, assim, tem de tudo um pouco, mas como eu tem uma que tá na Itália que se mudou (ADRIANA, 44 anos, solteira).

Sandra (39 anos, solteira) conhece pessoas que fizeram a mesma opção que ela, mas relatou que não são pessoas próximas. Ao contrário, as pessoas mais próximas dela têm uma visão mais tradicional de maternidade e família:

Não, ao contrário, o meu círculo, o peso maior mesmo, por exemplo, eu tenho uma amiga que até hoje ela sofre muito porque ela não consegue engravidar, ela já passou por quatro casamentos, e é nova, mais nova do que eu, se eu tô com 39, ela deve tá com seus 35, 36 anos, já passou por quatro casamentos e ela não consegue engravidar, então, ela, ela agora que parece que ela já tá começando ter que arrumar isso na cabeça dela de uma maneira e ela uma vez até mesmo ela ficou muito chateada comigo, prá tu ver, porque eu podia engravidar e não queria e ela queria tanto e não podia, então, assim, pelo contrário, o meu círculo é justamente o contrário, meu círculo é o tradicional mesmo, as mulheres querendo casar, querendo ter uma carreira, mas também constituir uma família.

Por Geísa (58 anos, casada) ter uma visão bem peculiar da opção pela não-maternidade, ela relatou que conheceu apenas três pessoas na vida que pensavam da mesma forma que ela, ainda que, diferentemente dela, todos tenham tido filhos:

Eu encontrei três pessoas na vida que pensavam igual a mim, uma delas no sul, o marido dela pensava, eles pensavam, mas eles tiveram uma filha e adoraram ter, e a outra foi de passagem, eu tinha ido ao Peru e naquele trem que levava a Machu Picchu, eu encontrei uma moça, um casal e conversando, que tinha uma criança no, no, no trem, e ela falou a mesma coisa.

Denise (46 anos, solteira) mencionou o caso de dois irmãos amigos seus que fizeram um “pacto” de não ter filhos e a opção deles, em certo sentido, segue os mesmos argumentos defendidos por Geísa, ou seja, não querer botar alguém no mundo para sofrer:

Agora tem um casal de irmãos amigos meus, que decidiram não ter filhos, não sei se ainda têm essa idéia, eles devem ter uns trinta e, na verdade também nenhum dos dois casou ainda, né, eu me lembro que eles falavam a gente não quer ter filhos, e eles tinham um sobrinho, então, cada vez que acontecia alguma coisa, por exemplo, a irmã tava se separando do marido, foi aquela confusão, e o filho, né, sofre, e eles sofriam com aquela história, cada vez que acontecia alguma coisa eles tinham mais convicção – não a gente decidiu, a gente fez um pacto, nós não vamos ter filhos –, então era muito engraçado, éé, a princípio parecia assim mais como eu não quero botar no mundo (um ser pra sofrer por minha causa), entendeu, e talvez até a liberdade também, né, porque aí não tendo filho você tem a liberdade de casar, descasar, sem ter a preocupação de ninguém no meio, também fica bem claro isso, né, é uma opção de – ah, não quero, não quero tá preocupado com fulano, se eu vou magoar fulano ou não, então eu prefiro não ter filho, porque eu faço, vou fazer, vou viver, vou sofrer, mas não tem ninguém pesando na hora das decisões.

## B. Pontos Positivos e Negativos da Opção

As entrevistadas, de maneira geral, percebem pontos positivos e negativos na opção de não ter filhos. Da mesma forma, percebem pontos positivos e negativos no exercício da maternidade.

Segundo Denise (46 anos, solteira), um ponto negativo de não ter filhos é o medo da solidão na velhice, mesmo reconhecendo que ter um filho não é garantia de companhia e cuidado no futuro:

Eu acho que é um medo de ficar sozinha que é muito grande, tá, então às vezes eu penso, gente é complicado né porque você com um filho, tudo bem a gente sabe que filho às vezes vai embora e te abandona, mas a gente sempre tem a idéia de que o filho vai tá perto.

Ela contou, inclusive, a história de uma senhora que atendeu em um hospital e a aconselhou a ter filhos para não ficar sozinha no futuro:

Uma vez, foi muito engraçado, uma vez eu atendi uma senhora num hospital de emergência, ela tava gritando, gritando, e os enfermeiros já estavam nervosos com ela, aí eu fui lá, ver o que ela tava gritando, descobri que ela era surda, né, por isso que ela gritava, e comecei a conversar com ela, ee, ela era solteira, uma senhora de 90 anos, solteira, e ela tinha levado um tombo, tava ali, ninguém queria deixar ela ir embora porque tinha 90 anos, mas ela tava bem e não tinha ninguém pra buscá-la, ela falou assim – eu moro sozinha, eu moro sozinha no Flamengo, por que que eu tenho que esperar alguém vir me buscar? –, e o único sobrinho que tinha mais próximo dela tinha 80 anos (quer dizer era outro senhor), ela morava aqui no Flamengo, ele morava lá na zona norte, então, uma confusão, e aí ela falava assim – minha filha, escuta, você é casada? – e eu falei não, – escuta o que eu tô falando, casa, casa e tenha filhos, porque quando você ficar velha você vai ficar sozinha – então quer dizer, é isso que a gente tá falando, a gente sabe que isso não é garantia nenhuma, né, porque a gente sabe de muitos pais que tão aí abandonados, muitos idosos que tão abandonados pela família, mas o risco é maior porque você não tem, porque, por exemplo, eu tenho minha irmã e meus sobrinhos, né, meus sobrinhos por mais que sejam, tenham esse carinho, não são filhos, não sei, eu acho que isso é um peso que às vezes me preocupa, né, eu tenho uma amiga que uma vez combinou assim vamos fazer um condomínio prá quando nós envelhecermos (risos), vamos morar todas assim próximo porque uma cuida da outra, porque isso é uma, ela inclusive tem um filho, ela falou – não sei, eu acho que a gente precisa cuidar uma da outra, porque eu acho que a gente vai acabar sozinha –, porque a gente vê muito isso, né, então isso é um peso, não ter um filho eu penso assim é ficar sozinha na velhice.

Gabriela (26 anos, solteira) também falou que sua avó diz que ela tem que ter pelo menos um filho para cuidar dela no futuro:

Uma coisa que até agora eu lembrei, quando a gente era mais jovem, minha avó foi, numa das vezes que minha avó foi visitar a gente, ee daí a gente tava conversando e minha mãe falando que, minha mãe tem problema de coluna, e não tava se sentindo bem, que não sei quê, aí, não sei o que aconteceu e a gente foi falar sobre filho, a minha irmã falou alguma coisa dos filhos, que eu falei assim – ah eu não vou ter filhos –, ah que minha mãe tava falando o que que ela ia fazer se acontecesse alguma coisa com ela quando tivesse velha, e minha vó – ah, você tem aí três filhas, as três tomam conta de você –, eu assim – ah não, eu, eu vou é prum asilo, eu não vou ter filhos mesmo, vou ficar eu cercada por um monte de livros, que eles que vão ser os meus filhos –, minha vó – que é isso, menina, você tem que ter pelo menos um filho prá

futuramente tomar conta de você, que não sei quê –, minha vó falando isso, foi engraçado.

Porém, para ela, essa questão de ficar sozinha não tem tanta importância. Em suas palavras:

Eu não vou, não vou me sentir tão assim sozinha porque eu vou ter minhas irmãs, vou ter os filhos delas, mas qualquer coisa como eu falei eu vou, vou mesmo é prum asilo, talvez seja um ponto negativo de você tá parando pôxa não vou ter filho, acho que muita gente pensa assim, não vou ter filho, vou ficar sozinha mesmo. Eu acho que filho não garante, assim tá presente, a gente vê muitos filhos que moram em cidades, em estados, em países distantes dos pais, filhos únicos que vão embora e os pais ficam aqui, e conseguem se virar, de alguma forma conseguem se virar, minha mãe, por exemplo, foi uma que saiu aqui do Rio, meu pai também, os pais dele ficaram aqui.

A falta de companhia no futuro também apareceu na fala de Cíntia (36 anos, casada) como algo sobre o qual as pessoas a alertam e não como uma preocupação sua:

Negativo, ..., não sei, porque tudo que eu falar de negativo é o que as pessoas dizem que é negativo e eu não experimentei, é o que as pessoas dizem que eu vou chegar na velhice e não vou ter o filho, mas ter também não é garantia, eu sempre uso a mim mesma, assim, eu tô longe de minha mãe, eu não tô lá juntinho dela, né, é aquela questão, mas não sei, é difícil.

Também para Geísa (58 anos, casada) esse não é um fator que a preocupe, mas, antes, afirma que nunca teria um filho apenas por esse motivo:

Também sou daquelas que jamais pensaria em ter um filho prá cuidar de mim, prá quando ficasse velho, prá essas coisas não, porque a primeira coisa que eu já digo sempre com toda certeza ih, tem tanto asilo, então mesmo que eu tivesse filho, até porque eu já dei uma casa prá uma sobrinha, já dei outra casa prá outra sobrinha, já dei, daí não se preocupe não porque eu não vou vir morar aqui com você, eu só quero que vocês cuidem bem do asilo onde eu estiver, que seja limpo, que isso e aquilo, só vejam de preferência um lugar perfeito.

Lúcia (52 anos, divorciada) também não acredita que um filho seja sinônimo de companhia:

Companhia de filho eu não acredito nisso, porque também vejo amigas dizendo que têm filho que não vêm, que a casa dela é um hotel, tem que encher a geladeira pro filho e ele sai passa o final de semana, não acredito.

Essa mesma questão dos filhos como uma companhia para as mães no futuro pode ser observada em diferentes estudos, desenvolvidos no Brasil e no exterior, e que tratam do bem-

estar psicossocial das pessoas idosas, estabelecendo uma comparação entre mulheres que optaram por ter filhos e aquelas que decidiram não ter filhos.

As falas de Cíntia (39 anos, solteira) a esse respeito foram mais direcionadas para os pontos positivos da sua opção, embora ela afirme que ter um filho pode ser uma boa escolha para a mulher que deseja ter, o que não é o seu caso:

Eu tenho uma coisa, eu não, não sou do tipo que acha que ter filho é ruim, eu vejo coisas boas, eu vejo as pessoas curtindo seus filhos, vejo também sofrendo com eles, né, então pode ser uma coisa boa e pode ser uma coisa ruim, né, vai muito acho do preparo que você tem prá ter filho, de ser realmente uma opção, né, o que eu acho muito ruim é isso, é você ter para ter, né, por isso só, então é difícil dizer algo negativo, hoje eu não vejo nada negativo, eu nunca me peguei até hoje, no auge dos meus 36 anos, eu nunca me peguei dizendo – puxa, se eu tivesse filho isso não ia acontecer –, né, ainda não, pode ser que um dia eu venha fazer isso, mas eu já me peguei dizendo – ah, que bom que eu não tenho – (riso), várias vezes, várias vezes.

Lúcia (52 anos, divorciada) também relatou perceber mais os pontos positivos do que os negativos de sua opção, incluindo, entre eles, o fato de ter uma vida financeira mais tranqüila, de poder investir no que tiver vontade e poder ser e fazer o que quiser:

Bom, eu percebo mais os pontos positivos, sabe, por que, primeiro, éé, eu não tenho despesa com filhos, eu sou bem objetiva com relação a isso, porque eu teria uma vida muito limitada se eu tivesse tido, a não ser que tivesse um pai rico, que, éé, tivesse, né, sido o provedor desse filho, e eu usufruído desse patrimônio, né, como às vezes a mulher mora num apartamento e tudo, isso é uma coisa, como eu não casei jovem eu não construí um patrimônio nessa época que as pessoas geralmente constroem, então, e quando eu me casei, eu me casei em separação total de bens, porque cada um tinha bens de família, prá não ter confusão, então o que acontece, uma das questões é essa, eu não tive também que lutar prá construir um patrimônio próprio, porque eu acho que quando você tem filho você se preocupa mais com isso, então eu pude usufruir mais, me preocupar menos com a construção de um patrimônio, me dedicar ao que eu gosto de fazer, teve um período da minha vida que eu ganhei muito pouco, mas eu tava investindo na minha carreira, ee, a minha família inclusive me ajudava financeiramente, se eu tivesse filho eu não poderia ter passado por isso, abri mão de um emprego prá fazer mestrado e tal, tinha dois empregos bons, abri mão de um prá fazer mestrado, passei um tempo muito difícil financeiramente, mas construindo, né, talvez se eu tivesse filho eu não poderia fazer isso, porque um filho dependeria de mim (...) Eu não tenho os problemas que eu vejo as pessoas passando, éé, éé, os dilemas, porque com filho, você muitas vezes tem que ser conservador, entendeu, manter uma certa, éé, certas posturas que você nem, é, comunga tanto assim, mas que você pro filho você tem que manter, e eu vejo muitas amigas minhas, da minha faixa etária, que têm filho adolescente ou saindo da adolescência tendo que enfrentar questionamento de filho, até porque essa questão da autoridade ela, né, ela é permeada por novos valores e tal, então eu vejo muito isso. Não acredito que se eu tivesse tido, bom, uma

mãe bem jovem, éé, eu teria sido uma mãe amorosa, mas eu não teria sido uma mãe que tivesse imposto uma séria disciplina ao filho, tá, e talvez, talvez hoje eu estivesse sofrendo os efeitos disso.

Segundo Denise (46 anos, solteira), Lúcia (52 anos, divorciada), Tatiana (28 anos, solteira) e Adriana (44 anos, solteira), o ponto positivo da maternidade residiria em poder ter a segurança do amor incondicional de uma pessoa:

Eu acho assim, éé, eu acho muito gostoso, por exemplo, eu tenho meus dois sobrinhos eu tenho um carinho muito grande por eles, eu sei que eles têm um carinho, é claro que eu sou uma segunda mãe, tá, eles me obedecem, eles são hiper respeitosos a mim, pedem, sentem falta, de vez em quando – ah tia posso dormir na sua casa? –, então eu acho que tem uma relação assim de mãe e filhos, né, então eu sinto tem um carinho diferente, é diferente, né, eu acho que, éé, é passional, é uma coisa assim, não tem motivo, não tem razão, é um amor muito grande, e eu no papel de tia que tem uma relação muito forte com os sobrinhos, então, mãe e filho eu acho que mais forte ainda, entendeu, é você abrir mão, é você pensar, é você viver em função, e é assim, né, as mães falam muito isso, agora tudo que eu faço, compro roupa pro filho, compro, só penso, é assim, então eu acho que é uma relação muito gostosa, né, é um carinho seguro, né, porque o homem vai embora, né, é igual mãe, né, mãe a gente sabe que vai sempre tá lá, e o filho a mesma coisa, entendeu, por mais que sejam diferentes, por mais, lógico, todos os conflitos existem, mas aí, cada um é cada um, mas assim no geral, esse amor de mãe, pai, filho, eu acho que é muito, muito forte, é muito singular, então, eu acho que o ponto positivo é esse, você ter alguém que, eu acho que quando eu falo assim envelhecer sozinha, acho que é isso, é ter alguém que vai gostar de você sem nenhum questionamento (DENISE).

Eu vejo pessoas que são talhadas pra isso, que são extremamente felizes, eu tenho amigas de infância, eu tenho uma amiga que tem três filhas eu vejo que há total assim respeito ee, quando há respeito e amor, sabe, e companheirismo, aí é tudo de bom, mas eu não vejo isso acontecendo não, eu vejo acontecendo muito pelo contrário. Tenho amigas que têm filho e tenho muitas amigas que não têm filhos também, e dentre as minhas amigas que têm filho, a maioria se queixa muito, éé, mas tem aquelas que, que nem, não se queixaram a gente vê que a maternidade e o casamento são coisas que, bem equilibradas, sabe, eu acredito que isso é possível, mas em outro contexto, essa minha amiga que eu falo que tem três filhas mulheres e elas são muito amigas e muito companheiras e é uma coisa, ao mesmo tempo em que são amigas, são também descoladas, não são aquelas meninas que, sabe, a mãe, aquela mater dolorosa, não, é uma coisa bem equilibrada, elas são do interior de Minas também (riso), as meninas tão cada uma em um lugar, mas quando chega, tão sempre lá no final de semana, é uma família alegre, você vê que é tudo muito leve (LÚCIA).

Agora de ter,..., não sei, assim, claro deve ser uma coisa muito intensa, né, enfim, ter aquela criatura ali, né, que saiu de você, enfim, aquela coisa, aquele amor, né, mas é muito, é muito de outra pessoa, assim pra mim, assim, muito distante de mim, assim, não me imagino sentindo isso, passando por isso (TATIANA).

Negativo de não ter tido filho também é essa falta desse amor que deve ser muito legal, você ter uma criança, né, assim, que acho muito bacana esse amor e tudo, essa integração (ADRIANA).

Adriana (44 anos, solteira), contudo, afirmou que, apesar de não ter sentido o amor por um filho, devido à opção feita, as mulheres que não são mães podem direcionar esse amor para outras pessoas e setores de sua vida:

Acho que você consegue é, é, direcionar esse amor prá outras coisas da vida também, porque eu acho que a vida é tão grande, porque às vezes outras pessoas também precisam de amor, até uma pessoa como a V. que não tem a compreensão da mãe dela, de certa forma eu supro alguma coisa também, eu sou importante prá ela em algum ponto que não é nunca o da mãe dela, eu não sou louca, né, mas que também é, é, dá, esse amor também serve prá, prá outras pessoas também, né, prá mim.

Um ponto negativo de se ter filhos, segundo Denise (46 anos, solteira), é a perda de liberdade e o aumento das preocupações:

O ponto negativo é a liberdade que realmente acaba, porque é muito diferente, é um custo muito grande, entendeu, é um desgaste físico, emocional, porque a mãe, o filho nasceu a preocupação começa e não acaba, até você envelhecer, a minha mãe se preocupa comigo e com a minha irmã, não tem jeito, não tem jeito, né, então isso tudo eu acho muito desgastante, é na minha opinião o lado mais negativo.

Geísa (58 anos, casada) também vê como um aspecto negativo da maternidade o aumento das preocupações, principalmente em decorrência das mudanças nas condições de vida, que diminuíram as perspectivas abertas aos jovens de hoje:

Eu acho que eu sou de uma geração, eu sou de uma geração que é quase um marco divisório, então, ahn, a gente quase que saiu do nada, sem condições de, assim, sou de uma cidade do interior, não tinha facilidade de estudo, não tinha isso, não tinha aquilo, faculdade não existia, eu fui a última, minhas irmãs casaram, nunca trabalharam fora, uma até trabalhou, meu cunhado tinha serraria, fazenda, aquela coisa toda, então ela meio conseguia conciliar as duas coisas, enfim, fui a única que trabalhou, ee, bem ou mal me tornei independente, com condições de sempre ter ajudado um pouquinho todos e mais agora, ahn, os meus sobrinhos todos tiveram muito mais oportunidade, muito mais oportunidade, mesmo formados eu continuo dando mesada que não sobrevive, as coisas são diferentes, a época é diferente, o mercado é diferente, a gente também deu sorte, então dá uma preocupação, e tem os que não quiseram estudar, então dá uma preocupação porque não está sendo fácil prá eles, não está sendo fácil o mercado, então eu penso assim, éé, se eu tivesse filho, eu queria prá ele muito mais do que o pouco que eu consegui, e eu acho que isso não tá muito fácil, até, sem entrar assim no mérito, mas, até, olha, as minhas sobrinhas são todas moças bonitas, são

todas moças prendadas, são todas moças, tá até mais difícil um bom companheiro, encontrar a pessoa certa, então eu acho assim que uma desvantagem, tenho sobrinhos, dois deles que se envolveram com drogas, então a gente tá sempre em cima, a vantagem, eu não diria que isso seria a vantagem de, de não ter esses problemas porque como eu digo se eu não tenho eu comprei de todos os outros, e não queria por mim, eu não queria ver a frustração neles, eu queria que todos fossem bem sucedidos, (...) assim eu vejo a gente tem muitas frustrações em relação a nossas crianças, eu acho que a gente também pôs muitas expectativas, coisa que a geração da minha mãe não punha nenhuma, nenhuma em cima dos filhos, nenhuma, então a gente como consegui ver um pouquinho além, a gente esperou mais (...) a gente teve muitas decepções com as expectativas que se criou em cima, e eu acho que não tendo filhos eu não tenho essas frustrações, tenho em relação aos sobrinhos, e não é, não é, não deu prá explicar direito, não é frustração, é só assim ver que o mundo não tá fácil então é isso aí, não vejo muita nem vantagem nem desvantagem, vantagem porque ninguém vai sofrer porque eu coloquei no mundo, vantagem porque ela não vai sofrer.

Adriana (44 anos, solteira) também mencionou as decepções vividas por muitas mães em relação a seus filhos como um fator negativo da maternidade:

Eu também penso também na decepção que muitas mães têm com os filhos, que eu vejo tanta mãe legal, dá tanto amor e tanto carinho e vejo tanto filho assim que massacra a mãe ou mata a mãe, isso me assusta muito também, porque filho é uma caixa de Pandora, né, você não sabe como é que é, você tem, todo ser humano é assim, que nem você, você tem uma parcela que foi herdada dos seus pais, mas existe uma parcela que é só sua, que vem com a sua alma, né, então essa parcela é muito perigosa, né, que às vezes você não sabe o que vem ali, né, então eu vejo assim aquela Susane Von Richtofen, né, você diz – gente, .., o que que é aquilo? – né, então é todo um misto disso que eu penso, sabe, éé, tem coisa boa, tem coisa ruim, ee, eu acho que, eu não sei, se eu tivesse tido realmente um companheiro ou tivesse engravidado eu ia ver isso em carne e osso, mas já que eu não tive eu fico apenas imaginando as situações, né.

Parece, assim, que o lado positivo de não ter filhos para Denise (46 anos, solteira), Adriana (44 anos, solteira), Gabriela (26 anos, solteira) e Cíntia (36 anos, casada) é a liberdade que se tem quando se pode pensar somente em você. Denise, inclusive, mencionou, em diferentes momentos da entrevista, que até se sente egoísta por pensar tanto nela:

O ganho dessa independência, não ter esse compromisso, né, não ter essa preocupação, viver só prá você, então você consegue investir melhor em você, você faz aquilo que você gosta, entendeu, prá mim isso é muito importante, e hoje eu ainda, eu ainda, minha mãe depende muito de mim, então muitas vezes eu deixo de fazer algumas coisas em função da minha mãe isso me incomoda profundamente, entendeu, eu não gosto, eu gosto de fazer aquilo que eu, eu gosto de ter a liberdade de acordar às cinco horas da tarde, almoçar dez horas da noite, entendeu, e o filho não funciona assim, entendeu, tem coisas que muda, muda, mesmo quando cresce, é outro movimento, é



muito complicado, então isso prá mim é um ponto positivo de eu ter escolhido não ser mãe, é esse, ter essa mobilidade, sabe, vou prá onde eu quero, não tem nada que me prenda, não tem nada que me faça pensar duas vezes, só tenho que pensar em mim, eu quero, não quero, vai ser bom, não vai, pronto, entendeu, não tem muita gente prá pensar, é egoísmo novamente, né, (risos), eu tenho me sentido muito egoísta ultimamente (DENISE).

O ponto positivo é a liberdade mesmo nesse sentido, né, acho que você tem uma maior mobilidade, né, é isso, uma maior mobilidade (CÍNTIA).

Um lado positivo é a liberdade, né, a liberdade que você tem (ADRIANA).

Ponto positivo é que você tem a liberdade prá ir e vir, você não tem que tá atrasando os seus projetos, não falo nem terminar, não é nem isso, você atrasa, é um atraso muito grande, você não tem que pensar só em você, você tem que pensar em duas pessoas agora ao mesmo tempo, que tá sobre total responsabilidade sua, assim, tem esse, eu não preciso, eu agora, não preciso tá parando meus projetos, dou continuidade, saí de SC pô sem problema nenhum, pra minha irmã já seria já um outro problema, ahn, se eu quiser sair meia noite eu vou, se eu quiser voltar só daqui a três dias eu volto, parar assim no meio da semana, ah, quem saber vou viajar, vou, vou pra tal lugar, eu não tenho responsabilidade, eu não tenho que tá me preocupando (...) A gente sempre ficaria com mais essa preocupação, a gente, tendo filho a gente acaba se responsabilizando mais, a gente acaba, eu pelo menos eu acho que eu ficaria um pouco mais tensa de ter uma outra pessoa que, com quem eu sempre tenho que contar, qualquer plano que eu fizer tem sempre que contar com um a mais, porque eu sou responsável por ele (...) tem muitas preocupações, pesa muito, acho que eu me sentiria muito presa, justamente por isso que eu também não caso, eu me sentiria presa, namoro, eu não consigo nem manter namoros muito longos, meu namorado assim que eu tive seis anos de namoro, isso porque a gente morou em cidades diferentes, a gente se via a cada três meses, assim, tinha namorado, mas eu tinha meu tempo prá tá fazendo a faculdade, pra tá indo pros meus estágios, prá eu tá participando de cursos e coisa e tal, um final de semana ali no meio, tá, eu ia lá pra cidade dele, ou ele ia prá minha, ou então só por telefone, foi o máximo, depois disso (riso), não, são coisas assim rápidas, eu acho que essa questão de filho, casamento prá mim eu estaria perdendo essa liberdade (GABRIELA).

Para Gabriela, como vimos no fragmento de fala acima, a busca pela liberdade é tanta que influencia não somente sua escolha de não ter filhos, mas também seus relacionamentos.

Para Sandra (39 anos, solteira), aquilo que considera uma vantagem da maternidade pode ser também uma desvantagem, ou seja, ao mesmo tempo que a maternidade para ela proporciona um maior direcionamento na vida, essa direção tira a liberdade que ela tanto preza:

Eu acho que a maternidade te dá essa vantagem, ela de certo modo ela te põe um freio, perai, (...) é como a N. fala, a maternidade dá um sentido de perda muito grande, eu não tenho esse sentido, então eu acho que isso é uma vantagem da maternidade, você

vira e fala, por exemplo, eu tô juntando dinheiro, tô, mas é prá gastar comigo, é prá eu conseguir realizar o sonho de pelo menos conhecer a Grécia, e eu quero ainda conhecer o Brasil (...), é diferente, um filho, se você tem tá pensando como ele vai continuar os estudos, de ter uma casa própria prá ficar pra ele, apesar de que eles já sabem a minha será dele, assim, a maternidade te dá esse norte (...) A desvantagem, que eu vejo para mim, S. é justamente, eu vejo a maternidade como uma prisão,..., você tá sempre pensando em função daquele ser que você colocou no mundo, e você é responsável sim por ele, você é responsável pelo bem estar dele, você pode estar assim na merda, e desculpa (riso), você pode tá assim no lixo, deprimida, qualquer coisa, mas você tem que pensar na segurança dele, no bem estar dele, porque se algo acontecer com você o que será feito dele, é isso, isso prá mim é a enorme desvantagem, a vantagem de não ter filho é justamente toda essa, apesar de que eu acho que liberdade é um conceito que não existe, porque você nunca é 100% livre, você tá sempre preso a alguma coisa, seja a alguma coisa cultural – ah, mas será que eu não quero ter filho porque eu sou muito neurótica ou sou muito neurótica por não ter filho –, que eu já falei que nessa última terapia eu trabalhei, mas tem os aspectos culturais sim, mas assim, eu não acredito na liberdade, eu acho que a liberdade na verdade ela é uma autonomia, uma autodeterminação que você consegue – bem hoje, o que que eu quero? Hoje, eu quero juntar dinheiro prá eu conseguir ver se eu consigo realizar o meu sonho de conhecer Grécia –, isso prá mim é ser livre. Hoje se de repente você virar e falar - pô S. eu vou terminar aqui, eu tô de bobeira vamos tomar um chopinho ali? –, eu poder ir tomar um chopinho sem ter que me preocupar de ligar prá ninguém, dar satisfação, tipo, não dá, eu tenho que voltar pra casa porque eu tenho que pegar meu filho no colégio, ou então, pôxa, hoje não tem ninguém prá ficar com meu filho eu tenho que ir, por causa, então eu gosto, eu gosto disso, a desvantagem é isso que eu te falei, eu não tenho freio, tá entendendo, eu penso no meu pai, na minha mãe? Penso, eu penso, assim, éé, em ter condições de no futuro tá podendo ter estratégias prá cuidar deles quando eles ficarem idosos, mas só que eles já viveram a vida deles, e eu tenho direito de viver a minha, então eu não tenho freio, e isso, e isso, às vezes, é um pouco problemático, porque eu fico muito solta, sabe, às vezes isso pode, às vezes isso é uma desvantagem porque eu não tenho quem possa me dar uma segurada, virar e falar – (ou, pega leve, pensa um pouco) no que você vai fazer, eu fico solta demais.

Para Tatiana (28 anos, solteira), a desvantagem de sua opção reside no fato de que, se encontrar alguém de quem goste muito e essa pessoa quiser ter um filho, isso acabaria por se tornar um problema na relação:

Cara, assim, na verdade, a única coisa acho que provavelmente negativa, no momento, porque prá mim se não tem desejo, não, não existe nenhuma falta disso, né, éé, mas eu acho que é justamente se você tiver com uma pessoa que queira e que eu goste muito e exista esse conflito, aí se transforma num problema.

### C. Pressão Social Sofrida

Sobre a pressão por elas sofrida para ter um filho, as falas, muitas vezes, se contradizem, o que pode ser, de certa forma, decorrente, principalmente, do fato de muitas delas ainda terem a possibilidade, pelo menos do ponto de vista biológico, de optar por ter filhos. Além disso, a pressão para que tenham filhos também foi distinta, dependendo do momento de vida de cada mulher, sendo mais comum no início da idade adulta.

Denise (46 anos, solteira) e Cíntia (36 anos, casada) relataram sofrer atualmente menos cobrança. Para Denise, a cobrança para casar foi sempre maior do que aquela para ter um filho. A diminuição da cobrança, segundo ela, aconteceu pelo fato de ser vista como mais jovem do que realmente é, pela possibilidade atual das mulheres terem filhos até mais tarde e porque ela acredita que muitos até sentem uma certa inveja de sua condição:

Olha só, cobrança sempre existe né – não vai casar, não? Não vai ter filho? - isso sempre existe né, eu acho assim, aí vou dizer por mim, tá, por eu de repente não aparentar a idade que eu tenho, é verdade, eu acho nem que eu não aparento, assim, acho que na verdade por eu ser solteira, por eu, eu digo assim tá no mercado, paquerando, eu acho que isso me faz diferente, eu não tenho a postura de mãe, senhora, não, eu tô aqui, tô no mercado, quero ser vista, entendeu, então eu acho que isso eu pareço mais jovem, eu acho que é mais no espírito do que propriamente o físico e logicamente se a gente tá bem, né, a gente se cuida mais e essas coisas ficam mais visíveis, então é diferente, não me cobram, sabe (...) Algumas pessoas falam assim até com inveja, eu sinto isso, falam assim pôxa a D. tem uma vida boa, ainda mais agora tá lá no Rio, sozinha, o conceito que eles têm de mim, outro dia tava no meu primo, pô tá na gandaia, gente eu não saio à noite há não sei quanto tempo, tô trabalhando prá caramba, (só penso em dormir, só penso em dormir), mas a concepção deles é que eu tô aqui no Rio só me acabando, solteira, sem filho, entendeu, e isso desperta uma inveja deles, então eu percebo muito claro nos meus primos isso, toda vez que eles falam isso, eu sinto exatamente isso, eles acham que eu tô no, no paraíso, a D. que tá certa, solteira, não tem filho, tá lá aproveitando a vida, entendeu, então, isso é muito engraçado, porque têm todos os compromissos de ser casado, de ter filho, né, de não ter essa mobilidade, então eles acham que eu tô no bem bom (...) É, na verdade assim eles cobravam mais assim, todo mundo quer ver todo mundo casado, né, então, havia uma cobrança dessa - e aí D.? -, ainda mais quando arrumava namorado, aí Nossa Senhora, aquele tinha que ser o eleito, né, era muito complicado isso, tanto que eu tinha a maior resistência de levar meus namorados prá apresentar prá família por conta disso, o cara mal chegava, cara, já tão querendo casar você, então, havia sim, mas talvez por eu estar me preservando cada vez mais, como eu tô aqui, então as minhas relações acontecem, se desfazem, ninguém nem fica sabendo, entendeu, então, só vai saber a hora que tiver alguma coisa concreta, então isso diminui, diminuíram as cobranças (...) Antigamente uma mulher de 46 anos era uma

senhora, era uma senhora, né, tinha que andar comportada, hoje usa minissaia, decote, então acho que tá mudando isso sim, nós estamos envelhecendo mais tarde, né, nós envelhecemos, nós vamos nos sentir velhas mais tarde, não com 50 anos, então eu acho que isso automaticamente a cobrança também tá ficando prá mais tarde, entendeu, e como a gente tá, é, numa dinâmica muito grande acho que de repente um dia que cai a ficha – ih, fulano envelheceu –, entendeu, isso não tá acontecendo porque a gente tá, agitado, ainda mais o que eu tô falando correndo atrás de profissão, de trabalho, disso, então é, é como se eu tivesse aos 20 anos terminando a faculdade e procurando emprego, entendeu, então acho que, aí eu te digo com relação a mim, porque é isso que eu tô falando, como eu tô numa outra situação também, porque agora que eu tô, passei dez anos da minha vida trabalhando dentro de um banco e a hora que eu saí foi a hora que eu falei eu vou investir na minha carreira, então, como, agora que eu me sinto assim buscando esse mercado, eu acho que como eu passo isso prá todo mundo é como se eu fosse mais jovem, entendeu, a D. tá batalhando pela profissão dela, então eu acho que vem muito realmente da gente, né, o que a gente passa, e aí as coisas funcionam assim, então eles me vêem assim, entendeu?

Para Cíntia (36 anos, casada), por outro lado, a idade foi um fator que fez diminuir a pressão. Além disso, ela menciona também a maior aceitação por parte das pessoas em relação à questão – isto é, as pessoas hoje já se acostumaram com a opção de não ter filhos –, bem como o fato do seu marido ter a mesma opinião que ela:

Digamos que desde os, sei lá, meus 24, 25 anos, que eu ouço essa questão – ah, você não vai ser mãe? – mas eu vejo que agora eu continuo sendo cobrada, mas é menor do que tinha naquela época, ligado à idade, mas eu acho que é mais a questão da mudança das pessoas, mas ainda sou cobrada (...) Agora em relação a deixar de cobrar, eu acho que veio mais, porque assim como eu convivo com as mesmas pessoas e por muito tempo, mais pela questão do acostumar, né, do cansar, a não ser quando, a não ser quando entra nessa, cada vez que alguma amiga minha fica grávida, aí é sempre um momento de cobrança, aí você vai ver o filho, curte a criança, aquela coisa toda, então, aí tem aquele momento – mas você tem tanto jeito, você brinca tanto (riso) –, né, então tem esses *momentinhos*, mas não é coisa tão constante quanto era, né, então eu acho que no meu caso específico é mais por isso, pela questão do cansaço, né, e o meu marido, a gente não casou oficialmente, né, a gente vive junto já há algum tempo, e ele também não quer ter filho, e aí também isso ajuda, porque as pessoas vêem, né, eu acho que se vissem que ele quer ou se eu me relacionasse com várias pessoas e dentre essas pessoas quisesse, acho que a cobrança seria maior também, porque as pessoas vêem em mim aí encontram a barreira, vêm nele também, isso cansa, sabe.

Geísa (58 anos, casada), inicialmente, relatou não ter sofrido pressão nem para ter filhos nem para se casar, principalmente pelo fato dela ter ficado sozinha durante muito tempo. Lembrou-se de uma única vez em que a mãe sugeriu que ela criasse uma criança. Entretanto, relatou que isso pode estar ligado a uma situação bem específica e comum em sua família, que é criar um sobrinho quando não se tem filhos:

Não, não, não, não, eu não sei, eu acho que pode ter sido por eu ter ficado dez anos sozinha, deve ter sido, nunca nem ninguém me perguntou, foi uma coisa que... é até engraçado você perguntando e agora que eu tô me dando conta que isso nunca rolou sabe, a minha mãe, eu lembro, é até uma coisa legal, minha mãe virou pra mim e falou assim – G. por que você não fala com a tia G. e pede prá ela prá filha dela prá te dar uma criança prá você criar –, eu digo – mas mãe, hoje em dia, isso não acontece –, porque no tempo da minha mãe, a pessoa da família que não tinha filho acabava criando um sobrinho, então, eu digo que essa foi a única vez que a minha mãe fez uma menção de eu ter um filho, mas assim na conversa, nunca teve pressão, e eu sempre fui muito ligada nas crianças e eu acho que nunca ninguém se deu conta também (...) Não, não, não, não, não, olha, hoje em dia eu não sei como é que são as mães, mas no meu tempo, eu tenho uma amiga de infância, que teve uma época que ela, teve uma hora que ela virou e falou – G. tenho que me casar, porque senão a minha mãe –, de tanto que tinha que casar, e a minha mãe sempre dizia assim olha que por mim vocês não precisam casar, que casamento mesmo quando tudo dá certo é difícil, ee, então nunca teve pressão pra casar, nem da primeira vez, muito pelo contrário, da primeira ninguém queria, e da segunda, dez anos depois, quando eu voltei, que assim minha mãe casou com 29 anos, há 70 anos atrás, então a gente brincava com ela mãe você casou com trinta e tá com vergonha de dizer, então ela diz que quando foi casar ela perguntou pro pai dela se não desse certo se ela podia voltar pra casa, por isso que ela tinha aquele jeito de dizer, que não era preciso, que filha dela, e numa época em que todas as mães forçavam, imagina uma filha solteira, e a mãe a vida inteira, todas nós casamos, mas por vontade dela também não precisava, tanto fazia.

Porém, em outros momentos da entrevista, Geísa relatou que há certa pressão para que a mulher seja mãe, o que acaba afetando ela também:

Eu acho que se colocar duas mulheres juntas, uma mãe e a outra não, nas mesmas condições, ninguém vai entrar no mérito se essa que não é, se ela não tem pelo próximo, pelas pessoas, ou pela sociedade ou sei lá o que o mesmo comprometimento, sempre vão achar que a mãe tá acima, independente de que tipo de mãe seja, acho que não param (muito pra analisar), sei lá, eu acho, não tenho muita certeza, mas que eu acho que tem, tipo assim, uma cobrançazinha, eu acho que tá na gente mesmo, quando a gente vê assim, por exemplo, quando uma Fátima Bernardes que não tinha filho de repente fez um tratamento e teve três filho, você também passou a, a acompanhar aquilo, a ver o trabalho, a ver a dedicação, talvez seja verdadeiro, eu acho que talvez, talvez não, olha, parando pra pensar, acho que ainda continua sendo a completa, até aquela história, filhos melhor não tê-los, mas se não tê-los, como sabê-lo, né, então de repente ficaria por isso aí, fica em todas nós, em todas nós que eu digo quem não tem, essa preocupação.

Geísa chamou atenção, inclusive, para o fato de que a valorização da maternidade pela sociedade pode ser sentida também nos meios de comunicação:

Tem muitas coisas que passam prá gente isso, às vezes, talvez, olha, eu tenho que ter até cuidado pra falar, porque eu não sei se eu, sabe aquela coisa que talvez sim ou não,

sim ou não, te toca, então eu não sei se eu tô mais vulnerável a isso e aí sinto ou não sei se uma mulher que tenha filhos pudesse, se tivesse aqui ia dizer não, mas você sente isso numa chamada de televisão, às vezes, num programa, em alguma menção que façam nessa coisa assim né, enfim, às vezes soa assim a mãe, naquele momento assim você fala assim, talvez seja um ranço, eu não sei, um pouco me passa, não sei se é alguma, não sei a palavra certa, poderia dizer alguma frustração em mim que me faz ver isso ou talvez seja eu mesma, eu acho que eu não sei se eu me cobro isso, acho que não muito, acho que não, muito não, acho que não.

Sandra (39 anos, solteira) falou abertamente, e em diferentes momentos da entrevista, sobre a enorme pressão que sofre em relação à sua opção. Sandra, inclusive, mencionou o fato de terem questionado sua sexualidade:

A pressão não é fácil, gente eu não esqueço nunca quando perguntaram se eu não queria ter filho porque eu era sapatão, eu fiquei sem chão e eu cheguei a ficar assim, será que eu sou sapatona, porque eu tinha meus vinte e poucos anos, né, eu ainda era nova, eu entrei na faculdade com 30, então eu entrei na terapia com 28 anos, então foi por aí que eu dei uma pirada e fiquei, mas eu me lembro que eu, durante um tempo até a minha primeira terapia eu trabalhei isso, eu fiquei, pô será que eu sou sapatão e não sei, por isso que eu não quero ser mãe, prá você ver como a pressão cultural ela é capaz de te dar uns nós muito grande, ela é capaz de fazer um estrago legal na sua cabeça, porque foi muito sofrido, eu sofri muito, hoje, eu seguro, mas eu paguei um preço, não sei se foi meu azar de ter nascido na família que eu nasci, o meu azar de ter um irmão morto, que aí aumentou muito mais a pressão do que eu já teria se fosse uma filha única, mas assim, além de ser filha única ainda tem o estigma de ter um irmão morto, então, éé, eu não sei, eu sei que foi muito sofrido meu processo, mas hoje, hoje eu vejo que ele foi natural, que já na minha adolescência eu tinha dúvidas a respeito, só que, era esperado isso de mim, como assim com 15 anos não sonhar em casar e ter filhos, como assim, era uma coisa muito esperada, mas hoje, hoje com meu autoconhecimento eu vejo que na verdade é uma vem lá de trás, sabe, minhas dúvidas já vieram lá de trás e ainda bem que eu tive muito medo de não ter condições financeiras de criar um filho e isso me ajudou a ganhar tempo pra amadurecer isso, porque senão hoje certamente eu estaria arrependida.

Como pudemos ver na fala acima, ela fez análise e conseguiu resolver algumas questões envolvidas na sua escolha. Tatiana (28 anos, solteira) também faz análise e mencionou que algumas questões sobre a opção de não ter filhos também já apareceram no processo de terapia:

Apareceu na análise justamente nessa época por conta do, do D. ter falado, né, enfim, e começou meio por aí.

Também Gabriela (26 anos, solteira) confirmou sofrer essa pressão, mesmo que não por parte de todas as pessoas:

Algumas acham que é um absurdo mesmo, outras falam ah não tudo bem então, ou outras a escolha é tua, tu te vira depois, tu te vira depois, vai você ficar sozinha. Como eu falei, filho não, não significa você ter uma companhia pro resto da tua vida (...) então, é muito engraçado mesmo, nossa você é louca mesmo, eu sou a louca, eu sou a louca, eu que tenho as idéias, assim, mais estranhas na face da Terra.

Sandra (39 anos, solteira) afirmou que hoje em dia lida de forma diferente com as questões ligadas a suas escolhas em relação a casamento e filhos:

Outro dia eu tava com minha mãe, e uns familiares que a gente não via há um tempão, né, éé, encontramos no meio da rua – ah você já casou e teve filho? – Ô maldita pergunta (risos) é sempre a mesma pergunta, cara, aí eu, não, eu até me divirto, sabe, hoje, eu até me divirto, mas uns anos atrás eu ficava – pô, mas não tem outra coisa prá perguntar, tipo assim, você tá com saúde? cê tá feliz?, não, você casou e teve filhos? Aí, eu virei e falei não, não quero, não, não, não, escolhi outra coisa pra mim, ih, oh, oh, não quero rugas, não, aí eu levo na sacanagem, né.

Mas, mesmo assim, relatou que ainda sente certa dificuldade para lidar com isso, como se pode observar na fala abaixo:

Estou lidando melhor, mas ainda me sinto cobrada por algo ruim que tenha feito, o sentimento é este – por que que eu tenho que ter filhos? –, não, eu não sou obrigada, então porque as mulheres, principalmente se incomodam tanto? Tirando o fato de que ficam coladas nos maridos e namorados quando eu estou por perto, imagino que seja pressão cultural mesmo.

Gabriela (26 anos, solteira) disse que quando adolescente se incomodava mais com essa cobrança do que agora, ou seja, como Sandra (39 anos, solteira), parece que aprendeu a lidar melhor com os constantes questionamentos:

Eu acho que adolescente eu acho que me irritava um pouco assim, mas agora, às vezes, até acho engraçado assim, agora realmente, na minha vida já há muito tempo eu venho priorizando isso, primeiro eu ter sucesso profissional, primeiro ter, eu falo né quando eu conseguir meu primeiro milhão de dólares depois eu paro prá pensar em família, paro prá pensar em ter filho e coisa e tal, prá mim mesmo éé, eu tento explicar que eu tô voltada mais para isso, esse é meu objetivo mesmo, esse objetivo de tá estudando, eu não consigo, não consigo me ver no futuro, éé, eu não tá estudando, eu consigo me ver sem filhos, sem casamento, mas eu não consigo me ver sem estudar.

Cíntia (36 anos, casada) apontou o bom-humor como uma saída para se conviver melhor com a pressão sofrida:

Com bom humor assim (riso), com bom humor porque não tem jeito, né, eu sei que é uma coisa que eu tenho que lidar, eu já sabia que eu ia ter que lidar com isso, então, eu *brinco*, digo que eu cuido dos filhos dos outros, e eu fui professora durante algum tempo aí eu sempre brincava muito dizendo – ah gente, eu não posso cuidar dos meus, senão como é que eu vou cuidar dos dos outros, não dá, né – dessa forma.

Apesar de tentar levar com humor a questão, Cíntia narrou um episódio vivido por ela que a fez perder o bom-humor:

Uma vez, agora eu recordo, assim, uma pessoa só que falou uma coisa, que isso eu lembro bastante, muito forte, aí eu não gostei, que disse que, ahn, éé, que eu nunca ia saber o que era amar de verdade, não disse diretamente prá mim, tá, mas disse que as mulheres que não têm filho nunca sabem, e aí eu fiquei meio p da vida (riso), primeiro que é uma questão meio de imposição, eu não vou saber o que é o amor de mãe, que realmente eu acho que é alguma coisa **muito** forte, mas amor a gente sente, né, de diferentes formas, então, foi o único caso que eu lembre assim que eu fiquei chateada, mas fora isso não, fora isso sempre com bom humor mesmo, fazer o que?

Adriana (44 anos, solteira), por sua vez, parece não ter conseguido até hoje lidar muito bem com a pressão sofrida:

Eu não vou te dizer assim eu não sofro, nem me amarguro, assim, eu me acho assim, eu me sinto estranha, gente, parece que é menos mulher, assim, pelo fato de não ter gerado, éé, às vezes eu sinto que outras mulheres que são mães ficam assim – ah porque ter filho é muito bom você nunca vai sentir –, sabe assim uma coisa assim que elas puderam, elas foram mais mulheres do que eu, mas acho que é uma coisa assim que elas falam assim, assim não vou dizer que eu sofro terrivelmente por causa disso não, dá uma certa estranheza assim, mas eu me acho mulher o suficiente, entendeu, éé, não me sinto menos mulher por causa disso, entendeu, mas assim eu acho que seria *muito* legal ter tido.

Além disso, Adriana afirmou que muitas pessoas sentem pena dela pelo fato de não ter se casado e tido filhos, ainda que ela mesma não se sinta assim:

Eu acho que várias pessoas hoje me olham até com pena, apesar de eu não me sentir assim com pena, muitas pessoas ficam assim – ah, coitada, né, e tal, pô, tão bacana –, quantas vezes eu já escutei isso – pô, você é tão bacana, é tão assim, acho que se você fosse mãe, seria –, gente, não precisa ficar com pena, entendeu, não é, mas há uma segregação a mulher solteira, a mulher que não teve filho, **tem** sim.

Como já apontado anteriormente, Lúcia (52 anos, divorciada) relatou ter sofrido maior pressão para se casar do que para ter filhos, até porque ela se casou tarde e, quando casou, já



havia feito uma histerectomia. Segundo ela, quando fez a histerectomia sua decisão de não ter filhos já estava bem consolidada:

É, já, não teve nenhum problema quando eu fiz a histerectomia, ahn, a minha mãe dizia prá eu não comentar (riso), e eu, que é isso? Qual o problema? Não muda nada, eu já não queria, não tinha mesmo o projeto de ser mãe, teria sido muito duro se eu tivesse tido esse projeto de ser mãe, mas, talvez eu tenha também racionalizado isso, porque eu vou sofrer, éé, por uma coisa que, tá, você tem um órgão que só serve prá reprodução, ele é retirado, não tem nenhum efeito na sua saúde, e se eu não reproduzi até os 37, por que eu vou ficar chorando, não, não houve nenhum problema.

Tatiana (28 anos, solteira) relatou não sofrer pressão devido ao afastamento que tem de sua família:

Antes de morar aqui, eu morava com meu pai e minha irmã e minha mãe morreu há dois anos atrás, e aí meu pai nunca foi de perguntar nada assim do que eu ia fazer, essas coisas, não, então, e a família é muito pequena, muito distante, né, não sei se alguém perguntava da família dele pra ele, né, ele não passava isso pra mim, mas que chegasse a mim, não tinha isso, nunca teve (...) Minha irmã eu acho que não, meu pai acho difícil assim saber assim qual a expectativa dele, porque isso não é uma coisa falada, assim, entre a gente, na verdade muitas outras coisas, uma delas é essa, então, realmente eu nem sei qual a expectativa do meu pai em relação a isso, se ele tem, meu pai é bem mais velho, meu pai tem 75, né, ele na verdade quando eu nasci ele já tinha 47, teve filho bem tarde, né.

Em relação aos amigos mais próximos, Tatiana afirmou que também não sofre pressão, uma vez que eles já a conhecem bem:

Não, acho que até por me conhecer já, assim, em outras questões da minha personalidade, talvez não surpreenda tanto, né, acho que surpreende mais quem, quem, quem não me conhece e tem uma idéia, né, e aí quando você fala, fica, ahn, como assim, até porque sempre acham que eu sou muito calma, muito tranqüila e tal, aí de repente vê que não é bem assim, né, é mais uma agressividade contida (risos), (de repente rola uma explosão), mas prá quem já tá acostumado, acho que não surpreende.

Lúcia (52 anos, divorciada), assim como Tatiana (28 anos, solteira), afirmou que os amigos não fazem esse tipo de cobrança por conhecerem-na bem e que essa cobrança vem de pessoas mais distantes, como os colegas de trabalho e primos do interior, por exemplo:

Ah, sim, muito, tem gente que me pergunta, mas é gente assim que não é do meu círculo de amigos, do meu círculo de amigos ninguém me pergunta isso, porque já sabe que, quem me conhece bem não me faz uma pergunta dessas, mas quem não me

conhece bem, colegas de trabalho e primos, distantes, assim, lá do interior e tal – ah por que você não adota um filho? –, teve uma colega de trabalho que falou assim – eu não te habilitaria a adotar uma criança porque não tem espaço na sua vida prá isso –, eu falei – ah, legal, você é minha amiga mesmo, porque não tem, agora já passou.

Por outro lado, Cíntia (36 anos, casada) contou que suas amigas que têm filhos costumam cobrar mais dela o fato de não ter filhos do que pessoas desconhecidas e familiares:

É, hoje eu acho que é mais dos amigos, família não, família não, família, inicialmente, minha mãe, né, falava, aliás minha mãe nem tanto, tios, tias, essas coisas ia falando, mas depois deixaram, né, deixaram mesmo, até por ver que é isso mesmo, agora **dos** amigos, à medida que eles vão tendo filho, principalmente, né, vai tendo filho, aí a cobrança sempre, acho que é mais desse grupo, porque também quem não me conhece muito vem na primeira vez, né, – mas você não quer ter filho? –, mas aí depois até por não conhecer muito, deixa de encher o saco, assim, mas os amigos, eles são mais insistentes (riso). É engraçado, mas ainda insiste, às vezes em tom de brincadeira, e às vezes eu, eu sinto que é mais, é um pouco pra ser igual, sabe, porque assim das minhas amigas, amiga mesmo, principalmente das mulheres, eu acho só uma que não tem, não quer ter filho também, o resto todas as outras já têm filhos, então é aquela coisa de dizer – mas eu sou –, então essa cobrança é um pouco pra isso – a gente anda tão junto, a gente é tão amigo, a gente é tão igual, por que você não quer ter filho? –, né, eu vejo um pouco dessa forma (...). Eu acho que até elas me cobram um pouco por causa disso porque elas são supermulheres, as minhas amigas próximas, elas são mulheres que têm filhos, que tiveram filhos, mas que também levam uma vida tranqüila, sabe, que também viajam, que a maternidade não as impediu, não vou dizer que podem fazer as mesmas coisas que eu na hora que têm vontade, isso não, mas não são mulheres que se dedicaram **só** à família, sabe, que *abdicaram*, então isso não existe, então, eu acho que justamente por isso, tanto que a fala delas é muito assim – você não vê que dá prá fazer as coisas, eu tive, tem também.

Adriana (44 anos, solteira) também fez uma distinção entre aqueles que já a conhecem e se acostumaram com sua escolha, e quem acaba de conhecê-la e estranha, em um primeiro momento, sua opção. Apesar disso, ela afirma que as sobrinhas ainda lhe cobram a maternidade:

Sempre teve aquela, hoje em dia acho que o pessoal já se acostumou, né, até quem não me conhece, quando me conhece até se espanta, né, assim – mas você não casou? – eu já morei junto, mas casar assim, não, né, ee, eu não sei, as pessoas assim, as minhas sobrinhas até chegaram e falaram – ah, você não pensa em ser mãe? –, sabe, parece assim até que eu era meio monstrinho – você não gosta de criança? –, aí, é engraçado que a pessoa interpreta de uma forma como se eu não gostasse de criança.

Tanto Sandra (39 anos, solteira) quanto Lúcia (52 anos, divorciada) afirmaram que a pressão é maior por parte de outras mulheres do que de homens:

As mulheres se incomodam muito, os homens nem tanto, os homens um ou outro, assim, que fica mais surpreso, sabe, eu percebo que os homens ficam surpresos, mas as mulheres não, elas se incomodam, elas se incomodam mesmo, e eu já escutei de tudo, Patrícia, se eu sou sapatão, se eu sou estéril, (eu tenho que ter algum problema), sabe, tanto que é complicado, mas eu vejo que, eu ainda percebo que na sociedade ainda tem uma expectativa sim, da mulher querer casar, de querer ter filho, da família, do amor romântico, vir em primeiro lugar, eu ainda percebo muito disso (...). Eu percebo sim, a sociedade ainda tem, as mulheres principalmente, ainda têm muito aquele olhar de, “como assim não quer casar?”, “como assim não quer ter filho?”, “você não gosta de criança?”, como, como isso é possível? Ainda tem sim, ainda tem muito essa mentalidade (SANDRA).

Das mulheres é, o homem vê com uma curiosidade, como uma mulher mais disponível e tal, até no mundo do trabalho eu acho que há essa cobrança, a pessoa vê com mais respeito a mulher casada, não é bem respeito, deferência – ah, aquela ali não tem, não tem marido, não consegue nem arranjar um marido –, sabe, ainda tem isso, eu já vi também, assim, uns comentários – ah, a mulher que não tem filho – isso aí eu acho que é de gente muito tacanha, mesmo, sabe? (LÚCIA).

Para Denise (46 anos, solteira), a pressão se restringe à família e não parte da sociedade, de modo geral:

Eu não acho não, eu não vejo mais essa cobrança da sociedade, eu acho que mais assim, a família sempre quer um sobrinho, quer um neto, mas a sociedade em si vê isso com naturalidade, acho que, como a mulher tá cada vez mais no mercado de trabalho e isso tá muito claro, né, isso tá muito claro, a mulher tá trabalhando, precisa trabalhar, então não tem tanta essa cobrança, não vejo, nunca vi comigo, é o que eu tô te falando é mais a família, porque a família sempre quer, mas nunca vi de fora, alguém me cobrando ou um casamento ou um filho.

Gabriela (26 anos, solteira), por outro lado, afirmou que sofre um tipo de pressão por casar ou por dividir sua vida simplesmente com alguém, dependendo do ambiente em que circula, seja em família ou entre amigos:

Olha, depende do ambiente em que você está. Família a gente vê assim, na minha família mesmo, reunião, vem aquele monte de primo, aquele monte de tio, tudo, - ah, e aí quando vai casar? –, na minha família é assim, eles perguntam – quando é o casamento, que não sei que –, aí você dá aquele sorrisinho amarelo, ah, é, que legal, aí você desconversa – ah, o tempo, vai chover, né –, quando você tá, éé, a maioria dos meus amigos agora, eu tô com 26, deixa eu ver, então, eles tão nessa faixa etária, até seus trinta e poucos anos, quarenta, tem alguns que estão casados, outros já estão separados, mesmo assim sempre falam – ah, ta namorando? Ah, com quem? –, se não é sobre casamento, é sobre tá, é que eu vejo assim casamento agora não é importante você ir prá igreja, casamento é você tá repartindo, sabe, tá dividindo sua vida com alguém, éé, contas, suas alegrias, éé, suas tristeza, assim, eles sempre perguntam por isso, se não é sobre casamento, é sobre namoro, aí vem grupo de amigos, no trabalho,

tem uma menina que casou aí começa a conversar – ah, minha amiga vai casar, minha prima, a gente tá vendo isso agora, a gente tá vendo igreja, que não sei que, ah, e você tá namorando há tanto tempo, não vai casar não? –, isso acontece, depende da onde você tá.

Assim, podemos dizer que a cobrança, não apenas para ter filhos como também para casar, parece existir em todas as esferas sociais e pode assumir várias formas, sendo mais marcante, geralmente, no grupo familiar mais amplo, que inclui pais, avós, tios e primos.

Uma frase de Adriana (44 anos, solteira) pode resumir bem esta subcategoria:

Mas eu acho que a sociedade exige sempre tudo, é que nem aquela história, você tá namorando, quando você vai casar, quando você vai noivar, aí quando noivar, quando vai casar, aí quando casou quando vai ter filho, aí quando tem filho, quando vai ter o segundo filho, acho que sempre a sociedade te exige alguma coisa, sempre, sempre, sempre, as pessoas sempre vão pedir alguma coisa, entendeu?

#### 4.3.3. O QUE É SER MULHER

Nesta categoria procuramos observar o que as entrevistadas consideram importante na vida de uma mulher hoje, se há diferenças entre o que é importante na vida da mulher e na vida do homem, se percebem mudanças nesses papéis e se a sociedade vê essas questões da mesma forma que elas. Questionamos, ainda, se elas se sentem mulheres realizadas e quais as suas expectativas para o futuro.

As entrevistadas apontaram como importante atualmente na vida de uma mulher, de modo geral, a realização profissional, a vida afetiva, as relações familiares e de amizade, a saúde e os momentos de lazer, em que podem se dedicar a algo que gostem. Ao falar de si próprias, as entrevistadas assinalaram o gosto pelas viagens e a espiritualidade, como uma forma de busca de aprimoramento e evolução:

Hoje no geral quando você vê na mídia, há uma preocupação da mulher tá trabalhando, tá atuando no mercado, tendo uma vida independente, então eu acho que isso mostra o geral, hoje em dia o mais importante, que eu vejo assim no geral, eu acho que as pessoas estão vendo a mulher como complementar ao homem (DENISE, 46 anos, solteira).

Tenho a impressão que da minha época prá cá é a mesma coisa, porque eu já sou de uma geração, apesar de ter essa idade, eu já sou de uma geração que era comum, era normal a mulher trabalhar fora e ser livre em todos os sentidos, principalmente financeiramente, então o que eu considero importante, ... .., ah, é tão difícil Patrícia, eu acho que você profissionalmente se realizar é muito importante, eu não acho assim que casamento seja fundamental, mas eu acho que se você tiver com alguém ainda continua sendo uma coisa gostosa, numa relação de igual pra igual, né, não tem essa de submissão, eu acho importante você se realizar profissionalmente e também acho que estar com alguém legal, não é fundamental, mas é importante, você encontrar a pessoa certa é bem melhor do que ficar sozinha, e olha que eu já morei, já vivi sozinha durante muito tempo depois de um casamento (GEÍSA, 58 anos, casada).

Bom, o que as pessoas? Elas priorizam, assim, pelo que eu vejo, priorizam algumas coisas, éé, a mulher moderna agora, a gente tem que ter pós, mestrado, doutorado, tem que saber lavar, passar, cozinhar, tem que cuidar dos filhos bem, e sempre se manter como dizem por aí no salto, tem sempre, éé, sempre tá arrumada, não pode tá nada fora do lugar, né, exigem **muito**, principalmente agora assim que a gente tá trabalhando fora, que a gente tá estudando, cada vez mais impondo um *monte* de coisas prá gente, eu acredito que a mulher não tem mais nem terceira jornada, é quarta, quinta jornada, chega em casa e ainda tem que cuidar de um monte de coisa (GABRIELA, 26 anos, solteira).

Eu acho importante a vida afetiva, o trabalho, ee, as amizades, éé, e se você tem uma família de origem ou constituiu uma família, a família, mas no meu caso a minha rede de amigos que eu construí ao longo da minha vida é até mais importante do que a minha família de origem, porque eu não tenho mais pais ee, sou separada, não tenho filhos, meus irmãos cada um tem sua vida, então a minha família são os meus amigos, e eu acho que o trabalho é muito importante e tudo na mesma medida, tá, não acho que, éé, você tá bem profissionalmente e não ter um amor também não é legal (riso), e não ter amigos, enfim, acho que tem que equilibrar tudo, você vê que patrimônio prá mim não conta, porque eu acho que patrimônio são exatamente essas coisas, é você ter um bom trabalho, é você ter um amor, e amigos, isso é que é o meu patrimônio, posso, até porque eu não tenho filho, posso morar num apartamento alugado e gastar o meu dinheiro com outras coisas (riso) (LÚCIA, 52 anos, divorciada).

Importante? **Para** mim? Eu acho a saúde e a carreira. Pra mim são as duas coisas, assim, mais importantes (SANDRA, 39 anos, solteira).

Cara, profissão, eu acho, que é a profissão, porque eu acho que é isso, assim, à medida que a gente **tem** uma profissão, que a gente consegue se estabelecer, e aí é financeiramente mesmo, aí que a gente consegue **quebrar** um pouco essa forma como a sociedade nos vê, eu vejo, prá mim isso é o mais importante, não sei se isso fica no geral, mas é o que eu, eu penso (CÍNTIA, 36 anos, casada).

É sempre aquela completude, né, de uma evolução mesmo tua com você mesmo, antes de tudo você tem que tá bem com você mesmo prá você se dar bem com qualquer outra coisa, seja no trabalho, na família, com teu marido, com teu filho, com teu namorado, com, né, com as pessoas que você se relaciona, né, eu pego pelo meu exemplo, éé, eu não tenho pai, nem mãe, não tenho marido, até agora também não tenho nem namorado, tô assim zerada (riso), né, mas o que que eu tenho de legal na

minha vida, no meu relacionamento, né, frente a mim e frente a vida, é o meu relacionamento comigo mesma que tem que ser sempre uma busca constante de renovação e aprimoramento, né, e a minha relação com os outros, né, (...) não dá prá você ser, por mais que hoje em dia eu não esteja inserida num contexto social de uma mulher casada que ainda hoje prevalece isso, a mulher casada, a mulher que tem filho, a mulher toda, né, socialmente tudo correto, o que é esperado, mas aí já que eu não tenho assim, eu faço da minha vida algo legal nas minhas relações, né, com o outro, né, então eu acho que isso eu, eu, eu vejo isso também muitas mulheres fazendo isso, mesmo que não tenha, o que é, o, o completo socialmente falando, né, as mulheres tentam hoje cada vez mais assim se relacionar com os outros, até extra casamento, eu tenho amigas que são casadas há 20 anos, mais de 20 anos até e que, éé, sempre tão, éé, prestigiando as suas relações fora do casamento, como as amizades, as suas atividades culturais, físicas, né, não tá mais assim aquela coisa fechada de ah, obviamente tem, né, ah, meu marido, meus filhos e acabou pro mundo, mas isso daí acaba impreterivelmente dando mal, né, porque você ficar fechada numa coisa ninguém agüenta, o ser humano quer sempre renovação, né, eu acho legal isso, sempre tá trocando, se você ficar fechada numa coisa apodrece que nem a árvore, não adianta, tem que renovar (ADRIANA, 44 anos, solteira).

Tatiana (28 anos, solteira) disse não gostar de visões estereotipadas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher e apontou o que acha importante na vida de ambos:

Eu sempre acho difícil um pouco essas divisões assim tipo essa própria pergunta, né o que é importante prá uma mulher, né, essas especificidades, não sei, eu diria o que é importante prá todo mundo, né, (riso), enfim, enfim, trabalho, né, que a pessoa, nem sei se dá prá gostar do trabalho o tempo todo, né, mas enfim, que você minimamente se sinta bem fazendo aquilo e que aquilo não tome o tempo todo da sua vida, que eu acho bem importante que o trabalho seja uma parte só, né, e que sobre tempo prá outras coisas, de, prá se divertir mesmo, enfim, eu valorizo muito é arte, enfim, poder dispensar um tempo prá isso, eu faço dança flamenca, né, que é uma coisa que embora eu não queira ser dançarina de dança flamenca é uma coisa que eu valorizo muito que eu quero chegar num nível avançado do curso, né, eu quero, enfim, não sei bem prá que, mas eu quero isso, não é só um passatempo, enfim, eu gosto muito de cinema, de música, então tem que ter tempo prá essas coisas que eu acho que são tão ou mais importantes na verdade que o trabalho, acho que mais, ee, enfim, amor, né, (riso) como definir isso, né, isso não necessariamente casamento, né, não sei, aí depende da forma de cada um de, de ter isso e de se satisfazer nesse campo, né, mas aí acho que é muito particular de cada pessoa, né, assim, eu não sei se eu quero casar, ainda não sei, não é que eu não queira, mas é uma dúvida, o como seria, seria vivendo separado ou juntos, não sei.

Cíntia (36 anos, casada) e Adriana (44 anos, solteira) também relataram que procuram sempre ver a mulher como um ser humano em pé de igualdade com o homem:

Ahn, é um ser atuante, né, não tem, não tem como não ser mais atuante, mesmo que não tenha filho ou tenha filho, hoje em dia tem que participar de tudo, né, tem que

decidir tudo, tem que trabalhar, tem que opinar, tem que existir plenamente mesmo como ser humano, acho que não dá nem prá dividir homem e mulher, né, acho que todo mundo tem que existir hoje, né, acho que é por aí (ADRIANA).

Apesar disso, Cíntia (36 anos, casada) acredita que a sociedade insiste em marcar as diferenças entre os gêneros. Embora existam, as diferenças são reforçadas e percebidas como desigualdades pela sociedade e são incorporadas pelos indivíduos durante o seu processo de formação, segundo ela:

Olha, assim, ultimamente, ultimamente não, tem um tempo que eu pensei nisso até, engraçado, discutindo com uma colega, eu procuro ver assim a mulher antes de qualquer coisa como ser humano mesmo, assim tentando ver a questão da igualdade de direitos e de potencialidade com o homem e tudo o mais, agora eu acho que não dá prá negar que a gente é mais cobrada em algumas coisas, né, a gente é mais cobrada em algumas coisas e ao mesmo tempo colocada em escanteio prá outras, né, então eu acho que, eu não sei dizer assim o **que** é ser mulher, mas eu acho que um pouco de básico é isso, assim, é pensar como ser humano, como o homem também, agora tendo ciência dessa diferença que a sociedade nos vê, né, principalmente nesse sentido de cobrança, principalmente nessa questão assim – ah, não a mulher é aquela que é mais *tranqüila*, né, aquela que vai ficar em casa, a que vai cuidar –, **ainda** é assim, que vai cuidar do marido, vai passar roupa, então esse tipo de coisa ainda vai, e ao mesmo tempo de ficar um pouquinho escanteada quando os assuntos são outros, né, de direção, de negócio, então você vê que você tem que bater na porta, eu acho que isso ainda acontece (...). Não é dizer que é **igual** não, nós temos diferenças físicas mesmo. Eu não vou querer carregar uma (coisa) pesada que eu não tenho **força** prá isso, né, fora que a gente menstrua todo mês, então tem TPM, essas coisas tem, mas são questões biológicas né, agora aquelas questões ligadas ao intelecto e tudo mais, isso aí eu procuro ver como, de pau a pau, assim, eu acho, agora termina tendo algumas diferenças por questão de formação, eu tenho um irmão, não vou dizer que a minha mãe ensinou as mesmas coisas que ensinou prá mim ensinou pro meu irmão, ela não ensinou a ele a fazer comida, né, não ensinou a ele a fazer nada dessas coisas, então termina tendo essas diferenças por isso, mas é por formação e não porque a gente é assim, né.

Também para Gabriela (26 anos, solteira), desde o início da socialização da mulher, a sociedade reforça o seu papel estereotipado de dona de casa, mãe e esposa e aquelas que fogem a esses padrões são vistas com estranhamento e desconfiança:

Somos educadas desde cedo a ser mãe, protetoras, cuidadoras e na infância nós meninas ganhamos em vários momentos, de, de comemoração e de merecimentos, várias bonecas, como presente, e temos que cuidar, trocar fraldas, dar banho, dar carinho, dar beijinho, dar colo, cuidar como filhas, que nem sonhávamos em ter, os nossos experimentos, experimentos, porque é o primeiro contato e experiência como mães e como continuidade a essas brincadeiras somos estimuladas a brincar de casinha, cuidar da casa, fazer comidinha, arrumar as roupas do marido, cuidar dos

filhos e agradar os maridos, e somos mãe, esposas .. E qualquer movimento que se distancie dessa educação é visto como – nossa, que estranho, que diferente –, ou ouvimos aquele famoso – é louquinha, né, essas idéias é porque ainda não conheceu o homem da sua vida –, é engraçado ouvir isso, porque muitos relacionam namoro, casamento, envolvimento afetivo a constituir família, que segundo a maioria das pessoas que eu conheço resulta em pai, mãe, filhos e não é bem assim, essa associação que fazem, né, entre marido mais esposa igual a filho não é verdadeira, tanto que as famílias atualmente optam por tardar os filhos e diminuíram a quantidade de filhos, atualmente os integrantes das famílias são em média 3, né, pai, mãe e filho, ou simplesmente optam por não ter filhos. Essa associação que fazem entre marido mais mulher é igual a filho, eu considero irreal, pois posso encontrar a pessoa maravilhosa, como o futuro genro da minha mãe, e não penso em filhos. Penso em sair prá curtir, viajar, estudar, balada, show, barzinho, trabalhar, crescer profissionalmente e pessoalmente.

Denise (46 anos, solteira), por sua vez, afirmou que, apesar da igualdade a que se referem as entrevistadas acima estar mais próxima atualmente, ser mulher ainda não é “fácil”:

Hoje o papel da mulher está muito misturado com o do homem, as mulheres conquistaram um lugar no mercado de trabalho que não mais se diferencia dos homens apesar de sabermos que a remuneração é diferenciada, hoje as mulheres tomam a frente nas conquistas, pagam as contas do restaurante, do motel, são as guerreiras que não podem ser mais frágeis, mesmo sabendo que sofremos muito por conta disso, pois às vezes precisamos de colo, mas o que mais me assusta nisso é perceber que os homens estão gostando disso e muitas vezes se acomodam fugindo de responsabilidades com a família. Ser mulher hoje é ter que trabalhar, cuidar da casa, da educação dos filhos e ser a amante que os homens desejam. É ... não está fácil ser mulher hoje em dia.

A respeito do que é ser mulher, Sandra (39 anos, solteira) afirmou que, para ela, é, acima de tudo, ser forte para atuar, sobreviver e se impor na sociedade atual:

Ser mulher para mim... perguntinha difícil esta (risos), eu penso que é ser forte acima de tudo, que as pressões sociais não são fáceis e ainda há uma cultura familiar que por sinal é muito repressora. Hoje aos 39 anos, estou mais tranqüila com a celulite (risos), mas em compensação estou muito aflita, ansiosa, com meu futuro profissional, ainda está tudo muito incerto e se eu precisar de algo muito imediato ficará complicado porque para o mercado de trabalho já sou velha. Tem uma frase de um filme nada cult (risos), 007, só não me pergunta qual, (porque eu gosto mais dos homens que da história), a chefe do espião responde para um outro cara – justamente por eu não ter culhões eu não preciso pensar por eles –, desculpe o exemplo, mas é exatamente isto, como mulher me sinto livre para decidir meus caminhos, tomar minhas decisões sem precisar me justificar tanto (só um pouco). Ser mulher prá **mim** é poder usar tudo o que for a meu favor para sobreviver, caramba, esta pesquisa está melhor que terapia (risos), haja revelações, mas é isto, eu posso escolher os meus caminhos e tomar minhas decisões, mas isto exige muito mais força, mais determinação. Eu me percebo ainda muito na defensiva por causa das cobranças por eu ter escolhido não me casar ee



principalmente não ter filhos. Esta semana mesmo, no intervalo de uma aula, duas mães me encheram o saco com o papo de que filho complementa a vida, que a velhice sem filhos será horrível e blá-blá-blá .. estou lidando melhor, mas ainda me sinto cobrada por algo ruim que tenha feito, o sentimento é este.

Em sua opinião, no entanto, a sociedade tem uma outra visão de mulher:

O que é ser mulher para a sociedade geral já é outra conversa, a sociedade ainda espera e quer uma mulher que trabalhe, seja fiel, seja feliz, tenha uma família e se não tiver que seja contida (reprima seus desejos de modo geral), enfim, seja uma "moça de família", ainda hoje, eu percebo que quando alguém fala de uma mulher que não seja namoradeira, seja discreta, more com a família, há uma certa aprovação e admiração.

Sandra (39 anos, solteira), apesar de apontar para uma maior liberdade da mulher atual, mostra-se, em suas próprias palavras, “careta” em alguns aspectos, como podemos ver na seguinte fala:

Nesse ponto eu sou careta, eu não levo homem prá dentro de casa, eu morreria de vergonha, até mesmo porque eu não tenho par fixo, então eu morreria de vergonha, minha mãe saber que eu tô indo pro quarto prá transar, se eu morasse com colegas eu já faria isso com tranquilidade, mas éé, apesar de que eu sou realmente careta, eu não gosto desse negócio de, éé, a não ser se eu namorasse, mas se eu não tiver namorando, esse negócio de ficar troca troca de homem dentro de casa, eu não acho isso legal, caretice minha, não consigo ser tão moderninha (risos).

Adriana (44 anos, solteira) tem uma visão um pouco distinta a respeito do que é mulher e sobre as mudanças constantes pelas quais ela vem passando. Além disso, ela atribui à mulher características especiais e próprias do feminino que, segundo ela, encontrariam explicação na cabala, a cujo estudo vem se dedicando ultimamente:

Eu acho que teve uma mudança muito grande, né, e acho que não pára, acho que o legal é isso, é você tá sempre, éé, se renovando e a mulher tem essa facilidade, não é, da renovação, da emoção sempre constante, né, é, por mais que ela hoje seja ou executiva, ou uma empresária, ou uma designer, ou uma estudante, o que for, eu acho que ela tá sempre se reciclando, e a mulher é uma característica dela, eu acho que isso é bacana na mulher, né, éé, é como uma mola propulsora que ela não pára, não pára de jeito nenhum, eu até éé fazendo um paralelo, eu não sei se entra, se tem a ver com sua pesquisa, mas assim, por exemplo, eu estudo a cabala, né, a cabala, e a mulher energeticamente ela, ela é um ser, tá, que ela já, ela tem um receptor pra luz completo, ela, ela não precisa do homem prá, prá receber essa luz divina, isso energeticamente pela cabala, obviamente tem milhões de coisas atrás, mas o homem, ele prá receber a luz completamente ele precisa de ter a mulher para conseguir receber essa luz, e a mulher não, prá você ver que já é interessante, a cabala se baseia na Torá, que são cinco livros do antigo testamento, então tem umas coisas energéticas que eu acho que

a mulher, não é toa que a mulher é especial **mesmo**, né, por mais que hoje em dia ela seja fria, uma empresária, acho que sempre tem um, né, uma renovação, um sentido maior, né, uma, uma capacidade de se regenerar mais intensamente do que o homem, né, entendeu, então eu acho que é por aí, eu acho que o homem mudou muito, eu acho que tá evoluindo, mas acho que a **grande** maioria esmagadora das mulheres, não sou feminista, tá, muito pelo contrário, não sou feminista, eu acho que feminista, tudo que é, que é, éé segmentado, você termina perdendo força, eu acho que tudo você tem que ter, né, um conjunto, né, acho que vamos juntar as coisas, mas eu acho que é uma coisa que é inerente a mulher é isso, sabe, éé, é uma força maior, eu não sei, eu acho que é orgânica prá dor, prá sentimento, prá tudo, acho mulher é o bicho (riso), é muito legal.

Ainda que tenham afirmado existir uma certa pressão sobre as mulheres para que tenham filho, nossas entrevistadas apontaram também para uma mudança importante em relação às escolhas abertas à mulher hoje. Segundo elas, existem, atualmente, outras opções de realização para a mulher que não necessariamente incluem a maternidade, como se pode observar nas falas abaixo:

Eu acho que a mulher pode se realizar de diferentes formas, muitas formas, sem necessariamente ter filhos, que a mulher eu acredito que seja alguém que se respeite, que se ame, que veja quais são as suas necessidades, as minhas necessidades são prá isso, pro estudo, pro trabalho, que é o que eu tô batalhando, tô ralando mesmo, prá tá me colocando aqui, tanto no mercado de trabalho, quanto no meio acadêmico, isso prá mim é o que eu quero, é o que eu busco, é prá isso que eu larguei minha família, vim prá cá, outras pessoas diriam que seriam filhos, isso não é prá mim, já vi que não, não é o que me atrai agora, então, eu acho que a mulher é você parar, você buscar o que que, o que a mulher quer e tá respeitando isso, pôxa, não quero ter filho, então vou atrás do que eu quero, do que eu gosto, do que quero, nossa, daqui a cinco dias, daqui a cinco anos, daqui a dez anos, o que eu gosto e batalhar por isso (GABRIELA, 26 anos, solteira).

Olha. Eu acho que existe, quer dizer, éé, as coisas funcionam como o natural, né, a mulher nasceu prá ser mãe, o ser humano tem que se reproduzir, né, tem que ter outras, tem que se multiplicar, não pode parar a, a humanidade, então eu acho que isso funciona como um automático, tá, logicamente prá algumas mulheres isso é mais importante, eu acho que aí vai do, do ... acho que do foco de cada um, entendeu, acho que, por exemplo, tem mulheres que realmente vêm pra elas, elas precisam ser mães e isso é importante, tá, mas não acho que seja a maioria hoje, eu vejo isso pelas pessoas que tão à minha volta, né, tanto que hoje elas tão adiando o máximo que podem, ah eu quero ter um filho, mas tão adiando porque elas tão querendo muito mais coisas do que a maternidade, eu acho que a maternidade, assim, eu preciso me, deixar herdeiros, entendeu, mas, elas estão realmente cada vez adiando mais isso. (DENISE, 46 anos, solteira).

Hoje, tem muitas possibilidades, sim, de escolha, a questão toda é estômago prá bancar essa escolha. Porque não é fácil não, Patrícia, não é fácil não. Até hoje, outro dia eu conversando lá no intervalo da aula, no mestrado, que você imagina que as

peças tenham outra mentalidade, a S. tava falando lá que ela foi ser mãe pela primeira vez, que ela batalhou, ela fez vários tratamentos pra conseguir engravidar, ela conseguiu engravidar de primeiro com 38 anos de idade, aí logo depois ela teve o segundo e parou, aí ela, eu não aparento, pelo menos todo mundo diz que eu não aparento a minha idade, né, não sei até que ponto é verdade, mas aí ela virou assim pra mim, eu fiquei tão surpresa porque, ela tava falando sobre isso, e eu tô lá calada, só escutando, aí não sei o que que foi que ela perguntou, ah sim ela perguntou a minha idade aí eu virei e falei tô com 38, no início do ano, né, 38, aí ela virou e falou, éé, você não tem filhos, não? Eu falei não e nem quero, aí ela, ela olhou assim pra minha cara, aí ela – por que você não quer ter filhos? –, aí eu,.. porque tem outras possibilidades que não seja ser mãe (risos), ela olhou assim surpresa, ela, tu tá maluca, ser mãe é uma coisa tão boa, ai, ser mãe me deu outro sentido pra minha vida, começou a enaltecer, sabe, aí depois ela virou assim pra mim, virou e falou – ah, não você deveria ter filhos, você vai ver como sua vida vai melhorar –, como se não tivesse, quer dizer, uma pessoa pra lá de adulta, por volta dos 42 anos, no mestrado, ainda com aquela visão de que a mulher só vai ter um sentido na vida se for mãe (SANDRA, 39 anos, solteira).

É, é isso, eu acho que é mais uma opção, agora todo esse conjunto ainda faz parte, assim, a cobrança, né, essa questão de ser natural, que as pessoas dizem que é natural, ainda faz parte desse elenco, né, que ela vai tomar mãos pra poder fazer sua opção, se ela vai querer suportar ser cobrada ou não, essas coisas todas, mas é muito mais fácil tomar a opção por não ter filho, ou de protelar se for o caso, porque antes você ter uma mulher que chegava aos 25, 27 anos e não tivesse filho ainda, mas ainda não teve, já hoje já é ao contrário, hoje já se admite bastante a mulher que vai ter filho depois dos 30, né, com 30, 31, porque aí ela já, casando ou não, mas já tem seu emprego, né, já tá estável e aí dentro do seu planejamento ela vai ter o filho, eu acho que isso já tá mais aceito, já acontece mais, né, agora dentro das acepções, disso que ela vai considerar, optar por ter um filho ou não, eu acho que ainda pesa, **muito** menos do que antes, ainda pesa essa questão social mesmo de dizer que é comum, que é natural, comum que se tenha (CÍNTIA, 36 anos, casada).

Gabriela (26 anos, solteira) e Adriana (44 anos, solteira) assinalaram que os novos métodos contraceptivos facilitaram a opção pela não-maternidade, o que apontaria para o fato de que, atualmente, a maternidade é muito mais uma questão de escolha, que não estava aberta às mulheres das gerações anteriores:

É bem opção, minha vó, 12, minha mãe, 3, minha irmã teve duas, eu optei por nenhum desses números e me voltar pros estudos, voltar pro trabalho, é bem opção mesmo, maternidade é opção, a gente vê a quantidade de camisinhas, de preservativos, de anticoncepcional, tem tantas formas de você tá evitando a maternidade que agora você escolhe, então ser mãe hoje, engravidar, ter um filho é opção, você escolhe isso (GABRIELA).

Sim, sim, com certeza, com certeza, hoje em dia, éé, tanto a maternidade quanto a sua preservação, né, você entra numa relação, você usa camisinha, antigamente a mulher não podia escolher muito, hoje em dia, a minha última relação, ?, a gente tava lá

naquele meio já, falei pode parar, entendeu, apesar de ser um sufoco, né, mas não dá mais prá não ser assim, pelo menos prá mim, né, já fiz muita besteira, chega, é uma roleta russa, né, uma hora o revólver dispara, né, então é tudo opção, ter filho, não ter filho (ADRIANA).

É interessante apontar aqui o caso de Cíntia (39 anos, solteira), que assinala que sua posição abriu possibilidade para que outras mulheres da sua família se sentissem mais confortáveis com a opção pela não-maternidade. Nesta fala da entrevistada é possível perceber também uma diferença com relação às gerações anteriores de mulheres da família no que diz respeito a esta opção:

As minhas primas, assim, das primas nós somos da mesma geração que não quer ter filhos, elas são mais jovens, mas elas não querem ter filhos também, somos de uma geração da família diferente da geração das mães nossas, e eu vejo que em algumas eu sinto um pouco que eu quebrei um pouco essa barreira.

As entrevistadas parecem perceber, assim, diferenças entre o lugar ocupado pela maternidade na vida da mulher atual e aquele que ocupava na vida da mulher há alguns anos atrás. Além disso, elas apontam existir diferenças na própria condição da mulher na sociedade:

Antigamente a mulher tinha que casar, ter filhos, né, era inaceitável uma mulher não querer um filho, era inaceitável isso, então, antigamente as pessoas tinham que ter filhos, tinham que casar, tinham que ter filhos, hoje não, hoje é natural, até, por exemplo, eu tenho 46 anos, sou solteira, antigamente uma mulher de 46 anos solteira era tia literalmente, ela tinha aquele papel, hoje não, hoje me vêem ainda como uma pessoa interessante, uma pessoa que **pode** arrumar alguém, entendeu, é bem diferente, isso é que eu percebo, entendeu? (DENISE, 46 anos, solteira).

Eu acho, eu vejo pelas histórias que minha vó conta, ee, minha mãe, e o que eu vejo hoje, assim, do que tá se exigindo até de mim, prá eu conseguir emprego, eu tenho que ter especialização, eu tenho que ter mestrado, eu tenho que ter doutorado, eu tenho que ter ahh já trabalhado tantos anos, sendo que eu acabei de sair da graduação, e minha vó contando que não, mulher não, não saía nem prá trabalhar, mulher tinha que ficar em casa, minha vó teve **12** filhos, *muita* gente, ficava só em casa cuidando de todos esses filhos e nunca na vida dela passou pela cabeça dela sair, não, vou sair, vou trabalhar, vou estudar, fazer uma faculdade, minha mãe, éé, minha mãe que trabalhou desde cedo até, não quis nem terminar a faculdade, mas era uma coisa que sempre foi colocado, lá em casa somos três mulheres, e foi colocado prá três, não, antes de casar com uma pessoa tem que ver primeiro a questão de estudo, isso foi sempre muito incentivado assim prá gente, sempre já tinha essas exigências prá gente assim, tem que estudar, tem que ter faculdade, tem que ter especialização, mestrado, sendo que prá elas não, prá elas, prá minha avó não trabalhava fora, mas trabalhava em casa, minha mãe trabalhava fora e ainda trabalhava em casa e prá gente, não, sempre prá fora, prá fora, prá fora (GABRIELA, 26 anos, solteira).

Acho que sim, naquela época, eram duas coisas que dividiam, né, esse papel central, ser esposa, né, e ser mãe, e ser mãe mais, né, mas tá dentro desse pacote, até porque prá ser mãe você teria que ser esposa, era o pacote completo, e hoje em dia eu acho que não, hoje em dia na vida da mulher, como eu te falei assim, acho que a profissão, ela tá, né, e quando eu falo profissão é pensando um pouco em formação, ?, então a maternidade ela já não é **tão** central como era nas gerações passadas (CÍNTIA, 36 anos, casada).

Para Sandra (39 anos, solteira), essa mudança na visão de mulher já pode ser sentida hoje, ainda que de maneira muito sutil:

Sutil. Eu acho que depende ainda, éé, e se eu for colocar numa balança, pesa muito mais as mulheres que ainda têm aquele ideal de família, filhos, e acha que isso é de todas as mulheres, mas eu, eu encontro sim mulheres que têm uma outra, têm outra, têm uma visão parecida com a minha, mesmo que estejam casadas, tenham filhos, que vira e fala, não pô isso é legal também, é uma possibilidade de vida, é uma escolha, é uma possibilidade **também** de ser feliz. Eu percebo uma mudança, ainda sutil, mas tem sim, tem, tem, tem, .., tem uma certa, .., tem um, um grupo feminino, vamos falar assim, que consegue encarar isso com mais naturalidade.

A mulher ideal para a sociedade, segundo as entrevistadas, é aquela que trabalha e é mãe:

É, é a mulher maravilha, é essa, eu quero quem sabe um dia aprender essa fórmula porque você tem que levantar cedo, você tem que cuidar de criança, cuidar de marido, cuidar de casa, sair correndo pro trabalho, cuidar do trabalho Depois ir assistir uma natação, um futebol, um campeonato, qualquer coisa de filho, ir prá faculdade, fazer tua pós, fazer teu mestrado, tá sempre linda, maravilhosa, tá maquiada, tá perfumada, ta, isso, éé, eu acho uma coisa assim pra mim é, é muito difícil, é difícil, conseguir, sabe, cuidar de **todos** esses pontos assim perfeitamente, sem um erro, e você ainda tá lá assim posando pra foto como modelo, eu acho muito difícil, invejo quem consegue dar conta de tudo isso, mas eu não conseguiria (...). Atualmente, que eu vejo mais, assim, tem que, a sociedade exige muito, se você ficar só em casa, não tá legal, mas se você ficar só trabalhando também não tá legal, você tem que ter um equilíbrio, ah, tem que dá conta dos dois, mas pô é difícil dá conta dos dois, e você fica perdida, você se sente uma barata tonta ali, vai prum lado vai pro outro (GABRIELA, 26 anos, solteira).

Exatamente e de preferência que faça tudo muito bem, e ainda tem as exigências estéticas, né, numa cidade grande, aqui no Rio de Janeiro, então, tem que ser bonita, bem sucedida, ter filho, casada, é muita coisa né (LÚCIA, 52 anos, divorciada).

Prá sociedade considerar a mulher como completa, ela tem que ser mãe, tem que ser mãe, principalmente, é mais importante que ter uma carreira profissional, muito mais. Ela **tem** que ter uma carreira profissional, mas ser mãe é essencial, eu ainda sofro isso na pele, não ser mãe é algo que é, as **próprias** mulheres, isso é uma coisa que me surpreende, as próprias mulheres se sentem muito incomodadas com o fato de uma mulher falar que não quer ser mãe, que prefere viajar a trocar uma fralda, (como

assim?), não, mas, como assim você prefere viajar, prefere passar a noitada num bar tomando chope com os amigos, falando sacanagem, do que tá com um bebê nos braços, como assim, é como meu pai há um tempo atrás perguntou – mas que sentido você vê pra sua vida? –, eu vejo todos, eu só não entrei em detalhes, que afinal de contas é meu pai, né, mas eu vejo tudo, muito beijo na boca, eu acho que eu não consigo amadurecer (riso), eu não sei (SANDRA, 39 anos, solteira).

Eu acho que ainda sim. Eu acho que tá mudando sabe Patrícia, mas eu acho que ainda é o predominante, eu vejo por mim mesmo, porque assim há muito tempo que eu já decidi não ter filho e tal, e eu tô com 36, é, 36 anos, depois dos trinta eu comecei a atrapalhar, eu tenho que fazer conta (riso), eu tenho 36 anos, e aí digamos que desde os, sei lá, meus 24, 25 anos, que eu ouço essa questão – ah, você não vai ser mãe? –, mas eu vejo que agora eu continuo sendo cobrada, mas é menor do que tinha naquela época, ligado a idade, mas eu acho que é mais a questão da mudança das pessoas, mas ainda sou cobrada (CÍNTIA, 36 anos, casada).

O mais importante prá sociedade é a mulher que trabalha e tem filho, eu acho que a sociedade ainda quer isso de você, tudo, eu acho assim, as pessoas sempre acham também assim, nossa pô, você é designer, não sei o quê, é uma pessoa, você vê, não sou um lixão, né (riso), - como não casou, como não teve filho, não sei quê -, eu falo ah, gente, não dá prá explicar não, você quer saber, não aconteceu, tem coisas que acontecem, outras coisas não acontecem, mas as pessoas se surpreendem, entendeu? (ADRIANA, 44 anos, solteira).

Em relação à questão da idade, Adriana (44 anos, solteira) e Denise (46 anos, solteira) relataram que hoje as mulheres de 40 anos se sentem e são vistas de maneira diferente do que há alguns anos atrás:

E mulheres assim, eu seria uma tiazona, né, que ficaria fazendo crochê e viveria de favor na casa de alguém, né, nossa, ia ser um destino cruel, Deus me livre (riso) (ADRIANA).

Antigamente uma mulher de 46 anos era uma senhora, era uma senhora, né, tinha que andar comportada, hoje usa minissaia, decote, então acho que tá mudando isso sim, nós estamos envelhecendo mais tarde, né, nós envelhecemos, nós vamos nos sentir velhas mais tarde (DENISE).

Em relação à paternidade, as entrevistadas disseram perceber certa mudança a esse respeito, envolvendo, inclusive, uma maior participação dos homens na criação dos filhos. Apesar disso, parece, muitas vezes, mais fácil para o homem optar por ser pai do que para a mulher optar por ser mãe. Talvez isso se deva, pelo menos em parte, à sua menor participação nas tarefas de casa e nos cuidados com os filhos, o que não prejudicaria outros aspectos de sua vida, principalmente seu trabalho, como acontece com as mães. Isso vai ao encontro da posição de Becker (1981, em KEMKES- GROTENTHALER, 2003), para quem se, por um

lado, os homens são a favor de um aumento da família, por outro, eles não são a favor de partilhar com as mulheres todas as responsabilidades que isto engloba. É a mãe que ainda está em grande parte envolvida no cuidado das crianças. Seguem algumas falas de nossas entrevistadas a esse respeito:

Engraçado, né, eu, o que eu percebo, eu do meu mundo, né, é, claro existem homens que querem ter filhos, eu acho que até por conta que prá eles a paternidade não ser tão, não ocupar um tempo muito grande, né, ele pode lidar com o papel dele de pai sem que isso altere a vida dele profissional, eu acho ele até deseja mais do que a mulher, por ele já resolveria isso, a mulher não, por conta dessa história, né, a mulher tem sempre que abrir mão de um monte de coisas (...). Eu acho que tá assim, o pai participa muito mais, né, a gente não pode negar, eu acho que eles participam no sentido de cuidar, de tá ali, de não deixar a criação dos filhos só na mão da mulher, eu acho que ele participa, mas mesmo com essa participação, ainda não altera tanto a vida dele, porque se ele tiver que ir prum futebol, ele vai, a mulher não tem tempo nem de ir na manicure, de ir no cabeleireiro, mas ele vai pro futebol, é o meu futebol, preciso, é meu, minha válvula de escape, entendeu, e a mulher não consegue, eu tô te falando o relato assim que eu vou vendo as coisas acontecendo e eu vou só avaliando todos os fatos, quando a gente escuta o que tá à nossa volta é que eu fico me questionando, será que é isso que eu quero prá mim, né, oh, é assim, você vê que homem não tem muita diferença, porque, por exemplo, esses meus primos eles são duas pessoas assim jovens, sabe, muito atuais, é isso que eu falo, você pensa assim é um casal jovem, é um casal que tem tudo prá ser diferente e não é, acaba se repetindo, **lógico**, há uma participação maior, é o que eu tô falando, tem algumas mudanças, mas aquelas coisinhas acabam se repetindo (DENISE, 46 anos, solteira).

Eu acho, eu sei que atualmente tem vários pais, homens, que tão batalhando na justiça pela guarda dos seus filhos, e realmente eles tomam conta, mas assim o que eu ouço tanto do meu trabalho com os meus pacientes ou do, o que eu vejo por aí na sociedade em geral é difícil ver um homem que chega em casa e assume as mesmas responsabilidades que a mulher ou que vá tentar contribuir da mesma forma que ela, eles acabam se ausentando, porque eu acredito que desde a educação pais e mães passam *que* lugar de homem não é tá contribuindo na casa (GABRIELA, 26 anos, solteira).

Acho que sim, ele se viu obrigado, né, se viu obrigado a mudar, porque ou muda ou muda, porque a mulher mudou muito, né, não dá prá ele ser, não tem como, não tem como, meu pai, por exemplo, era, meu pai quando eu nasci ele tinha 55 anos, quer dizer era um pai-avô, mas era **ele** que brincava comigo, era ele que agachava no chão ficava engatinhando comigo, as brincadeiras eu me lembro com ele, as presepadas todas era com ele, era um pai-avô entendeu, e acho que hoje, o pai, quando eu vejo um pai assim com, com o filho limpando bumbum, dando comida, eu acho muito bacana, eles tiveram que se, éé, se reciclar, né, eu vejo muitos pais assim lutando pela paternidade, né, pelo direito de ter o filho, acho muito legal, tem mesmo que, tem muita mãe idiota, né, tipo a Britney Spears, né, perdeu e tinha que perder mesmo, pô, o que que é aquilo, né, tá certo, tem pai que é muito mais mãe do que muita mãe, entendeu? (ADRIANA, 44 anos, solteira).

Gabriela (26 anos, solteira) complementa afirmando que, apesar de uma maior participação do pai, esta acaba se restringindo às atividades mais prazerosas:

Muito mais lazer, muito mais lazer, médico eles vão, mas a mãe tá sempre presente, porque quem entra mesmo com, a maioria dos casos a gente pode ver, eu trabalhei, eu fiz meu estágio de clínica no hospital, tem o pai, o pai ele tá ali, tá certo, tá sofrendo, é filho dele, tudo bem, mas é muito mais o motorista, ele é que leva pra fazer as atividades, se ele tá junto com a criança na frente da escola ele é o motorista, ele que vai levar a criança, ele que vai buscar, mas a questão de – oh, e a tarefa, vão bora, vamos fazer a tarefa, vem sentar aqui comigo, deixa que eu te explico, que não sei que –, isso sempre é passado prá mãe, prá mãe ou prá tia, alguém que faça essa função de mãe, os pais, nossa, é raro, é muito raro mesmo, não têm esse, esse cuidado, sabe, tá sempre priorizando a ele, acho que os homens são um pouco mais egoístas.

Para Lúcia (52 anos, divorciada) está ocorrendo agora com a paternidade o mesmo que aconteceu com a maternidade há alguns anos, ou seja, uma valorização maior dessa função, ou o que ela chama de “*boom* da paternidade”:

Olha eu acho que os homens estão vivendo o momento que a mulher viveu quando foi dado a ela o papel de rainha do lar, mãe, protetora, a gente sabe que houve um tempo em que o poder era do pai, a guarda, tudo, a idéia da mãe como a pessoa ideal prá criar os filhos foi construída socialmente num determinado momento e eu acho que os pais tão vivendo esse boom da paternidade, sabe, éé, e tão vivendo isso de uma forma muito, às vezes, ressentida por mulheres, acho que isso se por um lado une homem e mulher quando a é coisa genuína, é bacana e tal, ela também cria um fosso, acho que os homens tão disputando com as mulheres a maternidade, o filho, e às vezes de um lugar muito ressentido.

No que diz respeito às semelhanças e diferenças no que homens e mulheres consideram importante em suas vidas, Geísa (58 anos, casada) apontou somente as semelhanças:

Ah, eu acho que hoje em dia sim, eu acredito na igualdade, homem e mulher, nesse ponto, isso é, tanto prá um quanto prá outro eu acho que é fundamental, não faz diferença, o grau de satisfação é o mesmo, não tem mais essa da mulher se satisfazer em ser dona de casa ou coisa assim, tá em pé de igualdade.

Já Denise (46 anos, solteira), Gabriela (26 anos, solteira), Sandra (39 anos, solteira) e Cíntia (36 anos, casada) afirmam que os homens ainda acreditam que o trabalho exercido por eles na esfera pública é mais importante do que o delas:

É muito engraçado quando eu vejo, por exemplo, eu tenho uma prima que, ela nova, ele deve tá com trinta e poucos anos, já tá no terceiro filho, né, e o marido tá fazendo,



eles fizeram a mesma faculdade, trabalham juntos e o marido tá fazendo MBA e ela tá em casa, isso prá ela é a morte, eu vejo o quanto incomoda, ele sábado tá fazendo MBA, e ela reclama que fica sozinha, mas na verdade é por conta dessa história, porque ela lutou muito prá ser profissional, né, e mesmo depois das gestações, ela tava lá, é negócio próprio, então, pouco tempo ela ficava com o neném, ela ia à luta porque ela queria trabalhar, ela queria tá no mercado, então, éé, eu vejo que realmente é bem difícil prá mulher e pro homem não, então pro homem ele quer, o pai tá adorando ter o terceiro filho, porque foi um acidente, e ela tá cheia de conflitos, somatizando um monte de coisa da gestação, é muito engraçado, por conta dessa história, ela não queria, ela queria tá voltando já a vida dela normal e em vez de tá no terceiro filho, então eu acho que isso, pro homem talvez seja mais fácil desejar o filho mais rápido, entendeu, por conta de não alterar a vida dele profissional (...). Porque nem todo homem também aceita depois de um certo tempo você sair em busca de um mercado de trabalho, né, é ameaçador, a gente sabe disso, homem não gosta muito de, ainda mais se você já ficou um tempo, né, eu vejo pela minha irmã, porque a minha irmã há pouco tempo que ela começou a trabalhar, então, cara foi muita luta, ele achava que o trabalho dela não tinha valor, que ela tinha que ficar dentro de casa (DENISE).

Há pessoas e pessoas, tem algumas pessoas que conseguem compreender, conseguem entender e conseguem ver pontos em comum entre homens e mulheres – não, pôxa –, a questão de responsabilidade em casa, ah, não, o marido chega – ah, não, pode ficar aí, você se cansou muito e eu vou lavar louça -, isso é uma coisa muito difícil da gente ouvir, eu ouvi isso de uma pessoa apenas, a minha prima, você olha assim, como assim (riso) nunca ouvi isso, e tem questões assim que realmente é aquele negócio assim pro homem é chegar em casa botar os pés em cima da mesinha de centro, pegar uma cerveja, sentar e ver televisão, e a mulher não, a mulher, oh a criança tá lá chorando vai lá ver você, oh aquela bica ali tá pingando vai ver você, e aí de você pedir alguma ajuda nesse sentido de tá cuidando da casa, dos filhos. Como em outros casos tem pessoas que conseguem ter um ponto de equilíbrio, conseguem ajudar, isso depende, é tudo muito relativo (GABRIELA).

Eu acho que, eu percebo que sim, eu percebo que o homem, ele ainda hoje apesar de, assim, esse negócio de ah, a mulher ficar em casa cuidando da casa e dos filhos já não ser mais construído como era, até mesmo pela força econômica (ter ajudado essa mudança mais rápido), mas é, eu..., eu percebo que o homem ele tem uma visão, assim, muito mais disso mesmo, de carreira, de saúde, mesmo quando quer ter filhos e tudo, mas ainda tem essa diferenciação de papel, né, essa diferenciação de gênero, à mulher cabe ainda aquela questão de ficar com o filho, cuidar da casa, de ter que trabalhar e ficar bonita e fofosa à noite, e o homem a carreira, prover, ter que se virar e ganhar mais dinheiro, essas coisas todas, a mulher, eu ainda percebo isso, a mulher entrando mais como complemento e o homem não (SANDRA).

Pensando do lado da sociedade eu acho que cobra mais ao homem, ainda, eu acho que sim, porque da mulher é meio aquela coisa assim, se a mulher ela é casada, né, se ela é mãe, né, tem a família, então ela já não é **tão** cobrada, aí em relação à sociedade em relação a ela, já não é tão cobrada em relação a trabalho, né, digamos assim ter um trabalho é algo a mais que vai fazer com que as pessoas, né, olhem com mais respeito – pô, mas você ainda assim, mas além de tudo isso ainda trabalha – né, mas não é aquela cobrança principal, o homem não, o homem já é, porque é aquela coisa do provedor, né, de ainda achar que o homem que vai levar prá casa o dinheiro, então

acho que a sociedade ainda vê isso muito bem definidinho assim, acho que não mudou, não, pode ter mudado na cabeça da gente, assim, de algumas pessoas, mas da sociedade em geral eu acho que não (CÍNTIA).

Para Denise (46 anos, solteira), inclusive, os homens começaram a aceitar melhor a participação da mulher no mercado de trabalho e nas despesas da casa devido à diminuição da pressão sobre ele, que passa a não ser mais o único provedor financeiro da família:

Eu acho até que os homens hoje em dia estão gostando mais dessa história da mulher trabalhar e eles estarem numa posição menos obrigatória de sustento da casa do que antes, eu acho que ele se sentia mais ameaçado, hoje eu acho que, que, acho que é por conta da cultura, por conta de muitas coisas que estão mudando, eu acho que os homens hoje já estão aceitando, éé, que essa mulher possa partilhar com ele as despesas, o sustento mesmo da família, né, o que antigamente não, isso era compromisso do homem.

Tatiana (28 anos, solteira) e Sandra (39 anos, solteira) se comparam com as outras mulheres e acham que são vistas como mulheres mais masculinas:

Eu não sei, porque acaba sendo uma coisa por comparação, né, assim tipo como eu não me identifico com essas coisas clichês femininas, né, eu tendo a achar que eu me identifico (mais com os homens), mas não sei se isso é real, assim, né, se de fato eu me identifico, assim, eu geralmente, porque, é porque o que eu não me identifico é do clichê, e isso é muito, né, não é isso só, né, a mulher, pô, e aí quando começa aquela conversa assim de cabelo, de, de, de unha, né, de roupa e tudo, assim, eu não gosto, entendeu, não me sinto bem, como um homem não se sentiria eu acho, fica meio desconfortável naquela conversa, aí tipo quando eu tô conversando com homem a não ser que fique falando de futebol, que também é o clichê, né, ou sei lá de mulher, ou carro também, não entendo nada de carro, aí geralmente isso flui melhor, né, mas, isso justamente se tiver o clichê de cada um dos dois então eu não vou me identificar com nada, é porque é comum conversa de mulher resvalar um pouco prá isso no dia a dia (TATIANA).

Mas éé, é que falando isso, me fez eu lembrar, muitos colegas meus às vezes eles falam e muitas mulheres, amigas minhas, falam que eu tenho uma cabeça muito masculina, então, éé, isso agora me fez pensar isso, eu acho que os homens eles pensam mais a esse respeito, eu encontro muitos homens que querem sim casar e ter filhos, mas, engraçado, eu percebo mais simpatia da parte deles *quando* surge esse assunto, quando eu digo que eu não quero nem me casar nem ter filhos (...). Eu sou muito racional, é por isso que eu acho que as pessoas brincam dizendo que eu penso muito igual ao homem (risos), eu sou muito racional (SANDRA).

As entrevistadas não mostraram grandes arrependimentos em relação às opções feitas, mesmo tendo afirmado que sua realização pessoal ainda não está completa, o que não necessariamente se dá porque não têm filhos e/ou maridos:

Olha só, eu, eu, eu tive muitas conquistas, mas eu acho assim, eu tô tentando me realizar, porque na verdade prá mim agora o importante é eu trabalhar na minha área, que tá muito difícil, às vezes eu penso em desistir fazer qualquer concurso aí prá segundo grau prá ter um emprego, porque a gente precisa se sustentar, a gente precisa de dinheiro, né, então é muito difícil, mas eu ainda tô lutando e eu não tenho filhos, não tenho marido, eu ainda estou investindo na minha carreira, quero ser psicóloga, e eu acho assim de dois anos pra cá foi a primeira vez que eu tô me bancando como psicóloga, mas então isso prá mim é que é importante, realizada? Eu já conquistei muitas coisas, eu acho que eu só vou me sentir realizada quando eu disser – agora sim eu tô me sustentando com a psicologia, tô tranqüila (DENISE, 46 anos, solteira).

Primeiro se eu pensar aonde eu nasci, como eu nasci, eu tenho uma amiga na comparação, eu queria dizer assim e a E. virou dona de casa, com todas as oportunidades que ela teve, então é isso que eu digo assim, claro teve filhos, criou os filhos, e eu não tive nada, não tive informação nenhuma, então eu posso dizer que nesse sentido eu me considero realizada, posso dizer que dentro do jeito que eu fui criada sem perspectivas e ajuda, ótimo, posso dizer que eu me sinto realizada, agora se vai pensar em termos de vida, de estar nesse mundo só prá isso é muito pouco, é muito pouco, ahn, claro eu acho que também que você se realiza na medida em que você consegue fazer alguma coisa pelos outros, maior, mas assim, dentro da situação, agora você fala, tem que falar mais em relação a casamento, a filho, a isso, a aquilo, eu acho que eu posso dizer que acho que eu posso me sentir acomodada, nem frustrada e nem realizada, porque eu acho que prá se realizar precisa alguma coisa mais, mas eu sou um pouco exigente, também não sei se alguém chega ao final da vida realizada, porque eu acho que ser realizada quer dizer que você atingiu tudo, eu teria tido vontade assim, eu queria fazer a faculdade, a fisioterapia, aí trabalhar como voluntária, mas também eu sempre acho pouco, acho que faz tão pouco a fisioterapia, eu fazia estágio num hospital, mas é tão pouco, eu queria trabalhar assim com pessoas carentes, aí eu acho, isso eu realizaria, aí sim, não precisava nem Deus ter me dado um grande dom, só fazer algum serviço que você conseguisse chegar às pessoas e fazer, e nisso eu acho que eu tento um pouco, por isso que eu me estresso muito em relação à família, porque eu acho que eu tento fazer mais do que eu posso e mais do que seria o certo fazer, porque eu só me sinto bem se eu fizer alguma coisa, na hora que eu faço alguma coisa por eles eu me sinto realizada, mas assim quanto à vida familiar assim, enfim no dia de hoje, basicamente, não posso dizer que seja frustrada, posso dizer que tô realizada como pessoa, como mulher nesse sentido sem muitas pretensões (GEÍSA, 58 anos, casada).

Realizada nunca, né, mas assim, tentando me realizar, e hoje muito mais do que quando era mais jovem (LÚCIA, 52 anos, divorciada).

Ah, eu não, eu acho que eu tenho que realizar muita coisa ainda, né, eu acho que você não pára, ontem mesmo na minha aula de Torá, porque eu estudo a Torá, né, aí o rabino tava dizendo assim – gente, quem chega a dizer assim, ah, isso aqui eu já

realizei, isso aqui já tô feliz –, errou tudo, pode voltar e repetir de novo, porque já errou, você tem sempre que aprender, você tem sempre que é viver, conhecer, sabe, que bom que eu tô aqui conhecendo você, sabe, é legal, por mais que a gente não vai se ver depois, é mais do que bom, sabe, acho que você tem sempre que tá ativa, gente, a coisa tem que circular, não pode, né, é muito legal, aí fala mesmo que o nosso curso é mais ou menos o tempo de três, três encarnações, ou seja, é prá você nem pensar em tempo, porque não existe tempo prá você aprender, como eu tô te falando, eu tenho 24 anos de empresa, mas eu quero começar a aprender a, a, a costurar bolsa, fazer bolsa, a pintar quadro, a, daqui a pouco fazer outra coisa, daqui a pouco tô inventando outra coisa prá fazer, entendeu, uma, uma arte marcial, sabe, você tem que aprender, uma hora talvez eu aprenda a ser mãe, talvez o destino me proporcione isso, vamos aprender, né, vamos viver, acho que a vida é isso, é bonito, é o que você carrega, né, são as flores e são as cicatrizes, é tudo, né, não dá prá ficar parado, senão você morre, você murcha, né (ADRIANA, 44 anos, solteira).

Eu acho que eu sempre fui tendo opções, né, e sempre deu prá escolher a que eu queria, né, ee, hoje não dá prá dizer que eu sou realizada, mas eu gosto do que eu tenho e do que eu faço, eu acho que isso é importante assim, então eu tenho muitos planos (CÍNTIA, 36 anos, casada).

Sandra (39 anos, solteira) foi direta ao responder que se acha uma mulher realizada, apesar de também afirmar que ainda tem muitos planos para concretizar:

Sim, hoje eu digo que sim, apesar de eu ainda ter muitos planos, éé, mas eu diria que sim, o meu hoje, dentro desse esquema que eu gosto, né, de viver um dia de cada vez, o meu hoje eu tô *muito* realizada, eu trabalho no que eu gosto, e eu tenho o maior tesão pela psicologia, éé, com todas as atribuições, eu me sinto realizada, eu me sinto tranqüila com as minhas escolhas, sabe, eu hoje eu gosto muito de como tá minha vida (...). Então, os meus projetos, **hoje**, são, .., éé, assim, conseguir me sustentar bem com a minha carreira, éé, eu sou tutora de um curso de violência, uma temática que eu adoro, e tô fazendo mestrado em saúde coletiva e isso tá me abrindo outros leques, porque eu adoro pesquisa, eu *adoro* pesquisa, então, assim, tem outras possibilidades que estão acontecendo, então meu plano é isso, tá trabalhando no que eu gosto, como eu gosto, conseguir me sustentar bem com isso, volto a falar, me sustentar bem, não tenho a menor ilusão de ficar rica, mas conseguir realizar meus projetos, de ir viajando aos poucos, éé, ter uma vida minimamente confortável, o meu projeto de vida é esse, eu conseguir .. ser feliz, isso prá mim é ser feliz, eu conseguir, éé, viajar, conhecer pessoas novas, lugares novos, adquirir cultura, isso prá mim é ser feliz, se eu terei ou não alguém do meu lado, ótimo se eu tiver, mas se eu não tiver também tudo bem, sabe, não tenho nenhum problema com relação a isso não, isso prá mim é de menos, se não tiver eu arrumo companhia (risos), não tem nenhum problema, mas os meus projetos são esses.

Sandra afirmou, inclusive, que estaria arrependida se tivesse optado por ter um filho, como pode ser observado na fala abaixo:

Eu só acho assim, que essa minha questão foi uma construção sim e foi uma construção sofrida porque a pressão não é fácil, mas hoje, hoje com meu autoconhecimento eu vejo que na verdade vem lá de trás, sabe, minhas dúvidas já vieram lá de trás e ainda bem que eu tive muito medo de não ter condições financeiras de criar um filho e isso me ajudou a ganhar tempo pra amadurecer isso, porque senão hoje certamente eu estaria arrependida.

Ela observou, ainda, que já ouviu algumas mulheres falarem, não apenas em momentos de raiva, que a pior coisa que fizeram foi ter tido filhos:

Tem, porque eu já escutei mãe falar, não só na clínica, falar prá criança mesmo, infelizmente eu já tive essa, por isso que eu falo, eu acho que é melhor pagar o preço e agüentar toda a pressão e assumir que você não quer ter filho do que ter filho só porque teve filho, porque eu já vi mãe, assim, na rua virar e falar – a pior coisa que eu fiz na minha vida foi te ter tido –, e não falou num momento de raiva não, você percebe que realmente não queria ser mãe pelas outras condutas, e na clínica você também escuta.

Cíntia (36 anos, casada) também afirmou que até hoje não teve um possível arrependimento por não ter tido um filho, o mesmo acontecendo com Denise (46 anos, solteira):

Hoje eu não vejo nada negativo, eu nunca me peguei até hoje, no auge dos meus 36 anos, eu nunca me peguei dizendo – puxa, se eu tivesse filho isso não ia acontecer –, né, ainda não, pode ser que um dia eu venha fazer isso, mas eu já me peguei dizendo – ah, que bom que eu não tenho – (riso), várias vezes, várias vezes (CÍNTIA).

Essa realização profissional,... que prá mim fica cada vez mais claro, porque como eu trabalhei num banco, foi um inferno, no final eu já não tava agüentando, então quando às vezes eu fico assim vou largar esse trem, vou ganhar dinheiro, porque eu preciso ganhar dinheiro, mas eu lembro logo do banco, aí eu não quero, tô querendo me sentir realizada profissionalmente, **tenho** me sentido, entendeu, pôxa, acho tão importante pra mim dizer – ah, eu sou psicóloga, trabalho nisso –, isso prá mim foi sempre tão importante, acho que ainda da prá tentar mais um pouco, isso prá mim, tô realizada? Mais do que um filho, mais que, logicamente eu quero encontrar alguém, eu quero ter alguém, a gente sente falta, lógico, não vou dizer que não, mas o meu foco de realização tá aí, porque eu acho que as outras coisas acontecem quando você tá bem, se você fica bem, entendeu, as coisas fluem, você vai encontrar alguém, nem que seja um namorado que, que, até porque eu gosto de mandar homem embora, então, eu me realizando realmente profissionalmente acho que a coisa fica mais tranqüila, entendeu, acho que esse é o meu foco de realização, mais que um filho, um marido, não busco, não penso – ah, eu preciso arrumar alguém, ter um filho, não (DENISE).

Todas as entrevistadas parecem ter uma série de expectativas em relação ao futuro, seja no que diz respeito à vida profissional, à afetiva ou a planos relacionados a viagens e à busca de novos conhecimentos:

Eu acho que eu falaria assim ah, terminar minha pós, mas eu pensei não, não seria só isso, depois que eu terminasse minha pós, com certeza, eu inventaria uma outra coisa, quando eu tô vendo que tá acabando uma coisa eu invento outra. Eu acho que agora, eu vejo que agora, realmente, terminar minha pós, éé, como eu te falei, quando eu comecei RH eu vi que prá mim tava faltando alguma coisa, eu conseguir entrar dentro de um consultório, eu tenho, não gostaria de abrir um consultório sozinha, gostaria de entrar dentro de uma clínica, tá na clínica, atendendo pacientes, ee, depois disso seria entrar no mestrado, depois aprender mais uma outra língua, éé, viajar o mundo todo, a maior parte aqui do Brasil eu conheço, mas viajaria primeiro dentro do Brasil, conheceria tudo prá depois tá viajando pra fora, esses são, o que eu penso assim de, prá eu tá realmente realizada, é voltada prá isso, prá eu investigando, prá eu tá trabalhando, pra eu tá estudando, pra eu tá aprendendo outras coisas, novas línguas, aprendendo culturas, queria bem isso mesmo (GABRIELA, 26 anos, solteira).

Acho que eu tenho muito prá realizar ainda, quero, me separei tem pouco mais de um ano, eu quero encontrar um companheiro bacana, embora eu saiba (que o tempo urge, eu também não tô assim ansiosa e apressada), eu quero que seja uma pessoa legal, acho que agora eu tenho muito mais condição de escolher do que quando era mais nova, né, tô sonhando com a tese, pra liberar a minha libido que tá muito voltada prá isso (LÚCIA, 52 anos, divorciada).

Cara, eu ainda, eu pretendo viajar  *muito*  ainda, na verdade, nunca fui a Europa, assim, isso é um absurdo (riso), sabe, isso é uma coisa extremamente necessária na vida de uma pessoa, e assim uma vez só acho que é muito pouco, né, então assim, tem que ter dinheiro pra ir mais vezes, não dá prá ser aquela viagem, viagem turística, assim, né, de ah, tem que ser aquela coisa mais de ver exatamente como é que é, né, com o pessoal do local, né, é mais divertido, e em relação à carreira assim, na verdade eu faço, eu fiz psiquiatria prá fazer psicanálise, né, então eu tenho que começar ainda minha formação, ainda não deu tempo, e aí é isso, viagem, formação, e eu queria ter mais tempo prá poder ensaiar mais o flamenco, mas é uma coisa complicada porque tem que ter um lugar, teria que ir **prá** academia prá ensaiar, né, por causa do chão, aqui uma vez eu fui ensaiar sem o sapato, o vizinho perguntou se tava tendo obra (riso), próximo a uma apresentação, tenho que aprender esse passo, enfim, ir mais ao cinema, que é uma coisa que eu parei assim muito, que eu era tipo rata do CCBB, assim, sabia sempre todas as mostras, sempre acompanhava, e tipo, já tem um tempaço que eu não vou (TATIANA, 28 anos, solteira).

Eu tô pretendendo fazer um curso de bolsas, de fazer bolsas, né, porque eu sou designer de jóias há 24 anos, né, foi meu primeiro emprego, né, então eu já tô meio num ambiente de jogar essa arte também, começar a pintar umas telas, assim mais voltado prá arte que é o meu território mesmo, e estudar a espiritualidade, sempre foi uma coisa muito forte na minha vida, isso sempre me acompanhou, então, é, já passei por várias vertentes, eu tô há um ano estudando a cabala, a cabalá, né, ee, eu realmente me descobri ali, porque é muito legal, sabe, assim tem umas coisas assim, cada hora que você, é uma terapia, você se olha muito, né, então, eu, nesse meu processo tem me ajudado muito, ao meu autoconhecimento, então eu tenho, éé, me descobri uma judia, de alma, uma coisa assim muito, porque ali tem umas verdades que me falaram muito, muito forte ao coração, eu acho que eu tô crescendo e evoluindo muito, porque tem me ajudado a olhar pra mim, né, a construir a Adriana, que tava esquecida, que antes era a filha, entendeu? (ADRIANA, 44 anos, solteira).

Geísa (58 anos, casada) e Cíntia (36 anos, casada) apontaram o desejo de participar de ações sociais:

Gosto de sempre tá ocupando a cabeça, é o que eu digo assim, também é diferente da profissão estudante, né, o E. fica assim vai ficar só estudando, vai virar profissão, digo não minha profissão é aposentada, mas eu tenho que fazer alguma coisa prá não ficar parada, eu tô me sentindo muito por baixo desse jeito assim, e não tenho nenhuma outra habilidade, sabe, não tenho habilidade prá, prá pintura, não tenho habilidade, teria que ser assim alguma coisa de serviço social, olha, a melhor coisa, a melhor lembrança que eu tenho do tempo de estudante, da faculdade, é quando eu fazia estágio aqui no hospital de bombeiros, eu passo ali e me dá uma saudade, era, era muito legal, era muito legal você tá com as pessoas humildes, era muito gostoso, era muito triste, era muito triste, mas sabe aquela coisa que, gratificante (GEÍSA).

Eu tenho muitos planos, mas os meus planos, por exemplo, não são de, de ter uma casa, não é isso, mas são planos são nesse nível de realização, sabe, de realização profissional, no que diz respeito de ação social mesmo, assim, da questão de trabalhar junto a organização de comunidade, eu tava conversando isso, semana retrasada eu, eu fui participar de um evento em que eu tive uma fala, eu tava dizendo – gente, olha, eu quero pouco da vida, eu quero transformar o mundo, é só isso, mas eu não tô sozinha – então assim, de plano prá frente é isso, eu penso, até por conta do próprio doutorado, que eu tô trabalhando essa questão do Estado, da relação do Estado com organizações sociais, né, com movimento social, então eu tenho a intenção de mexer mais com movimento social quando eu voltar pro A., sabe, de mexer com meu sindicato, com a associação da qual eu faço parte, mas é essa coisa, essa coisa que eu sei que não é algo que ah, que eu quero ter concreto até eu morrer, digamos assim, não é, é do viver, né, do viver assim, até porque até agora eu acho que eu fui conquistando as coisas que eu queria, né, a minha família é uma família que não tinha não é o hábito, não teve a história assim de faculdade, eu fui a primeira a entrar na faculdade, aí com uma boa formação, não, eu fui prá escola técnica, né, lá na época escola técnica federal, me profissionalizei, com isso eu já consegui um emprego aos 18 anos, e aí com o emprego eu já consegui uma casa, tem uma história diferente do que a minha família vinha tendo e fui tendo opções, tive formação, aí pude passar num concurso público, né, e que é o que eu gosto mesmo de fazer, então assim, as oportunidades foram aparecendo e eu fui conseguindo aproveitar, né, então, até hoje eu acho que a minha trajetória ela é muito tranqüila, né, não é que é fácil, mas é tranqüila, porque eu não passei por períodos de grandes dificuldades, eu não posso dizer isso, e a partir daqui é isso que eu quero mesmo, é continuar dessa forma, assim, não é o muito, por exemplo, a questão financeira é algo que, né, nem eu nem meu marido a gente não tem essa coisa de ficar rico, não é isso, mas de viver tranqüilo, de poder se a minha mãe tiver uma necessidade eu ter uma reserva prá ajudar, né, de continuar ajudando a família e continuar vivendo tranqüilamente, podendo além do meu trabalho, né, que é o que me garante o salário e as coisas que eu gosto de fazer, poder ter essas outras ações que não vão me render nada financeiramente, mas que eu vou ter tempo prá fazer que são essas ações como eu falo junto aos movimentos sociais, então acho que de planos assim, é isso, é capitalizar, né, você fazer com que as coisas que eu tô estudando levar prá lá, acho que é isso (CÍNTIA).

Para Adriana (44 anos, solteira), certos planos são mais facilmente realizáveis do que outros, por dependerem somente dela. Aqueles que dizem respeito a relacionamentos afetivos, por exemplo, são mais complicados, pois envolvem e dependem de uma outra pessoa:

O que eu posso escolher, né, são esses os meus planos, agora assim se eu pudesse escolher agora eu conheceria alguém muito legal, um homem muito bacana (riso), né, que já chegasse com o pacote completo, né, adoraria, entendeu, acharia demais, mas isso aí não depende só de mim, né, entendeu, então assim o que depende de mim, eu tô fazendo, mas assim se puder, ótimo, vai ser muito bom, vai ser muito bem vindo (riso), não tenho interesse nenhum também de ficar também a vida inteira com tanta liberdade, tudo bem eu tenho a liberdade eu tenho, mas vamos usar a liberdade também prá outras coisas, né, mas aí tem aquela hora assim até onde você pode agir, porque você não é onipotente nem onipresente, né, eu tenho um tanto de ação, é que nem na relação, 50% é seu, 50% é do outro, você não pode agir pelo outro, a mesma coisa sua relação com o universo, você tem 50% seu, e tem 50% do universo, que as coisas também acontecem, seu livre arbítrio acho que é só prá você decidir não é, é, é, entre um ponto e outro se você vai mais rápido ou se você dá muita volta, mas na realidade seu destino tá meio traçado, apesar de você fazer suas escolhas, mas eu acho que existe uma lei maior, sabe.

Para finalizar nossa análise, cabe aqui apontar e agradecer a disponibilidade de todas as mulheres entrevistadas, seja em relação ao próprio tempo dedicado à entrevista, seja, principalmente, por se mostrarem abertas a revelar suas experiências e a nos fornecer depoimentos extremamente ricos. Somente Geísa se sentiu um pouco incomodada, a princípio, com o fato da conversa estar sendo gravada; porém, isto não a impediu de falar muito abertamente sobre si. Abaixo segue uma fala de Adriana, que resume bem a disponibilidade dessas mulheres, sem as quais este trabalho teria sido impossível:

Eu tô aqui com você, né, a gente não se conhece, mas gente pô legal ela tá fazendo uma pesquisa, né, eu acho legal, a gente tem que ser assim, a gente tem que tá aberta pro mundo, prá vida, prá família, prá outras pessoas, prá você mesma, né (ADRIANA, 44 anos, solteira).

Esse fato ficou ainda mais visível quando elas assinalaram que a entrevista foi uma oportunidade para refletir sobre e avaliar suas opções, como podemos sentir nesses pequenos fragmentos de fala:

Eu sempre, toda vez que eu tô te respondendo eu tô assim o que que eu acho e o que eu acho que é, sabe (CÍNTIA, 36 anos, casada).



Então às vezes eu fico pensando será que é um desejo meu de ter um filho, aí quando você me ligou, mais questionamentos, cara, será que realmente eu decidi não ter filho ou será que não (DENISE, 46 anos, solteira).

Agora falando fica mais claro, é a liberdade, e filho acho que não, vai te tirar **todas** as liberdades, muda muito (DENISE, 46 anos, solteira).

Ser mulher para mim.... perguntinha difícil esta (riso) (SANDRA, 39 anos, solteira).

Caramba. Esta pesquisa está melhor que terapia. Haja revelações (riso) (SANDRA, 39 anos, solteira).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da opção pela não-maternidade, em momentos históricos distintos, é percebido e tratado pela sociedade de forma diferente. Sempre existiram mulheres sem filhos, seja por opção, por impossibilidade orgânica ou, até mesmo, por circunstâncias da vida. O que parece ser novidade nas sociedades atuais é a presença de um número cada vez maior de mulheres que decidem não ter filhos e uma maior abertura, por parte da sociedade, para acolher esse tipo de escolha. O tema do controle sobre a maternidade, bem como sobre o número de filhos que uma mulher deveria ou pode ter não é novo e, no momento atual, não se restringe ao Brasil, mas está presente também quando se discute, por exemplo, a necessidade do aumento das taxas de natalidade nos países europeus ou no incisivo controle de natalidade em países como a China.

Inicialmente, os estudos relativos a esse tema (des)valorizavam os aspectos psicológicos das mulheres sem filhos e, só mais recentemente, eles passaram a abordá-lo de maneira mais ampla, levando em consideração também fatores de ordem psicossocial. Esse é o caso de nosso estudo.

Realizamos uma pesquisa qualitativa e o grupo estudado foi, assim, restrito. Desta forma, estamos cientes de que não é possível fazer generalizações a partir dos dados aqui obtidos para uma população mais ampla, mas, apenas, salientar alguns aspectos que nos chamaram a atenção na fala de nossas entrevistadas. Cabe, também, assinalar que cada uma das mulheres que participou de nosso estudo, mesmo apresentando características de vida em comum, viveu e vive suas experiências de modo diferente e único, o que nos leva a enfatizar a pluralidade e a singularidade da experiência de mulheres, em geral, e, no caso, de mulheres sem filhos.

Entretanto, é possível afirmar, a partir dos nossos dados, o quanto a experiência da não-maternidade é complexa e multideterminada e, do mesmo modo que a experiência da maternidade, envolve conflitos e ambivalências, de diferentes níveis. O estudo dessas mulheres sem filhos parece apontar para a complexidade dos significados envolvidos em conceitos como o de feminilidade e identidade feminina que não podem ser adequadamente definidos a partir de noções essencialistas, que associam ser mulher a ser mãe.

Sentimos também muita dificuldade em encaixar as entrevistadas dentro de categorias, como aquelas estipuladas por Ireland (1993, em BONINI-VIEIRA, 1997; WAGER, 2000), de mulheres “transformadoras”, “transicionais ou adiadoras” e “tradicionais”, a que nos referimos em capítulo teórico. Tatiana, Gabriela, Lúcia e Cíntia, por exemplo, parecem, à primeira vista, pertencer à primeira categoria, pois, desde cedo, fizeram a opção por não se tornarem mães. Do mesmo modo, Adriana e Denise poderiam fazer parte da categoria transicional, assim como Sandra e Geísa, apesar destas duas últimas não terem feito adiamentos. Apesar disso, em alguns momentos, elas apresentaram distintos graus de incerteza sobre sua opção, muito embora o discurso atual de ambas seja bastante diferente. Nenhuma se encaixaria, a nosso ver, na categoria denominada de “tradicionais” – ainda que Geísa e Adriana tenham levantado suspeitas sobre sua infertilidade, que não foram, contudo, confirmadas – como, na verdade, nenhuma das entrevistadas se enquadraria inteiramente, a nosso ver, em apenas uma das categorias.

Os motivos pelos quais nossas entrevistadas afirmaram ter feito a opção por não ser mães – decisão que, no caso das mais novas, pode ser, pelo menos do ponto de vista biológico reversível – passam por questões distintas, como sua própria história familiar, características de personalidade, ênfase em outros objetivos na vida, como estudos, carreira e profissão, questões de ordem financeira, valorização de sua independência e liberdade e ausência de um companheiro, entre outras. Podemos perceber, assim, que a escolha pela maternidade ou não – como qualquer tipo de escolha – é, em grande parte, condicionada tanto pelo contexto mais imediato de vida de uma mulher quanto pelo contexto mais amplo em que ela está inserida.

Estamos atravessando um momento histórico de transição, no qual convivem, lado a lado, em nossa sociedade, modelos mais antigos e mais modernos de comportamento, inclusive no que diz respeito à opção pela maternidade bem como pela forma de exercê-la. Pudemos observar que nossas entrevistadas fazem, muitas vezes, um movimento de diferenciação entre o que pensam e o que acreditam que a sociedade pensa. Deste modo, em muitas situações, elas apresentam visões que poderiam ser consideradas mais modernas acerca dos assuntos tratados. Este é o caso, por exemplo, da valorização da igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, da divisão equitativa das tarefas domésticas, das novas formas de se exercer a paternidade e a maternidade, ou da valorização do investimento feminino em uma formação acadêmica e profissional e na busca de independência financeira. Estas visões podem ser, pelo menos em parte, atribuídas ao fato delas serem mulheres que, ao optar por

não ter filho, de alguma forma, estão quebrando antigos paradigmas com relação à família, à maternidade e à identidade feminina.

Contudo, por vezes, predomina uma visão mais antiga como acontece, por exemplo, quando uma de nossas entrevistadas enfatiza o valor insubstituível da mãe na criação dos filhos, ou, ainda, quando algumas delas se referem ao estranhamento nelas despertado por mulheres que optam por se dedicar integralmente à família, o que nos leva a pensar que o diferente, seja ele supostamente “tradicional” ou “moderno”, parece sempre mobilizar as pessoas, mesmo aquelas que são também consideradas, de alguma forma, “diferentes”.

As mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas parecem permitir que mulheres ainda jovens, como Tatiana, Gabriela e Cíntia, possam pensar mais abertamente na maternidade como uma possibilidade, uma escolha, e não mais como o “normal”, o caminho “natural” a ser seguido pela mulher, questionando a si mesmas e aos outros em relação ao que se espera delas e o que efetivamente desejam para suas vidas. Apesar disso, essas mulheres, que poderiam ser chamadas de “transformadoras”, segundo a classificação de Ireland (1993, em BONINI-VIEIRA, 1997; WAGER, 2000) e que rejeitam precocemente o papel materno – embora possam mudar de idéia mais adiante – ainda constituem uma categoria minoritária de mulheres, principalmente em países como o Brasil.

É possível que as mulheres hoje estejam vivendo o momento que Lipovetsky (1997) denomina o da “terceira mulher”, ou seja, algo no *meio do caminho* entre a antiga mulher, que era vista e se percebia como inteiramente inferior ao homem e a mulher pós-feminismo, que se pretendia igual a ele em tudo. A mulher agora parece querer buscar independência e individualidade sem, contudo, abrir mão de um relacionamento com um homem que, assim como ela, valorize a igualdade de direitos e deveres entre os sexos e a divisão equitativa de tarefas e responsabilidades, sonhos e projetos.

Contudo, para a maioria das mulheres, e para a sociedade de modo geral, o ideal agora parece residir numa tentativa de conciliação da maternidade com a realização profissional. Assim, a mulher atual pode e deve encarnar novos papéis sem, contudo, abrir mão do antigo ideal da maternidade, pois só assim ela se tornaria um ser verdadeiramente completo.

É interessante perceber no discurso de nossas entrevistadas que, por um lado, aparecem ainda sentimentos de pena em relação à mulher que não tem filho – como no relato de Adriana, que se sente vista por algumas pessoas como uma “coitada” – e que a opção pela não-maternidade ainda desperta na própria mulher a idéia de que é uma pessoa mais egoísta por isso – como é o caso de Denise – e que pensa muito em si mesma. Por outro lado, está presente também a idéia de que sua opção desperta em algumas pessoas uma certa inveja pelo estilo de vida que podem levar, em parte pelo fato de não terem que assumir as responsabilidades trazidas com a chegada de uma criança. Podemos observar também, em diferentes momentos das entrevistas, um certo arrependimento, hesitações e movimentos de escolha, o que, contudo, não aconteceria apenas com mulheres que optaram por não ter filhos, segundo nossas entrevistadas, mas estariam também presentes nas mulheres que são mães.

Todas as entrevistadas se definiram como alguém que não teve e/ou não quer ter filhos por opção. Para quase todas elas, no entanto, o reconhecimento de que queriam uma vida sem filhos foi se tornando realidade aos poucos, o que se pode perceber melhor pelo fato de termos entrevistado mulheres de diferentes faixas etárias. Contudo, é no discurso das entrevistadas mais velhas que isto se torna mais claro. Em quase todos os seus relatos pode-se perceber vestígios de um longo processo de indagação a esse respeito, em especial nos de Geísa, Denise, Sandra e Adriana. As indagações, porém, são, como aponta Sandra, muitas vezes consequência de terem sido criadas em um meio em que a valorização da maternidade ainda é muito mais forte do que a presença de outras fontes de realização feminina.

A pressão sofrida pelas mulheres que não têm filhos, por parte de familiares, amigos, conhecidos e até mesmo da mídia, foi apontada por todas as entrevistadas. Apesar de sentirem tal cobrança como desagradável, elas parecem aprender a lidar, cada uma a seu modo, com essa insistência e intromissão alheias. Isto porque, como assinalamos antes, elas mesmas tiveram que aprender, ou ainda estão tentando aprender, a lidar com a opção feita. Segundo Cíntia e Sandra, inclusive, quando alguém faz essa escolha, já está ciente de que sofrerá pressão e precisa se perguntar se está disposta a enfrentá-la.

Ou seja, parece que novas opções podem ser feitas mais naturalmente pelas mulheres de hoje. Entretanto, dentre as escolhas abertas e disponíveis para elas permanece ainda, de forma forte, a maternidade como a escolha ideal.

Foi também possível perceber na fala de todas as entrevistadas, em algum momento, um certo questionamento à socialização tradicional das mulheres como um fator determinante para justificar a manutenção da importância – e também da transformação – do papel da maternidade na vida da mulher, bem como do papel que ela ocupa dentro da família. Nossas entrevistadas, inclusive, propõem que, para que as mudanças continuem a se processar, é necessário que as mulheres assumam um papel mais ativo na desconstrução de algo que há muito tempo vem sendo percebido, tanto pela sociedade, de modo geral, quanto pelas próprias mulheres, como natural, esperado, o que “deve ser”.

Para concluir, gostaríamos de chamar mais uma vez a atenção para o atual processo de mudança pelo qual a sociedade vem passando, seja em relação ao que se entende por família e por maternidade/paternidade, seja no que diz respeito ao que é ser mulher e ser homem. Estas mudanças vêm apontando para a complexidade da opção feminina pela maternidade ou pela não-maternidade no momento atual. No caso desta escolha, em particular, diferentes fatores, tanto de ordem pessoal quanto social, parecem estar envolvidos. Porém, gostaríamos de salientar aqui que, a cada dia, parece que a maternidade se torna mais uma questão de opção de cada mulher do que um destino natural, o que leva um número cada vez maior de mulheres a optar por adiar a maternidade ou mesmo por não se tornar mães. Do mesmo modo, pode-se perceber um aumento do questionamento acerca dos papéis masculino e feminino, antes tão bem delimitados, seja em relação à divisão das tarefas domésticas, seja no que diz respeito aos cuidados com as crianças, ou mesmo aos papéis exercidos por ambos no âmbito profissional. Pode-se observar também que as mulheres ainda sofrem pressão para se casarem e se tornarem mães, mas parece que elas estão aprendendo a lidar com essa pressão e com os sentimentos dela decorrentes. Pode-se afirmar, assim, que a identidade feminina, entendida neste trabalho como uma construção social, está passando por um momento de transição. Aonde chegaremos, contudo, ainda não é possível predizer no momento atual.

Muitas vezes, as mudanças acontecem primeiramente no nível do discurso para, somente em um momento posterior, passar a fazer parte da realidade vivida pelos indivíduos. Parece que a fala de nossas entrevistadas pode ilustrar muito bem isto, uma vez que as mudanças não só parecem se situar mais no plano do discurso, como também são percebidas por elas como lentas, sutis e ainda em andamento.

Finalmente, gostaríamos de assinalar que neste trabalho apresentamos apenas algumas interpretações possíveis sobre o discurso produzido por mulheres que optaram por não ter filhos, sem ter por objetivo chegar a uma verdade neutra e única. Temos consciência de que as falas são sempre contextualizadas e apresentam uma pluralidade de interpretações possíveis. Além disso, cada entrevistada tem uma trajetória social e pessoal distinta e as conseqüências de sua opção para seu modo de vida e a visão que têm de si mesmas também dependem dessas trajetórias e do que vêm construindo como uma identidade pessoal possível. Novos estudos necessitam ser desenvolvidos para que se possa ter uma visão mais clara da importância da maternidade na vida da mulher atual, levando-se em conta, inclusive, outras variáveis, como a classe social e a região geográfica em que estão inseridas, se habitam o campo ou a cidade e, neste caso, o tamanho do centro urbano, entre tantas outras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANCHES, M. R. J. (1990) *Maternidade: sim ou não? Por que?* Instituto Superior de Estudos e Pesquisas: Centro de Pós-graduação de Psicologia. Dissertação de Mestrado.
- ALMEIDA, A. M. (1987) Notas sobre a família no Brasil, in: Almeida, A. M. & Paula, S. G. (org.) *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, Editora da UFRJ, p.53-66.
- ALMEIDA, M. I. M. (1987) *Maternidade: um destino inevitável?* Rio de Janeiro: Campus.
- ARÁN, M. (2003) Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Revista Estudos Feministas*, 11(2), 399-422. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2003000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 de Outubro de 2006.
- ARIÈS, P. (1981) *A história social da criança e da família* (2 ed.), Rio de Janeiro: LTC.
- AZEVEDO, K. R. & ARRAIS, A. R. (2006) O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 19 (2), 269-276. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722006000200013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 de Outubro de 2007.
- BADINTER, E. (1985) *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BAKHTIN, M. M. (1979) *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARBOSA, P. Z. & ROCHA-COUTINHO, M. L. (2007) Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica*, 19 (1), 163-185. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652007000100012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000100012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 de Março de 2008.
- BAUMAN, Z. (2005) *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. (1974) *A construção social da realidade: Um tratado na Sociologia do conhecimento*. São Paulo: Editora Vozes.
- BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (2000) Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, 16 (3), 233-239. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722000000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 de Outubro de 2006.
- BLANC, V; ALVARENGA, T. & MARTINS, E. (2005) Felizes e sem herdeiros. *Época*, n. 373, p. 100-105, 11 de julho.



- BONINI-VIEIRA, A. (1997) *Definidas pela negação, construídas na afirmação: a perspectiva de mulheres não mães sobre a maternidade e seu projeto de vida*. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social), Programa EICOS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia.
- BRAGA, M. G. R. & AMAZONAS, M. C. L. A. (2005) Família: maternidade e procriação assistida. *Psicologia em Estudo*, 10 (1), 11-18. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722005000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 de Outubro de 2006.
- BRUSCHINI, C. (1990) *Mulher, casa e família*. São Paulo: Vértice.
- CALLAN, V. J. (1987) The personal and marital adjustment of mothers and of voluntarily and involuntarily childless wives. *Journal of Marriage and the Family*, 49 (4), 847- 856.
- CASTELLS, M. (1999) O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação, in: \_\_\_\_\_. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, p.169-285.
- CERQUEIRA, S. & JANNUZZI, M. (2003) Dedicção integral ou carreira profissional? As alegrias e as preocupações de mães que optaram por uma ou por outra solução. *Veja Rio*, p. 18-24, 7 de Maio.
- CEZIMBRA, M & ZARONI, J. (2002) Contagem regressiva. Ter filhos é um dilema emocional para mulheres de 30. *O Globo, Jornal da Família*, p. 1-2, 29 de setembro.
- CIAMPA, A. C. (1984) Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense.
- COLEMAN, M. & GANONG, L.H. (Eds.) (2004) *Handbook of Contemporary Families: Considering the Past, Contemplating the Future*. Thousand Oaks, CA: Sage. Reviewed by Phyllis Mogielski-Watson.
- COSTA, J. F. (1983) *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal.
- CUCHE, D. (1999) *A noção de cultura nas ciências sociais*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC.
- DA MATTA, R. (1991) *A casa e a rua* (4 ed.), Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
- DANILUK, J. C. (1999) When biology isn't destiny: implications for the sexuality of women without children. *Canadian Journal of Counselling*. 33 (2), 79-94.
- DEOLLOS, I. Y & KAPINUS, C. A. (2002) Aging childless individuals and couples: suggestions for new directions in research. *Sociological Inquiry*, 72 (1), 72-80.
- DIAS, A. C. G. & LOPES, R. C. S. (2003) Representações de maternidade de mães jovens e suas mães. *Psicologia em estudo*, 8 (n spe), 63-73. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722003000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 de Outubro de 2007.

DUARTE, L. F. D. (1995) Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família, in: RIBEIRO, I. & RIBEIRO, A. C. T. (orgs.) *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, p. 27 a 41.

DUBAR, C. (2005) *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Trad.: Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes.

DURHAM, E. R. (1983) Família e reprodução humana, in: *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, vol. 3. Rio de Janeiro: Zahar, p. 13-44.

FAIRCLOUGH, N. (2001) *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

FERRARO, I. (2005) *Adoro ser titia*. De 18 de março de 2007. Disponível em: <[http://www.bolsademulher.com/estilo/materia/adoro\\_ser\\_titia/3608/1](http://www.bolsademulher.com/estilo/materia/adoro_ser_titia/3608/1)>. Acesso em: 08 Jul. 2007.

FIGUEIRA, S. A. (1987) O moderno e o arcaico na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social, in: \_\_\_\_\_ (org.) *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, p.11-30.

FREYRE, G. (1933) *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS (2002) *Mulheres, trabalho e família*. Disponível em: <[http://www.fcc.org.br/mulher/series\\_historicas/mtf.html](http://www.fcc.org.br/mulher/series_historicas/mtf.html)>. Acesso em: 08 de Julho de 2007.

GIDDENS, A. (2002) *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GILLESPIE, R. (2003) Childfree and feminine: understanding the gender identity of voluntarily childless women. *Gender and Society*, 17 (1), 122-136.

GLASER, K. et al. (2006) Fertility decline, family structure and support for older persons in Latin America and Asia. *Journal of Aging and Health*, 18 (2), 259-291.

GOLDENBERG, M. (2003) Novas famílias nas camadas médias urbanas, in: *Terceiro Encontro de Psicólogos Jurídicos*. Rio de Janeiro: EMERJ/ESAJ, p. 18-26. Disponível em: <<http://miriangoldenberg.com.br/images/stories/pdf/conjugalidades.pdf>>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2007.

\_\_\_\_\_ (2001) Sobre a invenção do casal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 1 (1), 89 – 104. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v1n1/artigos/Artigo%207%20-%20V1N1.pdf>>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2007.

GRANT, W. H. (2001) A maternidade, o trabalho e a mulher. In: *COLÓQUIO DO LEPSI IP/FE-USP*, 3., São Paulo. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032001000300008&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032001000300008&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 08 de Julho de 2007.

HALL, S. (2002) *A identidade cultural na Pós-modernidade*. 7ª ed., Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A Editora.

HEILBORN, M. L. (1995) O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas, in: RIBEIRO, I. & RIBEIRO, A. C. T. (orgs.) *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, p.91-106.

HOUSEKNECHT, S. K. (1979) Childlessness and marital adjustment. *Journal of Marriage and Family*, 41 (2), 259-265.

JABLONSKI, B. (1998) *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir.

JEFFRIES, S. M.S.C. & KONNERT, C. (2002) Regret and psychological well-being among voluntarily and involuntarily childless women and mothers. *Int'l. J. Aging and human development*, 54(2), 89-106.

KEMKES-GROTTENTHALER, A. (2003) Postponing or rejecting parenthood? Results of a survey among female academic professionals. *Journal of Biosocial Science*, 35 (2), 213-226.

KOROPECKYJ-COX, T. (2002) Beyond parental status: Psychological well-being in middle and old age. *Journal of marriage and the family, Greensboro*, 64 (4), 957-971.

LAURENTI, C. & BARROS, M. N. F. (2000) Identidade: questões conceituais e contextuais. *PSI - Revista de Psicologia Social e Institucional*, 2 (1). Disponível em: <<http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista>>. Acesso em: 15 de Outubro de 2006.

LEATHERBY, G. (2002) Childless and bereft?: Stereotypes and realities in relation to 'voluntary' and 'involuntary' childlessness and womanhood. *Sociological Inquiry*, 72 (1) 7-20.

LIMA, L. O. (2005) O brasileiro em números. *Época*. p. 82-88, 30 de Maio.

LIPOVETSKY, G. (1997) *A terceira mulher. Permanência e revolução do feminino*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.

MACHADO, L. Z. (2001) Famílias e Individualismo: Tendências contemporâneas no Brasil. *Revista Interface*, 5 (8), 11-26. Disponível em: <<http://www.interface.org.br/revista8/ensaio1.pdf>>. Acesso em: 15 de Outubro de 2006.

MAGNABOSCO, M. M. (2003) Mal-estar e subjetividade feminina. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 3 (2), 418-438. Disponível em: <<http://www.unifor.br/notitia/file/162.pdf>>. Acesso em: 15 de Outubro de 2006.

MANSUR, L. H. B. (2003) Experiências de Mulheres sem Filhos: a Mulher Singular no Plural. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23 (4), 2-11. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/pcp/v23n4/v23n4a02.pdf>>. Acesso em: 15 de Outubro de 2006.

MANTOVANI, F. (2007) Família: Sem descendentes. Folha de São Paulo. *Equilíbrio*. 22 de novembro de 2007.

- MASSI, M. (1992) *Vida de mulheres: cotidiano e imaginário*. Rio de Janeiro: Imago.
- MIETTINEN, A. & PAAJANEN, P. (2005) Yes, no, maybe: fertility intentions and reasons behind them among childless men and women. *Yearbook of Population Research in Finland* (41):165–84. In: *Round Up: Research/Reproductive Health Matters*, 14(27):232–237. p. 234. 2006.
- MORELL, C. (2000) Saying No: Women's Experiences with Reproductive Refusal. *Feminism & Psychology*, 10 (3), 313-322. Disponível em: <<http://fap.sagepub.com/content/vol10/issue3/>>. Acesso em: 08 de Outubro de 2006.
- MORRISSETTE, H. & SPAIN, A. (1991) Voluntary Childlessness: a Critical Review of the Literature. *Canadian Journal of Counselling*, 25 (4), 422-432.
- MOURA, S. M. S. R. & ARAÚJO, M. de F. (2004) A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24 (1), 44-55. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/pcp/v24n1/v24n1a06.pdf>>. Acesso em: 15 de Outubro de 2006.
- NEGREIROS, T. C. G. M. & FERES-CARNEIRO, T. (2004) Masculino e feminino na sociedade contemporânea. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 4 (1), 34-47. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/epp/v4n1/v4n1a04.pdf>>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2007.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (1987) *Sujeito e cotidiano: a dimensão psicológica do social*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- NOMAGUCHI, K. M. & MILKIE, M. A. (2003) Costs and rewards of children: The effects of becoming a parent on adults' lives. *Journal of marriage and the family*, 65 (2) 356-374.
- OLIVEIRA, M. C. & MARCONDES, G. S. (2004). *Contabilizando perdas e ganhos: maternidade, trabalho e conjugalidade no pós-feminismo*. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/site\\_eventos\\_abep/PDF/ABEP2004\\_503.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_503.pdf)>. Acesso em: 08 de Julho de 2007.
- PARK, K. (2005) Choosing childlessness: Weber's typology of action and motives of the voluntary childless. *Sociological Inquiry*, 75 (3), 372-402.
- PARR, N. J. (2005) Family background, schooling and childlessness in Australia. *Journal of Biosocial Science*, 37 (2), 229-243.
- PATERNA, C., YAGO, C. & MARTÍNEZ, C. (2004) El sesgo lingüístico y los estereotipos de género: la maternidad para las mujeres no madre. *Interamerican Journal of Psychology*, 38 (2), 241-252. Disponível em: <<http://www.psicorip.org/Resumos/PerP/RIP/RIP036a0/RIP03826.pdf>>. Acesso em: 08 de Outubro de 2006.
- PAZELLO, E. T. & FERNANDES, R. (2004). *A maternidade e a mulher no mercado de trabalho: diferença de comportamento entre mulheres que têm e mulheres que não têm filhos*.

Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A151.pdf>>. Acesso em: 08 de Julho de 2007.

PETRINI, J.C. (2005) Mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à luz da história social e da sociologia. *Memorandum: memória e história em Psicologia*, 8, p.20-37.

Disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/petrini01.htm>>. Acesso em: 15 de Outubro de 2006.

PINTO, M. J. (1999) *Comunicação e discurso: Introdução à análise do discurso*. São Paulo: Hacker Editores.

RIOS, M. G. & GOMES, I. C. A pressão social e o estereótipo negativo em relação a casais que optam por não ter filhos. In: V CONGRESSO NORTE-NORDESTE DE PSICOLOGIA, 2007, Maceió. *Anais...* Disponível em: <[www.conpsi5.ufba.br](http://www.conpsi5.ufba.br)>. Acesso em 22 de novembro de 2007.

ROCHA-COUTINHO, M. L. (2004) Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia da SBP*, 12 (1), 2-17. Disponível em: <[http://www.sbponline.org.br/revista2/vol12n1/art01\\_t.pdf](http://www.sbponline.org.br/revista2/vol12n1/art01_t.pdf)>. Acesso em: 01 de Outubro de 2006.

\_\_\_\_\_. (2003) Divididas e multiplicadas: a maternidade para mulheres executivas cariocas, in: D'ÁVILA NETO, M. I. & PEDRO, R. L.M.R. (orgs.) *Tecendo o desenvolvimento: saberes, gênero, ecologia social*. 1 ed. Rio de Janeiro: MAUAD Editora. p. 107-125.

\_\_\_\_\_. (1998) A análise do discurso em Psicologia: algumas questões, problemas e limites, in: L. de Souza; M. F. Q. de Freitas & M. M. P. Rodrigues (orgs.) *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 317-345.

\_\_\_\_\_. (1994) *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.

SALLES, V. (1994) Novos olhares sobre a família. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 11 (2), 159-170. Disponível em:

<[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev\\_inf/vol11\\_n2\\_1994/vol11\\_n2\\_1994\\_4artigo\\_159\\_170.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol11_n2_1994/vol11_n2_1994_4artigo_159_170.pdf)>. Acesso em: 05 de Outubro de 2006.

SAMARA, E. M. (2002) O que mudou na família brasileira? (da colônia à atualidade). *Psicologia USP*, 13 (2), 27-48. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642002000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 02 de Outubro de 2006.

SCAVONE, L. (2001) Maternidade: Transformações na família e nas relações de gênero. *Revista Interface*, 5 (8), 47-60. Disponível em:

<<http://www.interface.org.br/revista8/ensaio3.pdf>>. Acesso em: 02 de Outubro de 2006.

SOUZA, D. B. L. & FERREIRA, M. C. (2005) Auto-estima pessoal e coletiva em mães e não-mães. *Psicologia em Estudo*, 10 (1), 19-25. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722005000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 08 de Outubro de 2006.

SPITZ, C. Cresce o número de casais sem filhos, diz IBGE. *Folha de São Paulo*. 20 de dezembro de 2006. Disponível em:

<[www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u129551.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u129551.shtml)>. Acesso em 22 de novembro de 2007.

SZAPIRO, A. M. & FÉRES-CARNEIRO, T. (2002). Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (1), 179-188.

TAIN, L. (2005) Um filho quando eu quiser?: o caso da França contemporânea. *Revista Estudos Feministas*, 13 (1), 53-67. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 08 de outubro de 2006.

The childless revolution (2002) *The futurist*, 36 (4), ABI/INFORM Global. p.15.

TRINDADE, Z. A. & ENUMO, S. R. F. (2002) Triste e Incompleta: Uma Visão Feminina da Mulher Infértil. *Psicologia USP*, 13 (2), 151-182. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642002000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 08 de Outubro de 2006.

TWENGE, J.; CAMPBELL, W. K. & FOSTER, C. A. (2003) Parenthood and marital satisfaction: a meta-analytic review. *Journal of Marriage and Family*, 65 (3), 574-583.

VAITSMAN, J. (1994) *Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

WAGER, M. (2000) Childless by Choice? Ambivalence and the Female Identity. *Feminism & Psychology*, 10, 389-395. Disponível em:

<<http://fap.sagepub.com/content/vol10/issue3/>>. Acesso em: 08 de Outubro de 2006.

WU, Z. & HART, R. (2002) The mental health of the childless elderly. *Sociological Inquiry*, 72 (1), 21-42.

**ANEXO****ROTEIRO DE ENTREVISTA**

- 1) O que você acha que as pessoas consideram importante na vida de uma mulher? Por que?
- 2) Qual a importância da maternidade para a vida da mulher (de antigamente e de hoje)?
- 3) O que é importante para você? Por que?
- 4) E na vida de um homem, você acha que tem alguma diferença? Por que?
- 5) O que é família para você?
- 6) Você tem um relacionamento estável? Já teve? Gostaria de ter?
- 7) Como se deu a sua escolha pela não-maternidade? (Foi uma decisão planejada? Que fatores influenciaram nesta decisão?) \* Se tem parceiro - ele teve participação nesta decisão? \* Se não tem parceiro – se tivesse um parceiro que quisesse ter filhos você mudaria de opção?
- 8) Anteriormente você pensou em optar por ser mãe? Por que?
- 9) O que é ser mãe para você?
- 10) Quais as vantagens e desvantagens da maternidade em sua opinião?
- 11) E quais as vantagens e desvantagens de não ser mãe?
- 12) Você acha que a sociedade hoje vê a maternidade como fundamental para a vida da mulher? Por que?
- 13) Como você acha que as pessoas próximas a você reagem à sua decisão? E a sociedade de maneira geral? Como você se sente diante dessa reação?
- 14) Você conhece pessoas que tomaram a mesma decisão que a sua?
- 15) Você acha que é possível conciliar maternidade e trabalho? Como?
- 16) Você compartilha as responsabilidades e os cuidados na condução de sua casa com alguém? O que você compartilha? O que você não compartilha?
- 17) Você acha que essa é a divisão ideal? Por que?
- 18) De forma geral você se diria uma mulher realizada? Por que? O que falta a você para a sua completa realização?
- 19) Quais são suas expectativas para o futuro?